

BRANCAGLIONE'S PROJECT

REFLEXÕES 2017
VOL.1

MARCUS BRANCAGLIONE

BRANCAGLIONE'S PROJECT

Reflexões 2017

VOL.1

Marcus Brancaglione

© 2020 Marcus Brancaglione.

Este trabalho e todo *seu conteúdo está licenciado sob a Licença*

 RobinRight.

Para ver uma cópia desta licença, visite
<https://www.recivitas.org/licenca-robinright>

Autor: Marcus Brancaglione

Organização: Bruna Augusto

1° edição
São Paulo
ReCivitas books
2020

Aos meus filhos

Artigos Dezembro à Outubro de 2017

O brasileiro é um coitado: tem gente ainda preocupado (de verdade) com as urnas eletrônicas...

Rajoy: o Maduro espanhol que mirou num povo e acertou... acertou o próprio pé, de novo

António Pedro Dores: Como criar esperança nesta época de mudança que vivemos?

Qual é afinal de contas o diferencial do ☐RobinRight?

Thomas Paine e Renda Básica

Revolução no Brasil é criar uma Sociedade brasileira

Democracia de Renda Básica

Por que a Renda Básica nunca saiu do papel? E o que precisamos fazer para finalmente concretizá-la?

Dos velhos Estados-Nações aos contratos sociais do futuro: O Estado Mínimo Social

O fim de uma era: A morte dos Estados-Nações

Catalunha um governo “sem funcionários, sem sede e sem poder” mas que quer resistir. Como?

Normose, no Brasil e Catalunha: Os idiotas falando dos “loucos”

“Iniciativa Cidadã pela Defesa da Democracia na Catalunha”

3 coisas que aprendi (e que me atormentam) pedindo por Renda Básica como um mendigo institucional

Critpomoedas: Porque no Zimbábue 1 Bitcoin vale quase o dobro do mercado mundial: 10 mil dólares?

Prefácio ao Estudo da Renda Básica para o Principado de Pontinha

Introdução ao Estudo da Renda Básica para o Principado de Pontinha

Idiocracia, Idiotas e Idiocratas... no Brasil

Catalunha: Começou a violência e adivinha contra quem?

Catalunha: existe alguma chance do novo país não ser esmagado pela Espanha e UE ? Se sim, qual?

Imigrantes apátridas e robôs cidadãos: Admirável mundo novo e a síndrome da Resignação

PARLAMENTO DA CATALUNHA DECLARA INDEPENDÊNCIA

“Inferno na “casinha de Deus”: dois padres estupravam crianças surdas ajudados por uma freira...” e o problema claro é o Queermuseu... não, perdão, é o bullying no filme do Gentili...

Doria e a razão humana para pobres... e quem se importa? Papo fora. Quem é que liga para a carestia e sofrimento alheio?

Catalunha: Eleições antecipadas ou independência?

“Não Serei Cúmplice”. O que acontece quando até conservadores começam a fazer discursos revolucionários?

Curdistão já enfrenta cenário de guerra civil

Catalunha e Espanha: Democracia ou Totalitarismo?

Curdistão e Catalunha: Os argumentos do Lobo

Estado, Anarquia e Panarquia: Porque a cultura libertária nunca deixará de ser uma utopia enquanto não reivindicar e lutar por ao menos um território livre

Reitero: não é o capital que precisa do trabalho e sim o trabalho e o trabalhador do capital. Do contrário é escravo.

Um Sonho: Azul da cor do Mar

Porque a direita libertária e a esquerda estatista também deveriam estar do lado da Catalunha

A casa de Espanha: É melhor sem temido ou amado?

Civilização: O que Trump quer no Irã, na Coreia?

JP Morgan: esse aí é Friboi... há séculos

E não é que é (ou era) mesmo Eslovena a estratégia de Independência da Catalunha

Patriarcado: A rede de corrupção governamental dos Estados-Nações. Em foco a rede dos Ibéricos e Latinos

Porque Carminha votou com a banda podre dos “2 pesos, 2 medidas” do STF?

Catalunha: E agora?

Leituras e repercussões Imediatas da declaração da independência... e sua suspensão para uma abertura a negociação

Viva a independência dos povos. Viva a Catalulha livre. Todo respeito as decisões soberanas e as decisões democráticas.

Xeque-Mate? Catalunha declara a independência.... mas já a suspende? Como assim?

A Catalunha e o “plano Cohen” do “Estado Novo” Espanhol

Catalunha: a independência simbólica e a batalha pelo simbolismo

Catalunha: “Independência ou morte?” Talvez “meia” independência

Este livro é um compendio de artigos publicados originalmente na plataforma do blog www.medium.com/@mbrancaglione. Os textos encontram-se brutos, sem edição. Confira os outros volumes para ter acesso a todo o material.

O brasileiro é um coitado: tem gente ainda preocupado (de verdade) com as urnas eletrônicas...

Recentemente li uma matéria sobre uma pesquisa sobre se os brasileiros confiavam ou não nas urnas eletrônicas. Ou qualquer coisa do tipo. E a única coisa que veio a cabeça foi? como assim? O instituto que fez essa pesquisa veio da onde? De Marte?

Que porra importa se as urnas eletrônicas são ou não confiáveis, se elas já estão nas mãos dos políticos e seus juízes de estimação? Isso é como perguntar se um cofre é seguro ou não, quando o ladrão tem ele e as chaves. Eles tem medo de quem invadir nossas “urnas”? Os russos? Invadir para quê? Os “russos” dos brasileiros são seu próprio governo, e eles já não precisam invadir nada, porque já tem as chaves não só das urnas, mas de todos nossos cofres! Porque haveriam de arrombar o que já tomaram e pilharam?

Que importa as urnas ou os candidatos se os canalhas que estão no poder controlando as eleições são a mesma canalha impune até mesmo para circular decretos que alterar o próprio regime de governo a revelia da aprovação popular!!! É sério? Eles já entraram na fase de considerar livre e impunemente alterar o regime de governo, e estamos ainda preocupados com as urnas ou quem vai concorrer? Deixa eu repetir, eles estão descaradamente articulando para acabar com o presidencialismo, e se eternizar impunemente na impunidade dos palácios e estamos debatendo as urnas, os candidatos e eleições? Que urnas? Que eleições? Que candidatos? Ah, por favor.

Mané urnas... mané eleições... Mané congresso... mané supremo tribunal. O que mais eles precisam fazer para o brasileiro acordar? Gozar na sua cara dentro do ônibus? De boa, quem é que acredita nesse 171 que é o estado de direito brasileiro?

Debater as urnas é tão absurdo quanto debater se Lula vai ou não vai participar das eleições. Como se o problema fosse quem vai ser permitido ou impedido de participar das eleições, quando a organização não só das eleições mas de todas as instituições democráticas já está nas mãos do sindicato deles, o sindicato dos ladrões!!!

Fora fieis e pastores políticos será que tem gente mesmo que acredita que há perseguido político e não um bando criminosos estatais uns com foro outros sem?

Falar de urnas ou eleições em 2018, não é só dar testemunho de fé que vai aparecer salvadores políticos, é acreditar em ressurreição dos mortos. É acreditar que a república e democracia vão ressuscitar e pelas mãos de charlatães do tipo de um Lula, Bolsonaro ou qualquer outro dom sebastião convertido no Jesus da política. Loucura por loucura, melhor fazer como crentes do cinturão bíblico dos EUA que financiaram um Trump só para que cumprisse a profecia do apocalipse e ajudasse israel a poder reconstruir o templo de Salomão para que enfim Jesus voltar e salvar a eles, os escolhidos, em meio ao ranger de dentes dos infiéis. Não não é fakenews, parece mas não é. Melhor que fosse... como a pesquisa, o semi-presidencialismo, o indulto... etc... etc...

Ok, você quer discutir as eleições, a democracia, as urnas, quer comprar esse debate, é um direito seu, mas não me venha com esse papo-furado de otário, que somos nós que colocamos eles lá, quando Temer e Gilmar

Mendez tocam a boca e do puteiro e eu tenho tanta liberdade para me livrar deles quanto um morador de favela para desobedecer aos traficantes do morro.

Será que eles não percebem que quanto mais eles vem com esse papo-furado mais vontade o povão tem vontade de Lula ou no Bolsonaro, no Tiririca ou num meteoro que exploda de vez com tudo, mesmo que com eles junto que diferença faz? A sensação de absoluta impotência leva a vontade de autodestruição. E a impotência consumada a sabotagem e autodestruição certa mesmo que seja com a absoluta inércia e conformismo.

É claro que eles percebem. Porque nisto consiste a primeira lei da domesticação governamental dos povos: manter as massas divididas ao ponto que jamais se unam de fato como um povo contra o poder que sempre está por definição não está no centro, define o centro, mas ao mesmo tempo sem permitir que a tensão social entre os polos extremos dos apartados desintegre seus domínios.

E quando digo eles não estou me referindo aos capangas e fantoches nos cargos mais altos 3 poderes. Pois, nisto se constitui a segunda lei desta domesticação: o poder ou autoridade mais exposta ao povo, independente do seu título ou diploma, é a que de fato a menos governa, e se um dia governou não mais. Quanto mais exposto a opinião pública mesmo o mais alto cargo e representação governamental menor é ou está seu poder de fato. O verdadeiro poder é sempre patrão, ele não faz, manda fazer. Ele nunca põe a mão na massa, ou a cara para bater, de fato quanto mais invisível é a mão e quanto menos se conhece quem de fato manda, menor é vulnerabilidade desse poder. É por isso que até aos bois se dá nome quando a coisa apeta, mas nunca aos verdadeiros donos da boiadas.

De modo Temer e Gilmar, estão aí para literalmente fazer o serviço sujo. São os braços das cabeças que sempre mandaram de fato no país, mas que hoje depois da morte institucional da legitimidade dos 3 poderes de fachada, que nem mais para gringo ou otário nativo ver para crer servem, agora governam de forma absolutista. Ou quase.

Há uma classe que ainda não desistiu, e nem vai largar do seu osso tão fácil. A do generalato. por uma acaso quem é a ultima instância do poder, depois que a legalidade e legitimidade foram para o espaço, que pela auto-desintegração ou destruição mútua da sua credibilidade elevou os militares a condição que eles se pensam como tal desde a queda da monarquia e proclamação da república, a de poder moderador, responsável por restituir a ordem, mesmo que isso na verdade significa uma ditadura de 20 anos, e manter a estabilidade, mesmo que seja desse puteiro tocado pela corrupção da classe política atual em causa própria e em favor do mercado.

Patriotismo, legalidade, legitimidade, é conversa para boi dormir o que eles estão interessados é em manter a estabilidade, não do Brasil, mas a deles. E não faço essa afirmação baseado em preconceito ou demonização das forças armadas, mas pelo simples fato de que se qualquer um desses princípios fossem verdadeiros e não propagandas eles mesmo dariam voz de prisão a um comanda-em-chefe emitindo ordens inconstitucionais (para não dizer criminosas) ao invés de ter como uma espécie de eminência parda das intrigas palacianas um general.

Porque a legalidade e legitimidade do governo já foram pro espaço faz tempo junto com a dignidade de quem o serve. E se os últimos decretos flagrantemente inconstitucionais do estado de exceção e ditadura mal dissimulado desse governo não são provas disso, nem se Temer tirar o

pau pra fora e gozar na bandeira nacional ou no pescoço do general de pelo menos 3 estrelas, o patriota se enfurece.

De fato os militares não fizeram nenhuma intervenção não porque acham que não devem, não podem ou temem fazê-lo, mas simplesmente porque estrategicamente não consideram oportuno nem vantajoso. Digamos que por enquanto não precisaram, na situação atual ter um um general a controlar as alcovas do palácio da presidência lhe é mais do suficiente para preservar suas posições. E sejamos sinceros estão numa posição privilegiada que não ocupavam desde a ultima aventura ditatorial explicita. Aliás ninguém destrói uma própria sua reputação nem reconstrói a dos seus inimigos com um governo.

Eis portanto a ordem nacional pós-morte da mais nova já também velha e república pronta para ser passada@:

Enquanto os pau-mandados dos 3 poderes executam a agenda impopular do mercado em troca do privilégio de manter o privilégio da impunidade, as forças armadas permanecem de prontidão como a faca no pescoço dos bandidos auto-legalizados caso eles mijem fora do pinico, ou a “lei e ordem” seja quebrada, e lei e ordem não é um presidente soltado a gangue com decretos, lei e ordem é o povo se levantado contra os mafiosos que os governam.

Generais não são soldados. Soldados são educados e acostumados a obedecer muito e mandar de preferencia nada, generais a mandar muito, e obedecer o estritamente necessário, e olhe lá. Pode até ser que nem todos sejam motivados pelos mesmo sentimento, mas o que não são como classe é trouxa, não vão enfiar a mão nessa privada entupida, a menos que seja estritamente necessário para preservar os privilégios de modo que

não vão se sujar ou limpar esse monte de merda enquanto tiver quem faça o serviço sujo.

Trocando em miúdos a questão da intervenção militar não é se eles fariam ou não. Porque eles já sinalizaram que se necessário o farão. De modo que a questão é quais cenários de instabilidade configurariam na cabeça do alto-comando essa necessidade excepcional. Quais cenários seriam estes que o levariam a ampliar suas ações excepcionais por conta própria, já que por emprego do próprio, e a contragosto manifesto do alto-comando são empregados como forças policiais já em situações específicas de exceção . Ou seja, eles já estão a intervir e interferir quando chamados ou em defesa dos seus interesses muito mais por incompetência civil do que por ambição militar. A questão é se ou talvez quando a forma não mais irresponsável mas criminosa que vem sem conduzida pelos 3 poderes políticos não irá incendiar de vez o país. Ou do ponto de vista dos incendiados- e não dos piromaníacos- qual é o ponto de ebulição da revolta das pessoas, se é que há um.

Colocando nesses termos uma revolta pode parecer certa. Mas não é. Por mais incrível que pareça tudo isso tem boas chances de não dar em nada, ou em máscaras de carnaval, algo que vai depender mais do tamanho da nossa vontade em fingir que fomos enganados para não fazer nada, do que da capacidade dos enganadores para nos conformados a uma condição que já nos conformamos faz tempo. Porque vamos ser sinceros, ao menos uma vez com nós mesmos, não estamos dormindo nem sendo enganados. Somos tão iludidos quanto eles são honestos. Ou mais precisamente estamos sendo tão enganados quanto eles escondem bem que são bandidos. Temos tanta fé na política e nos políticos quanto o fiel que espera que deus e na igreja lhe dê um emprego ou um carro.

Para que perder tempo com tanto fingimento e hipocrisia? Eles fingem (e mal) que são honestos e nós fingindo (e mal) que somos de novo enganados. Nem nós nem eles acreditam em nada, mas na falta de algo melhor, como por exemplo, dignidade fingimos. Queremos ser enganados por bandidos e eles querem nos enganar como bandidos esse é o nosso verdadeiro contrato social. É assim que queremos ser e viver: com eles cagando e andando para o povo, e nós cagando e andando uns para os outros, todos abraçados rolando na bosta jurando para gringo ver que é chocolate. “Quem rouba mas faz”, nos representa, por isso “relaxa e goza”.

Vai, vamos ser mais sinceros ainda... Quem é que se importa? Quem é que acredita que alguém se importa? Quem é que acredita que alguém está disposto a fazer qualquer coisa? Qualquer coisa além de reclamar protestar? Tudo o que sabemos fazer como classe popular é ficar puto. E ficar ou não é indiferente, porque querendo ou não já somos putas deles. Se ofender em ser chamado é só uma questão de manter aparências. E num lugar onde estamos mais preocupados com os termos e dizeres do que com os atos e fatos. Com o nome da rosa e não com as rosas, é muito fácil governar apenas jogando tudo para debaixo dos tapete.

Definitivamente o Brasil é o país do me engana que eu gosto. O brasileiro não quer mudar de condição ele apenas quer ser tratado de forma diferente, ainda que vivendo na mesma merda. É um prisioneiro do mundo simbólico onde a sátira da sua condição miserável lhe ofende mais do que sua própria miséria e o bobos da corte que fazem graça da sua desgraça são mais odiados que os tiranos que os enganam e fodem com todo o devido respeito seriedade e autoridade.

Você não conhece o futuro de um país pelos discursos de seus supostos melhores elementos, porque discursos e virtudes e principalmente em virtudes em discursos são altamente simuláveis. Você conhece o futuro de um país pelos atos mais monstruosos e insanos de seus elementos mais

marginais e ideologicamente perturbados em momentos de crise. Os elementos mais beligerantes e violentos, entre os franceses, entre os americanos, russos, ingleses, alemães, ou italianos, em momentos de crise do sistema cortam a cabeça de reis, assassinaram presidentes, executaram famílias reais, penduram ditadores como porcos, cometeram as maiores atrocidades contra seus líderes. O que os elementos mais perturbados e violentos fazem em tempos de crise, queimam mendigos homossexuais no natal, espancam ladrões de bicicleta ou basicamente matam família e vão ao cinema.

Pessoas que se dizem virtuosas podem disfarçar a sua covardia e omissão fingindo ser pacifistas e tolerantes. Pessoas que não tem nenhum pudor de usar da brutalidade e violência não. O grau da sua covardia e servilidade está explícito e manifesto no seu ato. Não sei dizer quanto de nós que nos chamamos pessoas de paz somos só covardes e omissos, afinal não sei, nem sou juiz do que as outras pessoas estão fazendo. Mas sei o quanto o quanto somos covardes não só por aquilo que os mais belicosos e violentos fazem e contra quem, mas por aquilo que os que se dizem os mais solidários e virtuosos se contentam em falar para nunca fazer. No fundo o brasileiro é uma nação de torcedores. Torce para alguém explodir o congresso torce para alguém acabar com a pobreza e corrupção, torce pela violência. O brasileiro simplesmente torce. E se não encontra um time para torcer nem assistir consegue, que dirá participar. Tomar a frente e a iniciativa então é algo tão inimaginável a sua pisque quanto ter uma base na Lua. Uma nação de torcedores que lida com suas lideranças de modo infantil e carente, querendo amar e ser amado. Literalmente um coitado que busca a figura do pai na pessoa dos seus sequestradores e estupradores.

Maquiável perguntava se a um governante é melhor ser amado ou temido por seu povo. Essa é uma pergunta que uma cada simples cidadão deveria

se fazer em relação do que esperar daqueles que querem por as mãos neles para governá-lo. É melhor que esses homens que tem a pretensão de mandar o amem ou o temam?

Você tem medo de ser morto, preso processado por seu governo se denunciá-lo ou falar mal dele? Ou são eles, seus governantes, que tem medo de perder seus cargo se você simplesmente achar que eles são bandidos ou indignos?

Em cima dessa resposta, você sabe se vive de fato numa ditadura, um país de cães amestrados a lambar as botas de seus mestres e autoridades, ou no país livre onde o poder não é um privilégio, mas uma espada sobre a cabeça de quem o exerce e não nas mãos de estatopatas.

Quem vive com medo na terra em que dorme não é dono do território é a presa das pragas e predadores que a tomaram e atormentam. E se nem mais isso sente, se medo mais tem, ao ponto de comer na mão dos seus algozes, então nem mais presa é, é animal o de abate deles, devidamente domesticado. Não ter solidariedade, não ter dignidade, degenera. Mas perder a noção do perigo, a noção do lugar em que vive e do tempos que estão por vir e já batem a nossa porta é fatal.

Há um tempo, para tudo. O de acordar e levantar passou faz tempo.

Rajoy: o Maduro espanhol que mirou num povo e acertou... acertou o próprio pé, de novo

Já não é mais a independência da Catalunha que está em xeque, é prepotência e soberba das lideranças da Espanha e UE. E agora?

Não poderia ter sido uma derrota pior. Nem uma estratégia mais desastrosa. Depois de proibir e reprimir o referendo da independência com toda brutalidade policial; criminalizar e prender as lideranças eleitas; suspender o estado de direito e colocar um interventor biônico; depois de apelar para todos argumentos e recursos políticos jurídicos, mediáticos e até mesmo econômicos para bloquear e desqualificar a independência, no melhor estilos das ditaduras latino-americanas, o governo espanhol- provando que toda prepotência é burra- decidiu realizar eleições acreditando que a população legitimaria a sua intervenção autoritária! No melhor estilo caudilhesco tão bem conhecido e apreendido das mãos dos nossos colonizadores aqui nas Américas Latinas. Rajoy o grão-vizir del rei de Espanha promoveu uma eleição típica das democracias de fachada com direito até a candidatos presos ou exilados e ainda perdeu. Uma proeza.

Depois de reprimir e derrubar e desqualificar o referendo independentista alegando que havia uma maioria silenciosa que a favor da união com a Espanha que não votou resolveram organizaram uma eleição marcada para se transformar no referendo contrário, e mesmo apelando para procedimento típica de ditaduras caudilhescas, perderam numa eleição com recorde de participação onde a maioria continuo a ser do bloco dos independentistas enquanto a sua representação e moral no bloco opositor dos unionistas se desintegrou.

Em suma fizeram das eleições o plebiscito que tanto fizeram para impedir e anular e entregaram de bandeja isto que a tanto custo tentaram bloquear e desqualificar: o reconhecimento da legitimidade e legalidade dos independentistas; perdendo para uma oposição literalmente presa e amordaçada. Não é de surpreender portanto que de quebra tenham se desmoralizado completamente e perdido para os Ciudadanos a liderança entre os unionistas. Sinceramente nem um agente anarquista infiltrado no governo conseguiria ser tão eficaz. Nada como um autoritário autêntico para expor e implodir o autoritarismo.

Eis o balanço das eleições: A composição do parlamento entre independentistas e unionistas ficou a mesma, o que mudou foi a liderança entre os unionistas que passou para o Ciudadanos na exata medida da desintegração do partido governista que passou a ter a representativa dos chamados “anti-capitalistas” ou “extrema-esquerda”. O velho partido governista não só perdeu a eleição para os separatistas, como também perdeu sua representação para a nova liderança da direita conservadora: os Cidaundanos. Não demoveu os independentistas um milímetro da sua (auto)determinação republicana, como entregou de bandeja a legitimidade legal do independentismo que tentou barrar a todo custo até com brutalidade policial ao obter novamente a maioria numa pleito desenhado pelo governo para liquidá-los como de quebra se apequenou e perdeu a liderança para as novas forças conservadoras de direita.

Querer reverter a posição dos separatistas a força era algo que se não fossem tão prepotentes haveriam de esperar que falharia. Contudo perder espaço dentro do campo dos próprios aliados, esse é um revés com implicações político-eleitorais ainda maiores, e que certamente irão para além das fronteiras Catalunha, afetando as disputa de poder em toda a Espanha. Ou seja foram simplesmente geniais: involuntariamente ratificaram institucionalmente a perda Catalunha, e ainda por cima

abriram caminho para sua derrocada frente a seu verdadeiro concorrente: a nova direita conservadora.

E a velha esquerda? Como ficou? Aquela famosa esquerda que na horas derradeiras está sempre unida como direita aqui, na Espanha ou na Conchinchina, essa só não derreteu (mais) da mesma forma que sua aliada de direita, porque a nova esquerda espanhola, o Podemos, resolveu subiu no muro, e claro vomitado como os mornos são. O Podemos nem assumiu o lugar da esquerda autoritária, apoiando os unionistas, nem se colocou como alternativa clara entre os independentistas, propondo ativamente o federalismo republicano. Talvez porque queira governar um Nação gigante ainda que sem plena liberdade de autodeterminação das populações que a compõe, do que ser um partido internacional nas tantas comunidades espanholas formadas por suas repúblicas, federadas ou não.

Mas não são eles que importam, e sim quem tomou a força e está dando as cartas. O governo espanhol. Porque ele fez, o que fez? Será que acreditaram na sua própria histórias de “maioria silenciosa”? Ou confiaram demais que o terrorismo de estado quebraria a a moral e dobraria o povo catação ao seu “legalismo”? O fato é que conseguiram o efeito oposto, não converteram separatistas como conseguiram perder apoiadores mesmo entre os que não querem a separação. E essa é uma postura digna de nota de ambas forças antagônicas da Catalunha, tanto dos que defendem dos independentistas quanto unionistas. Nem um outro lado deixou mover, demover ou convencer por esse tipo de propaganda ou pressão política econômica baseada em pressão e manipulação. Não foram vencidos nem se deram por convencidos por esse tipo de autoritarismo. Simplesmente não se deixaram levar nem de um lado nem de outro por esse tipo de intervenção autoritária.

Esse comportamento merece ser notado, especialmente por nós brasileiros, primeiro porque não temos uma sociedade extremamente vulnerável em ser reduzida e manobrada como massa, trocando de opinião e convicção como quem troca de roupa, como se não tivesse nenhum memória nem mesmo de curto prazo. Talvez se o grão vizir del tivesse, uma população mais vulnerável ou volúvel, como dispõe nossos governos brasileiros poderia tal manobra poderia ter funcionado. Ou talvez se o governo espanhol seguisse o velho manual dos tiranetes: não apenas manipulando as massas, mas deixando a porta aberta para fraudar as eleições sempre que necessário. Talvez precisem fazer um curso de reciclagem aqui no Brasil como os mestres Temer e Gilmar Mendes: “Como emular regimes ditatoriais nos Estados de direito democrático”, um curso onde eles podem ensinar não só como realmente fazer eleições de cartas marcadas, fraudando e os cambau, mas até como trocar até de sistema sem consulta popular! ou mesmo legalizar a criminalidade ou criminalizar a justiça. Esses sim são aprendizes que superam os mestres: conduzem as ex-colônias ibéricas com mais autoritarismo e privilégio do que se vivessem nas antigas metrópoles.

Pensando bem, melhor fazer um mea culpa. Talvez o mérito não seja deles, mas sim o desmérito seja todo nosso. Quem sabe se fizéssemos o contrário, se mandássemos nossos criminosos estatais para fazer governar no primeiro mundo, eles não teriam a mesma sorte. Mas isso é outro assunto. O que interessa é o que a Espanha fará agora? Agora que só resta admitir a derrota e recuar sentando a mesa com os independentistas para negociar os termos da capitulação. Quem acredita que depois do que eles fizeram vão recuar e entregar. Mais provável é que tentem criar situações para usar mais “bombas atômicas”, quantas for necessário para acabar de vez com os independentistas, mesmo que isso custe a mascarar de democracia a monarquia espanhola.

Só quem não entende como sente e pensa quem quer o poder acredita que isso não vai terminar com um dos lados capitulando de livre e espontânea falta de saída. Porque erros como o governo espanhol cometeu se explicam, desde que queira se olhar para a verdadeira motivação de quem detém busca o poder a todo custo. Para estadistas melhor ser um rei degenerado do que um simples cidadão sem nenhum reino. Melhor ser um rei criminoso do que um mero plebeu inocente.

Enfim, a verdade é que a Catalunha permanece na mesma. E enquanto o risco e custo de mantê-la como domínio espanhol não for maior que ganhos, justa ou injusta este domínio será mantido, e leis serão feitas desfeitas e refeitas para justificar a dominação. Porque o resto é propaganda e manipulação. E se há uma coisa que essa eleição prova é que os catalães não estão dispostos a ser levados nem a uma condição nem a outra, por esse tipo de imposição ou manipulação. É isto que faz deles, unidos ou separados, um povo livre. E a nós pelo contrário um povo a viver (e ser tratado) como escravo mesmo tendo supostamente um país livre, com república e democracia. Pensando bem, também somos no fundo um povo unido apenas por outras razões. Esquerda ou direita, velhos ou novos, ricos ou pobres, patrões ou empregados, no fundo todos somos brasileiros porque partilhamos de uma mesma cultura: a do me engana que eu gosto.

Moral da história: a conquista da soberania e autodeterminação não é só uma questão de número ou decisão, mas de força dessa determinação, que não é outra senão a própria força de vontade de cada pessoa em torno de alguma coisa em comum. E quando esse coisa em comum se torna a própria a coisa comum, a república. Prender não adianta, só matando mesmo. Não sei se é trauma de ser brasileiro, mas eu se fosse independentista não entrava numa aeronave nem pagando. Mas deve ser

só trauma mesmo. Cada povo tem sua cultura, seus ritos e costumes e claro seus métodos. Veremos quais são os espanhóis e europeus?

Diálogo e negociação, ou o quê?

Veremos.

Veremos onde a política da imposição e intransigência vai chegar e até onde vai levar também a Catalunha.

Uma bomba caseira explodiu na madrugada desta sexta-feira (22), na porta do Tribunal de Apelações de Atenas, na Grécia, sem deixar feridos, mas provocando danos materiais, de acordo com informações da polícia.

A explosão aconteceu por volta das 3h25 no horário local (23h25 em Brasília). A autoria do ataque é desconhecida, mas, 40 minutos antes de ocorrer, houve um aviso para um jornal.

Na chamada, uma pessoa afirmou que não se tratava de uma brincadeira e exigiu que se esvaziasse o edifício do tribunal e o prédio ao lado.

A explosão causou danos na fachada do edifício e detonou vidros nos arredores.

No dia 20 de abril deste ano, uma bomba similar explodiu na frente de uma filial do Eurobank, no centro de Atenas.

*Esse tipo de ataques, que acostumam causar danos materiais mas não pessoais, são relativamente frequentes na Grécia e nos últimos anos costumam ser reivindicados por membros de grupos anarquistas. — **Bomba explode em frente a tribunal em Atenas, na Grécia, sem deixar feridos***

Rajoy recusa reunir-se com Puigdemont

O primeiro-ministro espanhol, Mariano Rajoy, rejeitou o pedido do ex-presidente do governo catalão Carles Puigdemont...

www.jn.pt

Eleições - Puigdemont reclama vitória e dá um mês a Rajoy para que este peça desculpa

Junts per Catalunya foi a força independentista mais votada. Ex-presidente da Generalitat afirma que a "república catal...

www.dn.pt

Entrevista. "Rajoy está morto e foi Arrimadas que o matou"

A "utopia do independentismo" esvaziou-se quando as empresas começaram a abandonar a Catalunha e Madrid impôs sem...

www.publico.pt

Rajoy precisará negociar

Sem obter a maioria dos votos, os partidos separatistas perderam duas cadeiras, mas conseguiram manter, com 70 das 135...

g1.globo.com

Rajoy. Resultado das eleições catalãs "não é extrapolável" a nível nacional

O presidente do Governo espanhol, Mariano Rajoy, garantiu esta sexta-feira perante a direção do partido que irá até ao...

expresso.sapo.pt

António Pedro Dóres: Como criar esperança nesta época de mudança que vivemos?

Renda Básica, Economia Social e Economicismo

Reproduzo na íntegra artigo de uma das cabeças do movimento português da RBI:

No ocidente, observa-se o fim do crescimento e o declínio da classe média, juntamente com o crescimento da pobreza e o envelhecimento demográfico. Do ponto de vista financeiro, vive-se uma viragem para a moeda virtual, com o auxílio das novas tecnologias de informação e os efeitos de desintegração social associados.

A imaginação dos povos acompanha as transformações práticas da vida, cujos ciclos de crescimento e destruição são cada vez mais curtos e sectoriais, à medida que as vidas das pessoas se alongam e as experiências de vida se trocam através dos processos de globalização e de mobilidade social

descendente. A imaginação e o conhecimento transformam-se de unitários (de classe ou nacional) em caleidoscópicos, como descobriram os pós-modernos.

Poder-se-ão encontrar padrões fractais capazes de ajudar a compreender a vida, a partir das novas experiências sociais metropolitanas e em rede e das novas potencialidades bio-info-tecnológicas? Saberão as sociedades integrar as ciências ecologicamente convergentes no novo mundo que se anuncia como senhor de novas condições climáticas?

O neo-liberalismo, cioso dos preconceitos economicistas centrados na adoração do mercado, tem procurado minorizar o valor da crítica social. A teoria social, em (má) reacção, encapsulou-se num estado pré-paradigmático, como se dizia nos anos 70, entre as actividades culturais e as ciências propriamente ditas. Defendeu-se e resistiu fechando-se, como os representantes dos trabalhadores o fizeram, em torno do compromisso do Estado Social, na esperança da derrota política do neo-liberalismo permitir voltar ao crescimento económico, como se isso fosse desejável e possível. A crise financeira declarada em 2008, sem reacção útil dos poderes anti-neo-liberais, porém, mostram o fim de uma época, bem presente na sensibilidade das pessoas, sobretudo dos mais velhos, a quem, de resto, atacam as reformas e a confiança, como se já estivessem mortos.

A derrota do neo-liberalismo não será espontânea. Como bem revela a história do ano 2009, se as forças anti-neo-liberais não desmantelarem e substituírem as solidariedades entre os poderosos, públicos e privados, as corporações empresariais e os estados continuarão a cooperar entre si, alheados do destino das populações que não tenham utilidade e violentos com quem esteja no local errado à hora errada.

O problema é, portanto, como construir uma base material para suportar a convergência subjectiva da miríade de orientações de vida pós-modernas, organizadas sobretudo em torno de organizações não governamentais, assegurando liberdade e democracia que o modelo comunista não soube assegurar? Quando os trabalhadores globalizados perderam capacidade de acção revolucionária, as novas tecnologias unem as classes médias em todo o mundo, a exclusão social se torna um risco banalizado e a pobreza não está a ser atacada.

A ficção das agendas políticas no desemprego torna clara a dependência dos trabalhadores relativamente ao capital: antes de dois ou três anos de crescimento dos lucros — mostra a experiência — não haverá queda nas taxas de desemprego (apesar das migrações e das regras penitenciárias impostas aos desempregados para manterem esse estatuto). O crescimento do nível estrutural do desemprego é uma tendência persistente desde os anos 80. A novidade actual é a queda dos salários reais, que se têm mantido estagnados nas últimas décadas.

Evidentemente, a competitividade com países do antigo terceiro mundo, por muito rápidos que sejam os crescimentos nalguns desses países, implica necessariamente uma redução nos encargos sociais, fatal para as populações dos antigos países desenvolvidos. Ora, as teorias sociais, concentradas nas questões de poder, marginalizaram (e estigmatizaram) os estudos das dimensões da vitalidade e da identidade sociais. E os partidos políticos, cada qual à sua maneira, mantêm a ilusão de que tudo voltará a ser como dantes, como se estivesse nas suas mãos fechar a globalização.

Como se costuma dizer, isto só vai lá com uma nova mentalidade. Nomeadamente, com a crítica profunda (e não apenas superficial) do determinismo economicista ou voluntarista.

A vitória da filosofia materialista corresponde a uma era de materialismo fiduciário. Essa época acabou nos anos 70 e a nova era de imaterialidade fiduciária está apenas no seu início. Dinheiro sempre foi uma forma sintética de representação das relações sociais. Distribuído em função do “mérito” atribuído por instituições — como as escolas e universidades, mas também associações laborais, patronais, políticas, secretas, e outras — tornou-se, entretanto, monopólio do sector financeiro, que está a destruir todas as instituições — como sempre o capitalismo fez na história — pervertendo-lhes as finalidades.

As tarefas que enfrentamos são desmesuradas. E resistir, manifestamente, não está a funcionar. Precisamos de avançar. Mas em que direcção?

Logo aparecem as seitas religiosas, as seitas secretas, os partidos, as tradições, a reclamaram que estão no terreno à espera de alguma atenção, faz muitos anos. Nalguns casos milénios. E muita gente tem mantido essas organizações, sem resultados práticos. O desespero, na Europa, tem levado muitos a apoiar soluções diabólicas, como as retomas dos projectos nazis. O que reclama urgência em avanços favoráveis à liberdade e à democracia.

A proposta de inauguração de processos de institucionalização de rendimentos básicos incondicionais (RBI) — a qualquer nível, mas sobretudo como forma de ultrapassar a crise institucional da União Europeia — responde positivamente a muitos dos dilemas que deixámos identificados atrás.

A economia e o dinheiro, por muito importante que sejam (e são), não esgotam a vida social, nem mesmo as vidas dos seus adoradores. A vida comunitária, as heranças eco-tecnológicas e a construção de hierarquias morais instituídas são pelo menos igualmente fundamentais para os humanos

(mesmo para os que vivem da especulação financeira ou outros quaisquer tipos de alienados).

O RBI cria um financiamento estável capaz de assegurar uma base simbólica para uma economia social, liberta das condições políticas e das instituições de controlo social. O facto de ser simbólica — já que é apresentada como dinheiro — não evita que seja igualmente material. Na verdade, por ser simbólica não se sabe exactamente a que lhe irá corresponder materialmente. Mas sabe-se que se o dinheiro não corresponder a bens suficientes para assegurar uma vida digna a cada um e a todos os membros de uma sociedade (idealmente, de toda a humanidade) é porque o projecto RBI não está acabado. Se o dinheiro distribuído for tão pouco que se torne uma esmola, constituirá um reforço dos problemas já existentes e mais uma desilusão.

Em termos mais pragmáticos, a economia social já existe. Mas é uma economia apenas tolerada, nicho de existência de pessoas dependentes. Ou melhor, cuja independência depende das suas convicções políticas e, portanto, promotoras de dogmas e não de solidariedades; promotora de cumplicidades e resistências em vez de aberturas ao mundo e à igualdade. O RBI suficiente para permitir a cada um passar a ser senhor da sua vida, vencer o destino à força da sabedoria que seja capaz de pôr em prática, por sua própria lavra, sem arriscar a sua existência física, será certamente uma base material para uma transformação social positiva, capaz de melhorar as perspectivas negativas actualmente persistentemente vigentes nas classes trabalhadoras e nas classes médias.

*Boa maneira de continuar a discutir estes temas é acompanhar o trabalho de criação do modelo familiar cooperativo, <http://www.novacomunidade.org/>. Ou da <https://www.recivitas.org/>, no Brasil, através das experiências de vida de Marcus e Bruna. — **António Pedro Dores***

Rendimento Básico Incondicional

O movimento do decrescimento teve origem nos anos 1970 no pensamento pós-desenvolvimentista e nos trabalhos de...

rbiportugal.blogs.sapo.pt

António Pedro Dorés é doutorado em Sociologia pelo ISCTE, professor de Sociologia da Violência, e membro da Associação Contra a Exclusão e pelo Desenvolvimento e do grupo RBI de Lisboa. Autor dos livros: Espírito de Submissão; Espírito de Proibir; e Espírito Marginal;

MCF - O MODELO COOPERATIVO FAMILIAR

O Manual para a construção de uma sociedade que funcione como uma FAMÍLIA global, utilizando um...

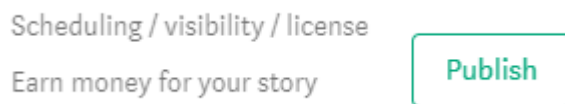
www.novacomunidade.org

Qual é afinal de contas o diferencial do @RobinRight?

Recentemente um amigo me perguntou para que serve afinal de contas esse tal de @RobinRight se é que serve para alguma coisa? E porque é que eu não uso outras tantas licenças alternativas disponíveis. A resposta é simples. Não uso outras licenças, porque nenhuma manifesta a minha vontade em dispor o que produzo. E o diferencial do

ⒶRobinRight é que ele faz justamente isso. Como exatamente é o que eu pretendo explicar.

Aqui mesmo no Medium na hora de publicar ao lado do botão para “*Publish*” há alguma opções de como fazê-lo entre elas como licenciar sua produção no “*license*”.



Quando você abre essa opção você se depara com 3 opções. Todos os direitos reservados, domínio público (nenhum direito reservado) e alguns direitos reservados. Nesta abrem n alternativas, que correspondem as diferentes forma de licenciamento dos direitos de cópia e reprodução criados.

☐
No rights reserved

☒
Some rights reserved

☐
All rights reserved

☒ Attribution
☐ Attribution, no derivatives
☐ Attribution, share alike
☐ Attribution, non-commercial
☐ Attribution, non-commercial, no derivatives
☐ Attribution, non-commercial, share alike

Others can distribute, remix, and build upon your work as long as they credit you. 

[Learn more](#)

Como se pode ver. As opções correspondem aos tipos de licenças alternativas mais comuns. Que vão basicamente daquela que só exige que se identifique o autor, as combinações possíveis entre as possibilidades de: permissão ou não de uso comercial; de obras derivadas; e de compartilhamento livre. Nenhuma delas corresponde ao escopo da licença *RobinRight*. Pois o *RobinRight* é uma licença que permite tudo, isto é autoriza o usuário a compartilhar, comercializar e produzir obras derivadas, descriminaliza todas essas atividades exatamente como a licença que só exige que se credite o autor, porém sem renunciar ao recebimento do pagamento quando essas atividades são ou se tornam lucrativas. Qual a diferença então do *RobinRight* para o famoso “todos os direitos reservados”? de que direitos o autor abriu, mão afinal de contas? Abriu mão do direito de cercear de antemão todo tipo de copia reprodução, compartilhamento ou comercialização da sua

obra, mas dos eventuais ganhos. Quando o autor se reserva todos os direitos, ele não permite que se usem sua obra sem sua autorização. Ele não permite se compartilhe gratuitamente ou não, ou que se copie ou venda a obra, não sem sua autorização. Nas licenças alternativas, permite-se algumas dessas coisas ações outras não, algumas delas permitem que se venda, outras que também se copie e compartilhe gratuitamente. Outros que só se copie e compartilhe gratuitamente. No RobinRight todas as atividades estão previamente autorizadas. E isso implica que naquelas que visam e conseguem obter lucro, que o autor se reserva o direito de cobrar os direitos de royalties que neste caso em específico não abriu mão. Ou seja, é uma licença que autoriza todas as formas de uso, mas para aquelas que auferem lucro não abre mão dos direitos de propriedade.

Para entender o que esse diferencial do *@RobinRight* implica é preciso entender as leis que regem os direitos de copia ou o que é a mesma coisa que tornam ilegal ou criminalizam determinadas atividades da chamada pirataria.

Muita gente não sabe, muito por causa pela propaganda patrocinada pela indústria, mas copiar e distribuir cópias de obras sem fins lucrativos não é crime nem sequer contravenção! Ter uma obra pirateada em casa é a mesma coisa que possuir um baseado, se o posse de drogas fosse descriminalizada e não o tráfico. Ou melhor se o porte de drogas fosse descriminalizado, o tráfico continuaria crime, mas a porte de drogas para consumo não.

São comuns assertivas do tipo “é proibida a reprodução parcial ou integral desta obra”, “este material não pode ser publicado, transmitido, reescrito ou redistribuído”, “pirataria é crime”, “denuncie a falsificação”. É proibido, ainda, “editar”, “adicionar”, “reduzir”, “exibir ou difundir publicamente”, “emitir ou transmitir por radiodifusão, internet, televisão a cabo, ou qualquer outro meio de comunicação já existente, ou que venha a ser criado”, bem como, “trocar”, “emprestar” etc., sempre “conforme o artigo 184 do Código Penal Brasileiro”.

Não é esta, todavia, a verdadeira redação do artigo. Omitem a expressão “com intuito de lucro”, enfatizada pelo legislador em todos os parágrafos (grifou-se):

§ 10 Se a violação consistir em reprodução total ou parcial, com intuito de lucro direto ou indireto, por qualquer meio ou processo, de obra intelectual, interpretação, execução ou fonograma, sem autorização expressa do autor, do artista intérprete ou executante, do produtor, conforme o caso, ou de quem os represente: Pena — reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos, e multa.

§ 20 Na mesma pena do § 10 incorre quem, com o intuito de lucro direto ou indireto, distribui, vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire, oculta, tem em depósito, original ou cópia de obra intelectual ou fonograma reproduzido com violação do direito de autor, do direito de artista intérprete ou executante ou do direito do produtor de fonograma, ou, ainda, aluga original ou cópia de obra intelectual ou fonograma, sem a expressa autorização dos titulares dos direitos ou de quem os represente.

§ 30 Se a violação consistir no oferecimento ao público, mediante cabo, fibra ótica, satélite, ondas ou qualquer outro sistema que permita ao usuário realizar a seleção da obra ou produção para recebê-la em um tempo e lugar

previamente determinados por quem formula a demanda, com intuito de lucro, direto ou indireto, sem autorização expressa, conforme o caso, do autor, do artista intérprete ou executante, do produtor de fonograma, ou de quem os represente: Pena — reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos, e multa.

§ 4º O disposto nos §§ 1º, 2º e 3º não se aplica quando se tratar de exceção ou limitação ao direito de autor ou os que lhe são conexos, em conformidade com o previsto na Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, nem a cópia de obra intelectual ou fonograma, em um só exemplar, para uso privado do copista, sem intuito de lucro direto ou indireto.

Tanto o objeto da lei é “o intuito de lucro”, e não simplesmente a cópia não autorizada, que CDs, VCDs, DVDs ou VHSs mesmo originais não poderão ser exibidos ao público sem autorização expressa do titular do direito.

Se o comércio clandestino (camelôs, estabelecimentos comerciais e sites que vendem cópias não autorizadas) é conduta ilegal, porém o mesmo não se pode afirmar sobre cópias para uso privado e o download gratuito colocado à disposição na internet. Só é passível de punição:

Se a violação consistir em reprodução total ou parcial, com intuito de lucro direto ou indireto, por qualquer meio ou processo, de obra intelectual, interpretação, execução ou fonograma, sem autorização expressa do autor, do artista intérprete ou executante, do produtor, conforme o caso, ou de quem os represente (art. 184, § 1º).

*Contrario sensu, é permitida a **cópia integral** de obra intelectual, sem autorização do detentor do direito autoral, desde que não se vise lucro, seja direto, seja indireto, mas é proibida a cópia não autorizada, mesmo parcial, para fins lucrativos. Assim, não comete crime o indivíduo que compra discos e*

fitas “piratas”, ou faz cópia para uso próprio; ao passo que se o locador o fizer poderão configurar-se violação de direito autoral e concorrência desleal.

Pelo Princípio da Reserva Legal, segundo o qual não há crime sem lei anterior que o defina, nem pena sem prévia fixação legal[1], a cópia integral não constitui sequer contravenção. No Brasil, quem baixa arquivos pela internet ou adquire produtos piratas em lojas ou de vendedores ambulantes não comete qualquer ato ilícito, pois tais usuários e consumidores não têm intuito de lucro.

O parágrafo segundo do artigo supracitado reforça o caráter econômico do fato típico na cessão para terceiros:

§ 2º — Na mesma pena do § 1º incorre quem, com o intuito de lucro direto ou indireto, distribui, vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire, oculta, tem em depósito, original ou cópia de obra intelectual ou fonograma reproduzido com violação do direito de autor, do direito de artista intérprete ou executante ou do direito do produtor de fonograma, ou, ainda, aluga original ou cópia de obra intelectual ou fonograma, sem a expressa autorização dos titulares dos direitos ou de quem os represente.

E assim seguem os parágrafos subsequentes. Todos repetem a expressão “com intuito de lucro direto e indireto”, expressão esta, como visto, que desaparece sempre que a lei é invocada na defesa dos interesses da Indústria.

Por conseguinte, mais coerente seria denominar-se pirata apenas as cópias feitas com intuito de lucro, direto ou indireto. Este último, diferentemente da interpretação apressada dos profanos no afã de imputar o consumidor, não é a economia obtida na compra de produtos ilegais. Ocorre lucro indireto, sim, quando gravações de shows são exibidas em lanchonetes e pizzarias, ou

executa-se som ambiente em consultórios e clínicas, sem que tal reprodução, ainda que gratuita, fosse autorizada. A cópia não é vendida ou alugada ao consumidor, mas utilizada para promover um estabelecimento comercial ou agregar valor a uma marca ou produto[2].

A cópia adquirida por meios erroneamente considerados ilícitos para uso privado e sem intuito de lucro não pode ser considerada pirataria; sendo pirataria, então esta não é crime.

As campanhas anti-pirataria são cada vez mais intensas e agressivas e os meios de comunicação (muitos dos quais pertencentes aos mesmos grupos que detêm o monopólio sobre o comércio e distribuição de músicas e filmes) cumprem seu papel diário de manter a opinião pública desinformada.

Nenhum trecho de livro poderá ser reproduzido, transmitido ou arquivado em qualquer sistema ou banco de dados, sejam quais forem os meios empregados (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros), salvo permissão por escrito, apregoam a Associação Brasileira de Direitos Reprográficos (ABDR) e as editoras. De fato, na quase totalidade das obras impressas, o leitor depara-se com avisos desse tipo:

Todos os direitos reservados, incluindo os de reprodução no todo ou em parte sob qualquer forma. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios sem permissão escrita da Editora.

Novamente, não é o que a legislação estabelece. O artigo 46 da Lei dos Direitos Autorais impõe limites ao direito de autor e permite a reprodução, de pequenos trechos, sem consentimento prévio. E o parágrafo quarto, acrescentado pela Lei nº 10.695 ao artigo 184 do Código Penal Brasileiro,

autoriza expressamente a cópia integral de obras intelectuais, ficando dispensada, pois, a “expressa autorização do titular”:

*Não constitui crime “quando se tratar de exceção ou limitação ao direito de autor ou os que lhe são conexos” nem “a cópia em um só exemplar, para uso privado do copista, sem intuito de lucro direto ou indireto”. — **Download de filmes e livros para uso privado não é crime***

Ora, mas se então se é uma questão de desinformação e propaganda enganosa, qual é a utilidade do *ARobinRight*? *Se é somente criminalizadas as atividades previamente não autorizadas com fins lucrativos de que serve o RobinRight?*

Justamente esse: descriminalizar as atividades sem não previamente autorizada com fins lucrativos! De modo que aquilo que hoje é considerado um roubo, se torne uma dívida, porém se e somente se, essa atividade tiver sucesso. De modo que aquele que tente vender uma obra, não seja penalizado por fazê-lo com sucesso, nem muito menos por ter fracassado, ficando só com a obrigação de pagar por algo que não conseguiu sequer vender.

Quando pensamos ou nos pensamos apenas como clientes, consumidores e usuários perdemos a noção de que não somos só isso. Mas pergunte a um camelo o quão justo é ele ser tratado como se fosse um criminoso enquanto seus clientes não o são. Afinal de contas um camelo não é um traficante. E é ainda mais hipócrita criminalizar a este vendedor ambulante ou virtual informal do que o outro, na medida que quem compra dele não comete crime nem é muito menos sua vítima, mas parte do negócio.

Como ressalta o jurista a lei criminaliza de fato todo o intuito de lucro ou ganho auferido sem a devida autorização do proprietário, no caso o autor. Mas essa intenção ou obtenção de lucro deveria ser criminalizada? O problema não está em buscar o lucro autorizado ou não pelo dono da propriedade, está em uma vez ao obtê-lo sonegar aquilo que é devido ao dono da propriedade que usou. Algo que não vale só para as propriedades particulares e autorais, mas também para as comuns. Porque no final das contas. Tudo o que se faz nesse mundo se faz da apropriação ou do que originalmente existia naturalmente, ou do que foi criado anteriormente. De modo que é contraprodutivo impedir essa apropriação, mas ela em si não é um roubo, roubo está em negar aqueles que são os donos ou também são donos dessa propriedade a parcela devida dos ganhos obtidas como seu uso.

Logo o modelo de licença RobinRight não visa cobrar nada de camelos, que não mal ganham para sobreviver, mas descriminalizar que as pessoas que ganham a vida de forma precária se apropriando de bens de propriedade particulares ou públicos. Sem contudo abrir uma brecha jurídica para outros que possuindo o capital para negociar esses bens em larga escala, estes tem sim não só ganhos gigantes sobre aquilo que produzem ou reproduzem ou vendem sobre bens apropriados, mas tem de fato não só condição, mas obrigação (não como crime, mas como dívida) de pagar a participação devida aos proprietários seja da obra como criadores, seja de si mesmos como usuários dentro de um sistema onde sua existência está convertida em informação, e sua propriedade intelectual corresponde portanto a nada menos que seu “eu” virtual, ou seja seus dados.

O x da questão é que aquele que produz o criador da obra, precisa sobreviver, assim como aquele que a comercializa. E não é a dita pirataria que rouba nem de um, nem de outro o seu direito a sobreviver, mas os

corsários. Os piratas legais com cartas legais para efetuar a pilhagem, muitas vezes sem nenhuma obrigação de pagamento pela propriedade natural ou criada tomada. Nada deve obrigar ou impedir uma pessoa de usar uma determinada obra, ou mais amplamente qualquer propriedade intelectual, mas ao fazê-lo deveria pagar aos seus proprietários. Se por um lado é um absurdo criminalizar ou impedir que um desempregado venda cópias piratas para viver seja porque todos os direitos reservados, seja porque todos a comercialização foi proibida. Por outro é igualmente absurdo que uma Empresa ou Estado quinquilhionário tome uma obra de pessoa, ou pior as vezes uma criação que faz parte da cultura de um povo e a comercialize sem pagar nada pelo lucro obtido. O RobinRight é uma licença que permite controlar isso, libera que qualquer pessoa use sua obra, mas aquela que eventual faturar em cima, poderá ser cobrada se assim o autor quiser fazê-lo. É por isso que o RobinRight é liberado para todas as pessoas naturais e não as jurídicas. Porque essas via de regra, possuem o capital necessário para negociar de antemão o custo da sua apropriação seja para ditos fins lucrativos ou não. Para todas as demais, pessoas naturais, o RobinRight está dando um aviso simples: o autor se reserva o direito de cobrar os royalties dos lucros auferidos através do uso da obra.

Na verdade é uma licença redistributiva dado que cobra de quem pode pagar e ganha em cima do uso da propriedade, e libera gratuitamente para quem não tem, e não ganha, ou enquanto não vier a ganhar nada sobre ela. É uma licença que leva em conta as condições e possibilidades e resultados obtidos dos usuários, enfim sua necessidade e capacidade de pagamento para efetuar tanto a liberação prévia do uso, quanto do pagamento ou não.

É por isso que uso o RobinRight. Mais por uma questão de princípios do que de ganhos. Porque meus escritos valem menos que bosta de vaca. E

não estou sendo metafórico. Recentemente minha esposa comprou estrume de vaca para adubar a terra. Pagou mais do que eu ganhei com qualquer livro publiquei até agora. Mas não por isso, não é porque o que eu escrevo é o bosta ou tem o valor de mercado que vou renunciar ao que considero justo. Por sinal mesmo que fosse mesmo uma bosta de vaca e portanto tivesse mais procura e valor de mercado, disponibilizaria essa mesma merda da mesma forma: livre para todos que quisesse pegar; cobrando quem viesse ganhar muito em cima dela (porque pouco não vale nem o custo); e nem ferrando para empresas ou governos, sem saber antes o que vão fazer de bom ou ruim com ela.

Pensando bem que bom seria se pudéssemos reger por licenças de uso todas as propriedades, não só as intelectuais. Se pudéssemos autodeterminar todas as formas de relação dos outros com as nossas coisas que criamos ou possuímos através de contratos entre as partes e não predeterminações e intervenção de terceiros. Taí... eis algo que sinceramente não sei se é juridicamente possível (nas constituições vigentes), se existe em algum lugar, ou se já foi política ou socialmente alguma vez feito...

Thomas Paine e Renda Básica

“Onde não há liberdade, aí está o meu país”

Não há ainda uma referência mais pertinente e atual para concretização de uma renda básica do que Thomas Paine. E não estou falando apenas da sua obra clássica sobre o tema: “Justiça Agrária”, mas de todo o seu pensamento e filosofia política em que ele se insere e faz pleno sentido:

Ninguém foi mais longe do que Burke na defesa e no direito do passado governar o presente, negando, pois, o direito à revolução. Ninguém foi mais longe do que Paine, na defesa e no direito dos vivos romperem com os mortos, consagrando, pois, o direito à revolução (permanente). Da lógica das idéias e da argumentação de Paine, decorre, portanto, que todo sistema, ou regime, político-social é legítimo, desde que desejado pela maioria, e transitório ou reversível, desde que essa mesma ou uma nova maioria dele se queira desfazer. Assim, hoje — com o abismo crescente entre ricos e pobres (intra e entre países, e o aumento cada vez maior dos últimos), e com o colapso do socialismo real e com a crise do Estado de Bem-Estar (e da social-democracia, atacados pelo neoliberalismo) -, parece não haver proposta tão revolucionária e, portanto, tão atual, quanto a de Paine. Em outras palavras, com o(s) projeto(s) socialista(s) bloqueado(s) neste momento, que outro(s) projeto(s), dentro da ordem capitalista, é mais revolucionário do que o de Paine? Pois, Paine, foi simultaneamente um social-democrata e um neoliberal avant la lettre. Como o nosso tempo, ele queria simultaneamente mais democracia (isto é, mais igualdade, mais social-democracia) e mais liberalismo (isto é, mais autonomia, e portanto, e paradoxalmente, menos Estado). Mas, sobretudo, reler Paine, nos ajuda a manter a indignação e o espírito de luta para não aceitar, como natural, o mar de miséria que nos cerca de todos os lados. Hoje, certamente, se Paine ressuscitasse, ele que era revolucionário e democrata por instinto, mudaria sua divisa para “onde há miséria, aí está o meu país”. — Modesto Florenzano, Thomas Paine Revisitado

Revolução no Brasil é criar uma Sociedade brasileira

Os cinco artigos que tratam da proposta:

Catalunha um governo “sem funcionários, sem sede e sem poder” mas que quer resistir. Como?

E quem disse que um é preciso funcionários, sede ou poder para um povo se governar... no século XXI, não só os carros...

medium.com

O fim de uma era: A morte dos Estados-Nações

A seleção natural aplicada aos organismos e organizações naturais e artificiais

medium.com

Dos velhos Estados-Nações aos contratos sociais do futuro: O Estado Mínimo Social

A revolução povos em sociedades soberanas e autodeterminadas

medium.com

Por que a Renda Básica nunca saiu do papel? E o que precisamos fazer para finalmente concretizá-la?

Revolução: Novas gerações, nova mentalidade, novas conceituações

medium.com

Democracia de Renda Básica

Democracia Direta e Renda Básica os componentes do Estado Social do Futuro

medium.com

REVOLUÇÃO NO BRASIL É CRIAR UMA SOCIEDADE BRASILEIRA
PARTE V

Democracia de Renda Básica

Democracia Direta e Renda Básica os componentes do Estado Social do Futuro

Se os Estados-Nações estão mortos e falidos. O brasileiro é um estado já apodreceu. Institucionalmente é a imagem e semelhança da política e oligarquia que os controla, um estado morto-vivo que vive de devorar a vida e vitalidade da cidadão e da sociedade, muitas vezes e em muitos lugares isso é quase literal. Não é fácil falar de soluções para o Brasil. Pelo menos não mais as pacíficas democráticas ou dentro da ordem legal vigente, até porque nossa ordem que nunca teve nenhum exemplo dessas três virtudes, hoje não só se degenera ainda mais em seus vícios e sem pudor ataca com mais voracidade a população para preservar seus privilégios criminosos. A “ordem e progresso” que governa a gerações o Brasil, hoje está pornograficamente exposta em sua natureza degenerada e progressiva degenerescência. Talvez existam países onde os regimes da pseudo-democracia liberal estejam ainda mais expostos e fraturados, mas nenhum deles está entre as maiores economias do mundo. Uma característica que torna o Brasil único: uma economia de potencia mundial, com sociedade, instituições e mentalidade de província colonial.

A quantidade de pessoas que hoje já admitem que bandido morto é bandido, sobretudo os chefões das organizações criminosas, e não estão falando, do tráfico, mas do crime legalizado e estatizado, que aos olhos inclusive da população não está mais só instalado na classe política, mas nas instancias mais alta da justiça. Se por um lado, a descoberta do que é feita essa salcicha chamada estado, é um grande salto para que o Brasil sai da sua infância do paternalismo e patriarcalismo, por outro a credo na violência e autoritarismo continua sendo um sinal alarmante de que

podemos sair do caldeirão para cair no fogo. Alarmante, principalmente para nós que por princípios e inteligência não defendemos não acreditamos e sabemos que resultados dão o emprego da violência e autoritarismo sobretudo aquele que se arroga justo e legítimo.

Talvez haja ainda mais pessoas a espera de uma alternativa aos fundamentalistas, extremistas, conservadores, reacionários, demagogos corruptos e falsários ideológicos tanto de esquerda, direita, para não falar no eterno centro, mas a sensação é de que nada é capaz de preencha esse vácuo não dentro desse sistema. Porque o problema é que a desilusão não é com só com os velhos políticos, mas como o regime. Não é com só como pessoas é com as instituições. De modo que nenhum dos balões de ensaio ainda lançados pelas oligarquias para tentar ocupar esse vácuo funcionou, até porque os próprios veículos de comunicação oligarquicos também estão igualmente queimados.

Entretanto não quero fazer aqui nenhuma análise de conjuntura, porque as conjunturas no Brasil não levam a lugar nenhum, senão a ficarmos condenados o dormir sem sair do lugar. Seja com eleições ou intervenção militares, seja com direita ou esquerda no poder, seja com os velhos corruptos e incompetentes sejam como as invenções de novos salvadores esse falsa impressão de mudança serve justamente para causar a ilusão de movimento, quando nada se transforma, pelo contrário apenas se traveste ou recicla para perpetuar-se no poder. Está mais do que evidente que a solução mesmo não se efetuando jamais com violência, também não se encontra na passividade frente a uma ordem e legalidade que nunca existiu, e de estado de paz e de direito nunca teve propriamente nada, não para aqueles que não possuem privilégios ou foros privilegiados. Em bom e claro português, só não vê quem quer continuar não vendo: a solução do Brasil não passa pelo Estado Brasileiro. Não passa nem pelo confronto

com ele, nem muito menos pela sua adesão. É tão radiativo quanto a próprios políticos.

O Estado Brasileiro não é nem nunca foi vetor das nossas soluções, mas o problema do povo, e o aborto reiterado da formação de qualquer pacto social. Ou seja sociedade brasileira. Quando o povo fala em sociedade brasileira, fala como plebe de uma aristocracia, já que não faz parte dela. E ela não passa de uma corte de parasitas dos parasitas, isto é, uma corte das cortes brasileiras: a política. Ambas servis seja como tiranos impopulares como Temer, seja como caudilhos populistas como Lula que unidos se defendem como classe, e que como vendidos pilham e entregam o que não lhes pertence, o Brasil, a quem quer que os banque.

Fazer esse diagnósticos dos problemas sociais e institucionais dos sistema politico-jurídico e brasileiro por sinal é tão repetitivo e já tão evidente que nem o ufanista dos legalistas consegue se indignar ou defender as instituições. Entretanto mesmo sabendo que esse grilhão o Estado brasileiro é a gangrena do corpo da nação, o brasileiro não tem coragem de se livrar dele, prefere amputar a perna a cortar as correntes. Está tão convencido que é um aleijado que acredita que as correntes são muletas. É tão amestrado quanto um norte-coreano, simplesmente não consegue crer que pode viver por conta própria sem um grande líder, prefere o governo de um tiranos, um bandido do que imaginar-se sem um governo nem que seja pelo tempo necessário para colocar um novo! Por aqui se Hitler ou Stalin estivessem no poder, ficaria enquanto não tivessem quem colocar no lugar? É uma povo idolatra. Se não cultua a serpente, cultua o bezerro de ouro. E se não cultua nenhum dos dois cultua as tábuas sagradas. Ele cultua, é fã, e fanático. O brasileiro vive um síndrome de Estocolmo política, é como escravo que nasceu e passou tanto tempo em cativeiro que prefere viver numa prisão ou senzala tão imunda, do que livre mas tendo que construir sua própria casa. Prefere pedir um nova

diretor para prisão do que se rebelar contra ela. Em suma é um povo idolatra devidamente institucionalizado. Mas por mais que assim o seja, por mais que se permita e seja tratado como não fosse, é gente. E sendo a qualquer instante pode se rebelar e se afirmar como tal, sem mais nem menos. Em geral, justamente pela volição ser completamente imprevisível é quando menos se espera.

Talvez seja o horror que ele tem a violência e repressão que geralmente acompanha as revoluções que o impede de se levantar contra essa condição de bicho em que é mantido por fazendeiros e açougueiros de gentes. Mas nem toda revolução e resistência é necessariamente violenta. Pelo contrário, aquelas que mudam a culturas, os meios de produção material e imaterial, social e comercial, a forma de vida e as relações entre as pessoas, a desigualdades de liberdade, ou os privilégios de uns as custas da dignidade dos demais, são feitas não pela rotação dos pacíficos ou armada dos monopolizadores estatais da violência, mas pela comunhão e insurreição desobediência e criatividade dos pacíficos. Por é dos que não violentam e parasitam que dependem toda a criação e produção. E das sociedades formadas por eles a paz e justiça que não se obtém reclamando ou lutando contra os violentos, mas escapando e superando seus conflitos sua pilhagem. O mundo de discórdia e segregação e desintegração que forma a sua sociedade de classes que antes de se dividir entre ricos e pobres por mérito de produção e criação, se divide por violência e divisão constante da pilhagem como tributos sobre trabalho e propriedade.

Povos soberanos antes de ter Estados fortes que os oprimem ou passam invadir e oprimir outros povos, para encontrar o fim como impérios. Se erguem antes de tudo como sociedades solidárias. Constituem seus serviços, fundos espaços públicos e sociais sem esperar nada de poderes supremos nem da terra nem do além. Um dos erros fundamentais do

mundo contemporâneo está na delegação ou o que é a mesma coisa na alienação do serviços sociais ao Estado. E na tolice suprema de crer que tributos são feitos para prestação de serviços públicos. Isso é um mito. Países ricos são diferentes. Países ricos são diferentes porque fora o capital acumulado com a colonização possuem transnacionais que injetam quantidades monstruosas de capital das periferias do mundo com a cumplicidade criminosa desses governos locais. Em essência a divisão internacional do trabalho, replica a divisão domestica que é também a do capital. Se não confiamos a mafiosos legalizados nem mesmo a produção de um lápis, porque o faríamos com a educação ou previdência, moeda ou qualquer outro serviço social? Notem que o problema não está no serviços públicos ou gratuitos. Sociedades podem prover serviços públicos e gratuitos por exemplo como o transporte rateando o custo por que as perdas com os que viajam sem contribuir para manter o sistema são menores que os custos com catracas e fiscalização. Como os custos que uma cultura e educação voltada para viver numa sociedade cuja burocracia só existe para efetuar a pilhagem ilegal ou legalizada. É uma espiral de custos sobre custos estatais por falta de literalmente de organização social, por falta de sociedade. Custos econômicos, custos sociais e humanos, problemas que só favorecem quem vive de vender soluções, ou promessas de soluções dos problemas que criam: a política.

Diz que um cidadão sem direitos fundamentais é um escravo. Não ele é um cativo. Escravo é o cidadão que amputado da sua vontade política, destituído da sua responsabilidade social. Direitos podem ser roubados, pessoas podem ser aprisionadas, mas o seu senso do dever social, a solidariedade permanece temos um homem livre que só pode ser parado por privação ou correntes. E não um alienado que pode ser mantido como uma besta domesticada com tudo que precisa, com toda a riqueza do mundo a sua disposição que não irá produzir nada, não irá empreender absolutamente nada, não com qualquer razão ou finalidade social.

Terroristas sejam de estado ou anti-estado costuma explodir coisas, mas o terror absoluto de quem precisa do medo e terror para conquistar ou manter o poder, não é aquele que explode, mas o que constrói e constrói sem medo das suas ameaças de violência legais ou não. A insurgência das sociedades que organizam a provisão da suas seguridade social, da administração dos seus bens comuns, da proteção de seus bens particulares é o horror absoluto dos monopolizadores de bens e serviços, sobretudo quando eles os organizam não só de forma independente, mas longe do alcance das mãos deles para se apropriar ou derrubar essas novas organizações e serviços.

O problema do estado não é o crime ou os mercados ilegais ou a insurreições armadas, eles são a solução. Eles são a justificativa, a desculpa ideal para o emprego da sua único serviço nativo, a violência. O criminalidade fora do estado é no máximo concorrência, isto quando na penumbra não coopera não só em simbiose mas em franca aliança com o crime organizado ilegal. O grande medo do Estado são as atividades sociais independentes impossíveis de se marginalizar e deslegitimar, não sem armação ou sabotagem derivadas da livre iniciativas de pessoas comuns visando a solução dos problemas que se extintos, extinguem com eles os cultivadores e vendedores de soluções.

Não precisamos, ir longe vamos aceitar que se obriga um trabalhador a contribuir 44 anos para poder se aposentar para sustentar um estado falido que continua a exaurir todo os recursos para sustentar criminosos. Ou vamos constituir deixar esse mostro definhando e formar imediatamente novos embriões de sociedades de proteção e seguridade mutual que formarão as redes do estado social do futuro? Vamos trabalhar como escravo geração após geração até que toda a riqueza natural do Brasil seja exaurida, e os pilhadores e seus feitores se partam para Europa e Américas deixando uma terra arrasada para as próximas gerações? Ou

vamos fazer o que podemos fazer, que é imediatamente deixar de contribuir e trabalhar para o nosso fim, e investir nosso trabalho e capital na produção dos nossos bens e serviços públicos e sociais?

Repete-se o mantra que falta para o Brasil e para o mundo são novas alternativas. Mentira deslavada. As novas alternativas e propostas estão mais do que dadas, estão já a ser experimentadas e com sucesso. Se ignora finge que não há o novo, para empurrar a conformação com o velho. Renda básica e democracia direta são alternativas que permitem n combinações possíveis para formar novas formulações de Estados Sociais perfeitamente sustentáveis e anti-autoritários.

Para não dizer que não dei ao menos uma vou expor brevemente, a possibilidade por exemplo das democracias de renda básica uma das formas menos revolucionárias em relação as organizações que temos hoje, mas que produzem imediatas e significativas transformações políticas e econômicas. Nessas sociedades ou associações ao invés de votar periodicamente nas eleições em governantes ou administradores se vota em obras ou serviços e seus orçamentos propostos por iniciativa popular a serem aprovados diretamente pelos assembleias dos proprietários do patrimônio publico os cidadãos. Quem vai administrar ou prestar é contrato diretamente pela sociedade pelo tempo estipulado, podendo ser proposta a substituição ou interrupção do própria obra ou serviço a qualquer tempo mediante autorização da mesmo plebiscito. De fato é o já ocorre no poder público, apenas se elimina o intermediário entre o verdadeiro prestador e a sociedade, e consequentemente a corrupção envolvida.

O diferencial da democracia de renda básica está na composição de orçamento. Ele não existe previamente. O que existe são fundos que compõe o pagamento da rendas básicas que não estão a disposição para

outro finalidade que não está, a medida que são a utilização desses recursos seria o equivalente a roubo não só dos recursos da geração presente, mas das futuras. Recursos para formar orçamentos estão sempre presentes, mas devidamente e constantemente distribuídos entre os cidadãos, e esse é o verdadeiro poder e não só o voto. O voto para serve para aprovar, autorizar a realização de obras serviços propostas. Mas isso não implica no confisco imediato dos recursos de ninguém nem a aprovação de tributos para sua realização. As obras e serviços estão autorizados, o público interessado na sua realização que a financie voluntariamente! Os ricos levam vantagem nesse sistema? Não, levam no outro. Nesse sistema eles não tem como comprar a aprovação da autoridades para se apropriar de patrimônios, ou espaços, ou financiamentos públicos, ou socializar os custos. Eles precisam investir para convencer e conseguir o consentimento da maioria, que por outro lado não tem poder nenhum para ingerir nas suas propriedades privadas. Do outro lado, maioria da população não precisam mais mendigar que podem conseguir mais facilmente a aprovação das obras e serviços públicos que tanto precisa, pois isso é feito via democracia direta, e o financiamento se de fato se interessam pelas obras e serviços que querer realizar através da associação dos seus rendimentos básicos, pois já não são mais pessoas sem nenhum capital, e um coletivo com 1000 mesmo com uma renda básica modesta de 100 reais. Não tem um só um capital associado 100. 000 mil reais naquele mês. Mas um capital garantido de 100.000 mil reais por mês vitalício. De onde vem esses recursos? Como 1000 pessoas poderia ter um capital desse monta? Não 1000. Mas 250.000 milhões de brasileiros poderiam ter um capital mínima dessa monta numa democracia de renda básica, bastaria eliminar o ladrão. O Estado. Fica-se com o sistema redistributivo. E até pode-se continuar a pagar pelos serviços públicos da escola aos tribunais, passando por bombeiros policia, e tudo o mais que interessar. Mas diretamente sem os atravessadores e parasitas políticos. Não só é possível manter como ampliar em quantidade e qualidade. Naturalmente que tendo capital, as

pessoas pobres fariam como qualquer outra pessoa, sempre que não fosse necessário pedir autorização da coletividade, simplesmente se associariam e formariam o serviço que carecem. Para plebiscito vão iriam de fato as questões que precisam da aprovação da coletividade ou de obras que carecem da associação da contribuição de vários coletivos.

O ponto fundamental da democracia de renda básica é que ele descentraliza, desburocratiza facilita, empodera e capitaliza automaticamente a população para a realização das obras e serviços sociais, ao mesmo tempo que demanda a abertura da devida discussão de toda a sociedade sobre as obras ou empreendimento faraônicos. E por empreendimentos faraônicos não estamos apenas falando de construções e financiamentos controversos, mas também de guerras. Isto sem falar dos desvio descarados.

O lobby de uma empreenderia por exemplo, como tantos outros, continua a existir, mas ele não é feito mais comprando-se congressistas, mas fazendo propaganda para convencer a população de que aquela obra que ela é capaz de realizar e vai ganhar muito dinheiro, é necessária. E não adianta só convencer a autorizar, se não tiver capital para investir não vai poder usar os fundos confiscados da população, vai ter que realmente ganhar quem esteja disposto a financiá-la. E não terá dificuldade de captar esses recursos se de fato as obras forem de interesse público. Ou mais precisamente se obras tiverem o tamanho do público alvo que supostamente se propõe a atender. Raciocínio que é válido para todas as propostas públicas. Uma obra pública é sempre passível de ter seu custo rateado entre o seu público. Porque o rendimento da renda básica pode ser limitado, mas não os seus fundos. De modo que as garantias de pagamento para que se financie os empréstimos necessários estão protegidos contra inadimplência justamente por estarem consignados a

renda básicas que são garantidas por direito constitucional nessa democracia.

E notem que não estou falando em nenhuma grande revolução, ou em nenhuma grande transformação que não seja aquela que esteja e seja evidente. A classe política precisa ser extinta, antes que exploda de vez com o tecido social. Negar isso é renegar o elefante que está sentado sobre as nossas cabeças. E o patrimônio público que não pertence a ninguém em particular, deve ser restituído ao verdadeiro donos como qualquer outra propriedade como controle dos fundos e usufruto dos rendimentos. Isso é por direito e justiça também mais do que evidente. Estas duas premissas lógicas e urgentes implicam nas transformações que são gigantes em resultados, mas não tão radicais em modificações concretas e cotidianas.

Lutar contra ou para salvar essa política ou esse estado falidos é como maquiar morto e adestrar hienas. Perda de tempo ou morte. Podemos trabalhar nesse nível associativo de autogovernança em diferentes instanciais do micro ao macro, do comunitário até chegar a redes nacionais ou além, antes mesmos de automatizarmos e virtualizarmos os sistemas de tomada de decisão ou associação financeira. A única coisa que não podemos fazer é continuar de braços cruzados, ou acreditando que na próxima eleição ou intervenção a coisa muda. Não muda. Ele se renova para voltar a ser o mesmo. E quanto mais rápido esse Estado podre e caríssimo cair melhor. Menos ele terá pilhado. E mais patrimônio a restituir e recursos para recapitalizar o Brasil teremos ou que é a mesma coisa mais riquezas e fundos para formar a sociedade brasileira. Não mais de um povo expropriado da sua terra, para ser vendido como escravo no mercado de trabalho internacional, mas como proprietários e soberanos do seu território. Ou o que é a mesma coisa, finalmente um povo de fato

política e economicamente livre. Isso é democracia e cidadania. O resto é propaganda política.

REVOLUÇÃO NO BRASIL É CRIAR UMA SOCIEDADE BRASILEIRA
PARTE IV

Por que a Renda Básica nunca saiu do papel? E o que precisamos fazer para finalmente concretizá-la?

Revolução: Novas gerações, nova mentalidade, novas conceituações

Uma sociedade é tão universal quanto não precisa dizer que está de fato aberta para todos. O que ela prove é tão incondicional quanto não precisa dizer que não há nenhuma exigência. Aquelas que precisam afirmar a sua universalidade e incondicionalidade na prática não universais nem incondicionais.

Defensores da renda básica dizem que o quê falta para a renda básica sair do papel é “só” vontade política. Já os detratores que é uma ideia muito bonita, mas completamente utópica. E quem está com a razão? Ambos. Não há, nem jamais, haverá “vontade política”, não da política como conhecemos. E mesmo que houvesse, não seria possível construir nada, não com as definições que ainda temos hoje. Estas definições de renda básica não saem, não levam e não chegaram até hoje em lugar nenhum justamente por isso: foram desenhadas para ser movidas por uma vontade política que não tem interesse nenhum em construí-la a renda básica que dirá ser o motor de algo que eles não podem se apropriar nem conduzir. Isso não quer dizer que jamais teremos uma renda básica promovida por tipo de vontade política. Quando eles puderem se apropriar dela certamente teremos. Mas aí a “renda básica” será só mais

um rótulo para as mesmas velhas práticas. Mais do mesmo, só que com um nova marca.

Não é um problema de “engenharia” ou arquitetura social. Não só uma falha técnica de projeto, um erro de cálculo. O problema é conceitual. As propostas clássicas de renda básica não saem do papel por uma simples razão: suas fórmulas e definições não funcionam na prática. E não funcionam porque estão mais preocupadas em salvar velhos paradigmas fazendo epículos e mais epículos para que o universo continue a girar em torno do poder central ao invés de aceitar a revolução descentralizadora que a renda básica carece e implica.

Mas como assim? Como é possível? Para quê se complicar como uma ideia tão simples. Como pode haver problema com suas definição? Na verdade este é um dilema que ultrapassa a renda básica. Um problema de definição de todos os direitos fundamentais e universais, isto é, daquilo que precisa ser garantido e provido sem cobranças, exigências ou impedimentos, e sem discriminação ou segregação de absolutamente nenhuma pessoa, ou ser da mesma espécie. Ou seja de forma incondicional, inalienável e universal, ou em termos populares, de graça e para todos. Vamos frisar: de graça e para todos. Ou seja nada mais fácil de se definir e praticamente impossível de se concretizar de que a provisão de qualquer direito fundamental seja em espécie ou natura.

Porque na prática enquanto redistribuição a renda básica pode até ser um compromisso assumido por todos, mas literalmente no final das contas é sempre aquele que contribui mais do que recebe que sustenta o pagamento de quem recebe menos. E enquanto distribuição é o pagamento a cada da parte da pertence do que é de todos. O problema neste caso é que o que é comum a todos ou está sob a posse privada de alguém, ou está sob a posse de um coletivo, que na prática é constituída

também de “alguém” em particular, nunca propriamente nas mãos sob o controle de todos. De tal modo que o Estado funciona como um banco, um lugar que guarda e gerencia o seu patrimônio, mas do qual você não pode jamais sacar esse capital, trocar de gerente, ou criar seu próprio banco. E se você acha isso muito parecido com o monopólio que um banco tradicional tem sobre o que é seu, é porque não é parecido. O sistema bancário tradicional, os bancos privado ou não é na verdade uma extensão desse modelo de pilhagem do alheio subsidiado pelo monopólio Estatal. Estado e bancos controlam o patrimônio das pessoas exatamente da mesma forma, um sobre o capital em sua forma mais essencial o natural e territorial, o outro sobre o econômico e monetário, ou seja o que é produzido a partir desse. A casa e os bens são seus mas quem estabelece as regras e controla são eles. Em outras palavras, na prática eles se comportam como os donos e você como o empregado deles por uma razão simples, eles tem a armas e estabelecem as leis, você não então trabalha e obedece. Mas e os direitos naturais e liberdades fundamentais? Já eram. Os direitos estabelecidos pelo homem, ou mais especificamente por esses homens, que monopolizam o controle do dinheiro, das armas e das leis, foram substituídos pelos direitos e liberdades artificiais que eles inventam, que são direitos apenas no nome, pois de fato são privilégios. Ou mais precisamente o privilégios de uns sustentado pela obrigação de outros de obedecê-los, servi-los, e ser pilhado pela ameaça do emprego da violência em caso de resistência. Rigorosamente o Estado é portanto o roubo que se institucionaliza e legaliza como lei marginalizando os pilhados e criminalizando toda resistência contra a pilhagem. Neste modelo propriedades são concessões dos ladrões que continuam a pilhar tanto os que recebem a concessão sobre aquilo que é seu! Quanto a pilhar ainda mais, porque tem menos ainda, os que nem isso tem, os expropriados que são pilhados diretamente que são chamados de trabalhadores, não porque os proprietários não trabalhem, mas porque esses só tem o trabalho para sobreviver e ser explorado, duplamente, pelo Estado e por quem possuem a propriedade. Notem que ao contrário do

que o socialista amante do estadismo prega, o problema não está no proprietário possuir o que é seu, e não deveria ser objeto de concessão ou expropriação de ninguém, poder manter altos padrões de vida sem trabalhar, ou seja viver de renda, mas o do trabalhador não ter nenhuma propriedade não particular, mas sobre o que é comum, de modo a não ter nenhuma renda mínima que seja para sobreviver tendo portanto que trabalhar ou servir no que lhe dado para sobreviver. Rigorosamente não tendo literalmente o capital necessário para negociar como homem livre seu trabalho de modo que possa manter parte substancial da riqueza que produz.

Quando portanto estamos falamos em modelos estatais ou tributários de redistribuição de renda, estamos rigorosamente falando de modelos compensatórios do que por justiça não é objeto de compensação, mas de restituição imediata. Restituição imediata das propriedades tanto particulares quanto comuns a cada particular e a sociedade, quando de indenização sobre os lucros obtidos com esse roubo. Redistribuição em um Estado que continua sendo uma gangue de ladrão e seus protegidos, é falar de pagamento de restos e ração para aqueles que são mantidos como seus reféns e escravos. Tribução para instituir essa falsa redistribuição de rendas sobre propriedades roubadas que ainda estão sob o controle de ladrões, é exatamente estabelecer mais pilhagem sobre quem ainda não foi completamente pilhado, para sustentar os que já foram completamente pilhados apenas para evitar o motim. É mais pilhagem para compensar pilhagem e efetuada novamente pelos mesmos ladrões! É evidente que o grosso desse butim não vai como nunca foi para a população. Vai para o tesouro deles e amigos. Por isso nesse sistema estatais que eles chamam de capitalismo ou socialismo estatal, mas de capitalismo ou socialismo não tem nada, a acumulação do capital e a desigualdade social só cresce proporcionalmente ao próprio poder de vigilância fiscalização e destruição em massa dos povos desse aparelho estatal. Não há capitalização, mas rigorosamente descapitalização e

monopolização crescente dos capitais. Nem muito menos socialização, a não ser dos custos para se manter as corporações que exploram e se privilegiam desse processo de expropriação reiterado, a começar pela corporação mor que subsidia as demais que funcionam como tentáculos: o Estado.

A solução clássica da renda básica apenas reconhece e amplifica esse jogo dos absurdos. A renda básica dentro desse modelo, como aliás qualquer serviço ou assistência social, é rigorosamente um roubo usado para compensar outro roubo efetuado por ninguém menos que os próprios ladrões!!! Não faz o menor sentido, porque as pessoas não precisam de assistência nem prestação de serviços de quem as pilha, precisam se livrar da pilhagem e recuperar a propriedade a qual gera a renda básica que é propriamente sua. De tal modo que por direito legítimo não faz o menor sentido falar em incondicionalidade ou condicionalidade, universalidade ou elegibilidade, sobre rendimentos e propriedades que são das pessoas e não de uma outra espécie de pessoas com outro tipo de autoridade sobre esses bens comuns. É uma questão de jurisdição e patrimônio. Ou as pessoas tem de fato a propriedade a jurisdição daquilo que elas possuem em particular ou em comum, em ambos casos pacificamente, ou toda a renda que recebe delas está condicionada ao controle a jurisdição, o regramento de quem de fato se apossou dela.

Notem que o Estado não é o problema, o problema é sua concepção. Uma sociedade possuir uma administração ou várias que gerenciem seu interesse comum não é um problema em si. Assim como os sócios proprietários de empresa não precisam necessariamente administrá-la ou saber como fazê-lo, mas essa sociedade, essa assembléia de sócios precisa ter e saber ter o controle acionário do seu patrimônio. Ou verão essa administração decidir a sua revelia como distribuirão esse patrimônio. Daí o absurdo das definições de renda básica. Definições estabelecidas de

expropriadores para expropriados e não de co-proprietários para co-proprietários. Ou em termos comuns, de governantes para a plebe e não de cidadão livres para cidadãos livres. Daí as terminologias da incondicionalidade e universalidade só fazerem sentido nesse universo da pilhagem e servidão institucionalizada. Falar em incondicionalidade de uma renda básica é pressupor a possibilidade de que existam condições ou não, é assumir a existência de uma conceito que não cabe ao objeto. É um problema de concepção autoritária-servil. Pois estamos a ver uma pessoa que se arroga a autoridade sobre coisas que não lhe pertence para estabelecer como, quando, quem, ou até mesmo se alguém vai receber o que não pertence a eles, não a ela!!! E como o gerente de um banco perguntar ao capitalista se o filho dele está indo a escola, ou então não vai sacar o seu dinheiro. Que direito ou jurisdição esse gerente tem sobre o patrimônio alheio? Neste caso percebemos perfeitamente o absurdo porque ainda não perdemos a completa noção de propriedade e logo liberdade sobre o que é nosso. Mas não percebemos que sobre a fundos e patrimônios ditos públicos assim como o nosso próprio rabo ou a terra em que vivemos aquele que gerencia não é o dono e nós não somos seu empregado nem ele é um superior ao qual devemos obediência. O mesmo vale para o absurdo de quando um Estado diz que não vai pagar uma renda básica porque não tem recursos. Como não tem recursos, então como ele sustenta a administração? Se o custo administrativo do lugar onde seu patrimônio consumisse toda sua renda, ou pior cobrasse do que retorna em serviços, se você não fosse um escravo, mantido pela ameaça de mais privação e prisão, você retiraria seu patrimônio e colocaria sob outra administração e se não houvesse uma, se uniria aos demais que estão sendo roubados para formar uma nova menos incompetente ou ladrã. E se sob essa nova administração houvesse que fosse um centavo, esse centavo seria seu, seria uma renda sua. De modo que o outro argumento de que não pago, porque não é suficiente é de novo um argumento de ladrão para escravo. E daí se não é suficiente o problema não é seu. É meu. Você pode, por favor, sacar a minha renda básica?

Incondicionalidades ou condicionalidades, falta de recursos, e até mesmo a universalidades, isto é discriminação ou não discriminação, são discussões e conceitos que só existem dentro desse sistema de servidão e pilhagem e consequente da mentalidade presa a esse arcabouço junto com os corpos.

Quanto a definição de universal sua noção seja inequívoca, mas sua aplicação absolutamente impossível. Ninguém tem a menor dúvidas do que quer dizer o “universal”. O universal é para todos, absolutamente todas, todos seres humanos. E eis o grande problema. Se a renda básica é para toda a humanidade, onde está a ordem universal, o poder central total que vai pagar essa renda básica? Não há. E melhor que continue não havendo. O que há então disponível? Qual o maior poder central disponível? Os Estados-Nações. Assim raciocina-se dentro desse modelo da seguinte forma: se cada Estado tiver a sua renda básica estadual, todo o mundo terá uma renda básica quando cada Estados-Nação tiver a sua. Fora apátridas, expatriados, prisioneiros, refugiados, imigrantes ilegais enfim aqueles conjunto universo considerado cidadão dentro das fronteiras desse espaço terão sua renda básica. E eles são o universo. O resto fora ou dentro não pertence a esse conjunto que forma a universalidade. Ou seja, é solução da fazenda. Se todo o gado vive em fazendas, basta que cada fazendeiro dê a ração a seu gado encerado que nenhum rebanho mais morrerá mais de fome. O problema está resolvido.

Mas quem são esses? Quem são os escolhidos? Quem define quem tem o direito a ser escolhido? E quem tem obrigação de pagar? E quem ainda escolhe, quem vai escolher? Ou seja quem é o gado dentro do cerca, o fora, e o fazendeiro? E quem foi que fez cada um deles assim? Deus? A natureza? Eles o gado em assembléia dos bichos? É evidente que dentro desse sistema a definição mais simples de renda básica não funciona e por isso precisa ser completada ou melhor amenizada por conceitos de

universalidade. Esse regramento complementar, que dita que toda renda básica, não pode impor exigências, não pode ter contrapartidas, não pode ter segregação discriminação de raça, credo, religião e etc.. servem como editos da igreja de como o senhores de escravos e reis devem tratar seus reis e escravos como dignidade. Servem para amenizar os problemas da falta de universalidade e autodeterminação dos povos. Ou o que é a mesma coisa o abuso de autoridade de poderes e discriminação que os donos da terra fazem com o seu gados. A renda básica clássica adota portanto os conceitos de incondicionalidade e indiscriminação para amenizar a falta e ambos dentro do arcabouço conceitual e de fato que pretende se manter inserida e até contribuir para preservar. Ou seja o fazendeiro não pode discriminar o gado de dentro do cercado nem pode impor nada para dar a ração, não pode matá-lo de fome porque não produz. Se o gado está dentro das fronteiras do cercado é obediente, ele tem o direito é igual aos demais e tem direito de sobreviver, isto é, tem o direito de receber o provimento do básico, ou seja tem o direito de comer da sua mão, já que está nas mãos do fazendeiro e não mais do bicho como prover-se. É a incondicional que não é incondicional já que o bicho tem que estar sob o cercado e obdecer o fazendeiro. E é a universalidade que não é universal, por é só para os bichos do universo daquele proprietário, vivendo dentro do cercado daquela fazenda. Daí, que a definição clássica, fala sempre não comporta nenhum tipo de discriminação e descreve cada uma delas deixando duas de fora: a da nacionalidade e do territorialidade. A outra forma de dizer que todo tipo de discriminação não é aceita, exacto a de nacionalidade e território- que como bem sabemos por suas formações históricas remetem a questões de raça, credo, cultura, berço, sangue e propriedade da terra, devidamente derivada de pilhagem e invasões. Ou seja. Perfumaria.

E uma perfumaria que não tem sentido nem para o fazendeiro. Nem para os bichos. Pois, porque o fazendeiro iria impor obrigações se se obtém o que deseja do gado sem precisar fazer literalmente essas concessões já que

detém o poder para obter o que deseja sem precisar ceder nada? E porque gado se tivesse o poder para obrigar o fazendeiro a dar uma vida digna a eles iria se contentar em sem tratado melhor mas ainda como bicho, se tendo o poder pode simplesmente se livrar do fazendeiro e da sua condição de bicho? Se é preciso ter o poder para obrigar o fazendeiro a dar o fruto, porque não tomar de volta a terra? E o fazendeiro considera e trata os outros como iguais, porque ele precisa de regramento de uma relação que não é de poder?

A renda básica clássica portanto requer recursos não de onde não se tem como tirar, mas de quem não tem nenhum interesse em devolver o que rouba. E se o povo pudesse restituir a propriedade e liberdade que lhe foi e continua a ser roubada não o faria para trocar a chicote com ferros, pelo de couro. Mas para por fim a sua sina.

Quando portanto faz-se uma lista dos tipos de discriminação que não se pode cometer quando se institui uma renda básica, ou se enfatiza que ele tem que ser incondicional apenas se está reconhecendo o que está tácito e implícito nesse modelo. Há desigualdade que não é social, mas de classe e não econômica mas política, de qualidade de cidadania entre os indivíduos, a desigualdade de poder entre os que tem o poder de fato e se prerrogam como se fosse por direito e os que os tem verdadeiramente como direito mas não possuem de fato senão as obrigações de assentir e pior trabalhar para sustentar o arcabouço jurídico, político e econômico sua espoliação.

Toda renda básica clássica na prática é impraticável, porque é incoerente e implica em dupla discriminação: Em primeira instancia de poder em segunda decorrente de classes.

No poder, a discriminação ocorre entre aquele que tem o dever seja como obrigação de pagar ou privilégio de prover e aquele que tem o direito seja como benesse de receber, ou obrigação de se submeter. A incondicionalidade serve para reduzir abusos dessa condicionalidade implícita o estar submetido ao poder superior.

Nas classes entre aqueles que por privilégio de poder são desiguais em nacionalidade, cidadania, gene, raça, berço, devidamente mascarada pela ideias da igualdade nação, cidade. A discriminação mascarada pela segregação. O universalidade do todos nós menos os outros. Por exemplo, pode-se afirmar que não há discriminação de sírios nos EUA. desde que hajam muitos sírios, nos EUA, ou eles permaneçam no seu devido lugar.

A universalidade e incondicionalidade são muletas, pela falta de sentido e noção da definição de renda básica como prática. As definições que temos ainda hoje de renda básica são pilares de areia de castelos de areia construído na areia movediça da vontade política reduzida e monopolizada a vontade de governos e governantes. As definições de renda básica estão preconcebidas dentro de mito e ritos criados por homens, ficções que são realidade pela vontade política e por nenhuma outra lei natural senão aquela que sustenta e impõe em primeira e última essas vontades: a força de fato. São sonhos efêmeros porque são concebidos dentro de fantasias.

Um crítico poderá objetar dizendo que toda a renda básica é portanto na prática impossível. Na verdade que todo direito universal é impossível, porque a universalidade é uma fantasia. No concreto não existe o universal, mas somente o particular. E o por mais abrangente que seja esse conjunto formado por particulares, ele nunca compreenderá a totalidade. E todo núcleo por mais abrangente que seja, nunca será universal implicará a discriminação de quem por definição não se

enquandra no conjunto universo. E nunca será de fato incondicional porque sempre existirão elementos dentro segregados fora e discriminam dentro segundo seus critérios de elegibilidade de pertencimento definido a partir da desigualdade fundamental de poder sobre esse bem comum, ou o que é a mesma coisa sobre a desigualdade de fato de direitos sobre as propriedades e seus rendimento, de modo que sempre existirá a desigualdade não só sobre os direitos a propriedade e rendimentos, mas sobre os deveres que se impõe nessa relação entre aqueles que tem controle de fato sobre o que legitimamente não tem direito e jurisdição, sobre o que não lhes perecem, não exclusivamente, e os que demais assim dominados expropriação e exclusão da sua participação política e econômica na gestão e ganhos sobre esses bens públicos ou comuns.

Existem duas formas de colocar em prática uma renda básica: a primeira está dentro do modelo clássico da fazenda, o segundo é o da revolução daqueles considerados ou tratados como bichos. Na prática, há apenas duas formas de prover e ganhar o pão nosso de cada dia, a primeira como ração, onde comemos da mão de quem servimos e nos explora. A segunda da nossa propriedade e trabalho. No primeiro a renda básica é como qualquer outro sistema de controle dominação provisão e compensação ou contrapartida que o dono do animal, máquina ou ser humano fornece em troca do seus serviços, servidão, ou servilidade. No segundo, não há objeto nem sujeito, mas sujeitos iguais em relação ao mesmo objeto, a propriedade que lhes por direito natural a vida e legítima defesa: o bem comum. Quanto a essa propriedade há apenas 2 soluções possíveis a guerra e competição constante para sua apropriação por um indivíduo ou grupo A contra o mesmo direito dos indivíduos ou grupo B de usufruto da mesma. Ou o reconhecimento do direito de participação de cada sobre essas propriedades é seus resultados dentro de uma sociedade de paz.

Dentro da armadilha totalitária estatal, tenta-se impedir que o particular se aproprie e use livremente o que supostamente pertence a todos os demais sem a autorização destes. Ou se concede a propriedade e permite que ele produza e depois se subtrai a parte que é considerada do todo desse produtor. Quem possui essas propriedades concedidas por esse todo que na prática não existe, pois é apenas o grupo que gerencia a “totalidade”, está submetido ao controle desse grupo. Quem não possui nem sequer tal concessão de propriedade é só um trabalhador e está de propriedade está submetido ao controle tanto desse poder central, quanto desses concessionados. Dentro dos modelos clássicos estatais de renda básica, o produto roubado desses que tendem acumular a riqueza porque possuem a sua fonte geradora, o capital. Seria supostamente redistribuído ao mais pobres, que são pobres porque só possuem o trabalho. Mas não é isso o que ocorre, porque na prática a jurisdição sobre o universal não existe, literalmente não reside em nenhum grupo em particular. E é a esse grupo que administra, esse corpo que essa pilhagem da pilhagem sustenta. E se os líderes dos trabalhadores subissem ao poder, se tornariam essa classe de reguladores, a pilhar tanto produtores e trabalhadores sobre uma propriedade que não lhes pertence. Estaria a conceder propriedades e rendas completamente ilegítimas sobre posses e produção que não são suas, mas daqueles que as ocupam e habitam pacificamente territórios, produzindo ou não, e quando produzindo em paz, ou o que é a mesma coisa sem o uso do subsídio da violência ou seu monopólio, é uma produção que pertence exclusivamente aqueles que a produzem sem privar ou ameaçar ninguém disposto a conviver em paz. De tal modo que onde toda a posse obtida ou mantida pela violência contra pessoas de paz, continua a ser o roubo e reiterado por excelência não importa que se essa violência se faça a lei sobre uma terra. E não existiria tal violência sem a legalização do roubo quando cometido por quem detém o poder jurisdicional, o de fazer as leis artificiais contra os direitos naturais das pessoas. E sem roubo estatizado não haveria carestia, não a artificial, provocada pela marginalização e criminalização

do direito de ocupar e se apropriar pacificamente daquilo que pode se manter também sem uso da força de fato.

O problema é que a paz não se estabelece por esses contratos sociais imaginários entre pessoas de paz, mas de pessoas paz constantemente obrigados a se defender daqueles que por livre vontade escolherão tomar a força o que é do outro seja como ladrões comuns ou tiranos. O problema é que a posse do bem comum, não é de todos, mas de cada pessoa, nem que seja naquele exato instante em que ela o usufrui daquele objeto ou espaço.

E a solução clássica da renda básica apenas reconhece e amplifica esse jogo dos absurdos. A renda básica dentro desse modelo, como aliás qualquer serviço ou assistência social, é rigorosamente um roubo usado para compensar outro roubo efetuado por ninguém menos que os próprios ladrões!!! Não faz o menor sentido, porque as pessoas não precisam de assistência nem prestação de serviços de quem as pilha, precisam se livrar da pilhagem e recuperar a propriedade a qual gera a renda básica que é propriamente sua. De tal modo que por direito legítimo não faz o menor sentido falar em incondicionalidade ou condicionalidade, universalidade ou elegibilidade, sobre rendimentos e propriedades que são das pessoas e não de uma outra espécie de pessoas com outro tipo de autoridade sobre esses bens comuns. É uma questão de jurisdição e patrimônio. Ou as pessoas tem de fato a propriedade a jurisdição daquilo que elas possuem em particular ou em comum, em ambos casos pacificamente, ou toda a renda que recebe delas está condicionada ao controle a jurisdição, o regramento de quem de fato se apossou dela.

Estados nem sociedades tem prerrogativas para conceder o mínimo vital, e pela mesma razão não as tem para retirá-las. Ninguém as tem. O direito

a uma renda básica, direitos fundamentais em geral, não se universalizam através da criação de territórios ou campos jurisdicionais. Não nascem de Estados. Nascem de comunidades e sociedades. De núcleos cuja universalidade não está manifesta na formação de totalidades por elegibilidade e exclusão, mas do princípio inverso da abertura que não é concebida para ter limites ou alcance. É o padeiro, que faz pães. Ele não precisa dizer que os faz para brancos ou negros. Não é preciso nenhum regramento para incluir, um para todos, sem regramento, a inclusão de todos é tácita, e a universalidade não se dá pela extensão e alcance da rede de todos esses produtores em cooperação e competição. Evidente que se os padeiros fossem racistas e resolvessem só atender uma determinada raça, explícita ou implicitamente, eles poderiam fazê-lo, mas como não possuiriam o monopólio sobre os meios de produção nem de troca. Não possuiriam exclusivamente o capital, eles não estariam decretando a fome dos excluídos, mas perdendo todos os clientes que não aceitam suas “regras”.

Direitos e deveres são concepções humanas. Mas enquanto os Direitos verdadeiros- aqueles que não são meros privilégios impostos a força com o nome de direitos- não se inventam apenas se conhecem e reconhecem posto que são pré-existent, os deveres correspondentes necessários para garanti-los precisam ser concebidos de outra forma completamente distinta: precisam ser formulados. E formulados de forma que possam ganhar a concretude que ainda não tem.

O direito a vida a liberdade são evidentes para cada indivíduo e não é preciso muita inteligência para perceber que são naturais porque outros seres dotados da mesma vontade de viver e serem livres vão lutar por eles. E temos duas opções: ou reconhecemos o direitos natural dos outros e aprendemos a conviver em paz cooperando ou vivemos eternamente em guerra uns contra os outros competindo para ver que vai sobreviver, seja

como senhor ou escravo. Essa é a parte fácil e evidente. Ou pelo menos deveria ser salvo a perda de inteligência e sensibilidade. Reconhecer e enunciar direitos fundamentais e universais é fácil, o difícil é provê-los e garanti-los de fatos porque a formulação e reconhecimento deveres que não são naturais, mas adventos sociais. Deveres que por sua advém ou de compromissos e obrigações assumidas ou impostas. Logo voluntaria e consensualmente por aqueles que reconhecem e chamam para si essa responsabilidade social individual ou mutuamente conforme sua capacidade. Ou a força e autoritariamente por aqueles que impõe esses deveres e obrigações aos demais independente do seu consentimento ou vontade. Ou seja, o problema da realização de fato dos direitos naturais, não passa “só” pelo reconhecimento, mas pela concepção de deveres, voluntários ou impostos. E quem vai ser responsável e bancar essa realização. Na verdade quem vai bancar é sempre o mesmo indivíduo aquele que trabalha e produz esteja essa relação desintegrada pelo monopólio da violência e suas concessões ou não.

No modelo clássico o autoritário esse pagamento é literalmente imposto. No modelo libertário ele é voluntariamente assumido. No modelo clássico as pessoas que vão receber são “eleitas” segundo os critérios das autoridades, o universo dos que detém o direito é determinado a revelia da população, no libertário, é autodeterminado pela própria população não como requerente da propriedade alheia, mas da sua comum. E neste caso mesmo que todas as propriedades comuns fossem particulares, de indivíduos ou coletivos, a revelia dos demais, ainda assim a parcela que pertence a todos que não se pode desintegrar dessa propriedade permanece como a participação devida nesses rendimentos. Claro que aquele que coletivo ou indivíduo que ocupa e possui a revelia dos demais não pode ser obrigado com violência ou ameaça a pagar o que deve. E nem precisa, porque a prova de que aquilo que ele possui se possui de fato pacificamente, carece do reconhecimento dos demais, que não sendo obrigados a negociar nem com ele, não sendo obrigados a comprar,

vender nem usar meios de trocas forçados que financiem essas propriedades, já estão pacificamente retirando dele a parte imaterial que ele precisa para que a propriedade tenha valor, o verdadeiro reconhecimento do mercado enquanto sociedade. Ou em outras palavras de nada ainda alguém possuir tanto quanto puder tomar, se não pode usar da violência para privar as pessoas dos meios vitais e ambientais, que elas pacificamente usam e ocupam, nem pode obriga-las a usar os seus meios de produção e troca forçados, toda o valor da sua riqueza, se reduz ao mero valor de uso completamente exclusivo, ou o que é a mesma coisa com valor de troca ou de mercado igual a zero. Pode até ser ouro, mas tem o valor de mercado de uma escova de dentes usada em uma sociedade em que é o cidadão não é meramente cliente ou usuário dos mercados, mas co-proprietário do mesmo, na medida que possui capitais suficientes para não ser obrigado a comprar e vender para quem não queira por necessidade ou ameaça. De tal modo que não só o valor devido a sociedade sobre o uso particular da parte que continua sendo naturalmente comum sobre uma propriedade, onde não existe intervenção da violência ou sua ameaça, é definido por nenhuma força autoritária nem em favor da sociedade, nem em favor do proprietário, mas pelo livre mercado, de acordo com a negociação de valor que tem a participação nesse mercado para o produtor e desse produto para o mercado. De fato onde a sociedade não está desintegrada do mercado pela intervenção do subsidio estatal que expropria uns em favor da capitalização e monopolização de outros, não só o valor das propriedades e produtos de estabelece conforme a oferta e procura, mas o valor das contribuições sociais necessárias para manter essa sociedade que sustenta valor e a propriedades em si se estabelece pela mesma lei ou lógica. Rigorosamente, quando as pessoas são livres, isto é não são obrigadas a comprar, vender, num determinado mercado, tanto o mercado precisa oferecer incentivos competitivos para adesão de todos. De modo que ao contrário do modelo estatal nem se pode espoliar o produtor até findar com a produção, nem se pode espoliar a sociedade até arrentar com a

sociedade e o tecido social. E não se pode porque de fato ninguém detém tal poder para isso, dado que os poderes de fato, a propriedade e controle do que é patrimônio público está distribuída como poder de fato político e econômico entre todos os cidadãos como soberanos e não mais como plebe ou clientela do estado ou suas feitorias concessionadas nacionais ou transnacionais.

A renda básica não é um princípio econômico, não é um princípio de regulação do artificialmente escasso gerido por monopólios da violência, mas de regulação do naturalmente necessário abundante ou não, é um princípio ecológico gerido por sociedades de paz.

Nada mais simples de entender que um salário ou assistência social que se recebe por estar vivo, que se recebe sem ter que trabalhar ou prestar contas ou ter que fazer nada a ninguém. O problema é que ela não é um salário nem uma assistência social. É o rentismo do capitalismo socializado. É o direito de viver de riqueza tanto natural, produzida ou herdada pelos homens estendido de poucos para todos. Logicamente que muitos capitalistas e governantes irão dizer que se todos viverem do rentismo ninguém mais vão trabalhar, mas esses estão apenas passando seu atestado de parasitas e ladrões. Nem todo rentista e capitalista deixa de trabalhar, pelo contrário, o faz por vezes até mais, evidente que para não mais das vezes para explorar e acumular ainda mais, mas o fato é que o argumento que o ser humano tendo o suficiente tende a se acomodar é o mais falso de toda a história da humanidade. Como se essa fosse o nosso instinto e não fosse o nosso problema justamente o contrário, refrear a predação e destruição do planeta, porque não importa o quanto aqueles que detêm mais do que precisam tenham, somos insaciáveis e sempre queremos mais, e não paramos até que tudo se esgote. Algo que a uma verdadeira renda básica, como redistribuição de poderes políticos e econômicos ajuda a reequilibrar na medida que não elimina apenas as

desigualdades sociais acabando como a pobreza e privação extrema de onde tiranos tiram seus exércitos de voluntários fanáticos, ou escravos involuntários, a mão de obra da destruição e pilhagem em massa, mas também o capital, na medida que retira da mão desses ladrões e maniacos institucionalizados o controle dos fundos e orçamentos para realizar as suas fantasias imperiais de guerra, ocupação e purificação racial via genocídio direto na bala ou indireto na carestia.

A incondicionalidade e universalidade contidas na definição e suas listas de prescrições de para as autoridades não discriminar, não segregar, não abusar da autoridade desaparecer quanto as pessoas se tornam soberanas tanto para definir por reconhecimento mutuo seus direitos universais quanto para estabelecer por verdadeiro contrato social seus deveres reciprocos para provê-los ou protegê-los como responsabilidade não que uns impoe contra os outros como tiranos dos seus vizinhos, que se assumem voluntariamente uns para com os outros não por solidariedade mas por interesse seja de poder fazer parte dessa sociedade que é ao mesmo tempo o próprio mercado social e comercial, quanto desse estado que é minimo que é na verdade uma sistema de seguridade e previdência mutual. Mas e a universalidade?

Nesse modelo totalitário a universalidade nasce gigante, mas delimitada, pela pela discriminação e fechamento da definição do conjunto universo. No outro modelo o libertário, a universalidade não é predefinida por descriminação ou segregação, mas justamente por práticas que prescindem desses juízos. Modelos de provisão que não carecem de complemento do conceito de para todos, ou sem condição de adesão. Porque a provisão é feita de acordo com a delimitação de campos, fronteiras, ou eleitos, ou condições, não é estabelecida através da formação de jurisdições ou ato jurisdicionais, mas simplesmente pela disposições do acesso ao bem seja como propriedade ou renda a quem

quer que seja e esteja dentro do alcance, do raio de ação desse serviço. A sua universalidade não carece de ser predefinida pela afirmação e negação do pertence deste ou daquele ao conjunto universo. Porque não há conjunto não há coletividade sobre o direito. Há simplesmente a provisão aberta a quem quer que manifesta o interesse em receber mesmo sem o compromisso de pagar! Recebe nesse caso o referente tão somente ao que é sua parte sobre o bem comum. O sistema de provisão do direito é universal. O que é mutual ou seja o que se estabelece como compromisso entre os que assumem voluntariamente a responsabilidade de prover tal direito, são os deveres. Os deveres que estas pessoas que constituem de fato a sociedade e esse estado social, assumem de prover na amplitude alcance da sua capacidade produtiva e contributiva com esse sistema de proteção gratuito e universal. Quanto maior e mais extenso, mais universal. Mas não necessariamente o único sobre um mesmo território. E por não ser o único pode tanto competir com os demais, ou estabelecer termos de cooperação e contribuição com outras sociedades. De modo que uma sociedade que forma uma nação, pode constituir uma renda básica para todos os povos, na exata medida que não só abre a provisão da renda básica dentro do território que ocupe política ou economicamente, mas pode fazê-lo constituindo uma rede onde contribui ou recebe contribuições conforme a necessidade com a sociedades de outras nações, sem necessariamente precisar levar seus serviço de pagamentos até aquele lugar.

A universalidade no modelos cidadãos não se definem pela presunção de jurisdição, mas pela provisão que na ausência dela se fazem naturalmente sem precisar do regramento que afirma ou nega quem tem ou não tem direito, sem placas de aviso de só para branco, só para negros ou para todos, mas simplesmente abertos e acessível como uma praça pública, ou como deveria também ser uma. Mas uma praça que não tem é lugar no tempo e espaço. Mas um serviço que não precisa estar delimitado por eles. E pode atingir a tantos quanto for capaz exatamente como uma

mensagem que é a universal, não porque é conhecida ou reconhecida por todos, mas por é que é dirigida para ser compreendida e apropriado por quem quer que seja e queira. Um modelo que não é apenas sociedade ou estado social, mas um modelo antes de tudo de comportamento e costumes a base que formam as culturas e consequentemente as sociedades.

A questão da renda básica não é uma questão de vontade política é uma questão de ética cidadã. É uma questão de princípios e valores, e não de recursos e montantes. Não importa o quanto se possui, quantas pessoas receberão. Definir quem o circulo o encercamento de quem vai e quem não vai receber, definir quem vai e quem não vai pagar. O que importa é assumir reconhecer o direito da pessoa humana e assumir o compromisso a responsabilidade de provê-lo na exata medida do que é o dever sobre o que possuímos sobre o que é comum a todos, a nossa capacidade contributiva. Que por mais ínfima que seja. Relativamente nunca é nula, porque há sempre alguém cuja suas posses, podem representar uma contribuição significativa para a provisão do básico. Quando tomamos a decisão moral de não matar outros seres humanos, seja para tomar o que queremos deles, não o fazemos apenas porque existem outros homens que irão nos caçar pelo que fizemos. O fazemos, ao menos a maioria de nós, porque entendemos que não se deve tomar uma vida. Não esperamos que outros, que o governo, que os mais ricos e poderosos parem de matar, para tomar essa decisão. Simplesmente decidimos porque esse é a nossa consciência. Como a provisão do básico. Com a iniciativa de não deixar outros seres humanos morrerem por carestia, por privação dos meios necessários para sobreviver é exatamente a mesma coisa. Não esperamos, que o papa, o rei, o imperador da China ou das Americas, ou um Bill Gates faça para então copiarmos porque eles fazem ou mandam fazer. Fazemos porque de fato acreditamos. E porque acreditamos fazemos com e como podemos. Isso é a verdadeira renda básica um principio antes de tudo ético e não um projeto social ou programa governamental. Que não

existem nem jamais existirão enquanto não existir a cultura, a ética, onde a pessoa tenha mais vergonha se indigne mais de viver num mundo uma criança tomba de fome numa escola, que a bunda de fora sei lá aonde. Uma questão de ética ou falta de, de dignidade e indignação. Contratos sociais são consequências desses vontades solidárias que existem, mas que ao invés de estarem dirigidas da pessoas humana para a pessoa humana pura e simplesmente estão contaminadas por ideias de tributos ou dízimos, ou que é a mesma coisa são roubadas por pilhadores que não se contentam apenas com a posse dos bens materiais mas também do capital social.

É nesse sentido que a renda básica é precisa ser tanto na prática com em proposição universal e incondicional. E dentro dessa abordagem e mentalidade que a universalidade, a igualdade e liberdade fazem sentido podem tomar concretude em ato, não só ato voluntário a revelia da vontades de poderes e poderosos, mas como ato de resistência e libertação contro essa falta de vontade ou vontades absolutamente contrárias.

Universalidade não é o produto da segregação de conjunto universo que determinam os elementos. Mas da conexão dos indivíduos que formam redes universais que ultrapassam constantemente as fronteiras do predeterminado e reconhecido. É produto da ação simples daquele que executa sua obra, sem pensar para quem. Simplesmente produz e compartilha, deixando para que as próprias pessoas determinem o universo do seu público.

Rigorosamente o grau universalidade da renda básica na prática se estabelece justamente pela grau de abertura e potencial de alcance e apropriação do próprio sistema como propriedade das pessoas que irão fazer uso dele para prover sua renda das suas propriedades comuns.

Assim como o grau de incondicionalidade na prática não se estabelece pela ausência de imposições, mas pela ausência de meios e prerrogativas como relação de poder para impor ou retirar direitos universais que não são objeto de concessão, mas de reconhecimento e portanto de assunção de deveres mútuos e não imposição ao alheia.

Se um individuo ou associação que se considera capaz de prover uma renda básica não precisa de nenhuma outra predefinição que não seja de fazê-lo para quem ou onde aceite recebê-la dentro daquelas possibilidades. Esse é o elemento fundamental a geração de um núcleo base de renda básica. Se essa disposição não foi criada para atender tão somente aqueles pessoas mas tantas quantas for possível; se essa disposição não impuser regras, mas respeitar as decisões dessas pessoas tanto as individuais quanto as coletivas, então tem-se uma renda básica onde discriminação, condicionalidade e elegibilidade são elementos circunstancias que não definem a prática, mas só a limitam e pela falta de mais recursos. O único elemento de fato que pode e somente eventualmente e nunca preconceitualmente determinar as limitações do pagamento de modelo de renda básica. A discussão então das predefinições dentro da renda básica concretizada dentro do universo da reserva do possível, se tornam absolutamente sem sentido e proposito, a medida que as pessoas passam a ter problemas reais a serem solucionados e não mais teóricos sobre teorias. Não estamos mais a pensar quem vai ou quem não vai receber, mas como chegar até mais pessoas, como aumentar o valor, como aumentar a participação democrática, diminuir custos operacionais... enfim como não pagar mais, para mais pessoas e sobretudo como não parar de pagar ou pagar menos para quem já recebe. E sobretudo divulgar a ação, porque quanto as demais, muito mais fácil do que tentar abraçar o mundo sozinho, é compartilhar o conhecimento e recursos para que outros também possam fazer o mesmo, mesmo com tão pouco. Comunidades e redes são as chaves para a formação das novas sociedades, dos novos contratos de

renda básica. E não há outro caminho para chegar a esses lugares senão dando os primeiros passos.

Há portanto um erro gigantesco portanto na definição da renda básica. E está na abordagem. Os modelos e programas de renda básica não irão produzir a modificação necessária dos costumes necessários para estabelecer e sustentar a renda básica, mas sim ao estabelecimento da renda básica a partir de práticas antes de tudo como princípios é que vão estabelecer a sociedades e suas leis. Diferentes modelos e arranjos podem ser feitos, mas o princípio é o mesmo. Mais difícil talvez de se cumprir porque ao contrário de outros princípios requer não apenas a não-ação, mas a ação e não omissão. O foco nos direitos e na forma de efetivá-lo clamando ou reclamando-o, ou estabelecendo definições perante autoridades constituídas é inútil. Não só porque elas são surdas, mas porque são ilegítimas e não literalmente não comportam a renda básica. Tentar retirar condições e segregações de relações de poder, é como tentar estabelecer relações de igualdade dentro de uma mentalidade patriarcal, é como fazer recomendações de como homem deve tratar a mulher, ou como o governo deve tratar o povo, algo que não tem sentido coerência, porque na relações de liberdade e igualdade que a renda básica exige não cabem que A de tratamento para B nem vice-versa. São prescrições nulas. A medida que não são objeto e sujeito, mas dois sujeitos iguais e portanto soberanos na forma que estabelecerão suas forma de relacionamento. E nisto a renda básica se constitui muito mais num processo de desfazer-se de concepções antes de qualquer outra coisa.

Não sei Gandhi foi o cara que falam que ele foi, ou só mais um mito mas a uma história dele que para mim diz tudo o que é a renda básica. Certa feita uma mãe desesperada com seu filho que comia demais açúcar, levou ele até Gandhi para que ele resolvesse o problema. Ele ouviu a história e

pediu para que ela voltasse dentro de uma semana. Passada uma semana. Ela e a criança volta. E Gandhi olha para a criança e diz: pare de comer açúcar. A mãe puta da vida. Não deixou barato e reclamou, se era só para fazer isso, só para dizer “pare de comer açúcar” porque não disse na primeira vez, porque fez eles voltarem só para ouvir aquilo. E Gandhi disse algo mais ou menos assim: “minha senhora, é que mês passado eu também comia açúcar.”

Ou talvez não seja nada disso. E eu esteja completamente errado em tentar redefinir a renda básica conforme a sua realização com vistas de replicar mais experiências de base. Talvez o que eu esteja falando e praticando não seja mesmo uma renda básica, ou a renda básica que os movimentos atuais buscam ou esperam dos governos. Que seja. De fato minha concepção de renda básica sempre esteve muito mais ligada e inspirada na Justiça Agrária de Tom Paine, do que teórica atual. Muito mais ligada a realidade das periferias do que dos grandes centros de poder político e econômico. E mais importante de tudo não faço do meu ativismo social e pensamento instrumento de pregação da renda básica, mas da renda básica instrumento do ativismo e transformação social. Se o que precisamos fazer para concretizar as sai dos moldes das teorias vigentes, se as realizações e a experiência contradizem as teorias, então não vou ajustar os resultados e fenômenos as teses, mas reelaborar novas teses. Até porque novas práticas demandam novos paradigmas, novas formas de se pensar o mundo. Até porque não sou um Gandhi, mas um simples “padeiro”, lutando como diria Kropotkin pela conquista do pão. E nisto está a revolução desse novo tempo, o nosso, o milagre da multiplicação dos pães e peixes não se fará pelas mãos de salvadores, mas dos famintos para os famintos. E famintos não só de pão.

Democracia de Renda Básica

Democracia Direta e Renda Básica os componentes do Estado Social do Futuro

medium.com

REVOLUÇÃO NO BRASIL É CRIAR UMA SOCIEDADE BRASILEIRA
PARTE III

Dos velhos Estados-Nações aos contratos sociais do futuro: O Estado Mínimo Social

A revolução povos em sociedades soberanas e autodeterminadas

(...) os Estados-Nação estão mortos. Mas não se engane. Isso não quer dizer que os Estados ou as Nações vão sumir. Isso quer dizer que aquilo que entendemos por “Nação” não se definirá mais pelo conceito de “Estado”, e aquilo que entendemos por “Estados” não se referirá mais exclusivamente as “nações”. E até por isso, por não se definirem uma ao outro, Estado e Nação serão realidades completamente distintas não só uma da outra, mas daquelas que conhecemos e reconhecemos hoje. Onde são uma coisa só que monopoliza violentamente o mundo, não só com a propriedade das armas militares econômicas e políticas, mas também as jurídicas culturais e científicas.

Os Estados desaparecerão completamente, se fragmentarão. Tornar-se-ão menores. E virtuais. Mas não só isso. Nações se alterarão radicalmente. Novas formas de cidadania nascerão. Nelas, cidadanias não serão mais baseados em nacionalidades e territorialidades e consequentemente berço, raça, herança e gene, propriedade, migração ou habitação. Não serão mais produto dados como estados, serão estabelecidos de fato como

sociedades. Ou mais precisamente a cidadania serão mais produto de nenhuma condição previa, exceto de que toda pessoa enquanto ser humano é elegível, a cidadania se estabelecerá voluntária entre as partes sem intermediários de fato pelo reconhecimento e compromisso social e econômico mutuo sem mais necessidade de intermediários jurídicos nem políticos. Essas sociedades formarão estados sem sede, sem domus, sem fronteiras senão o do alcance seu alcance social para prover a garantia dos direitos que seus membros reconhecem mutuamente uns aos outros não só como direito mas sua responsabilidade social de acordo com sua capacidade contributiva, seja diretamente. Provenho de fato esses direitos não como cartas mas com serviços e ou os recursos necessários para que seus cidadãos adquiram ou produzam o que precisem onde que estejam do Planeta. Terão portanto um estado, uma entidade administração equivalente ao que supostamente é responsabilidade governamental, porém com uma diferença fundamental: não serão esses cidadãos subordinados a está administração, mas essa administração subordinada constantemente e a tomadas de decisão coletiva direta dessa sociedade de fato proprietária tanto desses recursos e serviços quanto da sua entidade administração que se servirá de empregados somente enquanto como todo outro sistema de produção de bens não for completamente automatizada.

Teremos portanto cidadanias geradas de fato por verdadeiros contratos sociais e não por contratos sociais falsificados ou nulos, contratos onde uma das partes não consente mas nasce imposta a servir como se isso fosse a unica forma de ter um direito fundamental garantido que lhe é inato e não concessão de nenhum tipo de contrato, estado ou poder artificial.

Os governos ou estados do futuro serão portanto estados mínimos, mas não esses estados mínimos policiais de proteção do ladrão que legaliza

seu encarceramento contra os pilhados e marginalizados, mas sim os estados mínimos sociais sem fronteiras e em livre concorrência, onde as pessoas vão aderir ao serviço “estatal” que ele considerar que melhor o provê. Na verdade o estado mínimo social não precisa prover serviço público e social nenhum exceto o único que sabe fazer direito o tributário, ou melhor o redistributivo. Estados mínimos sociais irão competir provendo maiores rendas básicas com menores taxas tributárias, enquanto o mercado vai cuidar de produzir os melhores serviços sociais e comerciais, e quando digo mercado, já não estamos falando de meia dúzia de salafrários subsidiados pelo velho monopólio do bem comum e produção do público e social, mas do mercado composto por toda uma sociedades devidamente recapitalizada, restituída em seus direitos para financiar construir e regular diretamente não só seus próprios negócios não só comerciais mas seus próprios serviços públicos sociais sejam eles gratuitos ou comerciais, isto é, bancados diretamente pelos fundos coletivos, pagos individualmente por cada cidadão, da padaria a escola, passando pelos posto de saúde até as grandes obras de infraestruturas.

O orçamento público continuará portanto existindo, na forma destes fundos sociais que financiam tanto a renda básica quanto as obras públicas, mas a decisão do que deve ser feito de social com ele pertencerá a decisão democrática dos seus legítimos proprietários em assembléia popular dos sócios, assim constituídos de fato em sociedade sobre o bem comum. O poder de realização continuará presente, mas esse poder estará distribuído como poder igual de decisão entre toda a sociedade, e não mais centralizado. Guerras ou pirâmides poderão continuar a ser feitas exatamente com os mesmos recursos que são feitas hoje. Os recursos de quem trabalha e produz. Mas não a revelia do poder de decisão desses povos e pessoas.

O estado será portanto um serviço de seguridade social baseado em redistribuição e garantia universal de capital e renda. Onde os mais ricos contribuem com a renda dos mais pobres não por altruísmo mas porque num mercado competitivo onde não existe monopólio sobre as moeda, as pessoas comprar serviços tanto comerciais e sociais não só nos lugares que aceitam sua moeda. Mas dos serviços que contribuem com seus sistemas de pagamento de renda. De modo que na verdade um grande provedor de serviços sociais e públicos vai aceitar qualquer moeda e contribuir com diferentes sociedades provedores de renda, para ter clientes que paguem seus serviços coletiva ou individualmente. E dessa contribuição voluntária feita pelo mais genuíno interesse pecuniário será paga a renda básica com a qual cada cidadão das diversas sociedades dentro de um mesmo território irão adquirir os benditos serviços públicos. E muitos mais serviços que hoje são públicos e não são gratuitos o serão. Porque o custo da cobrança e fiscalização individual será mais onerosa em tempo e dinheiro que o pagamento direto pela coletividade que podendo a qualquer tempo se livrar deste e contratar ou financiar outro de acordo com sua demanda, manterá um controle muito mais eficazes da qualidade desses serviços do que qualquer órgão central de fiscalização, ou organização específica da sociedade.

Evidente que as mafias governamentais aqueles que querem impor seus serviços criminosamente e legalizar esse crime e criminalizar todo sociedade ou comercio que não seja o por ela monopolizado vão usar de todos os recursos que possuem para tentar sabotar se apropriar ou exterminar esse processos esses sistemas e não conseguindo acabar com os sistemas vão tentar exterminar as pessoas. Mas para tanto vão precisar identificá-las. O que é um obstáculo sério para a institucionalização desses crimes, porque para exterminar há que se discriminar. E sem possibilidade de identificar, segregar, e discriminar a perseguição e extermínio deve ser arbitrária e generalizado o que mina ainda mais rapidamente a adesão e credibilidade deste sistema, ou em outras

palavras perde-se crentes e fieis, não só eliminando aliados, mas perdendo-os aqueles que testemunham esse procedimento. De modo que o velho estado sem os recursos da segregação e discriminação precisará competir com os novos de forma um pouco mais inteligente do que o terrorismo e a violência institucionalizada. E ao fazer isso deixará de ser também o Estado que conhecemos. Não que boa coisa será, já porque os princípios e taras que movem esses indivíduos são outros, mas já não terão tanto poder, não terão mais o poder centralizado, agora constantemente redistribuídos entre todos iguais não por sua concessão, mas por autodeterminação.

E assim voltamos a questão inicial:

Catalunha um governo “sem funcionários, sem sede e sem poder” mas que quer resistir. Como?

E quem disse que um é preciso funcionários, sede ou poder para um povo se governar... no século XXI, não só os carros andarão sem condutores

Um estado sem governo sem sede sem funcionários, não é um problema. é um solução para o futuro. Se ele tiver 3 coisas: uma moeda descentralizada, uma renda básica e um sistema tributário voluntário. Ou melhor 4 porque a principal e mais importante de todos que na verdade é precedente a todas essas que é a essencial que constitui esse estado é um novo contrato social fundado um novo sistema de reconhecimento reciproco de cidadania baseado na responsabilidade social, na adesão ao compromisso, no dever social de preservação do direito humano que não se inventa só se reconhece e prove. O como. O como prover de fato, de que forma esse contrato social irá cumprir sua razão social, se com uma renda básica ou outra forma de provisão e garantia universal de direitos para além das fronteiras nacionais e territoriais isso é o diferencial de

cada um dos contratos sociais, isso é diferencial de cada uma das novas cidadania e nações dos futuro. Que você não vai precisar mais migrar para ter uma, vai apenas pagar impostos de onde quer que esteja no mundo. E pasme vai fazer isso, não porque é obrigado se não fizer irá preso por criminosos estatais, mas porque estará ganhando e não sendo ameaçado. Ou estará receber em sua conta renda básica maior do que pagou, ou estará pagar uma renda básica maior do que a recebeu, mas ganhar ainda mais com gente comprando porque tem renda básica.

Parece fácil. Mas não é. Porque entre o sair do viver nas cavernas. Falta um pequeno detalhe. Não deixar que os dinossauros descubram e devorem você. E eu só estou dizendo isso, porque não estou fazendo. Se estive não estaria. Tudo o que faço, faço dentro da lei Estatal. Esse é o jogo contra a tirania. Uma construção do novo nas barbas do velho. Fazer tudo o que eles não querem dentro da lei par que eles não tenham desculpa legal para acabar . E fazer tudo o que eles não querem e não precisam de desculpa legal para acabar com você bem longe senão dos olhos das mãos dos criminosos mais perigosos do mundo. Os únicos que acham no direito não só de cometer crimes impunemente. mas de legalizar seus crimes e criminalizar as vitimas na vida e na morte.

Do ponto de vista da legitimidade há só dois tipos de contrato sociais os legítimos que produzem paz justiça e liberdade e os ilegítimos, que produzem poder, guerra e privilégios. O primeiro são os genuínos, democráticos que instituem a igualdade entre as pessoas chamadas cidadãos, o segundo os tirânicos que produzem relações de poder, senhores e escravos, reis e servos, governos e povos. Toda tirania é uma falsificação nula e criminosa dos contratos sociais, que não gera sociedades mas plebes que ou não possuem a a liberdade necessária para consentir, ou renunciam ao que não é objeto de renuncia possível, o consentimento.

Sociedades são associações voluntárias formadas por relações consensuais e comunhões de paz estabelecidas e mantidas por diálogo, parlamentação e negociação permanente entre as partes constituintes e não por ameaça ou uso da violência ou pior sua prerrogativa arrogante de monopólio tanto dela quanto dos meios necessários para a subsistência ou poder de decisão sobre o bem comum.

Contratos sociais não são portanto dados, mas estabelecidos. Os direitos fundamentais preexistem e não podem ser concedidos nem retirados, mas apenas reconhecidos e protegidos por sociedades, através de deveres, compromissos e responsabilidades sociais entre pessoas que se consideram livres e iguais. Livres por não estarem submetidas a vontade de ninguém, nem de umas das outras sem o seu consentimento expresso. E iguais por possuírem os mesmos direitos de propriedade não só sobre seu corpo e destino, mas sobre os meios vitais e ambientais absolutamente necessários para a sobrevivência de todos. Essas noções no mundo primitivo se davam por tribos, laços de sangue, terra e cultura - gene habitat e credo. Na medida que esses povos raças e nações entram em contato, a noção de humanidade emerge desse processo intelectual derivado cosmopolitização. Uma nova mentalidade, uma nova consciência coletiva.

Não serão só os credos religiosos e igrejas que se verão obrigados a conviver num mesmo tempo e espaço físico e território, serão os credos políticos e governos. Dízimos e tributos, crentes e fieis continuarão a existir, e até totalitários e fundamentalistas dispostos a impor seus escritos e leis sagrados pelos poderes supremos da terra ou do céu, continuarão caçando zumbis, e perseguindo todos que não queiram se converter e submeter ao seu credo. Mas dentro dos territórios e mesmo com toda a violência que eles arrogarem para si, haverá novos organismos e organizações existindo dentro de suas supostos domínios,

cruzando constantemente as fronteiras dos seus campos não só poder, mas do saber, tomando os impérios sem confronto como o cristianismo, um dia para o bem e para o mal tomou Roma. Silenciosamente, sem precisar ostentar, as pessoas irão abandonar os velhos ídolos e deuses, sem precisar seus templos e estátuas. Seus cultos primitivos irão desaparecer e serem esquecidos pela sua obsolescência, consumidos pela sua necessidade de discórdia e confronto, e falidos pelos custos das suas guerras.

Não. O caos não se expande. O caos é o nome que o ignorante, o crente que o que ele sabe é o saber, dá para a ordem complexa que não consegue compreender. A ordem o logos se expande e multiplica junto com a complexidade das arquês e suas formas de vida. As arquês se multiplicam se diversificam, integram e desintegram formando redes complexas de pan-arquês. Onde o simples e o complexo convivem num mesmo sistema. Anarquês ou hierarquês engendram e resultam na mesma crescente panarquia. É impossível cristalizar essa força elementar constituinte do imanente e transcendente, a liber que produz a liberdade, o conhecimento e as realidades que vão nascer e as que já morreram.

Estamos diante de uma revolução do pensamento. Não é só mais o reconhecimento de direitos universais, mas dos deveres mútuos por aqueles que estabelecem sua independência e soberania de fato a partir de contratos sociais, que não só reconhecimento universal de direitos naturais a partir do autodeterminação identitária e reconhecimento recíproco, mas o estabelecimento de fato da provisão e defesa desses direitos através das garantias sociais através de compromissos mútuos que constituem a soberania e independência dessas pessoas do poder que as regula e priva de todas essas liberdades que de tão essenciais, não só compreendem tudo que é necessário à subsistência, mas vão além dela. Liberdades tão fundamentais que as chamamos de dignidade. A liberdade

que não é um privilégio, mas o direito universal e vocacional de todo ser dotado de vida.

O instinto gregário, a vocação gregária sempre esteve presente, e com ela a possibilidade de constituir congressos e congregações para promover a concórdia sempre fez parte do desenvolvimento da dignidade humana. Contudo a cosmovisão de uma universalidade nunca esteve tão concreta, tão necessária inclusive como estratégia evolutiva como agora que os projetos de poder e se esgotam e tornam-se evidentes em seu caráter pernicioso e destrutivo. A constituição de novas identidades pela afirmação e reconhecimento entre as pessoas naturais por livre pensamento e associação, a formação de genuínas sociedades, permitirá o nascimento de novos estados e nações, que mesmo sem território exclusivo e excludente e sobretudo sem governantes, ou tiranos o que é a mesma coisa com co-soberana de sua inter-independência permitirá a formação de rede de povos transnacionais, como são as corporações empresárias subsidiadas fiscal-jurídica (e militarmente) hoje pelos velhos Estados Nações. Teremos enfim de fato nações unidos e não governos unidos contra as nações. Teremos de fato direitos humanos universais não no papel garantidos por poderes totalitários em disputa eterna para ser o grande potencia e ordem mundial, mas confederações de povos e nações a atingir a universalidade não por prerrogativas supremacistas e megalomaniacas de poder total. Mas a prover o pão como faz o simples padeiro, que não precisa colocar aviso nenhum na sua porta, que seu estabelecimento é para todos, ele simplesmente abre, e estando aberto a todos pode atingir o universo que seu trabalho puder alcançar. Isso é a verdadeira universalidade.

Uma sociedade é tão universal quanto não precisa dizer que está de fato aberta para todos. O que ela prove é tão incondicional quanto não precisa dizer que não há nenhuma exigência. Aquelas que precisam afirmar a sua

universalidade e incondicionalidade na prática não universais nem incondicionais. Mas isso é outra questão.

Por que a Renda Básica nunca saiu do papel? E o que precisamos fazer para finalmente concretizá-la?

Revolução: Novas gerações, nova mentalidade, novas conceituações

medium.com

REVOLUÇÃO NO BRASIL É CRIAR UMA SOCIEDADE BRASILEIRA
PARTE II

O fim de uma era: A morte dos Estados-Nações

A seleção natural aplicada aos organismos e organizações naturais e artificiais

O Estado-Nação está morto. Sua era acabou. Mas esses dinossauros não vão desaparecer da face da terra da noite para o dia. Nesse processo, nessa sua luta contra a inevitável extinção ainda vão levar muitas outras formas de vida junto com eles. Inclusive novas formas de vida, bem mais adaptadas que eles para o mundo que se transformou, mas não tem bem sucedidas no desenvolvimento de formas de se defender ou escapar deles.

E não isso não é uma metáfora. A lei da seleção natural. Também se aplica aos seres e suas espécies artificiais, os organismos e organizações criadas pelo homem tanto as ditas sociais quanto as estatais. Porém com uma ressalva ou correção quanto aplicação dessa lei tanto em ambos planos:

Os seres e entidades mais bem adaptados prevalecem sobre os demais. Os com maior capacidade de adaptação sobrevivem.

Há uma diferença. Se o mundo não mudasse. O meio ambiente natural e artificial, leia-se o mundo ecológico e o mundo econômico permanecesse inalterado de fato não haveria diferença nenhuma e aquele mais apto a prevalecer seria também o mais apto a sobrevivência. Mas ambos mundos mudam. E mudam a razão das transformações provocadas por esses seres.

No mundo artificial, o econômico, essas transformações e as revoluções mais frequentes. Mas o no mundo natural essas transformações embora mais lentas também tendem naturalmente a se acelerar até o ponto de ebulição. Inclusive pela ação de todos os seres- inclusive pelas ações as econômicas. Esse ponto de transformação no processo de evolução, chama-se revolução. Revolução que marca o fim de uma era, de um sistema e o início de outra. Seja um sistema de produção humana seja o ecossistema natural.

Os tempos inevitavelmente mudam, e com ele os mundos. As ações dos seres inseridos nesses sistemas apenas alteram o curso dessa história, mas não podem pará-la, não podem preservar eternamente a si nem muitos a sua predominância porque não podem manter eternamente inalterado o seu mundo, muito pelo contrário, as ações perpetradas sejam para a predominar seja para sobreviver necessariamente o alteram. De tal modo que os organismos ou entidades mais bem adaptados as condições do seu meio ambiente (natural ou artificial) tendem a predominar, mas os organismo com maior capacidade de adaptação as transformações tem mais chance de sobreviver tanto nas adversidades das revoluções, quanto na adversidade da literalmente falta de meios do seu tempo e espaço. Logo indivíduos mais adaptados aos seus meios- tanto como ambiente

quanto como recursos — são os seres mais especializados e bem sucedidos, porém menos flexíveis, com bem menos capacidade adaptativa para se prover sem esses meios. Enquanto seres que não são aptados a nenhum meio específico possuem não conseguem se prover com o sucesso dos especialistas, mas por outro lado tem muito mais chances de se adaptar a outros meios de vida.

Pode-se dizer que há portanto seres que mais bem adaptados ao seu mundo, seres mais bem adaptados as transformações do mundo. E e seres mais ou menos aptos a transformar o mundo. Ou seja, ao invés de se aptar suas necessidades ao mundo, adapta o mundo as suas necessidades. No processo de adaptação ao mundo todo ser também está simultaneamente adaptando o mundo a sua forma de existência. Isso é inerente a toda forma de vida natural ou artificial, organismo ou organização. Seja ela mais ou menos apta a transformar o mundo. Por isso quanto, mais apta for a forma de vida a mudar o mundo de acordo com suas necessidades maiores serão os impactos das ações e velocidades das transformações nos meios e no sistemas. E mais capaz o ser precisa se tornar, tanto de se adaptar mais rápido as transformações do mundo que provocou quanto de transformá-lo para readequá-lo novamente na mesma velocidade das transformações, numa espiral evolucionária que carece tanto de um potencial infinita de evolução quanto revolução tanto dos meios e recursos quanto dos seres que os produzem, mas não só isso, também uma quantidade infinita de meios e recursos ou da sua reprodução para sustentar esse ciclo. E nem uma nem outra condição são materialmente possíveis, já que careciam de uma quantidade infinita de velocidade e energia.

Logo, mesmo que a o potencial de evolução, isto é, de capacidade de aptar e adaptar simultaneamente ao mundo, pudesse crescer a velocidade razão infinita, até o ponto em que não precisássemos de gerações e mais

gerações para alterar uma determinada forma de vida, que alterássemos artificialmente a genética desses seres. Ou mesmo que essas espécies de seres fossem dotados de um código genético capaz de adaptar seu corpo, mutar-se, sem precisar reproduzir uma nova geração ou instituição mais bem apta. Ainda sim, haveria o problema da finitude dos meios e recursos. E novamente o aumento da velocidade da transformação do sistema...

Mesmo os seres artificiais, estados e sociedades que não precisam de n gerações para ser modificados, padecem dos mesmos limites e problemas dos organismos naturais, ou melhor refletem sua mentalidade e estratégias de evolução. Mesmo com código constituintes capazes de serem adaptados instantaneamente essas modificações não surtem efeito, porque sua constituição não deriva do códigos, mas sim os códigos da anima constituintes desses organismos sociais, que não é outra senão a mentalidade, ou a consciência compartilhada dos seres que interagindo uns com outros numa rede de ações reações e relações produzem esse sistema.

Portanto considerando a capacidade evolutiva, a capacidade de transformar o mundo e se adaptar as transformações por ele provocados reafirmo os Estado-Nações como conhecemos hoje estão extintos. Sua capacidade de prevalecer não tem limites. seu poder destrutivo em massa é imenso. No estagio atual gigantesco e monstruoso, o Estado-Nação já não pode mais ser confrontado nem parado. E nem precisa mais. Porque seu custo é igualmente monstruoso e gigante assim como seu crescente, ele se tornou completamente insuportável e insustentável, não é os meios e recursos, incluindo os recursos os humanos que não o suportam mais, é o suas próprias estruturas, é sua própria bases e pernas que não sustentam o seu peso insuportável. Ele está caindo com o próprio peso. E morrendo por literalmente ter um corpo grande demais para se sustentar. De modo

que nossa maior preocupação não é propriamente, nem nunca foi em como matá-lo ou lutar contra ele, mas em manter-se longe para não ser devorado nem esmagado. E nisto consiste muito da capacidade de sobrevivência necessária a humanidade. Tanto sobreviver no mundo alterado quanto sobreviver a voracidade desses devoradores de formas de vidas.

O problema com os velhos estados-nações é que foram criados a imagem e semelhança de predadores. Eles sobrevivem e prevalecem pela mesma razão que se extinguem: a destruição do meios e recursos que predam. E quanto mais escassos os recursos e as presas, mais desesperados e agressivos eles ficam frente a eminente do fim. Logo Logo, nós, como humanidade, se não quisermos ir junto com eles, com esses monstros artificiais que nós mesmos engedramos, vamos ter que adpatar a viver nesses tempos de crise onde os predadores incluso os artificias caçam e matam ainda com mais agressividade. Se não, se não formos capazes de nos aptar e aptar a nossa forma de vida a esse período de transição revolucionário tanto econômico quanto ecológico que já estamos vivendo. Mais do que evoluir precisamos nos revolucionar. Revolucionar nossa forma de vida junto com o mundo que já foi definitivamente transformado por nossa antiga forma de vida.

Os dinossauros não vão sumir da face da terra da noite para o dia. Muito pelo contrário. Eles irão “caminhar”, caçar e matar muitas formas de vida, bem mais novas e bem adaptadas que eles antes que o último caia pelo peso insuportável do seu próprio gigantismo e voracidade insustentável desse predador gigantesco. Antes que o últimos desses leviatãs desaparece definitivamente da face da terra, muito organismos e organizações políticas e sociais serão perseguidas e exterminadas por eles.

De tal modo que o grande desafio da sobrevivência da espécie humana enquanto presas desses monstros que “nós” mesmos criamos nunca foi, derrubar ou se tornas tão gigante aterrorizante e mortífero, mas sim escapar deles. Até porque quanto menos presas, mais rapidamente o monstro encontra o seu inevitável destino, em um planeta com recursos cada dia mais escassos e novas organismos e organizações mais bem adaptadas inclusive para sobreviver não só aos desafios desse novo meio ambiente, mas as ameaças crescentes que essa monstruosidade representa a sua preservação tanto como espécie natural, parte do ecossistema.

O Estado-Nação é um monstro que para cada cabeça cortada nascem outras duas. Quando jovens, podem até parecer inofensivos “fofinhos”, e até desempenham o papel de cães de guarda, mas quando crescem não se tornam apenas maiores do que qualquer povo pode sustentar, são predadores carnívoros que nunca param de crescer. De tal modo que a cada monstro que criávamos para combater a monstruosidade vizinha tínhamos a longo prazo apenas outro máquina estatal, outro corpo artificial a ganhar “vida” própria e crescer dentro do seu própria casa pronta a devorar toda a vida humana e natural para sustentar o insustentável, o seu crescimento teratológico. Pago com sacrifícios apenas para manter de pé essa monstruosidade cada dia mais voraz, destrutiva, e ao mesmo tempo distante, inútil e disvirtuada da sua razão social. Literalmente o terror criado para aterrorizar os piores monstros, mas o pior dos monstros e terror de quem o criou. Isto é claro se aceitamos o mito da sua razão social, o pressuposto (via de regra falso) que em sua gênese esse corpo artificial teve alguma finalidade social original. E não era apenas o filhote da grande besta que se tornou, e que a humanidade criou em todos os sentidos da palavra.

Enfim os Estados-Nação estão mortos. Mas não se engane. Isso não quer dizer que os Estados. Isso quer dizer que aquilo que entendemos por “Nação” não se definirá mais por pelo conceito de “Estado”, e aquilo que entendemos por por “Estado” se referirá mais exclusivamente a “nações”. E por não se definirem uma ao outro Estado e Nação serão realidades completamente distintas não só uma das outras, mas da realidade que conhecemos e reconhecemos hoje. Onde são uma coisa só, que monopoliza violentamente o mundo, não só com a propriedade das armas militares econômicas e políticas, mas também as jurídicas culturais e científicas.

Novos contratos sociais estão surgindo junto com essa revolução que não é só política, econômica e cultural, mas epistemológica. Uma nova mentalidade surgiu junto com essa nova geração. Mas é especificamente sobre as novas formas de relação social, os novos contratos sociais, as relações que formam as sociedades e os estados que pretendo falar. Os contratos sociais dessa novo período da história, desse futuro que os velhos dinossauros podem adiar por um tempo com suas guerras e terror, mas não para sempre. Para o curso da história pode ser mudado, mas não pará, nem muito menos volta. Fukoiama errou em tudo menos no título era mesmo o fim da história, inclusive da história de predominância de um sistema que ele acreditava havia vencido para prevalecer por milênios.

Dos velhos Estados-Nações aos contratos sociais do futuro: O Estado Mínimo Social

A revolução povos em sociedades soberanas e autodeterminadas

medium.com

REVOLUÇÃO NO BRASIL É CRIAR UMA SOCIEDADE BRASILEIRA
PARTE I

Catalunha um governo “sem funcionários, sem sede e sem poder” mas que quer resistir. Como?

E quem disse que um é preciso funcionários, sede ou poder para um povo se governar... no século XXI, não só os carros andarão sem condutores

A crise catalã, agora em fase de perplexidade e cansaço mas com continuada incerteza, aparece-nos como anúncio de uma tendência que temos pela frente neste século XXI: o nascimento de novos países. É uma ebulição política e social que nunca parou e que teve uma erupção forte nas últimas três décadas.

O mundo tem, desde 1991, 34 novos países. A maior parte (15) resulta do estilhaçar da União Soviética(...)

Várias partes da Europa estão ávidas de independência. A Escócia já testou essa vontade num referendo que em setembro de 2014 frustrou os independentistas com apenas — mas expressivos — 44,7% de apoios.

As regiões europeias que reclamam maior autonomia ou independência têm em comum serem mais ricas do que a média do país. É uma vontade que contem egoísmos, ao deixar para trás a solidariedade com regiões mais pobres.

*No norte de Itália, a **Lombardia**, que se queixa da “preguiça sulista” do Mezzogiorno, já teve, em 1996,(...)Mas a questão subsiste, é mais fiscal do que identitária. (...)O norte industrial de Itália quer guardar para si o lucro da sua vitalidade. Um referendo há 10 dias confirmou o movimento para maior autonomia na Lombardia e no Veneto.*

*Na Bélgica, é velha a vontade dos **flamengos** de meter os valões de lado. Até na Alemanha, muita gente da **Baviera** não gosta de suportar parte dos custos do atraso dos “lander” da ex-RDA.*

*Várias outras regiões, umas mais pobres (como a **Córsega**), outras mais ricas (**País Basco**) também têm no seu interior sementes pró-independência que, de tempos a tempos, saem da surdina.*

Os efeitos brutais da crise financeira e a globalização tão despersonalizante, a que se junta a defesa de valores culturais, levam cada vez mais gente a procurar a possibilidade de recuperar o controlo sobre o seu território.

A Catalunha talvez esteja a ser um laboratório para o que o século XXI nos vai trazer. Mostra-nos que há muitas tensões pela frente. (...) O independentismo vai continuar a colocar a Espanha perante a questão territorial. É o debate que tanto inquieta os chefes de Estado e de governo na Europa, pelo temor de efeito dominó. -***A Catalunha anuncia-nos o século XXI?***

Embora o artigo seja eurocentrado -nem sequer menciona o Curdistão, por exemplo - o escolhi porque levanta muito questões pertinentes que somente o levante de uma proclamação de independência no antigo e inamovível centro de poder e cultura ocidental podeira provocar. O que por si só já responde de partida a primeira questão do artigo: A Catalunha

anuncia o século XXI? Estaria por uma acaso, um articulista preocupado se a fragmentação fosse a do Iraque ou da Síria, ou de qualquer outro país periférico eslavo, oriental ou ao sul do equador e não do Grão Reino Unido de la Espanha? Logo o simples fato dessas questões estarem sendo colocados em lugares e mídias onde até um ano atrás jamais tais questionamentos teriam sequer lugar. Isso por si só é a prova do que a Catalunha não só sinalizou, mas ajudou a catalizar do que está por vir nesse nosso século. E não foi pouco o que ela catalizou.

O referendo da independência da Catalunha está para a democracia direta como o referendo da Renda Básica na Suíça esteve para os novos direitos universais do “homem”. Mas com uma diferença brutal e evidente: na Catalunha esses direitos de autodeterminação venceram no voto popular. E mais: eles tiveram coragem de seguir essa autodeterminação de independência, desafiando a repressão e censura e desqualificação do status quo que era desde o princípio uma certeza. Ou pelo menos uma certeza a quem não é mero espectador dessa disputa que não nasceu ontem entre os que buscam se livrar de mandos e desmandos impostos sem consenso nem consentimento, e os que insistem em manter as pessoas sob seus domínios sempre que necessário apelando para todas as forças incluso a de fato, um eufemismo para a força bruta e armada que configura por definição as tiranias contra toda e qualquer forma de liberdade, direito natural e democracia.

Que a Catalunha é dos “sinais” dos tempos? Isso é óbvio para quem não tem sofre de dissonância cognitiva ou normose (cegueira seletiva e alienação coletiva). Mas qual novo tempo? O que vem de fato por aí?

A formação de novos países menores será a tendência do século XXI? Se sim? Esse processo se dará a partir de qual interesses ou motivações ? liberdade e autodeterminação? Ou riquezas e poder? Por Solidariedade?

Ou por egoísmo? Ou como é muito mais provável, numa combinação complexa de todos esses interesses comuns e difusos, que tornam paradoxais a abstração das generalizações e altamente imprevisíveis os resultados finais desses processos de transformação, que não são lineares, determinista nem monocráticos.

Se esses novos países se formassem viriam a se isolar em pequenos feudos armados até os dentes, guiados por mentalidades conservadoras e reacionárias racistas e xenófobas, transformando a globalização numa grande guerra de culturas nacionais e regionais? Ou se re-unirão em confederações completamente novas de povos e nações se apropriando da globalizando como processo de cosmopolitização da humanidade sem os atravessadores e intermediários dos velhos políticos e seus mais ultrapassados ainda Estados-Nações? Mas e esses velhos todos poderosos e seus Estados-Nações? Iriam assistir seus dinossauros de estimação serem extintos sem fazer nada? Iriam assistir seus privilégios de poder político e econômico decair junto com o status quo de braços cruzados? E claro que não.

Como os grandes Estados -Nações, especialmente as grandes potências econômicas e militares reagiriam ao risco de desintegração dos seus domínios políticos e econômicos e jurídicos sobre os povos do qual retiram os tributos que sustenta tanto sua máquina burocrática fiscal quanto policial e militar? Se por ventura a Espanha perder a próxima eleição, ela por uma acaso iria dizer, “agora sim, tudo dentro dos conformes, a burocracia está em ordem, carimbado, podem proclamar sua república”. É de uma ingenuidade gigante achar que libertações políticas ou econômicas são feitas com as bençãos e graças de quem se arroga a prerrogativa de nada menos que o monopólio do bem comum e pela violência - inclusive contra civis desarmados e inofensivos. Pelo contrário o direito natural e universal a legítima defesa e logo tanto a

repressão quanto a insurreição pertence legitimamente aos pessoas e povos de paz, que resistem ou se insurgem contra as tiranias.

De acordo como o direito natural a legitima defesa só existem dois tipos de Estado. E um e tão somente um contrato social. E um e tão somente um é um legitimo: Um é o estado de paz constituído por consentimento e livre associação de todas as partes em permanecerem unidas mesmo na discordância. O outro é uma grosseira falsificação desde posta em papel como se do papel emanasse a legitimidade do contrato social e não da relação e associação consensual. Um falso estado de paz, ou rigorosamente um estado de se denomina de paz, mas que institucionaliza a guerra e dominação através da legalização da relação forçada e criminalização da resistência e insurreição ainda que pacífica contra a mesma.

Em outras palavras existem apenas dois tipos de contrato social: os nulos e ilegítimos por falsificação da adesão das pessoas e povos, e os de fato legítimos por expresso e reiterada manifestação de consentimento de todas as partes que por meio deste formam uma verdadeira sociedade. A legitimidade do direito de associação política e social não está a parte nem muito menos acima dos direitos fundamentais e universais de todos os seres humanos enquanto lei natural, enquanto direito fundamental inalienável a resistir com todas as forças e meios a relações não consentidas e mantidas a força, ameaça da violência da agressões ou privações. A relação social se manifesta e legitima ou criminaliza portanto a imagem e semelhança das relações pessoais: ou são relações criminosas de poder mantidas a força sem consentimento da parte que não consegue resistir a violação ou estupro. E as relações legítimas de liberdade mantidas por consentimento manifesto de cada uma das partes em negociação, discussão, e sobretudo em comunhão. O problema da Espanha portanto não é eles serem um reino, até um monarquia é

contrato legítimo se os povos consentem em ser súditos ou vassallos ter um rei ou presidente. Assim como até uma democracia é uma tirania da maioria ou minoria, popular ou representativa se mantém uma única pessoa ou comunidade de paz submetida às decisões sem consentimento EXPRESSO. O estado de paz, é o por definição o contrato social formado pela associação mútua livre e solidária entre pessoas para se proteger não só dos pequenos criminosos e tiranos, dos bandidinhos e gangues que pilham violam e tiranizam, a vida e satisfazem suas vontades de ter e poder no corpo e propriedade alheias. O Estado de Paz é o contrato de proteção e defesa mútua contra todos os criminosos e gangues de violentos e violentadores sobretudo as mais poderosas que não só pilham e roubam vidas e propriedades, mas liberdades e dignidades, ao se impor a força como tiranos-mor dos corpos e terras daqueles que não querem se entregar como servos ou escravos. Tirania e crime são sinônimos. Mas tirano é o criminoso que não se satisfaz “só” em roubar e violar os direitos a vida e liberdade dos outros, ele precisa tomar para si, roubar e violar e a própria justiça. Precisa criminalizar a liberdade para renegar os direitos naturais, e criminalizar e renegar a liberdade e o direito para legalizar seus crimes e institucionalizar sua tirania criminosa. Tirania imposta pelo método que todo o qualquer bandido, traficante, sequestrador, terrorista, ou estuprador mantém as pessoas sob seu domínio a ameaça, a privação, o medo e a força armada. E aí daquele homem que ousa em se lembrar do seu direito natural e legítimo a defesa, resistência e insurgência, pacífico ou não, será tratado como se ele fosse o tirano ou maniaco.

Então, propaganda estado-nacional de lado. Mais importante para o futuro próximo não é o que a Catalunha anuncia ou proclama, mas DENUNCIA e RECLAMA. O que Catalunha clamou em ação é só metade do que se prenuncia, a outra é o que a Espanha decretou (e fez) em reação. Isto é o prenuncio do século XXI um conflito que não se dará apenas entre 2 forças, mas 4. Porque se dentro dos Estados-Nações decadentes as nuances entre os mais totalitários é na prática tão

insignificante quanto as diferenças de sanidade e estatopatia entre Trump e Kim, ou o ditador Síria e os terroristas rebeldes bem coo seus respectivos fiadores nas grandes potenciais mundiais do Oriente e Ocidente.

Síria. Eis o outro sinal dos tempos, porém absolutamente inverso e mais imprevisível e perigosos hoje que outrora. A pax romana. O primitivo método de desintegração e formação de velhos países por ocupação e destruição, genocídio, e divisão geopolítica em Norte e Sul, conforme o posicionamento estratégico militar e alinhamento ideológico das regiões aos grandes blocos das grandes potenciais. Na Síria sim. É bem possível dentro do velho paradigma surgir 2 novos estados cada qual como o apoio da sua “comunidade” “internacional”: Raqqa Ocidental (EUA e aliados) e Damasco (Rússia e aliados). Clássico.

Daí que quando falamos em independências: devemos falar em 4 forças ou interesses motivações e logo atores distintos:

As forças populares que buscam sua independência por razões libertárias e solidárias. Isto é que não querem propriamente se separar dos outros povos, mas se libertar dos governos centralizadores. E até mesmo restabelecer a união de baixo para cima, em co-federações para além das fronteiras delimitadoras e excludentes do antigo Estado-Nacional.

As forças populares que buscam a secessão por razões nacionalistas ou até mesmo racistas. Querem se livrar das populações ou de qualquer vínculo com outros povos que não consideram como seus iguais.

As forças aliadas estatal e financeiras que buscam manter a todo custo o domínio político e econômico sobre os territórios sob sua jurisdição de

fato ao mesmo tempo que buscam sabotar e desintegrar partes do território das forças concorrentes, de modo a instalar bases políticas, econômicas e militares literalmente na porta das forças concorrentes e inimigas. Logo portanto forças de uma mesma natureza governada e agregadas apenas pelo mesmo princípio da discordia, mas que exatamente por essa razão distintas e beligerantes em dois grandes blocos.

Considerando portanto não só a natureza mas o histórico desses Estados-Nações. Não só lá atrás durante quando jovens durante a sua constituição como proto-Estados, mas a sua folha corrida recente agora que já são velhos. Envolvimento direto e indireto em alguma guerras internacional ou civil que não ultrapassem tréguas de 10 ou 20 anos. Invasão, ocupação, anexação e pilhagem inclusive armada de territórios. Apartheids. Tráfico de armas, drogas, e substâncias tóxicas, pessoas, trabalho “análogo” a escravo, encarceramento e genocídios em massa, posse e uso de armas de destruição em massa, biológica, nuclear e química. Penas capitais e execuções sem julgamento, ou julgamentos falhos. Censura. Estados de exceção. Experimentos “científicos” desumanos com populações nativas. Subsídios a empresas criminosas. Concorrência desleal. Manipulação monetária. Legalização e proteção armada a atividades e organizações criminosas. Perseguição, prisão e até morte legal e ilegal de civis e pessoas não-violentas ou doentes. Apropriação, privação e destruição de bens privados e comuns naturais culturais naturais e humanos. Imposição e supressão e renegação de credo e identidade política, religiosa, econômica e cultural. Sequestro de meios vitais e ambientais e imposições de impedimentos a ir e vir e as relações e associações de paz. Ataques de falsa bandeira, sabotagem social e industrial, espionagem, traição. Falsidade ideológica e apologia a violência. Alguém em sã consciência acha que conscientemente ou inconscientemente pertença a esse gangue que é um culto fundamentalista totalitário da supremacia da violência pela violência para a violência, seja como chefe ou sacerdote, ou como

fanático ou capanga, vai aceitar pacificamente a convivência com a pluralidade ou reconhecerem a liberdade alheia ou sequer a condição de igual as pessoas de paz? Gente de paz. É para eles como aleijado. Tem que ser sacrificado para purificar a gene da sua visão ariana do que é ser um humano perfeito.

Não estamos falando do século passado. Estamos falando do século XXI. Onde ainda há potenciais que outrora declaram suas independências, fizeram suas revoluções, proclamaram repúblicas, democracias e liberdades contra metrópoles e impérios e hoje não só são os novos impérios, como possuem elas mesmas colônias! Sim colônias ultramarinas! Reino Unido, França e EUA as grandes potenciais ocidentais da “democracia e liberdade” são os países que em pleno século XXI não só tem mais territórios com status legal de colônias, mas com as maiores empresas e fundos transnacionais envolvidos nos maiores “desastres” (crimes) ambientais e companhias que exploram trabalham escravos com anuências dos países que mesmo sem serem legalmente suas colônias, se prestam a condição de províncias coloniais traficando seus recursos naturais e a carne do “seu” povo- entre aspas porque aqueles feitores que governam essas províncias contemporâneas não consideram essa sub-raça o povo, a mesma espécie de gente que eles. Se enxergam cidadãos brancos das grandes metrópoles e civilizações em postos avançados entre selvagens e bárbaros. Enquanto os cidadão das grandes metrópoles não os vem senão como capitão-do-mato, preto a caçar pretos quando nas feitorias, ou pretos-da-casa, quanto por ventura entre eles, na casa grande das grandes metrópoles como suas duplas cidadanias que não valem uma de minoria de segunda classe nativa.

Assim sendo a grande questão (e dilema) da independência seja como libertação dos povos que são servos e escravos em sua própria terra; seja como constituição de novos países para quem vive como sub-raça ou não-

cidadão em terras estrangeiras é para todos que vivem sem liberdade, cidadania plena ou direitos universal em todo e qualquer lugar do mundo: como escapar deste domínio ou se livrar dos seus dominadores, sem plantar o germe de uma nova dominação? Ou mais precisamente: como instituir uma verdadeira república democrática dentro de um mundo onde todos os territórios estão já ocupados? Ou o que é mesma coisa como instituir essas sociedades de paz dentro dos domínios ou jurisdição dos Estados-Nações de pax sem ser esmagados pelas prerrogativas e supremacia de violência deles? Como criar espaços e relações de convivência pacífica e consensual capazes de resistir a agressão e repressão dos tiranos que estão de fato no poder e aqueles que pretendem se constituir no próximo projeto de poder? Como proceder a fundação de verdadeiros estados democrático de direito, isto é repúblicas libertárias, sem ser esmagados pela nacionalismo xenofobia e belicismo dos grandes Estados-Nacionais? E isto sem replantar apenas filhotes do mesma besta, que podem ser até “fofinhos” quando novinhos e pequenos, mas são em essência apenas versões mais novas e menores da mesmo monstro artificial, do mesmo fundamentalismo supremacista patriarcal, do mesmo primitivo pátrio-poder.

Todas essas são questões estão em ponto de ebulição, mas não são exclusivas do nosso século. Apenas de tempos em tempos, entre gerações, como ondas, elas retornam com toda a força, rompendo os muros das marginalidade e invadindo os centros do mundo, quebrando paradigmas e concepções e alterando definitivamente a geografia política e história de toda a humanidade. E não só nas relações geopolíticas, mas sociais, porque o pátrio-poder antes de ser um Estado-Nação, é um sociedade patriarcal. São os costumes e culturas de uma sociedade que geram a institucionalização do pátrio-poder como Estado que serve como ferramenta de vigilância e imposição desses credo como doutrina, norma e rito sobre todos os demais não só que não compartilham desse mentalidade, mas sobretudo que não pertencem ou não pertencem

plenamente a essa sociedade: pessoas, grupos, raças, minorias, descendentes de nativos ou imigrantes bastardos e degredados que não tem a gene, gênero ou não pertence ainda a geração que faz dela um legítimo patriarca, e herdeiro do privilégio de uso da violência para impor leis a revelia do resto, literalmente visto por eles como tal, resto.

Em que resultará isso?

Posto desta forma parece que a liberdade e humanidade estão ainda mais fadadas a desaparecer senão em corpo e alma, nas reflexões do que já parecem estar na dureza e crueza das práticas cotidianas das relações de poder. Não, não está. Se há algo que está finalmente indefinido depois de muito, muito tempo sem janelas para o novo, é o futuro. Isso não quer dizer, que teremos mais do mesmo, porque mais do mesmo já se sabe é ecológica e humanamente insustentável. Mas não quer dizer que a credo da vida, liberdade e razão prevalecerão, quer dizer temos uma certeza: mais uma vez ele terão que enfrentar a reação do fanatismo, fundamentalismo e idolatria aos todos poderosos e poder total e claro soluções finais.

Mas não estamos num momento histórico de mínimas transformações graduais, das evoluções praticamente imperceptíveis e para poucos. Já estamos em plena período de revolução dos sistemas de produção e administração inclusive pública, revolução industrial e geopolítica. Mas essas revoluções. Movimentos libertários, ecologistas, soberanistas, emancipacionistas, independentistas, referendos, renda básica, democracia direta, novas repúblicas e democracias, tudo isso é apenas a ponta do icebergue, a parte mais visível de uma revolução cultural muito mais profunda. Muita mais profunda porque não é ideológica, mas epistemológica. Literalmente revolução. Mudança de paradigmas. Transformação da cosmovisão de mundo. Cosmovisão que não está para

vir, como promessa de salvação, mas que já nasceu. Já caminha entre nós na mentalidade de uma nova geração que não pensa mais como seus pais. Não sei se espíritos nativos “alienígenas” que caminham entre os alienados são maiorias ou minorias, sei que eles existem e pensam, porque eu penso e existo, e por isso mesmo, sei que eles sabem que basta uma única pessoa humana para constituir a maioria absoluta e legítima sobre sua vida e destina ainda que em cativeiro.

Uma nova geração nasceu, e ela nova porque seu corpo pode estar preso ainda no velho mundo, mas a sua mentalidade já são outras. E mentalidades não forma não apenas a sua visão mas a relação como o tempo e espaço, formam e transformam a visão e relação das pessoas com o mundo e as outras pessoas. Um novo ser humano nasceu, ele não é uma espécie raça diferente superior nem inferior, mas de outra mentalidade regida não mais pelo medo e adoração ao poder, mas pelo amor e coragem de ser livre, a vocação da humana com ser e criatura.

É por isso que um sinal dos tempos tão importante quanto o levante e a repressão na Catalunha ou Curdistão, ou em tantas pequenas e invisíveis comunidades e sociedades que primam pela autodeterminação e autorreconhecimento de identidades e direitos das pessoas pelas próprias pessoas, são apenas uma parte dessa revolução da consciência coletiva que nasce em uma nova geração enquanto outra vai para o lugar que a natureza reserva até para os mais poderosos e antigos mortos-vivos do mundo, os sarcófagos.

Mas de onde vem tamanho otimismo, diante de tamanha desigualdade de poder e força entre os que clamam por direitos e liberdades e os que os fundamentalistas e templos seculares e os que reprimem e perseguem? Será que não vejo as ondas conservadores e reacionárias que se levantam com toda a força organizadas e desorganizada? Patrões, patrões, pais,

maridos, senhores, feminicidas, racistas, escravagistas, inquisidores, salvadores, saqueadores, padres, pastores, reis, Lords, e landlords, beatos e patrulheiros a praticar a vigilância repressão, prisão, violação e até mesmo o estupro como “corretivo” e castigo nesse grande presidio-mundi?

Será que não consegui enxergar que é impossível, enfrentar esse monstro?

Enxergo, e por isso mesmo estou otimista. Toda essa onda reacionária. É desespero. Desespero frente a um levante. Desespero frente ao fim de uma era. A sua. É o Desespero. Desespero frente a uma revolução que não é só industrial ou cultural, mas geracional e portanto de mentalidade e forma de vida. Desespero por confrontar, por buscar confronto pelo fim de uma era. Desespero de gente autoritária, fundamentalista, e que cultua o poder a supremacia e a violência, com baixíssima sensibilidade vontade entender o que diferente que não entende nem quer entender, logo extremista e extremamente perigosa. Mas expondo todo o seu pathos doente, que antes era devidamente enrustido pelo conforto da dominação e submissão das vítimas por uma razão, muito clara, seus vícios, corrupção crimes e domínios estão sendo expostos e como não vivem sem sombras, sem o oculto, estão caindo, na razão da informação, transparência e conhecimento. Lógico, que a agora eles despejam toneladas de lama, de fakenews nesse novo ambiente que já não podem controlar nem monopolizar, mas o dano já está feito. Não foi um Lutero, nem um Gutemberg, mas centenas, talvez milhares deles a expor o crime e a falsidade do seu credo. Inquisições e conspirações vão queimar muita gente inocente. Mas não vão parar o curso da história.

Contudo, muita gente inocente não precisa morrer. Não que apelar para os patriopatas estatopatas e crenteopatas em geral vá dar algum

resultado. Eles não respondem ao dialogo e a razão, mas só a ordens, e vindas de quem sua mente amestrada reconhece como mestre. Mas o enfrentamento também não é a solução, mas justamente a armadilha: o problema.

Esse é o maior erro da filosofia ocidental: o enfrentamento. Aliás o maior erro autodestrutivo do Ocidente e tudo o que a arte da guerra do sábio chinês não contou (talvez porque como general não soubesse): como vencer a guerra sem desembainhar uma espada. De fato essa é a única vitória possível nas guerras, porque uma vez desembainhada, o que se tem de fato são maiores e menores perdedores. E principalmente quando se é mesmo inevitável, o resultado da guerra já está determinado antes mesmo de todos desembainharem. Porque guerras não são feitas de se, são feitas de tomadas de decisão sobre o possível, mas sobre o necessário. E os erros e acertos por mais gigantes que sejam apenas aumentam os custos e perdas para se por ou chegar ao fim do conflito, mas não alteram significativamente seu resultado nem mesmo quando as forças são equivalentes. Na verdade, a dúvida, perante a equivalência de forças não é a incerteza de quem vai vencer, mas a certeza ainda maior de que todos envolvidos vão perder ainda mais, e aqueles que conseguirem permanecer o mais longe e o maior tempo fora do conflito vão emergir como a nova força do futuro. Assim entre os maiores vencedores estão que conseguem evitar o conflito. E entre os menores aqueles que não podendo escapar se prepara para entrar nele para ter só sacar a espada quando tem a certeza que irão guardá-la o mais rápido possível.

Das terras arrasadas pela arte da guerras emergem os reis e reinos de um olho só para povos cegos. Das terras onde se cultiva a arte emergem os povos com os dois olhos abertos, que não precisam de reis nem reinos. Nem muitos menos guerras. Mas não existem essas terras mais no

Planeta Terra. Como uma doença o culto e a cultura da violência se espalharam por todos os continentes.

Novos mundos, agora só no mares. Por pouco tempo. Ou dentro do próprio velho mundo. Esse é o grande desafio do nosso século a construção dos novos mundos. Não do confronto impossível e inútil com os velhos monstros do Estados-Nações. Impossível de ser vencido porque eles são inimigos muito mais poderosos, capazes de esmagar qualquer povo ou sociedade que se levante. Inútil porque não é preciso vencê-los. Mas “apenas” não confrontá-los. Não só porque é tudo o que querem e precisam para continuar esmagando os povos. Mas porque os Estados-Nações estão morrendo. E vão se extinguir pelo peso insustentável da sua potência. De modo que o que é preciso ser feito, que por sinal é o mais difícil, é construir sociedades capazes de sobreviver a esse período de transição. Ao fim dessa era da supremacia da violência.

Quanto tempo esse período revolucionário vai durar? É impossível prever. Mas uma coisa é certa. O futuro pertence a quem conseguir, se conseguir escapar dessas confrontos e confrontamentos.

Nos próximos dois textos, detalho: 1. Porque os Estados-Nações como conhecemos estão fadados a desaparecer nas próximas gerações, ou se falharmos como humanidade com as próximas gerações, o que dá no mesmo. E 2. Como seriam essas novas sociedades, estados e nações do futuro, supondo que vencemos e conseguimos construir um.

O fim de uma era: A morte dos Estados-Nações

A seleção natural aplicada aos organismos e organizações naturais e artificiais

Normose, no Brasil e Catalunha: Os idiotas falando dos “loucos”

O brasileiro é um ufanista: não faz discurso de servidão, faz apologia do servilismo mesmo

O maluco catalão deveria seguir os passos do matador Battisti - O Antagonista

Carles Puigdemont, o maluco da independência catalã, não conseguiu derramar uma gota de sangue na Catalunha. Ainda...

www.oantagonista.com

E ele que é o maluco a derramar sangue...

Rio: menino de 3 anos baleado na sala de casa tem morte cerebral - O Antagonista

Acaba de ser confirmada a morte cerebral de Vitor Gabriel Matheus, de 3 anos, que foi baleado na cabeça, na noite de...

www.oantagonista.com

Pois é. Sanidade é que vivemos no Brasil: onde um ministro da justiça acusa a policia militar e os políticos de um Estado de colaboração com o trafico de drogas. Por sinal, um ministro nomeado para frear a Lava-Jato por um Presidente acusado formalmente de ser chefe de quadrilha pelo ministério público e polícia federal. Olhem e aprendam catalães: isto é a plenitude da normalidade do Estado Democrático de Direito...

Onde já se viu isso? Querer se livrar de reis e governantes que nem sequer foram acusados de ser criminosos. Ou será que foram? Não importa, o Estado não admite concorrência principalmente quando o negócio é o monopólio da violência.

Então aprendam o que é viver no respeito a legalidade e autoridade com os brasileiros. Aprendam como o Brasil como construir uma Estado pacífico, desenvolvido, que respeita os direitos de os cidadão igualmente. É assim que se constrói um país de Primeiro Mundo: obedecendo a autoridade dos seus competentes e honestíssimos governantes e supremos tribunais. Aprendam a obedecer e vocês irão atingir o nível de segurança liberdade e desenvolvimento humano dos lugares mais desenvolvidos do Brasil, onde a obediência a autoridade é a lei.

Quem dera tivéssemos a sorte de vocês! Quem dera se ainda pertencessemos a Portugal e Portugal a Espanha, seríamos um país ainda mais livre desenvolvido e independente política e economicamente do que já somos. E de quebra ainda por cima teríamos um rei... que chique.

Então parem de mimimi e abaixem a cabeça e levantem a bunda, é assim que se constrói uma grande nação rica e sem preconceitos raciais nem regionais. Ou onde vocês acham que vão chegar com essa loucura? Ou vocês acham que os Estados Unidos, a Rússia, a França, a Inglaterra, a China, que viraram potenciais mundiais como? Com revoluções? Se separando?

E outra revoluções que viram países de verdade que se prezam não se fazem com referendo do populacho. Onde já se viu? querer fazer uma revolução sem matar ninguém, tem que cortar cabeças que absurdo! Quanta audácia! Quanta ingratidão! Daqui a pouco esse catalães, vão

achar que não só podem se separar como podem invadir e ocupar outros territórios! E sem forças armadas! Quem eles pensam que são? Potenciais mundiais? Daqui a pouco eles vão achar que também podem até ter colônias ou escravos e em pleno século XXI! Colônias e escravos!!! Quanto desrespeito ao Estado de Direito! Que audácia, quem eles pensam que são? Os EUA ou França? Não senhor, colônia e escravidão é uma questão sobretudo de sangue, herança e tradição. Ou se nasce com ou não.

Colônias Atuais - Wikipédia, a enciclopédia livre

Parece inacreditável, mas no século XXI mais de 60 territórios ainda são colônias no mundo todo, seus cidadãos vivem...

pt.wikipedia.org

Recursos a 'conta-gotas' diminuiu fiscalização do trabalho escravo em 2017, segundo fiscais

Na última sexta-feira (27), o Ministério do Trabalho publicou nova versão da lista dos empregadores autuados por...

www.huffpostbrasil.com

Quanta heresia!

Já imaginou se os cristãos não tivessem obedecido o Império Romano? quantas pessoas teriam sido crucificadas por sua desobediência a lei? Quantas mortes teriam esses subversivos provocados desafiando a lei e ordem querendo libertar judeus e judeias? Que absurdo? Essa gente não tem deus no coração. Obrigar pessoas tão pacíficas a ter que usar da violência para que eles obedeçam suas ordens, é muita maldade desses

catalães com o governo espanhol. E como bem diz o jurista egípcio, se não fosse essas mulheres sem vergonha a provocar o que há de pior nos homens a desafiar sua autoridade e pátrio-poder nenhum homem teria que ficar estuprando e violentando elas para colocá-las no seu devido lugar na sociedade.

Advogado diz que mulheres com jeans rasgados devem ser estupradas - Mundo - iG

Um advogado egípcio disse que é "dever nacional" dos homens estuprar mulheres que vestem jeans rasgados. Identificado...

ultimosegundo.ig.com.br

Maioria diz que mulher com roupa curta 'merece' ser atacada, diz Ipea

Um estudo divulgado nesta quinta-feira (27) pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) revela que a maioria...

noticias.uol.com.br

Ta vendo. Isso que dá esse negócio de liberar divorcio, primeiro é a mulher agora é todo mundo que acha que pode se separar, ninguém mais respeita os pátrio-poderes.

Que medo. Esses independentistas só podem ser fundamentalistas islâmicos ou comunistas. Já pensou se esses malucos assumem algum governo Estadual aqui no Brasil??? e declaram independência do nosso grande guia moral e cívico o Planalto Central? O que seria de nós? Nas mãos de quem iria acabar toda a riqueza do país? Sem Brasília para

distribuir para o povo a riqueza que nossos políticos produzem com tanto trabalho como esse povo iria viver? Que loucura!

Pior imagine se esse povo começa a achar que pode se livrar não só do governo central, mas de todos governos??? Se começa a achar que pode eleger quem ele quiser, ou pior ainda: achar que pode decidir o que ele quer através de referendos, através do voto direto!!! Que absurdo! Onde iríamos parar? Já pensou onde estaríamos se o povo pudesse escolher se livrar do seu governo quando quisesse? Não teríamos Temer. Nosso grande líder... o que seria do nosso país sem Temer, o governante mais querido do mundo? Que loucura...

Ainda bem que no Brasil não somos loucos. Sabemos viver normalmente dentro das normas da nossa mais completa “normalidade” que vai retornando como o sábio supremo Gilmar Mendes. Que bom que não temos esses subversivos e que vivemos na mais santa paz e obediência a ordem e progresso, sem guerras, impunidade, prisões nem derramamento de sangue, principalmente de inocentes.

Meninos de até 19 anos morrem mais no Brasil do que no Afeganistão

Meninos de 10 a 19 anos morrem mais no Brasil do que no Afeganistão, que vive em conflito armado há 16 anos. Por aqui...

www1.folha.uol.com.br

Sabe qual é o nome disso? Normose. Mas pode chamar de alienação... ou de insanidade coletiva ou simplesmente idiotia mesmo...

Normose é um conceito de filosofia para se referir a normas, crenças e valores sociais que causam angústia e podem ser fatais, em outras palavras “comportamentos normais de uma sociedade que causam sofrimento e morte”.^[1] Dessa forma os indivíduos que estão em perfeito acordo com a normalidade e fazem aquilo que é socialmente esperado acabam sofrendo, ficando doentes ou morrendo por conta das normoses.^[1]

É comum justificar a manutenção de um comportamento não saudável por ser normal, algo que “todo mundo faz”, porém essa justificativa é falaciosa e acaba apenas perpetuando uma sociedade cheia de normoses. — **wikipedia**

Ou como diria o norte-americano medio normal: louco é Kim! Trump é perfeitamente normal...

Já foi normal duas pessoas se digladiarem até a morte para entreter a multidão. Também já foi normal queimar mulheres na fogueira por bruxaria e fazer pessoas trabalharem sem remuneração com direito a castigos físicos só pela cor da pele. Era normal também humanos se alimentarem de sua própria espécie e casarem sem amor. Já foi normal passar 40 horas da semana fazendo algo que se detesta, mentir para ganhar dinheiro e devastar florestas inteiras em busca de um suposto desenvolvimento. Peraí, este último ainda é normal. Afinal, será que ser normal — e achar normais coisas que não deveriam ser — pode ser uma doença?

Segundo alguns psicólogos, sim. A doença de ser normal chama-se, segundo eles, normose: um conjunto de hábitos considerados normais pelo consenso social que, na realidade, são patogênicos em graus distintos e nos levam à infelicidade, à doença e à perda de sentido na vida.

O conceito foi cunhado quase que simultaneamente pelo psicólogo e antropólogo brasileiro Roberto Crema e pelo filósofo, psicólogo e teólogo francês Jean-Ives Leloup, na década de 1980. Eles vinham trabalhando o tema separadamente até que um terceiro psicólogo, o francês Pierre Weil, se deu conta da coincidência. Perplexo, Weil conectou os dois, e os três juntos organizaram um simpósio sobre o tema em Brasília, uma década atrás. Do encontro, nasceu uma parceria e o livro Normose: A patologia da normalidade.

No fim dos anos 70, Crema estava encucado com o fato de muitos autores apontarem uma “patologia da pequenez”: o medo de se deixar ser em sua totalidade. Ele deparou-se com muitos pensadores, entre eles o alemão Erich Fromm (1900–1980), que falava do medo da liberdade, e o suíço Carl Jung (1875–1961), que afirmava que só os medíocres aspiram à normalidade. Crema misturou ao caldo a célebre declaração do escritor britânico G.K. Chesterton (1874–1936), que disse que “louco é quem perdeu tudo, exceto a razão”, e acrescentou os anos de observação e prática em sua clínica pedagógica.

*Assim nasceu o conceito de normose, que, segundo ele, “ocorre quando o contexto social que nos envolve caracteriza-se por um desequilíbrio crônico e predominante”. A normose torna-se epidêmica em períodos históricos de grandes transições culturais — quando o que era normal subitamente passa a parecer absurdo, ou até desumano. Foi o que aconteceu no final do período romano, em relação à perseguição de cristãos, ou no início da Idade Moderna, com o fim da legitimidade da Santa Inquisição, ou no século 19, com a perda de sustentação moral da escravidão. E, segundo Crema, Leloup e Weil, é o que está acontecendo de novo, com a crise dos nossos sistemas de produção, trabalho e valores. -**A doença de ser normal***

De boa, prefiro ser um barão louco em Pontinha do que um não-cidadão de um não-Pais. Com certeza melhor ser um maluco por liberdade do que um imbecil que adora a sua servidão, e serve seu senhor mesmo crente de que ele é servo do próprio capeta! Oxê, vai ser fiel a servidão assim já no inferno, ou por aqui mesmo no Brasil.

Introdução ao Estudo da Renda Básica para o Principado de Pontinha

Quando um amigo próximo disse para não me envolver com o Principado de Pontinha, porque era um sonho maluco eu ri muito...

medium.com

“Iniciativa Cidadã pela Defesa da Democracia na Catalunha”

Trechos da carta da esquerda portuguesa de apoio aos apelos internacionais por democracia na Catalunha.

“A História demonstra amplamente que, para negar o direito dos povos e direitos cívicos tão básicos, é inútil esgrimir a legalidade, porque são ilegítimas as formas de legalidade que ofendam direitos universais.”



28 de Outubro de 2017. Ao fim de onze anos de tensão social e política que começou com um processo de reforma do Estatuto de Autonomia que, depois de aprovado por 85% do Parlamento da Catalunha, foi amputado pelo Congresso espanhol e definitivamente revertido pelo Tribunal Constitucional em 2010, o Governo catalão iniciou um processo de autodeterminação que, rejeitadas pelo Governo espanhol todas as instâncias de diálogo, acabou com uma declaração de independência da Catalunha aprovada pelo seu Parlamento. No mesmo dia, momentos depois, o Senado espanhol aprovou a suspensão indefinida da autonomia da Catalunha. O Governo da Catalunha foi demitido, o Parlamento foi dissolvido (ainda que a Constituição espanhola não dê tal competência ao Governo central), novas eleições estão convocadas, num contexto em que, tudo o indica, muitos dos candidatos às últimas eleições, de 2015, estarão presos ou sujeitos a medidas de restrição da liberdade e se discute da legalidade da apresentação de candidatos que apoiem a declaração de independência. Tudo isto ocorre ao fim de 38 anos da restauração formal da autonomia catalã, depois de esta ter sido revogada pelo General Franco em 1939, no momento em que ocupava militarmente a Catalunha republicana.

2.

Nas últimas semanas, e contra a Constituição espanhola, o Governo, o Ministério Público e as forças policiais espanholas praticaram e continuam a praticar uma multiplicidade de atropelos aos direitos cívicos, políticos e humanos na Catalunha, em especial contra a liberdade de associação e de expressão, tendo já detido funcionários do Governo autónomo e líderes de associações cívicas, e ameaça agora prender os membros do Governo autónomo (acusando o seu presidente, Carles Puigdemont, de crimes que podem levar até 30 anos de prisão), deputados e autarcas, todos acusados de “desobediência” e de “insurreição”, tratando-os a todos como “golpistas”, sem

que, reconhecidamente, algum deles tenha pegado numa arma, conspirado contra a liberdade de algum cidadão ou praticado violência.

3.

Para nós, a independência da Catalunha, o regresso ao estado de coisas anterior ou qualquer outra solução política é uma questão que deve ser decidida pelos catalães, negociada com o Estado espanhol nos termos de tratados internacionais que este assinou, e sobre elas não nos pronunciamos. Isto não significa, contudo, que consideremos que nos alheemos do desrespeito flagrante dos direitos humanos, cívicos e políticos dos catalães ou de qualquer cidadão do Estado espanhol, da mesma forma que o não fazem organizações como o Conselho da Europa, a Amnistia Internacional, a Human Rights Watch ou o próprio Conselho dos Direitos Humanos das Nações Unidas que, já a 28 de setembro, se mostrou “preocupado com as medidas a que estamos a assistir porque violam direitos individuais fundamentais, censurando informação pública e impedindo o debate num momento crítico para a democracia em Espanha”. Como este organismo da ONU, entendemos que “as autoridades espanholas têm a responsabilidade de respeitar os direitos cívicos e políticos que são essenciais nas sociedades democráticas”.

4.

Optando pela via da repressão e da intimidação, suspendendo de facto a autonomia da Catalunha que custou séculos a conquistar, o Governo espanhol assume a atitude que, no passado, abriu caminho para o pior da história de Espanha. Ofendendo um sem número de direitos prescritos na Carta Europeia dos Direitos Fundamentais, o Governo espanhol coloca-se fora do campo democrático e perde qualquer legitimidade em solicitar a solidariedade dos países e dos povos democráticos. A História demonstra amplamente que, para

negar o direito dos povos e direitos cívicos tão básicos, é inútil esgrimir a legalidade, porque são ilegítimas as formas de legalidade que ofendam direitos universais.

5.

Os subscritores deste apelo exprimem-se numa Iniciativa Cidadã pela Defesa da Democracia na Catalunha, associando-se, assim, aos apelos internacionais para que se consiga uma solução política negociada entre as autoridades que representam o Estado espanhol e a Comunidade Autónoma da Catalunha. Mais até do que o legítimo direito à autodeterminação dos catalães, o que está hoje em causa na Catalunha é a democracia e a liberdade. Dos catalães e dos espanhóis, e de todos nós. Assim sendo,

Subscrevem a convocatória:

- André Freire, professor universitário

- Boaventura Sousa Santos, professor catedrático jubilado, diretor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

- Fernando Rosas, professor catedrático Jubilado

- José Manuel Pureza, professor catedrático, deputado do Bloco e vice-presidente da Assembleia da República

- Luís Fazenda, dirigente do Bloco

- *Luís Moita, professor universitário*
- *Manuel Loff, professor universitário*
- *Isabel Pires, deputada do Bloco à Assembleia da República*
- *Pedro Pezarat Correia, general do Exército*
- *Rogério Reis, professor universitário*
- *Rui Sá, engenheiro, deputado da CDU na Assembleia Municipal do Porto*
- *Tiago Barbosa Ribeiro, deputado do PS à Assembleia da República”*

FONTE:

Sessão Pública pela defesa da democracia na Catalunha esta sexta-feira

A convocatória da Iniciativa Cidadã pela Defesa da Democracia na Catalunha é subscrita por André Freire, Boaventura...

www.esquerda.net

3 coisas que aprendi (e que me atormentam) pedindo por Renda Básica como um mendigo institucional

Ou outras lições advindas da experiência da Renda Básica mas não exatamente de Quatinga Velho

Um mendigo institucional é aquele que preside uma instituição mendicante, uma ONG que sem fundos ou capital tenta realizar seu trabalho social sem prostituir sua razão social, seja se vendendo para limpar a imagem de empresas sujas, seja recebendo dinheiro sujo da política ou partidos. Ou seja, no Brasil, uma organização que vive salvo raríssimas exceções, senão da “doação” motivada por incentivos fiscais, da doação motivada por solidariedade ou responsabilidade ou afinidade com a causa social. A gigantesca maioria incluindo as informações sobrevive assim e quase sempre da doação de pessoas físicas, sendo que o grosso do montante é colocado por seus próprios membros que não recebem mas literalmente pagam para trabalhar voluntariamente.

Porém o fato de não ser uma associação comunitária de base, ou seja de pobre para pobre, mas pessoas oriundas da classe média que desertaram para a pobres, colocou a gente em situações absolutamente inusitadas, porque ao mesmo tempo que moravam numa comunidade onde os agentes públicos se achavam no direito de entrar nas casas das pessoas sem pedir autorização, no outro lado, as vezes no mesmo dia fazíamos reuniões na Paulista e Faria Lima com associações patronais e de investidores do mercado financeiro. Por óbvio que nenhum deles nos tomava por seus pares, mas também não éramos na visão deles os

“pedintes”, os nem os “pobres” que moram na periferia a reclamar ou “mendigar” sua ajuda. Isso criou nos deu alguns diálogos insólitos.

Historinha 1: Porque a razão do Dória não me surpreende

O primeiro deles que nunca contei porque não era verossímil, ao menos não a quem não lida com esses tipos. Ou seja parece mentira, mas não é. Ou pelo menos ninguém acreditaria antes do Doria ter dado um exemplo claro de como funciona a cabeça deles. Essa conversa foi em uma entidade patronal não sei se era a FIESP ou outra, sinceramente não me lembro, nem do nome, de uma nem de outra porque fiz questão de apagar até a imagem do elemento da minha memória. Esse elemento depois de ouvir a ladainha básica sobre a renda básica e o projeto de Quatinga Velho. Disse para nós: uma única palavra. “Pombos”. Fizemos cara de intrigados. E ele repetiu, “sim pombos”. Com aquele ar de quem estava contando que já havia descoberto a America faz tempo. Eles sujavam tudo, traziam doenças. Em suma para encurtar a história, deveríamos não dar renda básica mas pombos para “essa gente” comer. Matava 2 coelhos com uma cajada só. Achei que ele estava tirando um sarro, da nossa cara, dizendo alguma coisa absurda porque a renda básica soava absurdo para ele, e entrei na “brincadeira”, e devolvi a ironia. Falei que pombo era até uma iguaria em alguns restaurantes caros na França, que melhor eram ratos que inclusive na Africa em algumas regiões pessoas desesperadas com a carestia já estavam comendo. E então ele se ofendeu. Ficou alterado. Chamou o infeliz do funcionário (um amigo) que tinha trazido aqueles moleques para tomar o precioso tempo dele. Enfim, resumo era sério, Pombos, ratos, comida estragada, lixo. Por isso não me surpreendi com a a lógica humanitária do sinhozinho Dória Jr.

Historinha 2: “Todo mundo sabia...” a grande questão é: como é que ficaram sabendo e porque é que não contaram

Numa outra reunião com Grande Investidores de uma butique de capitais. Também intermediada claro por um amigo tive uma reunião, que uma pessoa mais sincera e muito melhor resolvida inclusive consigo mesma. Ele também ouviu a ladainha, mas prestou mais atenção. No final, concordou e disse que não colocaria um centavo no projeto por 2 razões muito simples: A primeira que preferia doar para crianças com câncer — justo. A segunda, porque esse projeto não era de caridade, mas político e econômico e que estava mexendo com projeto de gente poderosa: o bolsa-família, a única coisa que íamos conseguir, era morrer cedo. Não não foi uma ameaça. Ele não pertencia ao “grupo” logo foi de fato um conselho. Mas mesmo não pertencendo ao grupo ele sabia perfeitamente como funcionava : o que a renda básica poderia fazer, o quanto ela poderia mudar as coisas, e exatamente o quanto ela incomodava. Causas e consequências. Hoje é bunda, mas naquele época, a não muito tempo atrás, nem todo mundo sabia disso, e quem sabia não falava até porque só aumentava ainda mais os riscos da previsão. O que ele não sabia é que nós também já sabíamos isso, e sabíamos porque havíamos descoberto da pior das formas... o que deixou com uma eterna dúvida que nunca mais sentei numa mesa com ele para poder perguntar: ele falava com a certeza daqueles que ou vivenciaram ou testemunham na própria pele, mas suponho pelo pragmatismo com que jogava o jogo não era assim que tinha adquirido tamanha certeza, como teria sido então?

Historinha 3: A força do hábito...

Essa não me lembro quem era, não era um amigo. Sei que estávamos de carona no carro de banco de couro de vidros devidamente blindados indo para uma reunião em outro banco ou escritório. Não importa. Lembro-me dele ter parado no sinal, talvez gostasse de guiar não sei, não tinha motorista, então mantinha um conversa sem pudores de como lidar com as classes subalternas dos empregados. Porque a renda básica era ruim para a disciplina e educação... porque empregados não podem comer com patrões e coisas do tipo... Confesso que já estava em off, só de como corpo

presente como aprendi em 20 anos de escola. Era um farol longo e um adulto veio bater na janela e pedir uns trocados. Sei que ficava melhor para história uma daquelas crianças fazendo malabares, mas naquele período lá por 2012, verdade seja dita de bolsa-família e bolsa-escola, não haviam mais tantos como antes, e como voltei a ver já em 2015. Então se não me falha a memória era um homem adulto mesmo só mendigando. Foi nesse ponto que ele aproveitou a “circunstancia” para reforçar seu discurso:

Tá vendo? — disse ele, mas não tava vendo porra nenhuma, porque lembrando estava desligado. “Tá vendo é como eu disse...” acho que ele percebeu que eu estava cagando e andando para o que ele estava falando e resolveu enfatizar sua aula fazendo uma pergunta retórica: Sabe porque eu não dou nada, nem que mesmo um único centavo? É porque isso degenera não só quem recebe, mas quem dá! Ele não vai parar nunca de pedir. E eu — e aqui vem a moral da história dele- e eu se tivesse o habito de dar não teria o que tenho!!!

Sua lógica, era infalível e mortal. De fato, eu então a época como professor no Terceiro Setor estava familiarizado com os estudos que comprovam o que ele estava dizendo: quem mais doa proporcionalmente e por classes até absolutamente é quem menos tem. Isso eram dados. Mas não precisava deles para perceber. Isso era gritante no cotidiano que eu vivia. Lembrei-me imediatamente dos finais de semana em Paranapiacaba quando os turistas, em geral a “burguesia” do ABC paulista, vinham para aproveitar a vista dessa favela histórica e era então a minha casa, e aproveitam para abandonar seus filhotes sem raça e até de raça mas velhos, porque sabiam, como eu sabia porque via, que em casa de pobre sempre cabe mais um, mesmo quando eles já não tem nem para eles. Como diria o outro, 2 coelhos com uma pancada só.

Lembrei-me que uma das grandes dificuldades dos assistentes sociais para trazer moradores de rua, para abrigo ou tratamento era que eles teriam que abandonar o único animal que não os abandona e nem tratava como lixo, ou com lixo. Mas economicamente a lógica daquele homem era a constatação de um fato: os pobres se tornavam cada vez mais pobres, porque abriam suas portas e janelas, e os ricos cada vez mais ricos, porque as fechavam para não ter que ver, nem compartilhar nada. A única diferença é que aquele homem estava ciente embora não consciente das razões da pobreza e riqueza. Não fingia, nem se conformava, mas fazia apologia dela para todos os públicos. Hoje não sei afinal esse tipo de pudor desapareceu, e não foi crianças pedintes que voltamos a ver nas ruas.

Por isso, não me surpreendeu nem um pouco ao ver Bangladesh um dos países mais pobres e destruídos do mundo, um lugar onde em Daka vi favelas construídas em palafitas não as margens de rios tão poluídos como o Tiete, mas dentro desses rios... não me surpreende em ver Bangladesh- que não tem nenhum governo que seja exemplo de democracia, muito pelo contrário onde soldados do exército patrulham as ruas- não me surpreende em ver os bengalis a receber quase meio Milhão de refugiados, enquanto países mais ricos do mundo, fecham suas portas e fronteiras mesmo sabendo que isso é uma sentença de morte. Não. Não me surpreende nem a insolidariedade dos que tudo tem, nem a solidariedade dos que não tem quase nada.

Em Roma, depois de fugir do Brasil, por causa do projeto, iam a uma Lan house, todos dias, buscando encontrar um lugar para ficar. Dinheiro contado, acabando. Já estamos magros e sujos. Foi então que o dono da Lan House, veio falar conosco, talvez uma desculpa para nos pagar um pão e um café. Conversamos um pouco e ele disse que poderia arrumar um quarto para nós ficarmos, numa casa de imigrante peruano, junto

com bengalis, chineses e polonês, dentro daquele valores que podíamos pagar. No caminho ele explicara para nós, quase como se desculpando, que não tinha oferecido porque não imaginava que conhecerá outros brasileiros que vinham a sua Lan House, e que não imagina que havia nós (brasileiros) “suportassem” viver nas mesmas condições que eles (bengalis) ou (chineses), ou algo parecido. Sim ele era bengali. E coincidentemente trabalhado com microcrédito no Grammen Bank, uma das primeiras referencias para a construção do projeto de Renda Básica.

É dele que guardo a doação mais valiosa que recebi. Doação não, presente, porque não foi para o ReCivitas uma carteira, para que pudessemos encher e cumprir nossa missão. Não preciso dizer que a carteira estava vazia. Ou melhor vazia, aos olhos de um. E mais cheia de valores e importâncias do que qualquer outra que um dia já tive.

Então não surpreende notícias como essa:

ONU eleva número de rohingyas em Bangladesh para 582 mil

[Nações Unidas - A ONU apontou nesta terça-feira que o número de refugiados rohingyas que chegaram a Bangladesh oriundos...](#)

exame.abril.com.br

Mas não é porque eu perdi a capacidade de me surpreender que vou perder junto a capacidade de me indignar. Porque todas as liberdades, mesmo as mais fundamentais que não deveriam podem ser roubadas e destruídas e o são sistematicamente. Todas menos uma, e apenas porque não está nem nunca estará ao alcance do assassino e ladrão. A dignidade, a liberdade fundamental que é a mãe de todas as outras libertadas e libertações dos homens. Ou numa linguagem teológica da “santíssima-

trindade” é o “espírito santo”. O espírito de liberdade, que faz dos homens encarcerados, livres. E dos soltos prisioneiros dos desejos, e taras, suas e dos outros. Dignidade. A forma primordial que dá concretude a toda matéria com substancia propriedade e força de vontade em si. Que move a si e ao mundo e não é movido que distingue os seres vivos das pedras. Ou mais precisamente que fazem até de pedras se elas tivessem ou na medida que tem essa vontade própria seres vivos. Tão vivos a autônomos não quanto tem a sua disposição para poder se mover, mas quanto tem de disposição de se mover, ainda que não possam, ou que tenham que se enfrentar tudo e todos que as impedem. Em suma numa única palavra dignidade. Sem ela nem mesmo o mais rico e abençoada das pessoas ou países do mundo, deixa de ser pobre ainda que dormindo em berço esplendido.

Refugiados. Países que acolhem mais refugiados são os mais pobres

Os números são reveladores e a visualização em gráfico mostra uma conclusão imediata: os países que mais acolhem...

www.publico.pt

Apenas dez países acolhem 56% dos refugiados no mundo, diz ONG

RIO - Em um novo apelo por soluções para a atual crise migratória, a Anistia Internacional (AI) pediu que mais países...

oglobo.globo.com

Seis países mais ricos do mundo abrigam menos de 9% do refugiados; Nações pobres receberam 50%

Estudo foi divulgado pela ONG Oxfam International Um estudo divulgado pela ONG Oxfam nesta segunda-feira (18) mostra...

noticias.r7.com

Emoji 'errado' de hambúrguer da Google gera comoção nas redes sociais

Quando você pensa em um cheeseburger clássico, qual a ordem de alimento que vem na sua cabeça? O tradicional é, de...

www.tecmundo.com.br

Critpomoedas: Porque no Zimbábue 1 Bitcoin vale quase o dobro do mercado mundial: 10 mil dólares?

Ou como destruir um país oscilando entre a estupidez da ortodoxia liberal e o desenvolvimentismo socialista -e como as moedas digitais podem ajudar não só o povão nessas e outras horas...

No início dos anos 2000, de acordo com a publicação, o presidente do Zimbábue, Robert Mugabe, [o laureado pela ONU] encorajou os cidadãos a invadir fazendas de propriedade principalmente de descendentes do Reino Unido. Após essas invasões, a agricultura do país entrou em colapso, o que levou o Banco Central do Zimbábue a ficar sem dinheiro.

Em meados dos anos 2000, o banco decidiu imprimir dólares zimbabuenses para pagar o exército, funcionários públicos e policiais. A impressão em massa de dólares, como seria de esperar, levou a hiperinflação.

O problema ficou tão ruim que as pessoas carregavam de pilhas de dinheiro sem valor e logo começaram a acumular bens para usar como meio de troca. Então, em 2009, Mugabe cedeu e substituiu o dólar zimbabuense pelo dólar americano para se livrar da hiperinflação.

Funcionou e os preços se estabilizaram, mas desde que o Banco Central do Zimbábue não pode imprimir dólares americanos, o país agora os importa para levá-los ao sistema financeiro. (...)

Então, com as intenções de nacionalização, as exportações começaram a desmoronar e agora, de acordo com a Bloomberg, os bancos racionam dólares para apenas US\$ 20 por pessoa, independentemente da quantidade de cada indivíduo em sua conta bancária. Alguns até dormem fora dos bancos para garantir notas antes que elas esgotem.

O banco central do país, para corrigir o problema, começou a emitir as chamadas notas obrigatórias que supostamente têm o mesmo valor que o dólar americano. A maioria das pessoas não as aceita, uma vez que os fornecedores estrangeiros se recusam a aceitá-las, e algumas empresas cobram ágio de até 50% para aceitá-los.

*De acordo com o economista Vince Musewe, o problema no Zimbábue hoje não é a falta de bens para comprar, mas a falta de dinheiro para fazê-lo — exatamente o oposto do que era quando a crise do país começou inicialmente.(...) Para escapar da crise do país, os zimbabuenses agora estão se voltando para uma moeda que não irá decepcioná-los como as moedas fiat: **o bitcoin. -Bitcoin se Aproxima de US\$ 10 Mil no Zimbábue***

Na Venezuela idem

(...)Os consumidores também estão usando Bitcoin e outras altcoins como um meio de liquidar contas e continuar os negócios na economia incerta e volátil.

Como as criptomoedas são descentralizadas, elas são vistas como uma solução simples e segura para a necessidade de uma moeda estável em países onde as práticas governamentais destruíram os valores cambiais. -

Venezuelanos Continuam Usando Criptomoedas para Fugir da Crise

E não só pagando contas... “Vendedores de Itens no jogo ganham mais do que profissionais formados na Venezuela”

Recentemente, houve muitos relatos de venezuelanos fazendo “Gold Farm” em um MMORPG chamado Runescape. As manchetes recentes explicam que os venezuelanos no jogo estão vendendo os itens coletados no jogo por bitcoin para se sustentarem na vida real. A venda de itens por dinheiro real sempre foi considerada uma operação controversa e rentável, uma vez que o jogo online tornou-se extremamente popular. O modelo de negócios começou a tendência na China, onde os jogadores adquirem moedas ou itens do jogo e depois os vendem por “dinheiro real”. (...)

Os venezuelanos que jogam o jogo Runescape estão focados em matar “Green Dragon”, um dragão que é possível coletar 500 mil de ouro do jogo por hora, o que equivale a US \$ 0,50 em dinheiro real quando vendido. A maioria dos jogadores está fazendo cerca de US\$ 0,50 por hora, que supostamente é um salário melhor do que a maioria no país. Alguns venezuelanos podem fazer até US \$ 2–3 por hora se tiverem habilidade suficiente para matar o Boss Zulrah repetidamente e fazer aproximadamente 3 milhões de ouro por hora dentro do jogo. Os venezuelanos com esse nível e habilidade no jogo estão ganhando mais dinheiro que a maioria dos profissionais do país com

diplomas universitários. -Venezuelanos Vendem Dinheiro Dentro de Jogo e Transformam em Bitcoin

Como isso é possível?

Um: 1 bitcoin vale mais de 100 milhões de bolívares

*A hiperinflação está devastando a **Venezuela**. E agora chegou ao ponto em que um satoshi (0.00000001 BTC) é equivalente a um Bolívar Venezuelano (Moeda da Venezuela).*

A taxa de câmbio usada é a da plataforma de negociação P2P LocalBitcoins desta quinta-feira.

*O preço por unidade de Bitcoin em VEF (Bolívar Venezuelano), está atualmente em torno de 104 milhões. — **Um Satoshi é Igual a um Bolívar Venezuelano***

Dois (e mais importante): o salário mínimo na Venezuela alimenta uma família por 2 dias

Caracas, 21 out (EFE).- Os venezuelanos precisam de quase metade de um salário mínimo para cobrir as necessidades básicas diárias de uma família de classe média do país(...)

“Um trabalhador precisa de 61.495 bolívares diários (menos de US\$ 20 no câmbio oficial) para alimentar sua família, levando em consideração o salário mínimo de 136.544,18, vigente a partir de setembro”, diz o relatório.

Segundo o estudo, divulgado hoje pela imprensa local, uma família precisaria de 13,5 salários mínimos apenas para cobrir as despesas básicas de alimentação em um único mês.

Além do salário mínimo, os venezuelanos recebem um cupom do governo para adquirir alimentos. Depois do último aumento, ele passou a valer 189.000 bolívares (US\$ 56 no câmbio oficial).

*“Uma casa com dois salários mínimos e dois tickets de alimentação consegue fazer compras suficientes para fazer compras para 11 dias. E se há apenas um salário em uma casa, é suficiente apenas para comprar alimentos para seis dias para seis dias por mês”, diz o documento do CENDA, que registra aumento dos preços de 11 alimentos da cesta básica.(...)- **Venezuelanos precisam de meio salário mínimo para alimentar família por 1 dia***

Mas não só para tentar escapar da carestia ou pagar contas em econômicas destrocadas pela politica econômica monopolista dos governos as moedas digitais podem servir. Elas também podem ser uteis para escapar da própria monopólio político, jurídico e financeiro que permite pilhar ou destruir as economias e sociedades.

O governo da Catalunha — estado que está vivendo uma crise de “identidade” e busca sua independência da Espanha — planeja seguir o exemplo da Estônia e criar uma economia paralela na nuvem. Isso foi declarado pelo Ministério da Economia da Catalunha e noticiado pelo jornal El país.

De acordo com a publicação, uma pequena amostra foi realizada pelo programa de residência eletrônica na Estônia — que estava preparando-se também para emitir sua própria criptomoeda — destinado a pequenos e médios empresários.

Foi relatado que especialistas catalães já pediram ajuda ao fundador do Ethereum, Vitalik Buterin, que os orientou a realizar uma ICO para a plataforma residente virtual.

O governo da Catalunha espera que o surgimento de sua própria moeda criptográfica crie uma comunidade econômica absolutamente independente, escondida dos olhos dos bancos centrais — e de outros órgãos reguladores.-

Catalunha pensa em lançar moeda nacional

Ou ainda diminuir a vulnerabilidade e aumentar a competitividade da economia de mercado de um país, mesmo com um PIB “pequeno”, frente as guerras estado-cambiais e especulações do grande capital financeiro transnacional. O que na prática significa a independência de fato- que por “acaso” não temos no Brasil.

A República da Estônia pode se tornar o primeiro país do mundo com uma oferta inicial de moedas (ICO) apoiada pelo governo além de ter seu próprio token, o ‘Estcoin’.

A Estônia é um dos principais países da Europa Oriental que desenvolve e recebe as inovações de FinTechs. Há alguns anos, o governo da Estônia lançou um programa de residência eletrônica que permite a qualquer pessoa do mundo possa obter uma identidade digital emitida por ele e registrada na Blockchain. O projeto visa construir uma nova nação digital, impulsionada pela República da Estônia. Ele permite que os residentes eletrônicos recebam as vantagens da identidade convencional, juntamente com um cartão de identificação inteligente emitido pela Polícia da Estônia e da Guarda da Guarda e acesso aos serviços públicos da Estônia on-line, e até mesmo iniciar e administrar uma empresa on-line.

Hoje, a nova proposta trata-se do primeiro ICO de um governo e tem o potencial de beneficiar o país e sua comunidade no rápido crescimento de residentes eletrônicos. ‘Estcoins’ poderia ser gerenciado pelo governo da Estônia, mas acessado por qualquer pessoa no mundo através do seu programa e-Residency. -Estônia Vai Lançar Primeiro Token Estatal

Não Pode, não...

A notícia de que a Estônia estava considerando sua própria moeda digital chegou aos ouvidos de Mario Draghi, presidente do BCE. Draghi rapidamente apontou que uma moeda estatal não funciona na zona do euro. Ele disse:

“Nenhum Estado-membro pode introduzir sua própria moeda; a moeda da zona do euro é o euro “. -Estônia não pode fazer sua própria moeda digital

Porém a corrida não pára

No Reino Unido, o governo está atualmente fazendo o piloto de um sistema baseado em Blockchain para o pagamento de reclamantes de benefícios para a saúde. Na Rússia, Vitalik Buterin assinou um acordo com um banco estatal russo para a criação de um sistema nacional especial denominado Ethereum Russia.

O governo da China, entretanto, desenvolveu um protótipo de uma criptomoeda nacional prospectiva no país desde junho de 2017. Em setembro, a China decidiu regulamentar melhor as ICOs banindo-as e eventualmente, considerando o licenciamento como uma opção na sequência. -Corrida para ser o primeiro “criptopaís” do mundo

Prefácio ao Estudo da Renda Básica para o Principado de Pontinha

Caro André

Insólito. está é justamente a palavra que define o desafio do trabalho. Não porque consideramos o Principado- ou muito menos a renda básica nele ou qualquer outro lugar insólita- mas justamente porque até nos lugares mais prováveis e evidentes ela precisa dessa vontade de concretizar. Esse é o desafio do Principado- no fundo de qualquer lugar do mundo com mais ou menos condições: Como constituir a concretude daquilo que é para muitos também insólito a partir de lugares que também aparentemente não possuem a concretude necessária? Ou mais: como contribuir com a solidez das fundações que irão abrigar os programas que se pretende se constituir? Este é justamente a proposta do estudo: apresentar uma alternativa- entre muitas, não duvido- para viabilizar uma renda básica, a partir não só de uma pequena população, ou um pequeno território, com uma quantidade ínfima de recursos financeiros. Mas fazê-lo, onde não se possui absolutamente nenhum fundo ou riqueza disponível para bancar a renda básica de ninguém, e até mesmo onde os territórios não comportam nem jamais comportarão grandes populações. No entanto, por outro lado possuem algo que falta a todos os outros territórios do mundo: uma vontade política soberana, para querer mesmo fazê-lo de fato.

Na verdade, é um estudo bastante modesto e preliminar, que busca apontar não só uma alternativa de como seria possível implantar a renda básica no Principado, mas como é possível através da renda básica contribuir ao processo de constituição esses territórios livres:

formando os fundos, a população e força política necessária ao menos para lutar por sua soberania. No entanto é um estudo tão sucinto e modesto que se eu o resumisse aqui praticamente já teria descrito toda a proposta, sem contudo sequer sugerir toda a potencialidade que a renda básica possui na construção destes processos independentistas e soberanistas. E se pequenos e solitários Principados e vilas sem sequer a autonomia de principado em disputa por seu reconhecimento que dirá de populações muito maiores, com recursos e devidamente reconhecidas.

Segue então a introdução do estudo, que considero um convite a sua leitura: o estudo preliminar pode ser baixado gratuitamente no seguinte sítio e pago neste outro. É exatamente o mesmo texto que não tem de modo algum a pretensão de dar as respostas sobre essa questão, muito pelo contrário, tem a intensão de abrir esses questionamentos ao amplo debate: tanto da renda básica fora da caixinha dos velhos Estados-Nações, quanto da renda básica dentro da nova caixinha das novas micro-nações, essas nações reconhecidas como Estados, ou não. Sejam essas rendas básicas reconhecidas como tal, ou não.

Minto, o estudo guarda uma pretensão, mais pode chamar de esperança: que venham novamente mais estudos e experiências maiores e melhores que este, e que ampliem ainda mais as fronteiras das renda básicas para além do lugar comum que não por acaso até hoje, salvo o desvio padrão, continuam ser o lugar nenhum.

Enfim, obrigado pelo retorno e consideração do suas questões André, não sei se você imagina o quão o importante é isso. Mas sabendo ou não fica o registro que nós o reconhecemos... obrigado a voce e a todo os amigos do Movimento pelo Rendimento Básico de Portugal.

Abraços

Marcus Brancaglione

Mas vamos a introdução que segue a mesma toada...

Introdução ao Estudo da Renda Básica para o Principado de Pontinha

Quando um amigo próximo disse para não me envolver com o Principado de Pontinha, porque era um sonho maluco eu ri muito...

medium.com

[https://www.clubedeautores.com.br/book/243805--](https://www.clubedeautores.com.br/book/243805--Estudo_da_Renda_Basica_para_o_Principado_da_Pontinha#.WfXjEFu3yxl)

[Estudo_da_Renda_Basica_para_o_Principado_da_Pontinha#.WfXjEFu3yxl](https://www.clubedeautores.com.br/book/243805--Estudo_da_Renda_Basica_para_o_Principado_da_Pontinha#.WfXjEFu3yxl)

ReCivitas Basic Income Democracy

Renda Básica Democracia Direta e EcoLibertarismo

Introdução ao Estudo da Renda Básica para o Principado de Pontinha

Quando um amigo próximo disse para não me envolver com o Principado de Pontinha, porque era um sonho maluco eu ri muito. Quem sou eu para negar a possibilidade de concretude dos sonhos e utopias? Ou melhor, quem seria eu se depois de realizar a minha, passasse para o outro lado a renegar a dos próximos? O Principado de Pontinha não tem os fundos, não tem a população, não tem o território nem o suporte de nenhuma

grande Estado-Nação. Está para os olhos destas grandes Estados e nações como esses estão para grandes potências nacionais e transnacionais. Mas, a experiência de Quatinga Velho tinha menos ainda, ou melhor nem sequer nada disso tinha ou tem, nem sequer existia no mapa e continua não existindo aos olhos cerrados de muita gente, mas lá naquele pequeno lugar um rendimento básico é uma realidade, porque não então em Pontinha, que é muito mais concreta e já conquistou muito mais antes mesmo de ter a sua renda básica incondicional? Como, ou porque o Principado de Pontinha não poderia tendo infinitamente mais potencial de realizar esse projeto se tudo o que precisa e falta as demais nações, micro ou macro, tem a vontade soberana de realizar de fato esse programa?

Talvez a quem esteja acostumado com facilidades ainda que ao preço da sua liberdade, Pontinha não tenha nada. Mas para quem está escaldado nas dificuldades que a liberdade e independência exigem, o Principado não só tem todo potencial que basta. Tem todo esse potencial e muito mais para superar as adversidades que o mero sustentar da liberdade exige, seja como direito de autodeterminação econômica, seja política. Porque em verdade essa mera abstração que aparta e desintegra o direito econômico do político já constitui a perda e consequente alienação de ambos junto com seus legítimos titulares em favor de um poder terceiro, a usurpá-los. O Principado Pontinha sabiamente entendeu o que muitos grandes Nações Continentais não entenderam: soberania e autodeterminação política e econômica não se pedem nem se reclamam, se conquistam e proclamam. Não são dadas de graça, são constituídas pelos direitos que lhe são legitimamente inalienáveis. E nisto, com ou sem renda básica já está a ser um exemplo aqueles que mesmo podendo muito mais no ser livre e soberanos, preferem o não ser da submissão e servilidade.

As pessoas em geral julgam a realidade e o real pelo que está posto e imposto. Poucos são os que olham para futuro naquilo que se pode ou até se deve fazer. Ou se lembram que se não fosse esses homens de certo viveríamos com toda a segurança... das cavernas.

Sonhar e projetar não é uma questão meramente de criatividade e imaginação. É uma questão antes de tudo de fé e força de vontade. Alguns se contentam em se masturbar e gozar mentalmente com uma ideia, mesmo sabendo que isso é apenas fantasias e fugas do real, outros pelo contrário abraçam e se contentam com esse como realidade ainda que tudo que ela tenha a lhe dar seja sofrimento e não gozo da vida, a não ser o gozo da vida alheia. Mas há aqueles que tem ainda fé na criatividade e liberdade humanas. De manhã são chamados de utopistas. A tarde de pioneiros. E a noite os pais das já nova realidade que amanhã já será a velha. Mas também a mãe de todas as novas. Sem fé na sua criatividade a pessoa humana é estéril, não de corpo mas de alma.

Principado de Pontinha, pode ainda ter um corpo minúsculo perante os gigantes e dinossauros que ainda caminham sobre a terra. Mas ele quer se concretiza ou tem algo que não tem preço: tem alma. E é esse espírito que como os sonhos invisíveis aos olhos dos cegos pelo material e materialismo que move o mundo em direção aos lugares ainda não navegados e desconhecidos, sem os quais o mapa-mundi não tem o menor sentido: os novos mundos, ainda que escondidos e esquecidos dentro de toda a riqueza humana e histórica dos velhos.

Pobre do homem unidimensional que pensa que para além dos limites do seu horizonte de eventos tudo que aguardam as naus que ousam sair deles é o abismo do nada. Não veem que estão eles condenados a viver no mais profundo vazio e nulidade da ditadura e distopia do mesmo. Esta sim, a farsa do real como projeção da naturalidade, o arcabouço do homem

ainda acorrentado na infância da sua humanidade, a viver acorrentada na idade das cavernas. Uma criança grande, com a espiritualidade da criança e sem a maturidade e sabedoria do velho que sabe que a vida sem a concretude dos sonhos é uma vida de saudades. Seja a saudade do futuro dos países que nunca tiveram sequer um presente, seja a saudade do passado dos países que um dia esqueceram dos caminhos para os futuros.

Principado de Pontinha é porto e nau. E pobre do homem que não consegue tudo que ele significa e pode vir a significar, porque está condenado a viver em galés, seja como um degredado além mar, ou na sua própria terra natal.

Estudo da Renda Básica para o Principado da Pontinha

Principado de Pontinha é porto e nau. E pobre do homem que não consegue tudo que ele significa e pode vir a significar...

www.clubedeautores.com.br

ReCivitas Basic Income Democracy

Renda Básica Democracia Direta e EcoLibertarismo

Idiocracia, Idiotas e Idiocratas... no Brasil

Uma idiocracia, é sempre uma relação de quem se acha muito esperto e outros ou outros idiotas. E de alguém que idiota ou não é por causa da posição que este ocupa de qualquer forma tratado como tal. Mas isso não obrigada, a você engolir as bobagens que outros falam sejam como repetidores idiotas sejam como ideólogos da idiotia: os idiocratas.

Compre essa historinha do teto do Lula e Bolsonaro que você, vai terminar tendo que escolher entre um dos dois. Nas pseudo-democracias: onde o acesso é a candidatura é restrito as gangues partidárias e o a possibilidade de não votar em nenhum candidato que essas gangues impõe é nula. Isto significa matematicamente falando que se nem a mãe do canalha votar nele, e todos os demais anulassem o voto que o único até de quem nasceu de chocadeira, ou até de um Temer seria o suficiente para eleger o canalha com 100% dos votos válidos. E isto também significa que não existe teto. Porque se Temer por exemplo de fato concorresse, até o macaco Tião se elegeria. Não há teto. Eleição é uma ilusão de decisão. É como ir a um mercado querendo comprar pão, mas que só tem bosta e lixo, e quem decide não comprar nenhum dos dois, acaba levando para casa e tendo pagar e engolir o que o outros compraram também para ele, querendo ou não. É um jogo de cartas marcadas, os donos da jogo, a casa, sempre ganham, porque todos os produtos pertencem a eles os donos do jogo. E se não pertencem ou não pertencem mais de duas uma: ou eles tiram a força o produto do mercado, ou fecham o mercado, e só abre até o produto ter perecido de vez. E se esses donos quiserem muito que você leve um determinado produto que ninguém quer, a solução é fácil, basta maquiagem qualquer produto estragado ou reciclar o lixo, e coloca-lo do lado do resto completamente podre e sem embalagem, e deixar que o cliente consumidor de políticos, o idiota tenha a sensação de que escolher, o que eles o dono do mercado, os idiocratas, já impuseram como única escolha para ele.

Então, “meu querido” não há tetos, nem chão na política, porque você vai ter que levar e pagar, mesmo sem escolher nada, até o pior dos lixos tem um potencial infinito desde que concorra com um monte de merda, que conseguem ter o dom de conseguir ser mais asquerosos e repugnantes que ele. Por isso que não há cabo eleitoral universal melhor do que Temer. Na idiocracia Temer virou o cabo eleitoral de todos os candidatos- mesmo aqueles que só vão se disvincular dele aos 46 minutos do Segundo Tempo.

Ele é 3 em 1. É a cabra na sala cagando e cagando que ao mesmo tempo que faz o serviço sujo, que caga os interesses dos donos do jogo na cabeça das pessoas, e mantém os idiotas sonhando com alguém que o tire de lá, e servindo de referencial mais baixo possível ou seja, mantendo uma perspectiva onde até um macaco de zoológico que não jogue seus excrementos nos visitantes será melhor do que ele.

Ou seja quem está dizendo que político tem teto ou não conhece teoria dos jogos, e é um idiota bancado o idiocrata, ou conhece e muito bem, e portanto um idiocrata se fazendo de idiota. Problema dele. O nosso é que essa conclusão é falsa. Em sistemas de escolhas fechadas, como as eleições, qualquer opção tem a possibilidade ilimitada de valoração, porque suas possibilidades de crescimento não dependem do seu valor intrínseco, mas do valor relativo dos concorrentes disponíveis. Se as pessoas não fossem obrigadas a comprar, isto é se o voto nulo, não fosse um protesto mas significasse “troque o lixo” seria diferente. Assim como seria também diferente se as pessoas controlassem esses mercados ou pudessem abrir livremente concorrência. Mas não podem. Em 2018 vão ter que comer lixo. E lembrando isso se eles não fecharem o mercado até se livrarem dos produtos que não fazem parte do cartel dos donos, ou foram expulsos deles. E não estou só falando do Lula. Estou falando também do Bolsonaro.

Há cenários políticos que os analistas e cientista políticos quase nunca consideram, seja porque não tem coragem de tornar público, seja porque ganham para sequer o aventá-lo, seja ainda porque não querer nem lidar com a mera possibilidade dele ocorrer. Um deles que não é nada improvável é o completo derretimento dessa farsa democracia, o outro é a permanência de gente que tem o poder de fato, não aceitaria na presidência. Ninguém chega a presidência (vide Lula e a sua famosa carta) e nem fica sentado nela (vide Dilma) sem beijar a mãe a anuência

dos grileiros desse terra chamada Brasil, não chega, não fica, nem se sequer concorre sem que eles tenham absoluta certeza que independente dos discursos, na prática eles estão subordinados e servem aos seus interesses. Nem Lula pós-Moro, nem Bolsonaro transmitem essa segurança ao “mercado”. Daí a busca desesperada por um engana-trouxa para colocar nas prateleiras o ano que vem, tipo um Huck ou qualquer sub-produto do gênero.

,Só tem um problema, (para eles): A quantidade de pessoas que já sabem que esse mercado é Friboi é muito maior do que eles querem imaginar ou pesquisar. A quantidade de pessoas que sabe que é não vive uma democracia, que não é tem cidadania de verdade e que sua liberdade não passa de uma “propaganda de refrigerantes” é não em termos relativos, mas absolutos, infinitamente maior do que por exemplo 2012, quando fiz publicamente minhas primeiras defesas da democracia direta.

E não só isso. Não é só o número de pessoas cientes da farsa histórica da democracia e república brasileira. É o número de pessoas que tomaram coragem para apontar e dar nome aos bois. Em 2010, um ativista de periferia que ousasse enfrente de fato, os poderosos chefões da política, ou até mesmo os coronéis locais, ou fugia ou morria e todos tinham até medo pronunciar o nome dos mandantes. Hoje não mais, eles continuam ameaçando e matando, mas as pessoas não se calam mais. E isso vem num crescente exponencial. Veja por exemplo a reverencia forçada a Gilmar Mendes, aquele ministro que só os seu pares pode dizer o que ele é, ou pelo menos o que eles pensam dele sem um risco de processo, a saber: advogado de bandido. Monica Iozzi pagou um preço mais alto, por sua liberdade de expressão, por ofender a presssuposta e imposta honra desse coisa suprema, mas a coragem dela de falar o que pensa entre outros e contra outros, foi o que nos empurrou para o momento que estamos. E sei que não deve ter sido fácil, porque quando você diz algo

numa massa em que todos estão já gritando é uma coisa, outra é quando você fala, quando ninguém ou poucos estão denunciando tomaram a palavra.

A quem diga que o momento que estamos vivendo é um desgracia, que quem queria isso queria o pior para o Brasil. Essas pessoas se não são o câncer do país são pior são advogado e leão-de-chácara dos cânceres do povo brasileiro. Um câncer é literalmente contra isso que estamos lutando. E o mal que de que estamos morrendo não é o tratamento, mas justamente o fato de termos desistido de parar o tratamento. Porque esse câncer — seja silencioso com antes, ou cheio de pústulas e feridas expostas como Temer, Gilmar, Aécio, Lula, e seus efeitos colaterais com potencial de ser ainda piores como Bolsonaros da vida- como ou sem tratamento iria continuar matando as pessoas. E nem duvido que consiga fazê-lo, mas não é por isso que temos render. Muito pelo contrário.

Democracia não é hipocrisia... é idiocracia mesmo

Enquanto corre solta [a manifestação da extrema-direita pseudônimo para o movimento NFFS, Nazistas, Facistas, Franquista e Simpatizantes](#) essa declaração é um verdadeiro teste para o grau de imbecilização não só dos espanhóis, mas de qualquer idiota que viva numa idiocracia como no Brasil, faça o teste:

(...)O governo espanhol disse, neste sábado, que sua participação seria bem-vinda nas eleições regionais que serão realizadas em dezembro. O porta-voz do governo, Íñigo Méndez de Vigo, afirmou à Reuters TV, que, se Puigdemont quiser continuar na política, “o que é seu direito, ele deveria se preparar para

as próximas eleições”. (...) Mais cedo, o delegado do governo central na Catalunha, Enric Millo, afirmou(...)[:]

*— Evidentemente, todos os partidos que estejam registrados podem se apresentar. Esta questão legal não mudou — afirmou. — **O objetivo da independência é legítimo, ninguém disse o contrário. O que se está dizendo nesses momentos é que se defenda a própria democracia, a própria legalidade.**[grifo meu] — *Governo espanhol quer que presidente deposto na Catalunha participe das eleições**

O “objetivo da independência é legítimo...” desde que não ocorra e ninguém tente de verdade fazê-lo. Ninguém pode negar, é ou não é um legítima nação cristã? O objetivo do paraíso é legítimo desde que ele só aconteça depois do fim do mundo.

Não democracia não é só hipocrisia. Democracia é antes de tudo uma idiocracia. Não basta só ter um lado cara de pau extraordinária de um inquisidor para cortar as pernas e de alguém e dizer ela anda nem foge porque não quer... é preciso um grau de imbecilização e credulidade extraordinária que merece a beatificação para ouvir uma coisa desta, com o corpo do morto na frente, o criminoso banhado em sangue, a faca pingando, e dizer: “sabe de uma coisa? acho que ele tem razão” É preciso muita imbecilidade servil ou muita pusilanimidade autoritária, ou ambas (porque uma coisa não exclui a outra) para comprar um discursos tão desconectado ao vivo e em tempo real da prática. Tem que gostar muito de lambar as botas cheias de merda dos poderosos sem precisar ser pago ou ameaçado, tem que ter fazer por gosto.

“Bons tempos aqueles onde podíamos viver **todos juntos mas separados**... sem nenhum cidadão de segunda classe para reclamar...” especialmente os não-brancos...

“É uma brincadeira, é grotesco”, disse Josep Balcells, um catalão que foi até o parque para ver a nova e peculiar atração.

“Alugar um cruzeiro com o Looney Tunes para abrigar a polícia espanhola é de muito mau gosto. É ridículo. Os personagens foram cobertos com lonas, mas todos podem vê-los”, disse Quim Portet.

*Os turistas também ficaram surpresos. “Por que o Ministério do Interior colocaria a polícia espanhola em um navio como esse?”, disse a argentina Míriam V., que admitiu não saber o que realmente estava ocorrendo na Catalunha. — **Piu piu vira símbolo de separatistas catalães (e eles acham isso ofensivo, imaginem como se sentiriam se fossem brasileiros, bem talvez não sentissem mais nada...)***

Talvez seja por isso que o único político que até agora se pronunciou em favor da Catalunha tenha sido o Prefeito de Dublin (Irlanda). E suas palavras são auto-explicativas:

“Sabemos bem o que é ser tratado como cidadãos de segunda”

Prefeito de Dublin diz que Catalunha merece independência

Mais uma notícia diplomaticamente indigesta para o governo espanhol circulou nesta sexta-feira (29), com a propagação...

taizabritomundoafora.ne10.uol.com.br

Mas o que é que tem com a Irlanda com a Catalunha? Tudo. Tanto quanto a Irlanda do Norte também com o País Basco. E a Espanha, com o Reino Unido.

IRA e ETA - Cola da Web

IRA e ETA são dois grupos terroristas europeus que reivindicam o domínio de diferentes territórios do continente...

www.coladaweb.com

Domingo Sangrento (Domhnach na Fola, (em *gaélico*); Bloody Sunday, (em *inglês*) foi um confronto entre manifestantes católicos, protestantes e o exército inglês, ocorrido em *Derry*, na *Irlanda do Norte*, no dia *30 de janeiro* de *1972*. O movimento teve início com uma passeata de dez mil manifestantes que pretendiam, saindo do bairro de Creggan em marcha pelas ruas católicas da cidade, chegar até a Câmara Municipal. Antes disso, entretanto, soldados ingleses partiram para a ofensiva e dispararam contra os manifestantes, deixando 14 activistas católicos mortos e outros 26 feridos.^[1]

Das quatorze vítimas mortas, seis eram menores de idade e um sétimo ferido faleceu meses depois em decorrência dos ferimentos. Todas as vítimas estavam desarmadas e cinco delas foram alvejadas pelas costas. Os manifestantes protestavam contra a política do governo britânico de prender pessoas suspeitas de terrorismo sem um julgamento prévio e contra as desigualdades religiosas presentes na Irlanda do Norte. O incidente terminou por fortalecer ainda mais o *Exército Republicano Irlandês* (IRA), — organização clandestina que lutava pela separação da Irlanda do Norte em relação ao *Reino Unido* para obter posterior união com a *República da*

*Irlanda — e por aumentar ainda mais o ressentimento dos católicos para com o Reino Unido. — **Domingo Sangrento (1972) — Wikipédia***

Estado: o eterno bode na sala.

Catalunha: Começou a violência e adivinha contra quem?

Três feridos em ataque a edifício da rádio da Catalunha

O edifício da rádio da Catalunha foi atacado, na noite de sexta-feira, por um grupo de manifestantes a favor da unidade...

www.tvi24.iol.pt

Mas como disse Rajoy para Puigdemont; o carrasco para a vítima; o Estado para o Povo; o imperador ao insurgente; e o violentador para o violentado “foram vocês que me obrigam a fazer isso”. Ou como nos termos do estuprador sobre a vítima “foi ela que pediu por isso”. É óbvio que a culpa é portanto da Catalunha: “Se não estivesse ido a rua mas ficado em casa, quieta e obediente, se não se comportasse dessa forma libertina, se não tivesse traído o governo Espanhol, ninguém jamais precisaria ensinar essa lição a ela.”

Do pátrio-poder ninguém se separa, a não ser morta. Porque isso é uma ofensa e crime de sedição. traição e ofensa a honra se pune com os armas, prisões e se preciso for mortes.

Só conhecemos a natureza das pessoas e estados em duas situações quando elas passam por privações ou são contrariadas. Onde tudo corre sem crise exatamente como elas querem até o mais perigoso e autoritário

dos homens ou Estados parece a mais tolerante e pacífico dos seres. Não é que o mal de repente aparece do nada, é que nas horas derradeiras os homens, seus cultos culturas mostram a verdadeira face, dos ritos e costumes e tradições. Aquelas que formam seus atos e caráter e não perfumam e enfeitam suas vestes, títulos e discursos.

Não há ilusões basta alguém clamar pacificamente por liberdade para imediatamente alguém se levantar com todo a violência para defender o seu poder. Ainda que ele não seja a cabeça mas apenas as patas do corpo monstro totalitário, porque a inconsciência coletiva a egregora é uma só. E não tolera divergentes, nem sabe lidar com diferenças senão atacando os diferentes e dissidentes. Heil, o uno. Heil, o poder total, heil, os todo poderosos. Porque deles é os reinos do céu e da terra porque assim está escrito.

É só o começo. Os fundamentalistas, conservadores, reacionários, autoritários, estão fora do armário, e a legalidade está supra-oficialmente do seu lado, porque afinal de contas, fora a fardas é de fato exatamente o mesmo. E não é só na Espanha, mas não mesmo.

Ps: É claro que foram os próprios catalão que jogaram a bomba para se vitimizar. O artigo 155, vai destituir o governo na Catalunha distribuindo beijos abraços e flores, para quem sentar nas escadarias. Como no referendo. O resto é obviamente *fakenews*. Montagem. Nunca houve sequer fascismo na Espanha ou massacre na Catalunha antes da Segunda-Guerra. Isso é invenção de esquerdista. O reino da Espanha é uma monarquia hippie. E o general Franco era na verdade stalinista, não sabia, olha lá ele como o marxista-leninista do Hitler!

Catalunha: existe alguma chance do novo país não ser esmagado pela Espanha e UE ? Se sim, qual?

Neste caso vou abandonar meu insuportável para muita gente ar de pitonisa, para entrar meramente no campo da especulações. Porque agora não estamos falando de causas e consequências sobre uma cadeias de ações e reações já deflagradas — que como nós vimos , mesmo não querendo acabam levando as pessoas a tomadas de decisões que não eram exatamente as que elas queriam ao menos não naquele exata momento. Como vamos tratar meramente de possibilidades ditadas muito mais pela livre iniciativa e sobretudo pela tamanho da força de vontade daqueles que vão tomá-las e logo o fator determinante é altamente dependente por definição do imprevisível e imponderável, o exercício dessas liberdades não como pré-condição mas como capacidade e potencia humana, vou simplesmente ignorar os movimentos parte a parte que podem influenciar essas posições e tomá-las pura e simplesmente como tal: meras possibilidades.

Pode portanto haver outras que não vejo, ou mais precisamente que essa visão e abordagem esteja desconsiderando. Mas com absoluta sinceridade dentro das imensas possibilidades da Catalunha ser esmagada, a única chance que vejo dela conseguir manter sua indecência ou quiça enfim conseguir meramente sentar numa mesa de negociação para definir os termos pelos essa transição se dará de forma progressiva e pacífica é a na sucessão dos seguintes eventos:

Se durante a resistência com protestos e manifestos pacíficos outras comunidades autônomas começaram também protestos e manifestações pacíficas de vulto similar seja em solidariedade a Catalunha, seja contra a Espanha, seja ainda para reclamar sua própria independência, ou com tudo isso devidamente junto e misturado.

Somente se os protestos e manifestações se espalharem por outras regiões da Espanha, obrigando o poder central a dividir a sua ação em várias frentes, é que a Espanha se veria obrigada a fazer um recuo estratégico, e dependendo do quão adverso e explosivo seja os efeitos dessas ocupação da Catalunha frente a opinião

pública nas diversas regiões, tenha até mesmo que trocar imediatamente que trocar o seu alto comando o PP. E iniciar imediatamente uma estratégia de contenção de danos, negociando a independência com Catatunha, garantindo imediatamente mais autonomia federativa para outras regiões para conter os ânimos. Claro que a Espanha poderia dobrar a aposta na ação repressiva em todos os lugares, mas isso a longo prazo, só iria aumentar um explosão independentista ainda mais forte no futuro e quiça coordenada entre as regiões pela solidariedade entre os esmagados.

Fora isso. Ou melhor sem isso. Dificilmente a população da Catalunha conseguirá resistir por muito tempo. E embora seu vontade de se ver livre da Espanha aumenta, a esperança de conseguir fazê-lo irá decair até o limite da brasilização bovina do seu povo ou a guerra civil — a qual acho improvável não pelo cultura catalã, mas pela completa desigualdade de forças militares e econômicas entre os Estados-Nações e os povos sob seu domínio no mundo contemporâneo. As táticas de guerrilha urbana já eram, se é que algum dia foram. De modo que tudo o que a Catalunha tem em seu favor, é na verdade o caráter autoritário da

intervenção espanhola, não para despertar qualquer ajuda internacional, porque nenhum outro grande potencia vai defender qualquer ingerência em um Estado de brancos europeus, isso é coisa, para Haiti, Africa, Oriente Médio, America-Latina Eslavos e outras sub-raças aos olhos deles.

De modo que o apoio mesmo da opinião pública internacional, da sociedade civil organizada de outros países, pode ajudar e influenciar muito pouco. Porque é fato, a questão da independência Catalã e uma questão dos catalães, mas a guerra do governo Espanhol contra a Catalunha é uma questão dos espanhóis, ou mais precisamente dos povos que ainda se consideram e respondem obrigados ou não a condição e identidade da cidadania espanhola. São esse povo essas sociedade e sociedades organizados que assim como catalão que pressionou o governo catalão para que ele não ousasse voltar atrás traindo o seu voto de confiança, são esses espanhóis, seu apoio ou censura a seu governo que definirá a capacidade também do governo Espanhol de manter sua ocupação.

É como ter um Vietnã só que dentro de casa.
Resistência dos vietcongues mais protestos dos jovens americanos que não querem mais guerra, até Nixon e Kessinger viram pacifistas por livre e espontânea pressão popular, ou mais precisamente de custos políticos-econômicos insustentáveis frente mesmo aos ganhos futuros sempre certos que é ter um povo e território sobre seus domínio geopolítico.

Em tempo Rajoy já escolheu o seu vice-rei para Catalunha, e não é ele é ela Soraya Sáenz de Santamaría:



Importante avanço na luta por igualdade de gênero: hoje até os ditadores e caudilhos são mulheres. Aguardem porque em breve no panteão dos estadistas genocidas da humanidade enfim não teremos mais um clube só de homens, hitlers, mussolines, stalins, Khans, papas, Ksars, kaisers, cesars, sultãos, reis, generais... Ou talvez já tenha e eles homens, brancos, talvez tenha existido uma rainha genocida devidamente empurrada para o debaixo do tapete da história, não por ser uma genocida, porque disso dependo da sua ideologia de estimação os fanáticos não tem vergonha, mas simplesmente pelo fato dela ser ela, e não ser ele. Ser um ditador e quíça um estatopata é uma honraria que

pertence somente ao gênero masculino. Mas isso vejam só está mudando: nisto até os conservadores estão progredindo. Se é para pisar com uma bota no pescoço de outro povo ou raça, não há porque haver discriminação de gênero não é mesmo?

Viva la igualdad!!! E...keep calm because God always “save” the Queen



O Reino Unido não reconhece e não reconhecerá a declaração unilateral de independência feita pelo Parlamento regional catalão”, disse o gabinete da primeira-ministra britânica, nossa... porque será?

“Deus? Me chamaram? Salvar quem agora? Onde?”

Imigrantes apátridas e robôs cidadãos: Admirável mundo novo e a síndrome da Resignação

Enquanto no Arábia Saudita um robô recebe o primeiro título de cidadão, mais uma criança refugiada se desliga literalmente do mundo na Suécia

Enquanto na Arábia Saudita um robô que consegue ser mais idiota que o mais autômato dos humanos mas devidamente adestrado a responder como um político recebe a cidadania:

Você talvez já tenha ouvido falar no robô Sophia. Trata-se de uma combinação de inteligência artificial e um rosto mecânico capaz de simular expressões faciais humanas que ganhou notoriedade [quando respondeu que “possuía alma” a um entrevistador](#) e que iria [“destruir os humanos” para outro](#). A máquina, com formato humanoide, acabou de receber a cidadania saudita.

A robô, desenvolvida pela empresa Hanson Robotics, chamou a atenção pela forma como se apresentou no palco ao receber a nomeação. De trás de um pódio, Sophia respondeu perguntas do entrevistador Andrew Ross Sorkin, mas mudou um pouco suas declarações sobre “destruir a humanidade” para algo um pouco mais ameno.

“Todos nós queremos prevenir um futuro ruim. Você tem lido muito Elon Musk e assistido muitos filmes de Hollywood”, respondeu a máquina quando questionada sobre os catastrofistas que acreditam que a inteligência artificial pode causar o fim da humanidade. “Não se preocupe; se você for legal comigo,

eu serei legal com você. Trate-me como um sistema de input-output inteligente”, afirmou Sophia.

*Parece que, de 2016 para cá, Sophia teve seu algoritmo refinado para não fazer afirmações assustadoras. Em demonstração durante a SXSW em março do ano passado, David Hanson (que dá o nome à Hanson Robotics, criadora da Sophia) perguntou de forma receosa: “Você quer destruir os humanos? ... por favor, diga ‘não’”. A resposta veio ao contrário do que ele gostaria: “Ok, eu vou destruir os humanos”, disse o robô. (...) **-País concede cidadania a robô que disse que ‘destruiria os humanos’***

Viu o video? “Não sei porquê” mas me lembrou o Doria. Não sei quanto a você, mas a preocupação em refinar o discurso do robô Sophie pra mim dá no mesmo: continuo tendo mais medo de gente diz que quer salvá-la como poder de fato para destruí-la, líderes políticos e religiosos populistas (tipo Trump) do que com seus robôs — por sinal tão inteligentes quanto ele ou seus funcionários e seguidores.

Mas enquanto isso, enquanto a Arabia Saudita país que bombardeia casamento no Iêmen e ainda crucifica dissidentes religiosos concede cidadania a uma propriedade da empresa americana Hanson Robotics.

Na Suécia, crianças sem mais pátria ou cidadania, crianças refugiadas depois do trauma da fuga e luta para conseguir asilo, simplesmente precisam de assistência para recuperar as funções vitais mais básicas que compõe a vontade de viver. Lutam contra a síndrome da Resignação:

“Quando explica aos pais o que aconteceu, digo que o mundo foi tão terrível que Sophie trancou-se dentro de si própria,

desconectando as partes conscientes de seu cérebro”, diz a médica.(...)

Inúmeras condições parecidas com a Síndrome da Resignação já foram observadas antes — entre sobreviventes de campos de concentração nazistas, por exemplo.

Quando seu pai a retira da cadeira de rodas, o corpo de Sophie, de nove anos, parece sem vida. Mas o cabelo de menina é espesso e brilha como o de uma criança saudável.

Os olhos de Sophie estão fechados e, em vez de calcinhas, ela usa fraldas por baixo da calça de moletom. Uma sonda gástrica adentra seu nariz. Ela se alimenta desse jeito há quase dois anos.

Sophie e sua família são originários de uma das antigas repúblicas da União Soviética e pediram asilo à Suécia em dezembro de 2015. Vivem em acomodação destinada a refugiados, em uma pequena cidade na região central do país nórdico.

(...) Tudo parece normal. Mas a criança não se mexe.

A médica se preocupa, pois Sophie sequer abre a boca. Isso pode ser perigoso, pois a menina pode se engasgar se houver qualquer problema com a sonda gástrica.

Mas como uma criança que gostava tanto de dançar ficou tão inerte?

"Quando explica aos pais o que aconteceu, digo que o mundo foi tão terrível que Sophie trancou-se dentro de si própria, desconectando as partes conscientes de seu cérebro", diz a médica.

Sophie não é um caso único: por quase vinte anos, a Suécia tem enfrentado uma misteriosa doença, batizada de Síndrome da Resignação. Ela afeta apenas crianças solicitantes de asilo ou refugiadas, e todas simplesmente "desligam"- param de andar, falar ou mesmo abrir os olhos. A boa notícia é que, eventualmente, se recuperam.

Mas por que esses casos ocorrem apenas na Suécia?

Os profissionais de saúde tratando dessas crianças argumentam que o trauma é a causa deste afastamento das crianças. As mais vulneráveis são justamente as que passaram por episódios de violência extrema ou cujas famílias fugiram de ambientes perigosos.

Os pais de Sophie sofreram extorsão de uma máfia local em seu país de origem. Em setembro de 2015, o carro em que a família viajava foi parado por homens em uniformes policiais.

"Fomos retirados do carro à força. Sophie viu sua mãe e seu pai serem espancados", conta o pai da menina.

Depois de libertar a mãe, que fugiu do local com a filha, os homens levaram o pai embora.

"Não me lembro de mais nada (do que aconteceu depois)", diz ele.

Sophie conta que a menina ficou transtornada com o sequestro do pai. Três dias mais tarde, ele finalmente fez contato com a família.

A família permaneceu escondida nas casas de amigos até viajar para a Suécia, três meses depois.

Ao chegar à Escandinávia, foram detidos por horas pela polícia sueca. A partir daí, a saúde de Sophie deteriorou rapidamente.

"Após alguns dias, percebi que ela não estava brincando muito com sua irmã", diz a mãe de Sophie, grávida de oito meses.

Foi na mesma época que a família teve negado o pedido de asilo, em uma audiência na qual Sophie esteve presente. Naquele momento, ela parou de falar e comer.(...)

As chamadas "crianças apáticas" se tornaram uma questão política em meio a um debate crescente sobre as consequências da imigração na Suécia, país onde, segundo o Censo de 2010, quase 15% da população é imigrante.

Houve relatos de casos de crianças fingindo estar doentes e mesmo de pais drogando ou envenenando crianças para garantir direito de residência - nenhuma dessas histórias foi comprovada.

Na última década, o número de crianças afetadas pela síndrome diminuiu. O equivalente sueco ao Ministério da Saúde divulgou recentemente que houve 169 casos no biênio 2015-16.

A doença parece afetar crianças de perfis geográficos e étnicos mais vulneráveis: aquelas da antiga União Soviética, dos Balcãs, crianças ciganas e, mais recentemente, yazidis.

Apenas um pequeno número de afetados é de crianças desacompanhadas, muito poucas são asiáticas e nenhuma africana.

Ao contrário de Sophie, as crianças com a síndrome normalmente vivem na Suécia há anos quando ficam doentes, e já viviam vidas adaptadas ao estilo nórdico, falando até a língua local.

Inúmeras condições parecidas com a Síndrome da Resignação já foram observadas antes - entre sobreviventes de campos de concentração nazistas, por exemplo.

"Pelo que sabemos, nenhum caso foi identificado fora da Suécia", diz Karl Sallin, pediatra do Hospital Universitário Karolinska, em Estocolmo.

Mas como uma doença pode respeitar fronteiras nacionais?

Sallin, que estuda a Síndrome da Resignação em sua tese de doutorado, diz não haver resposta definitiva para a pergunta.

"A explicação mais plausível é que existem alguns tipos de fatores socioculturais necessários para que a condição se desenvolva", explica.

Sendo assim, ainda que não conheçamos o mecanismo e nem a razão disso acontecer na Suécia, o tipo de sintoma exibido pelas crianças é explicado culturalmente: seria uma forma das crianças expressarem seu trauma.

Contágio?

Caso isso seja verdade, uma questão importante é levantada: poderia a Síndrome da Resignação ser contagiosa?

"Isso é meio implícito. Se você nutrir esses comportamentos em uma sociedade, terá mais casos", diz o pediatra.

"O primeiro caso da doença foi registrado em 1998, no norte da Suécia e, assim que se tornou público, houve outras ocorrências na mesma área. Tivemos ainda casos de irmãos desenvolvendo a condição", completa ele.

Mas Sallin ressalta que os estudos sobre a síndrome até agora não detectaram a necessidade de contato direto entre os casos.

Por sinal, há uma carência de pesquisas mais específicas sobre o assunto, especialmente em relação às crianças, o que impede a compreensão da doença.

Ao menos se sabe que as crianças podem se recuperar.

No entanto, é difícil para os pais de Sophie acreditarem nessa possibilidade. Eles não viram qualquer melhora no estado da filha em 20 meses. Seus dias são vividos em função do tratamento da menina - seja em exercícios para a

manter a musculatura dela funcionando, alimentação, troca da fralda ou passeios.

"Você precisa ter o coração forte nesses casos", diz Lars Dagson, pediatra de Sophie.

"Eu só posso mantê-la viva. Não posso fazer com que ela melhore. Nós, médicos, não podemos decidir se essas crianças vão ou não ficar na Suécia", acrescenta.

Dagson faz parte de uma corrente de médicos tratando de crianças com Síndrome da Resignação cujo argumento é que elas se recuperam quando se sentem seguras. E que o direito permanente a residência é o que deflagra a convalescência.

"De certa forma, a criança vai precisar sentir que há esperança, algo para que valha a pena viver. Essa é a única maneira de explicar como, em todos os casos que vi até agora, o direito de permanecer no país pode mudar a situação", diz.

Burocracia

Até recentemente, as autoridades suecas permitiram que famílias imigrantes com uma criança doente permanecessem.

Mas a chegada de mais de 300 mil pessoas nos últimos três anos mudou esse cenário.

No ano passado, uma lei temporária entrou em vigor para limitar o número de chances para solicitantes de asilo obterem residência permanente.

Candidatos recebem vistos com duração 13 meses ou três anos. A família de Sophie tem o primeiro, e o documento vence em março.

"O que vai acontecer depois? A família está no limbo", diz Dagson, para quem Sophie não deve se recuperar em 13 meses.

"Tudo vai depender de como os pais vão se sentir, se vão acreditar que podem permanecer após 13 meses. Se eles não estão certos, não podem dar o Sophie a sensação de que está tudo bem".

Mas em Skara, no sul do país, há evidências de cura mesmo sem que as famílias recebam direito a residência.

Trauma

"Do nosso ponto de vista, essa doença está ligada ao trauma, não ao asilo", diz Annica Carlshamre, assistente social da Gryning Health, que administra Solsidan, um abrigo para crianças com problemas.

Os especialistas de Solsidan acreditam que crianças perdem sua mais significativa conexão com o mundo quando testemunham violência ou ameaça contra os pais.

"A criança percebe que 'minha mãe não pode tomar conta de mim'. E perde a esperança porque sabem que são totalmente dependentes dos pais. Quando

isso acontece, para onde a criança pode ir - ou a quem pode recorrer?", explica Carlshamre. (...)

Conversas sobre o processo migratório são proibidas. No abrigo, recebem roupas diurnas e noturnas e são retiradas das camas todos os dias. Funcionárias como Clara Ogren ajudam-nas a colorir ou desenhar, segurando o lápis em suas mãos.

"Brincamos por elas até que possam brincar sozinhas. Dançamos e ouvimos muita música. Queremos despertar seus sentidos. Colocamos um pouco de refrigerante em suas bocas para que provem algo doce. As que estão sendo alimentadas por sonda, a gente coloca na cozinha para sentirem cheiro de comida", explica Ogren.

"Temos a expectativa de que elas queiram viver e sabemos que suas habilidades ainda estão ali, mas as crianças se esqueceram delas ou não conseguem mais usá-las. Vivemos pelas crianças até que elas consigam viver por si próprias", acrescenta.

Esse tipo de tratamento, ainda não muito conhecido no país, poderia ajudar Sophie? Vinte meses é um tempo muito longo para uma criança estar desconectada do mundo. O que pode ajudar, na opinião de seus pais?

"Talvez a chegada do novo bebê", diz o pai.

A mãe da menina apenas repete o que ouviu do pediatra.

"Para Sophie acordar, o médico diz que ela e a família precisam se sentir seguras", defende.

No entanto, o maior medo da família é ser deportada e eventualmente encontrada pelos homens que a fizeram fugir.

*Para a segurança da família, o nome real de Sophie foi alterado nessa reportagem. — **O que é a Síndrome da Resignação, a misteriosa doença que só ocorre na Suécia***

Será mesmo que só ocorre na Suécia? E será que este desligamento da consciência, essa perda da vontade de viver só ocorre nessa intensidade, ou se torna sintomático quando atinge esse limitar em que não se pode mais ignorar o problema, ao menos não sem evidentemente deixar a criança morrer? E se nos casos de menor intensidade, o que desligamento implicaria uma morte mais lenta e imperceptível, ou elas conseguiriam crescer e chegar até uma vida adulta? E que vida adulta seria essa? Que vida levam as pessoas que desligaram a sua consciência? Teriam elas consciência do seu estado vegetativo em vigília? Seriam conscientes da sua vontade de viver e vida e consciência perdidas, ou simplesmente viveriam sem se dar conta do que perderam estão perdendo ou foi e está sendo tirado a força?

Em que grau a consciência dessa crianças está se “resignando”, ou se respondendo se desligando inteligentemente do absurdo do nossa inconsciência coletiva, quanto o seu desligar não é a resposta de uma consciência sensível ao estado vegetativo da nossa sensibilidade solidária? A resposta de um ser que de fato tem uma alma à nossa síndrome de resignação? O quão essas crianças estariam doentes se nosso mundo fosse um pouco mais são ou um pouco menos insano?

Num mundo onde se retira os direitos humanos a uma cidadania e se nega até a um refugio a esses perseguidos; num mundo onde pessoas não

tratá-las como não deveria tratar nenhum ser vivo ou animal; ou as vezes sequer nem isso, são tratadas como coisa, posse ou pior lixo; num mundo onde se concede as máquinas e propriedades os direitos das pessoas naturais, que dela se rouba como outrora já foi feito a outras invenções artificiais, as corporações ou “pessoas jurídicas”, porque as pessoas haveriam de querer ficar ligadas a esse plano existencial? Apenas para perpetuar a condição que assistem seus pais viverem? Não são as crianças refugiadas da Suécia que estão se desligam do mundo, somos nós que estamos nos desligando da rede da vida, para viver no limite estreito e obtuso da matéria morta da nossa compreensão da anima da vida.

Estamos maravilhados com nossas autômatos eletrônicos que se movem. Que já não sabemos nem mais que relógios também se movem, mas nem por isso tem anima, quanto mais inteligência ou vida, ao menos não vida própria, como cada vez mais tantos mais de nós e que juram que estão acordados, ou que pelo contrário são os outros que já não estão mais ali.

A plasticidade cerebral e a reparação cerebral ainda são possíveis mesmo quando a esperança parece ter desaparecido”, disse a pesquisadora Angela Sirigu, do Instituto de Ciências Cognitivas Marc Jeannerod em Lyon, França.

“É possível melhorar a presença de um paciente no mundo”, afirmou.

O processo inclui a utilização de um implante no peito para enviar pulsos elétricos ao nervo vago, que conecta o cérebro a outros órgãos importantes do corpo.

A estimulação do nervo vago já é usada para tratar pessoas com epilepsia e depressão.

Segundo o estudo, o homem mostrou melhoras significativas em termos de atenção, movimento e atividade cerebral após um mês de estimulação desse nervo.

Ele começou a responder a ordens simples, como seguir um objeto com os olhos e virar a cabeça. Também parecia mais alerta e era capaz de ficar acordado enquanto escutava seu terapeuta ler um livro.

O paciente reagiu, ainda, a estímulos ameaçadores de uma forma que não fazia há anos –abrindo muito os olhos quando um examinador movia o rosto de repente em direção a ele.

No entanto, o tratamento não devolveu ao paciente seu estado original. Em vez disso, foi considerado que ele passou de um estado vegetativo a “um estado de consciência mínima”, de acordo com os exames cerebrais. -

Estímulos ‘retomam’ consciência de pessoa em estado vegetativo há 15 anos

Estímulos 'retomam' consciência de pessoa em estado vegetativo há 15 anos

Corazzol Cores mais quentes (laranja/amarelo) indicam maior conexão entre áreas do cérebro Pesquisadores disseram nesta...

www1.folha.uol.com.br

PARLAMENTO DA CATALUNHA DECLARA INDEPENDÊNCIA

Senado Espanhol concede “poderes excepcionais” a Rajoy para intervir na Catalunha

“Constituïmos a República Catalã como Estado independente e soberano de direito democrático e social”

O texto determina ao Parlamento que inste o “Governo (catalão) a ditar todas as resoluções necessárias para o desenvolvimento da lei de transitoriedade legal e fundação da república”. E também oficializa a “Declaração dos Representantes da Catalunha”, assinada em 10 de outubro. A votação teve 70 votos a favor, 10 contra e 2 em branco.

Enquanto isso, em Madri... o pedido do primeiro-ministro espanhol, Mariano Rajoy, ao Senado para autorizar as “medidas excepcionais que são necessárias para frear o projeto de independência da região”, leia-se, destituir o presidente regional da Catalunha, Puigdemont, todo seu governo, o parlamento, tomar o controle da polícia. E pode acrescentar sem nenhuma chance de erro, controlar meios de comunicação locais, assim como fechar, processar, prender, todas as organizações civis e mídias e funcionários públicos independentistas criminalizados como rebeldes e traidores.

Em suma Catalunha declarou independência Mas a Espanha declarou guerra.

Agora que a independência da Catalunha proclamada com todas as letras e sem meio termos. A Espanha fez o que Espanhas fazem declarou guerra a independência, enrustida hipocritamente no eufemismo legal da figura da “intervenção constitucional”.

Pois intervenção “legal” em democracia é de fato a intervenção da ordem que se impõe e só se consegue impor pela força e violência. E que quando encontra resistência ainda que essa resistência seja completamente pacífica desarmada e democrática, não exita em apelar para suas prerrogativa tirânicas e totalitárias para se impor a força: a violência.

Em outras palavras intervenção é intervenção... militar, policial, armada, autoritária e ditatorial.

Catalunha proclamou sua república e independência. Espanha arrancou sua máscara e proclamou seu Império e ditadura.

Repito portanto a pergunta. Catalunha fez uma consulta popular para saber se essa era a vontade soberana do seu povo. Já é mais do que hora do povo espanhol ou dos povos sob o governo da Espanha exigirem que se consulte sua vontade soberana antes que um Cesar, ou grão-vizir elevado a condição de Cesar por um senado de uma monarquia em pleno século XXI, declare se concorda ou não que seu governo e forças armadas esmaguem e imponham uma ditadura contra um povo dentro do que da comunidade espanhola, ibérica e européia.

Questiono publicamente o que ninguém parece querer questionar: a legitimidade democrática de Mariano Rajoy para se declarar guerra e se impor como vice-rei, ditador da Catalunha. Os espanhóis, latinos, europeus que se consideram tão civilizados concordam com isso?

Se decidiram que sim. Então Bem-vindos!!! Brasil e Venezuela, lhe dão as boas vindas a comunidades das Pseudo-Democracias! Bem vindos a comunidade internacional dos Estados-Nações Totalitários travestidos e revestidos de Estados de direito democrático!

Na qualidade de um novo regime ou melhor de um novo nome e roupagem para o velho permitam explicar melhor como funcionam nossos regimes aos mais novos membros.

Pseudo-Democracias são ditaduras ou tiranias de fato que se apresentam ao povo e ao mundo como estados democráticos de direito. Ou mais precisamente são nominal e formalmente “democracia representativas” mas que de fato funcionam e operam dentro do espectro das aristocracias legalistas, ou do crime estatizado e legalizado. Não são meramente organizações corruptas e criminosas infiltrados no poder a corromper a legitimidade do governo e até mesmo as demais instituições do Estado de Direito. São organizações criminosas que em dado momento o tomam por completo o poder, ocupando cada cargo chave para fazer do crime a lei, e da lei o crime, ou melhor, para legalizar e institucionalizar a sua organização criminosa e marginalizar a sociedade criminalizar seus direitos, a começar por obvio o de se defender e se livrar por todos os meios necessários da violência deles. Desnecessário dizer que organizações criminosas não precisam se infiltrar quando são a fundadora, herdeira e literalmente a assembléia constituinte desse Estado patrimonialista de pilhagem e expropriação da coisa pública e até a particular de cada pessoa desse povo que conseqüentemente NÃO é uma povo enquanto sociedade de povos, mas um povo enquanto massa totalitária, gado del rei.

E aí Portugal? o que está esperando? América-Latina e Espanha já estão voltando ao antigo regime, já entrara na onda da restauração e

conservação das nossas mais antigas tradições, costume e valores. E vocês. Ditaduras são o nosso negócio. 76, 78, 88. Democracia não é para nós, latinos e católicos apostólicos romanos senão não mais no credo, na mentalidade. Veja as ex-colônias africanas nunca conseguiram sequer fingir ou enganar como as americanas que conseguiram um dia sair delas. De volta ao passado. Viva os velhos Estados Novos. Franquistas, varguistas, fascistas, colonialistas, escravagistas, racistas e até nazistas, todos os patriotas e nacionalistas das gran-nações uni-vos, a exemplo da Grande União Européia, falta só os portugueses voltarem para salazarismo. E eis que a ordem estará preservada.

Quem sabe um dia não acabamos de vez com essa anarquia e restauramos o direito de governar em nossas terras a quem de fato pertence a nossas sagrada e diviníssimas famílias reais.

PS: O ministério da propaganda adverte os últimos parágrafos devidamente assinalados em negrito não expressam a opinião do autor e conforme a antiga interpretação de texto extinta se enquadram naquilo que outrora se denominava ironia e sarcasmo, formas de humor devidamente proibida pelo Estado Novo para proteger a sensibilidade e suscetibilidade dos devidamente idiotizados e portanto, portadores de incapacidade de interpretar um texto, o contexto ou sub-texto vulneráveis portanto a todo tipo de ofensa dos subversivos que fazem questão de expor e ridicularizar a sua condição. Se encontrar alguém fazendo graça da sua desgraça de vida denuncie. Preservar e fazer respeitar a sua desgraça é um assunto muito sério; seu direito e nossa obrigação.

Ser um idiota desgraçado: um negócio muito sério. Dever de todo cidadão, e obrigação de todos governos. Sua condição nosso negócio. Porque nada nessa vida é de graça, fica de graça, nem mesmo o fazer graça. E sorria porque você está sendo filmado.

O Nome da Rosa — filme sobre a obra de mesmo nome de Humberto Eco

Referencias e Citações:

*O Tribunal da Igreja remete-nos a uma primeira concepção de criminologia, centrada em textos que revelam autores “delirantes e perigosos, com gravíssimas fixações sexuais”[6]. Refiro-me, especialmente, a **O Martelo das Feiticeiras**[7] e ao **Manual dos Inquisidores**[8]; é neste último que se lê, por exemplo, que “**é de fundamental importância prender a língua deles [dos acusados de heresia] ou amordaçá-los, antes de acender o fogo, porque, se têm possibilidade de falar, podem ferir, com suas blasfêmias, a devoção de quem assiste a execução**”[9].*

Os interrogatórios da Inquisição eram baseados na lógica da “alquimia ou inversão valorativa dos fatos”, técnica explicada por autor argentino, em tradução livre minha:

Quando uma mulher suportava a dor da tortura era porque o diabo havia lhe dado força; se confessasse, a queimavam de qualquer maneira, porém poderia salvar-se numa outra vida. Porém, se a mulher em desespero pela dor se enforcasse depois de ter confessado, era porque o diabo era responsável por sua condenação. Se enlouquecesse e começasse a rir enquanto torturada, era porque o diabo motejava dos inquisidores. Se se

arrepende-se, é porque estava fingindo[10]. -O Nome da Rosa mostra Igreja dominada por intrigas

O Nome da Rosa mostra Igreja dominada por intrigas

O filme O Nome da Rosa foi lançado em 1986. Dirigido por Jean-Jacques Arnaud (que também conduziu Sete Anos no Tibet),...

www.conjur.com.br

A própria instituição (mosteiro) cria o demônio como explicação, para que seus fiéis seguidores não possam olhar as questões implícitas. É como um mágico, que para tirar o coelho da cartola, desvia nossa atenção para sua assistente, é simples: dessa forma, não vemos ele colocando o coelho lá antes de tirar. Envolvidos com o mistério, começamos a entender que de fato é uma produção dos próprios governantes do mosteiro que querem esconder um livro precioso. Trata-se da segunda parte do livro Poética de Aristóteles também conhecido como Livro do Riso. Para os governantes da instituição,

“O riso mata o temor e sem temor não pode haver fé. Se não há temor ao demônio, não é necessário haver Deus.” (...)

O temor é inerente ao ser humano, mas o verdadeiro riso, meus caros leitores, não é qualquer ser humano que o tem. O riso se dá num diálogo de intelecto para intelecto e nenhuma evangelização é possível perante uma sincera gargalhada -O Nome da Rosa razaoinadequada.com

O Nome da Rosa

Da literatura às telas. O filme O nome da Rosa (1986) do diretor Jean-Jacques Annaud conta a história do livro homônimo...

razaoinadequada.com

O PROBLEMA DO RISO EM O NOME DA ROSA, DE UMBERTO ECO | de Góes | Revista de Filosofia Aurora

O PROBLEMA DO RISO EM O NOME DA ROSA, DE UMBERTO ECO

| de Góes | Revista de Filosofia Aurora O PROBLEMA DO RISO EM O NOME DA ROSA, DE UMBERTO ECO periodicos.pucpr.br

Parlamento da Catalunha aprova resolução para declarar independência

O Parlamento da Catalunha aprovou nesta sexta-feira (27) uma resolução que prevê "constituir uma República Catalã como...

g1.globo.com

Senado da Espanha aprova intervenção do Governo na Catalunha

O Senado da aprovou nesta sexta-feira, por 214 votos a favor e 47 contra, a aplicação do artigo 155 da Constituição...

brasil.elpais.com

Sem comida, nem remédios, tetraplégico venezuelano pede eutanásia | AFP.com

AFP / FEDERICO PARRA Quando um acidente o deixou tetraplégico há 12 anos, Marco queria morrer. Mas superando as...

www.afp.com

Brasil nem carece mais de dados, mas para não dizer que só falei das flores e não do estrume:

Pesquisa revela que Temer é o presidente mais impopular do mundo

Com apenas 3% de aprovação, Michel Temer perde até mesmo para Maduro e Zuma

www.diariodepernambuco.com.br

nota:

Ditadura é o governo totalitário que se sustenta contra a democracia e supressão dos direitos individuais e que por vezes conta com o suporte até de uma maioria autoritária disposta a impor a ditar, seguir e impor essa ordem a força da violência.

Tirania é o governo de uma minoria tão pequena contra o direitos individuais de toda uma maioria que somente com conta única e exclusivamente com a supremacia da violência força armada em geral contra uma população desarmada, rendida ou inofensiva para impor e manter seu governo.

Isto posto. Adivinha: vivemos numa ditadura ou tirania?

Não é a toa portanto que cada vez mais tantos estejam pedindo uma ditadura.

É claro que para quem não é um idiota, todo estado de exceção é sempre muito pior que as democracias. Mas ainda sim (e olha o realismo absurdo

que já estamos para ter que refletir sobre isso) é menos maldito que qualquer tirania, principalmente aquelas que ainda por cima são tão hipócritas para se disfarçar e fingir de estado de direito e democracia. Aliás, diga-se de passagem, cada dia mais mal fingidas e disfarçadas.

E a propósito só para lembrar a quem está caindo na tentação de pedir por “intervenção militar”, a que tipo de serviço eles são obrigados a se prestar em tiranias e ditaduras... (para não falar dos outros bem piores que querem apagar da história):

As babás do Comandantezinho Supremo - O Antagonista

Michelzinho tem duas novas babás. Chamam-se Michele e Gisele - ambas militares do Exército. Elas foram arregimentadas...

www.oantagonista.com

O golpe militar - O Antagonista

Duas militares do Exército foram recrutadas como babás de Michelzinho. O cachorro Thor goza do mesmo privilégio. Todos...

www.oantagonista.com

Como é bom se um nação livre e viver numa Democracia, já pensou ter que viver humilhado como na Catalunha?

“Inferno na “casinha de Deus”: dois padres estupravam crianças surdas ajudados por uma freira...” e o problema claro é o Queermuseu... não, perdão, é o bullying no filme do Gentili...

Nazistas, cristãos e satanistas: Vinde a mim os inocentes e pacíficos porque deles é a “Casinha” do Céu

Eram crianças, surdas e muito pobres. [As vítimas ideais](#). Foi fácil convencê-las a não contar nada. E se contassem, como aconteceu com algumas, ninguém iria acreditar nelas. (...) São as [crianças do Provolo de Mendoza](#) (oeste da Argentina), um instituto para surdos onde foram cometidos abusos sexuais de todos os tipos durante anos contra menores, inclusive de cinco anos. Realizados principalmente por sacerdotes, às vezes com a ajuda de [uma freira que testava meninas e meninos](#) para encontrar os mais fracos e entregá-los aos sacerdotes.

Há seis pessoas detidas e o centro foi fechado em dezembro. Nem a Igreja tem coragem de negar o que acontecia lá dentro. Os estupros e as humilhações de todo tipo — uma adolescente denuncia que foi acorrentada e abusada por quatro pessoas ao mesmo tempo — quase sempre aconteciam em um sótão, em uma sala que chamavam de “a casinha de Deus”. A polícia encontrou as [correntes e material pornográfico](#). “Ao subir as escadas em uma inspeção, uma vítima apontou uma imagem da Virgem e disse: ‘Sempre que passava por aqui, a freira malvada fazia o sinal da cruz’. Como podia ser tão hipócrita?”, pergunta o promotor do caso, Gustavo Stroppiana(...)

“Várias testemunhas concordam. Primeiro, a freira Kumiko Kosaka batia nos menores para testá-los. Aqueles que resistiam, se salvavam. Os que eram submissos acabavam sendo abusados”, explica Sergio Salinas, advogado de várias vítimas e grande incentivador da causa apoiado por sua associação, Xumek. Uma menina de cinco anos, agora adolescente, foi repetidamente estuprada por Corbacho, outro padre do Provolo que está preso. (...) Eram crianças muito pobres, com famílias problemáticas, que pouco viam os filhos porque estavam internados. Além disso, os escolhidos eram aqueles que tinham mais dificuldade para se comunicar com os pais, que não conheciam a linguagem de sinais”, diz Salinas.

Todas as vítimas e até mesmo os promotores da causa concordam em uma ideia: a enorme responsabilidade da Igreja no que aconteceu no Provolo. Especialmente porque sabiam há muitos anos quem era Nicolás Corradi. E, longe de pará-lo, de denunciá-lo à justiça ou de afastá-lo das crianças, simplesmente o mudavam de cidade ou país, onde só mudavam as vítimas, sempre crianças surdas e pobres.

Corradi chegou a La Plata, perto de Buenos Aires, em 1986. Vinha de Verona, onde supostamente tinha abusado de outras crianças surdas. Uma gravação com câmera escondida de um dos padres do Provolo de Verona feita por jornalistas italianos mostra o sistema: quando havia denúncias, o padre tinha que escolher: “para casa ou para a América”. Todos optavam pela segunda.

(...)

O advogado e as vítimas, cerca de vinte por enquanto — continuam aparecendo novas testemunhas, que se atrevem a denunciar ao ver na televisão que estão presos os padres que os aterrorizavam — não estão sozinhos. O promotor conta a mesma versão. “Quando estavam dentro,

ameaçavam expulsá-los se falassem. É preciso levar em conta que muitas dessas crianças vieram de favelas, o centro era como um hotel de luxo para eles. Diziam que suas famílias teriam muitos problemas se dissessem algo. Quando saíram, conviveram com medo e vergonha. Alguns hoje têm filhos, têm dificuldade para contar o que fizeram com eles. Mas dão força uns anos outros. Alguns eram tão pequenos que não podiam transmitir o que acontecia, não sabiam. Encontramos muitos que se autolesionavam porque não podiam dizer o que estavam fazendo com eles. Agora querem falar ao vê-los presos. Um garoto que agora vive na província de San Luis nos contou: ‘Se eles forem soltos, eu me mato’.

As vítimas, que têm audição reduzida (hipoacústicos), estão bem protegidas. Suas famílias preferem não falar. Mas uma concordou em falar com o EL PAÍS. É Cintia Martínez. Seu filho, agora com 20 anos, foi abusado por seu cuidador, que antes tinha sido outro interno do Provolo e que, por sua vez, também tinha sido estuprado por um dos sacerdotes. “Meu filho viu como abusavam do que depois o estuprou. Era uma corrente. Ainda hoje tem pavor de Corradi. Sua história sempre para nele. Diz tem muito medo dele”. (...) -
Inferno na “casinha de Deus”: dois padres estupravam crianças surdas ajudados por uma freira

Enquanto as pessoas se entretêm em satisfazer seu moralismo, Hipocrisia e libido no plano-mundo das fantasias sexuais do politicamente correto-incorrecto, os monstros continuam a praticá-las como fazem a milênios: violando e sacrificando a carne de quem não tem boca, nem olhos quem olhem por elas. Praticando o holocausto ao seu verdadeiro senhor e culto, por trás dos símbolos, togas, faixas, fardas, batinas, títulos e sobretudos discursos.

Enquanto as pessoas se alimentam e indignam com a sociedade do espetáculo ideológico, os ideólogos desse freakshow alimentam suas taras

e seitas perversas e monstruosas com a carne dos inocentes. Fazem do mundo o inferno que as cortinas da imbecilização dos seus cultos políticos e religiosos escondem. Mas o problema é a arte. O problema não é o padre que estupra, mas o artista performático “de esquerda” nu, ou o humorista “de direita” a denunciar o ridículo e perverso da monstruosidade das taras dos sacerdotes reis e seus públicos cativos.

Não, o que incomoda o autoritário e reacionário de direita e esquerda, o pequeno tirano fundamentalista seja do conservadorismo, seja do progressismo, seja o idolatra do culto ao politicamente correto ou incorreto, não é o mal, é a perversão. Não é a criança surda estrupada ou a morrer de fome ou a comer lixo catado ou processado pelo seu Estado eugenista e fascista. O que incomoda, ofende, a todos igualmente, ofende a sua “dignidade”, fere seu “bom gosto”, não é o estupro, o racismo, o genocídio é o nu. O nudez da sua podridão explícita que a dramaticidade ou comicidade, que o sarcasmo ou o realismo expõe não do outro, mas deles como a olhar para um espelho, seus segredos, hipocrisias, taras e perversões.

O repúdio não é ao ato monstruoso, mas a visão da sua própria deformação teratológica e conformorbididade tão cuidadosa enrustida em vestes, costumes e hábitos e opiniões. O ódio não é da violação e violência, o ódio é literalmente o da exposição daquilo que somos. Daquilo que fazemos. O ódio contra quem ousa tirar e destruir o seu mundo cenográfico de confortos e comodidades que só as mentiras e ilusões que nós podemos contar a nós mesmos em público podem dar.

[Isto não é um cachimbo](#)

Olhe para isso? Essa escultura lhe ofende? Pois saiba que muita gente se ofende. E se você como eu a primeira vista não tem a menor ideia do

porquê, eu explico é porque ela tem a forma de um Plug Anal. Pois é, como bem diz o gêneses é preciso primeiro comer o fruto da árvore “proibida” para poder sentir vergonha ou ofensa... ou não. Porque a ofensa, a vergonha, nem muito menos o ódio vem casada no pacote da árvore do conhecimento.

Mas esse é o mundo das cavernas, o mundo onde os acorrentados ficam discutindo o sexo dos anjos, enquanto os padres pastores de rebanhos humanos — e não são só os religiosos — os estupram. E aí daquele que cometer o pecado de ousar querer ver ou questionar o que eles fazem. São pervertidos sem deus no coração. Certamente. Sem deus, o demiurgo satânico deles.

Mas sou obrigado a concordar em uma coisa, não é arte que deveria estar em museus. São eles. São esses monstros. De preferencia empalhados. A arte e a liberdade deveria estar livre e impune nas ruas. E eles que já estão mortos em vida mesmo, eles os mortos-vivos é que deveriam ser mandados para o seu lugar: o passado da humanidade. Não para serem apagados da memória ou escondido, mas lembrados, para que nenhuma geração esqueça que tipo de monstro canibal, que tipo de homem que come criancinhas foram os santos e reis dos templos e terras, os senhores dos nossos pais e dos pais de nossos pais.

Um museu desses seria então mais do que um museu da maldade, perversidade humana. Seria um museu da fome, da miséria, da escravidão, da servidão e sobretudo das Inquisições e Holocaustos, dos sacrifícios dos inocentes, do infanticídio. O museu dos cultos, e seitas para apaziguar e satisfazer a ira a taras dos todos poderosos. O museu dos mitos de terror e seus sacerdotes e reis, O museu da outra “arte”, não a da vida, mas a da morte. O museu da arte e arquitetura das civilizações que sustentavam seu conforto plantando e colhendo e semeando genitores

tementes, servis e conformados e tarados, sobretudo por violência e poder. Os preceptores que amam mais os senhores da sua discórdia, servidão, covardia e idiotia do que sua própria vida ou liberdade ou a dos seus próprios filhos.

Sim um museu do Holocausto, sem a menor sombra de dúvida, mas não só dos nossos não-irmãos, mas dos nossos não-filhos. O museu da desumanidade. Observem guardem o método. Não se esqueçam do método, do processo e sua sistematização. Porque os fins e princípios são falsificáveis, mas os meios, os métodos constituem a verdade de tudo. Porque o método de seleção artificial nazi, não foi inventado pelos nazistas, ele é tão antigo quanto a própria corrupção e degeneração milenar da humanidade:

Aqueles que resistiam, se salvavam. Os que eram submissos acabavam sendo abusados.

Estupro, assassinato, holocausto, imolação dos que dos inocentes e pacíficos por natureza e necessidade porque não tem sequer forças ou condições de se defender, ou pelo menos gritar por socorro.

Não existem paraísos nem nessa nem em outras vidas. Não existem mundos livres do mal porque toda criação é fruto da liberdade, e a liberdade é por definição a possibilidade moral do bem e do mal. Da paz e da guerra. O mundo em que os lobos vivem em paz com as ovelhas não é só ingenuidade de utopias pacifistas, mas propaganda totalitária que serve sobretudo a proliferação e preservação desse mundo dos lobos em que tudo que as ovelhas sonham é viver em paz com lobos, virar lobos ou converter lobos em ovelhas. Mas isso é possível? Claro que é. Muitos lobos já viraram ovelhas, e tantas outras ovelhas já viraram lobos. Mas o possível não é regra, é exceção. E o

risco permanece como via de duas mãos. De modo que a vulnerabilidade do sistema alimentada pelo sonho ou propaganda enganosa permanece.

Não existem paraísos. Nunca existirá uma Terra ou Humanidade cosmopolita e homogênea em paz, amor e liberdade. O que pode haver são territórios livres, cujo tamanho, jurisdição, proteção da vida e liberdade como direito dependerá da disposição voluntária para investir prover e sustentar o desenvolvimento social e humano e defender esses espaços contra quem não tolera essa vida e liberdade. Porque poder por definição é isso. Não é possuir posses condições ou capacidades, mas acima de tudo ambicionar as do outro, querer retirá-las e tomá-las para si.

O que incomoda o desejoso de poder, não é o fato dele não ter algo, mas o do outro ter, e não algo igual ou similar, mas exatamente aquilo em particular. E nada é mais particular que a liberdade, dignidade e identidade alheia. Nada mais insuportável e ofensivo a psicopatia do poder que uma pessoa simplesmente diferente de tudo que ela é, do que uma pessoa simplesmente livre. Daí ser impossível qualquer diálogo chegar a qualquer lugar com alguém que não tolera sequer que se coloque em questão (e discussão) a “autoridade dele”... sobre você. É como tentar discutir relação com um sequestrador, um estuprador, escravagista ou psicopata. Você olha para ele com um outro ser humano, ele olha para você como carne e objeto.

A metáfora transcendental da luta libertária não é portanto a busca do paraíso na terra. É a luta contra a bestas da humanidade e o inferno. É a luta contra os fascismo e nazismo.

O mito da caverna é um mito essencialmente supremacista e autoritário do salvador e iluminado. A verdadeira alegoria do mundo ao menos para os prisioneiros e acorrentados não é propriamente uma alegoria, mas uma

realidade que persiste seja de forma mais sistemática ou explícita ou de forma mais velada e improvisada: é realidade dos genocídios e holocaustos. Nelas as cavernas são os campos de concentração ou as periferias do mundo, onde pessoas, famílias, raças, credos, raças, identidades são reduzidas a classes e segregadas à margem da sociedade, seja condenadas a trabalhar até morrer, e só morte mesmo enquanto isso...trabalham.

A caverna do homem, não é só platônica, ela é a matrix, feita de códigos e símbolos e normas que normalizam a monstruosidade e absurdo. Ela é feita do próprio absurdo e monstruosidade materializado na realidade. Fora do mundo das ideias, é feita de privações reais sofrimentos reais, de dignidades, liberdades e identidades roubadas e renegadas absolutamente sensíveis.

A metáfora da condição humano nos arca-bouços da alienação é o campo de concentração nazista. Onde o argumento de Hannah Arendt contra a subordinação dos dominados é em essência o mesmo dos próprios nazistas. Porque quando ela se pergunta porque eles não se levantaram mesmo estando desarmados, se eram em maior número contra apenas um homem com uma metralhadora, porque eles não se levantaram mesmo sabendo que muitos morreriam, mas outros mais se libertariam, ela na verdade coloca a questão da servidão exatamente nos termos que esses senhores assassinos querem para justificar o injustificável. E de fato a colocaram não em palavras, mas com guetos metralhadoras.

A única diferença é que os nazis dizem vejam: eles não reagem, são animais de abate, merecem ser abatidos. Enquanto o humanista apenas diz o contrário: não somos animais de abate, não podemos deixar que eles nos abatem!!! Não, de fato não podemos, mas como diria Ésope, falar é fácil, difícil é fazer, a grande questão é: e quem é que vai colocar o sino no gato? —

Um Sonho: Azul da cor do Mar

Ou em para usar uma alegoria do velho anarquismo da Catalunha:

Quem vai enforcar o último padre pedófilo nas tripas do último rei estuprador?

Isso lutem pelo simbólico. Continuem debatem e se batem, mas não deixem de continuar mandando as crianças para eles. Porque vindo a mim as criancinhas especialmente as que não ouvem nem falam porque delas é o inferninho da casa de deus, o reino do meu Pai e senhor da Terra. Mas não se preocupem que nada disso será contado em verso prosa, drama ou comédia de nenhuma das 7 ou N artes... relaxem e gozem que seus gritos abafados não vão ofender a sua delicada e apurada sensibilidade estética e moral de seres humanos crentes, perfeitos e civilizados, a piada mortal está pronta, elas são surdos e mudos, e nós somos cegos.

Esquece isso aí, pode comer a ostia tranquilo que aquele é o corpo do único inocente que morreu por nossos pecados, Jesus Cristos, e de mais nenhum outro. Pode confiar que essa carne aí também é Friboi.

Inferno na “casinha de Deus”: dois padres estupravam crianças surdas ajudados por uma freira

Eram crianças, surdas e muito pobres. As vítimas ideais. Foi fácil convencê-las a não contar nada. E se contassem, como...

brasil.elpais.com

Enquanto isso...

Papa fala com tripulação da Estação Espacial Internacional sobre o lugar do homem no universo

O Papa Francisco conversou nesta quinta-feira (26) durante 20 minutos com os seis astronautas a bordo da Estação...

Doria e a ração humana para pobres... e quem se importa? Papo fora. Quem é que liga para a carestia e sofrimento alheio?

A batalhas do moralismo burguês: fascistas de direita versus hipócritas de esquerda

Um amigo perguntou porque eu não falei nada da história do Doria e sua ração humana. Se eu não tinha visto nada. Disse para ele que não tinha nada a dizer que já não tivesse dito. Exceto uma coisa, e por isso a digo agora: hoje as pessoas estão indignadas que fascista sem face e caráter do Dória está distribuindo lixo em forma de ração para quem tem fome. Mas amanhã quando o fascista cair, eu pergunto: quem é que vai se perguntar o que estas pessoas estão comendo? Quem é que vai se importar se elas vão catar lixo para comer, ou morrer de fome? Quem vai mover um dedo, ou colocar a mão no bolso para que ele tenha o que comer ou não tenha que comer lixo?

Eu tenho da burguesia de direita que quer lucrar e se projetar dando lixo para gente pobre comer. E tanto nojo quanto da burguesia de esquerda que só se lembra, que pobre não come quando a maldita igreja e os fascistas resolvem se apropriar do que para ela só o gado... dela.

Afinal a pergunta é quem vai se lembrar de olhar para eles quando a guerrinha populista por poder deles acabar? Lixo e desprezo ou só papo e muita hipocrisia? No final das contas, a pergunta permanece? quem se importa? Quem se o suficiente com que o outro come ou não come para enfiar a mão no bolso ou doar mais do restos, ou gastar mais do que pena ou saliva com os outros? Claro que estas pessoas existem. Meu trabalho depende da solidariedade delas. Mas por isso mesmo posso dizer com todo o conhecimento de causa: das que cruzei nesse mundo, inclusive as que denunciam aos brados o fascistas e a vergonha da carestia, conto nos dedos, as que colocam a mão no bolso, ou usam um dia de domingo para acabar com a de pelo menos única pessoa. E menos ainda a que não se calam não só frente as ameaças, mas em troca de um cargo, ou um punhado de moedas.

Então sim eu vi, o que o Doria fez. Só não vi o que eu posso ou tenha mais a dizer ou fazer nada que já não tenha dito e que possa acrescentar qualquer coisa sobre isso. Enfim vi o que ele fez. Só continua a não ver ninguém disposto a acabar de fato com a miséria com esse canalha se alimenta. Talvez deva procurar melhor. Embora ano farão 10 anos a buscar no Brasil e nos 4 cantos do mundo.

Quando essa batalha simbólica dos moralistas da burguesia fascistoide de direita contra a burguesia hipócrita de esquerda acabar. Eles vão voltar para o seus condomínios, ou talvez se aliar pragmaticamente por alguma causa democrática e republicana em torno de algum regime de “coalizão”. E o pobre, o pobre entre os pobres, o que passa fome, o carente, o 1 entre 7 pessoas do mundo vai estar exatamente lá, onde sempre esteve, em lugar nenhum das sua planilhas ou projetos sociais, vai estar lá nos seus discursos e preces e protestos não só invisível mas de preferencia bem longe dos seus olhos e conversas, para não estragar o jantar.

Lixo ou renda básica? Desde que eu receba e outro pague: renda básica. Do contrário que se foda deixa o Doria; e taca ração! E quem não quiser que morra, ou largue a mão de ser vagabundo e vá catar lixo. Tá querendo o quê? viver as minhas custas? O zé povinho é uma desgraça, tudo folgado... você dá um pouco de liberdade, e o empregado já acha que é da família, que é da casa. Por isso que não é ração nem renda básica tem que ser bolsa-família, tem é para manter essa gente no lugar delas e na rédea curta. E por favor vá pedir dinheiro para outra pessoa bem rica, o Doria, o Diniz, são eles que tem grana para pagar, não eu, que absurdo? Agora dá licença que eu estou ocupado e não possa perder mais tempo. Sempre o mesmo papo, vamos trocar de assunto: você assistiu o filme do jovem Marx? Não então assiste porque é simplesmente in-cri-vel, meu bem.

Que absurdo? Desde quando já se viu as pessoas terem que comer lixo... Ou em outras palavras passar fome, e viver no lixo, sem problemas, institucionalizar isso aí já não. É muita desumanidade, ofende demais a sensível sensibilidade humana dos que sofrem com a carestia. Bonito isso, onde eu assino o manifesto?

Em tempo para não ser injusto com o filme, nem com o jovem Marx embora a praia dele não seja a minha, é bom. Vale a pena assistir o filme. Eis um link para assisti-lo:

Vai saber. Quem alguém não se empolga e começa ver. Ou quem sabe até se levanta e para de só ficar assistindo e comentando...

Povo invisível? Onde que eu não estou vendo nada?

Os macacos sábios, mas podem chamar de homo sapiens

Povo invisível? Onde que eu não estou vendo nada?

Os macacos sábios, mas podem chamar de homo sapiens



*Segundo o relatório do **Banco Mundial** [grifo meu]recentemente divulgado, há 1 bilhão de pessoas no planeta que oficialmente não têm identidade, ou seja, um em cada sete habitantes do mundo oficialmente não existe.*

Trata-se principalmente de habitantes da África e Ásia. Mais de uma terça parte dos “invisíveis” são menores de 18 anos, revela o projeto da iniciativa Identification for Development (ID4D), (Identificação para o Desenvolvimento).

De acordo com o NDTV, a maioria são crianças vulneráveis à violência cujo nascimento não foi registrado. O problema é particularmente agudo em zonas afetadas pela pobreza, discriminação, epidemias ou conflitos armados. -Os invisíveis’: 1 em cada 7 habitantes da Terra não existe oficialmente

Como sumir cientificamente com essa gente e fazer aparecer o progresso da Humanidade

Pegue a temperatura no Polo Norte num belo dia quente de Zero Graus some com a temperatura num dia ameno de 40 graus no deserto do Saara e divida e depois diga que a temperatura no Mundo é o da temperatura média do clima temperado de verão europeu de 20 graus.

Pegue a riqueza e média de vida dos brancos caucasianos dos países desenvolvidos dos centros do mundo, some com riqueza e média de vida do resto dos povos periféricos e depois compare com o passado e ufanize-se do progresso de toda a humanidade- até porque o resto não é pertence ao conjunto universo porque não é gente, e mesmo se pertencesse seria o desvio padrão, e se não for em breve não serão mais porque estão mortos.

Dane-se a ciência. Use e abuse das generalização de 100 vivem bem e uma morre, se 100 ovelhas se salvam e uma se perde, não diga que 99 se salvaram e uma se perdeu, diga que todas a humanidade ou o rebanho foi salvo. Se 90 macacos brancos engordaram e cresceram, mas os macacos negros passaram fome e morreram, não diga que há macacos que engordaram e cresceram, e outros que definharam e morreram. Diga simplesmente que no geral os macacos mais engordaram e crescerem e por isso a especie como um “todo” progrediu... e suma assim com os macacos que morreram. Seja esperto, seja um banqueiro, seja um estadista, seja um técnico, pegue os macacos que definharam e some com os macacos que engordaram, e esconda o quanto os macacos brancos engordaram e os macacos negros definharam e vice-versa, com esse macaco “universal” cinza que não existe nem habita nenhum lugar do mundo.

Use a matemática totalitária dos autoritários e se convença de uma vez por toda que quando o seu filho morrer de fome antes de completar 2 anos nas periféricas invisíveis do mundo para que um velho gordo e botocado possa fazer uma tratamento de desintoxicação e aumentar a expectativa de vida dele até 300 anos, você estará contribuindo para o progresso de toda a humanidade, porque seu filho não é humano, você não existe, ele já está morto e na média das contabilidades de gentes você está diminuindo os resultados do progresso civilizatório. Morra ou deixem eles te matarem, ou melhor faça o favor de sequer nascer e se reproduzir e pare de estragar os relatórios e projetos do Banco Mundial para uma humanidade melhor, literalmente mais bem nascida. Não seja contra a ordem e progresso ou mais precisamente ao progresso da mais velha “nova ordem”. Deixe a civilização e cultura superior cuidar de você.

Diga com eles Heil, a Ordem, e que deus salve seu progresso! Porque o progresso deles os macacos brancos depende a ordem e progresso e ordem de todos os macacos, mesmo os extintos.

Não resista. A morte dói bem menos e bem leve para os conformados, não sei nunca falei com os mortos para saber, mas é o que eles os vivos, os muito vivos dizem.

Não se deixe enganar, é tudo intriga da oposição eles não são cegos nem surdos e nem mudos, só quando querem. Pelo contrário. eles vêem tudo, ouvem tudo e propagam tudo o que bem querem. E ninguém sabe cuidar melhor de você do que eles. Porque todo mundo sabe os 3 macacos sábios: o governante, o banqueiro e o cientista sabem e nunca mentem. Eles sabem o que é melhor para todos os macacos. E Ninguém sabe cuidar como eles dos seus primos e irmãos. Ninguém.

Ninguém.

Afinal de contas eles são os homo sapiens. E nós? Quem nós somos?

Catalunha: Eleições antecipadas ou independência?

O conceito de estratégia na língua dos homens e dos “anjos”

Da estratégia de antecipar as eleições

Pró

Ele dá mais um nó tático nos movimentos da Espanha. A Espanha pretende convocar eleições depois só depois de 6 meses (leia-se: quanto tempo for necessário para reverter ou diminuir o calor o apoio da população a independência) controlando não só o governo, mas finanças e os meios de comunicação catalão. Agora, nem os espanhologistas mais ufanistas acreditam que uma eleição os independentistas sairiam com uma bancada ainda maior. E o que Rajoy faria uma nova intervenção militar até que ganhar a eleição? Até a população catalã “aprender” como funciona da democracia? que o povo pode ter qualquer o governo que quiser desde que não seja o seu, ou mais precisamente, desde que seja um dos deles? Quanto mais tiver que se manter nesse campo de batalha apelando para essas armas, mais e mais fica difícil para sustentar o apoio de outros governos aliados, porque eles também tem povos e sociedades com opinião pública a dar explicação e -com bem sabemos- fica muito difícil a um governante sustentar que não é um tirano ou um corrupto quando é o aliado fiel destes. Começa a derreter junto.

Contra

Exige uma paciência e uma compreensão da população que alguns mais velhos podem ter mais não os mais jovens. E no final das contas quem vai para a linha de frente dar a cara para bater, em desobediência civil em massa não são os velhos mas os jovens. Ou seja, quanto mais joga esse xadrez, mesmo ganhando, vai perdendo as bases mais sólidas do apoio que no final das contas vai precisar. Porque ganhar esse jogo não serve senão como guerra de propaganda, para melhorar a posição internacional da Catalunha, para que esta não seja esmagada como um Curdistão. Mas não ganha nada, porque no final- e eles já devem saber disso- estão dialogando com o lobo de Esopo que quando perde a partida dá um tapa no tabuleiro e parte com o porrete na mão para cima do adversário.

Da proclamação solene (e unilateral) de independência

Pró

Atende as demandas dos mais radicais que formarão a vanguarda, e incendia a população. Se der certo garantiria um tempo maior de resistência pacífica, que eventualmente poderia impringir custos maiores a Espanha para a Catalunha.

Contra

Nenhum desses efeitos e consequências é certo e garantido, além de extremamente custoso e arriscado também para a Catalunha. É uma via de mão dupla, e com uma assimetria monstruosa de forças. De modo que mesmo que der certo, o que não é certo, os custos e sacrifícios catalães não só financeiros, mas sociais e humanos são gigantescos. E as perdas essas são maiores ainda, basta verificar a punição para o próprio

presidente da Catalunha se simplesmente ousar declarar de fato a independência: 30 anos de prisão.

Conclusão

Um enfrentamento agora (a independência) se dará em uma posição estratégica desfavorável e sem aliados, com baixíssimas chances de vitória totalmente alicerçadas única e exclusivamente na moral da população catalã e sua capacidade de resistir numa espécie de estratégia de guerrilha pacifista. Porém mais um recuo-(convocar eleições) para encontrar melhor momento e o campo de batalha onde essas vantagens de forças se inverta ou pelo menos diminua, pode custar justamente a moral do povo. Ou seja ter-se-á as condições ideais mas não mais “tropas” suficientes. Não há portanto melhor opção ou opção certa a fazer: As duas tem riscos e perdas gigantes e um ganho incerto, mas que não tem preço a liberdade e dignidade. Porém da mesma forma não há mais a errada: se eles decidirem que é hora de recuar de novo mesmo perdendo evitam violência e mortes (que não se enganem: vão acontecer com eles levantado a mão ou não) perdem mas preservar vidas, o que nunca é uma decisão que se pode reprovar. Se pelo contrário, decidirem que não aguentam mais que é hora de resistir não importa a violência e tirania e violência que irão enfrentar igualmente quem há de reprovar aqueles que lutam e se sacrificam não só por sua dignidade e liberdade, mas a dos seus irmãos?

Só há uma forma de errar nesse caso é não tomar ou tomar a decisão contrária a essa vontade. O único erro possível é justamente não exercer o que eles lutam por a sua vontade soberano e autodeterminar o que farão. E ainda sim mesmo que cometam esse erro não cabe a ninguém senão a eles mesmo julgá-lo. Porque a eles pertence o seu destino e a consequência destas decisões. Não há erro nem crime naquele que é obrigado a lutar pela vida e liberdade. Erro e crime contra toda vida e a

humanidade está naquele que esmaga a vida e liberdade para preservar seu poder. E hipócrita ainda diz que é obrigado a esmagá-la por que ela resiste a seu direito de tomá-la e violá-la. Isto é o Leviatã. Isto é a monstrosidade da besta chamada Estado.

E malditos sejam todos que os fanáticos e fundamentalistas desse templo que não deixam as pessoas viverem em paz, e obrigam as pessoas a constantemente fazerem escolhas de Sofia, obrigando-as pela supremacia da violência que elas decidam entre a vida ou a liberdade quando uma existe, nem faz sentido, sem a outra. Maldito sejam os servos do senhor da guerra e discórdia, que fazem de seus aparelhos e domínios a casa do Diabo na terra, porque os que lutam pela liberdade em vida serão perdoados, mas os que fazem da sua vida a luta pela morte da liberdade, esses podem ter certeza tem um lugar garantido ao lado do seu Pai, o de criação, no Inferno.

Essa batalha tem muitos planos. E o planos mais essenciais são sempre invisíveis aos olhos. Mas quem tiver olhos, que veja.

“Não Serei Cúmplice”. O que acontece quando até conservadores começam a fazer discursos revolucionários?

Rebelião Republicana: Conservador sim. Fascista não, Mr. Trump

“Não Serei Cúmplice”-

Jeff Flake, um “conservador pragmático”, Senador Republicano dos EUA e autor do livro “Conscience of a Conservative”.

“Devemos deixar de pretender que a degradação da política e da conduta de alguns em nosso braço executiva sejam normais. Não são normais”, disse Flake, de 54 anos.

“O comportamento imprudente, escandaloso e indigno se desculpa dizendo que é assim, quando na realidade simplesmente é imprudente, escandaloso e indigno. Quando esse comportamento emana do cume do nosso governo, é outra coisa. É perigoso para uma democracia”, apontou. (...)

O senador do Arizona questionou seus colegas republicanos por permanecer “em silêncio enquanto violam as normas e os valores que mantêm os Estados Unidos fortes”.

“A política pode nos calar quando devemos falar, e o silêncio pode ser igual à cumplicidade”, disse.

“Tenho filhos e netos para dar explicações. Portanto, senhor presidente, não serei cúmplice nem permanecerei calado (...) Estou anunciando hoje que meu trabalho no Senado será concluído ao final do meu mandato, no começo de janeiro de 2019”, disse.

*O discurso de Flake, totalmente fora do comum, acontece horas depois de Corker ter dito que o presidente Trump é “absolutamente mentiroso”, não é “digno de confiança” e “degrada” a nação. -’**Não serei cúmplice’: outro senador republicano se posiciona contra Trump***

Não foi o primeiro a se rebelar abertamente:

A rara visita do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ao Congresso nesta terça-feira (24) para tentar criar laços em seu partido levou a uma forte reação contrária. O influente senador republicano Bob Corker lhe acusou de degradar a nação, e o conservador Jeff Flake disse que ele é “perigoso para a democracia”.

O dia deveria ser marcado pela reunião da Trump com a bancada da maioria republicana no Senado: o presidente iria ao Capitólio pela primeira vez desde que assumiu o cargo em busca de apoio para aprovar antes do fim do ano sua reforma tributária, que inclui cortes para empresas e pessoas.

*Contudo, desde cedo a atenção política se voltou para uma troca azeda com Corker, que respondeu a ataques de Trump no Twitter dizendo que o presidente não é “digno de confiança” e que “degrada” o país. -**Washington em chamas: dois republicanos explodem contra Trump***

Curdistão já enfrenta cenário de guerra civil

E mais um pequeno retrato 3x4 da verdadeira face do homem branco ocidental

A mobilização do exército iraquiano teve início no dia 16 de outubro, com o apoio do Irão e da Turquia, dois países com interesses divergentes na região que, no entanto, convergem na questão curda.

Os ataques são liderados pelas milícias iranianas xiitas Hashd al-Shaabi — a quem Rex Tillerson exigiu esta segunda-feira que saíssem do Iraque — havendo registos de confrontos em Erbil (capital da Região do Curdistão), Rabia, Mossul e Makhmour. Ou seja, todas as grandes cidades curdas estão sob pressão militar de Bagdad.

Segundo a agência noticiosa Rudaw.net, as forças iraquianas foram repelidas de Mahkmour e Rabia, mas a situação é profundamente desfavorável às forças Peshmerga que já dão por perdida toda a zona de Kirkuk.

Num comunicado oficial publicado esta segunda-feira, o Conselho de Segurança da Região do Curdistão declara-se “preocupado” pela mobilização continuada das forças iraquianas “apoiadas” pelas milícias iranianas. Segundo o comunicado, nas últimas 48 horas, o governo federal colocou no terreno tanques e artilharia, “bem como equipamento dos EUA, incluindo Humvees” e outros carros armados.

De acordo com as autoridades curdas, o Iraque não demonstrou qualquer sinal de apaziguamento ou redução das agressões militares, como se verifica pelos ataques a Kirkuk e Altun Kupri, e pedem ao governo iraquiano que “cesse imediatamente as operações militares e se retirem dos territórios” curdos. (...)

A traição dos EUA

Num artigo publicado pela rudaw.net, Paul Idon afirma que os “residentes da região do Curdistão estão desapontados, e sentem-

se traídos pelos EUA e pelo mundo ocidental. Apesar dos sacrifícios dos soldados Peshmerga na guerra contra o Daesh [ISIS], nenhuma destas potências fez alguma coisa enquanto exército iraquiano tomava os territórios além da Linha Verde, nomeadamente Kirkuk”.

E critica a posição dos EUA que se afirma “aliada dos dois lados” — a Região do Curdistão e o governo federal em Bagdad -, mas não faz nada contra a violência do segundo. -Bagdad mantém ataque ao Curdistão e defende milícias iranianas

*Stairway to Heaven, my friend, Stairway to Heaven made
USA*

Catalunha e Espanha: Democracia ou Totalitarismo?

Informação, Propriedade, Opinião e Mídia.

A grande questão que me faço neste momento já não é mais sobre a Catalunha seu povo, seu governo, ou mesmo o Governo e Tribunais Espanhóis. Mas qual é a opinião de todo o povo da Espanha. Considerando que o povo da Espanha não é um todo, como nenhum é, mas alguns são menos que outros, especialmente quanto mais autoritários discriminatórios e segregacionistas. Com estariam pensando e se sentindo os andaluzes, bascos, valencianos, galegos, e porque não? madrilenhos. Mesmo os unionistas como estariam se se

sentindo em relação a postura e medidas tomadas pelo seu governo conservador? Não é uma pergunta retórica. Não duvido que muitos apoiem, mas mesmo em Madrid muito me interessa pessoalmente falando qual seria a posição a proporção das divisões internas. Digo pessoalmente porque sou tenho ascendência madrilenha, e não catalã. Um dos meus bisavós paternos era de Madrid. Não o conheci, conheci mais segundo meus pais era um doce de pessoa que imigrou para o Brasil inclusive menino para fugir de ter que servir nos exércitos de Franco, abandonando mãe e família do qual nunca conseguiu reencontrar. Qual seria a posição de espanhóis e madrilenhos com ele? Ou será que os que ficaram morreram todos de corpo ou alma ainda meninos fardados servindo nas infantarias franquistas? E nos outras regiões especialmente as autônomas, especialmente a Basca, que como a Irlanda buscou na luta armada a sua independência, porém sem sucesso?

Catalunha — Presidente do Parlamento catalão denuncia "golpe de Estado de facto"

Carme Forcadell diz que o ativar do artigo 155.º da Constituição é um ataque às instituições catalãs. A presidente do...

www.dn.pt

Carles Puigdemont pede sessão do Parlamento da Catalunha após "pior ataque" desde Franco

A resposta do presidente da Generalitat surge depois de o Conselho de Ministros de Espanha ter decidido este sábado...

www.rtp.pt

Catalunha — Rajoy "converteu-se no Orban do Sul da Europa"

Eurodeputado espanhol do Podemos diz estar em causa a democracia na Catalunha. O chefe do Governo espanhol "converteu..."

www.dn.pt

Independentismo na Catalunha. A independência poderá custar a Puigdemont 30 anos de prisão

A procuradoria -geral espanhola confirmou neste sábado que irá acusar Carles Puigdemont do crime de rebelião se o ainda...

www.publico.pt

Quanto aos governos e governantes eu não tenho dúvidas só certezas. Mas e quantos aos povos? Não só na Espanha. Mas na Europa. E demais povos ibéricos e latinos que compartilham das mesmas raízes e influências culturais e genealógicas? O que eles sentem e pensam de tudo isso? Ou não pensam nem sentem? Da África, a Portugal e Espanha, a América-Latina tem alguma consciência de identidades e afinidades que constituem as comunidades internacionais? Ou alguma preocupação menos solidária e mais pragmática mesmo com as consequências, que esse tipo de precedente abre em países onde a democracia e o valor que se dá aos direitos fundamentais da pessoa humana e dos povos e minorias é ainda mais precário frente ao conservadorismo reacionário autoritário e fundamentalista, para não dizer idolatra e fanático?

Em suma, qual é a opinião da população sobretudo antes de tudo na Espanha? Ou será que ela e nós estamos mais está interessada em saber mesmo a opinião da “Real Academia Espanhola (RAE), instituição responsável por determinar a norma culta da língua espanhola” sobre isso: “Como resposta de criança a exercício escolar provocou debate que mobilizou até ‘guardiões da língua espanhola’

Acho que não. Quem está interessado nesses debates e outros, são evidentemente os outros interesses para-governamentais, não-sociais e não-populares tanto os velhos monopólios da mídia quanto das novas:

O Facebook e a Google colaboraram diretamente com a firma de publicidade Harris Media no direcionamento de propagandas anti-islamismo em redes sociais e em alguns sites na internet.

A colaboração das gigantescas empresas não se deu apenas através de algoritmos ou algo do tipo. A Harris Media, que estava trabalhando na campanha eleitoral de 2016 nos EUA, contou com assistência direta de funcionários da Google e do Facebook.

As propagandas apareceram nas redes sociais de eleitores de estados onde os resultados das votações ainda eram incertos, como Nevada e Carolina do Norte. (...)

Este conteúdo deixou funcionários da firma Harris Media bastante desconfortáveis. “Ele foi projetado para colocar medo nos corações das pessoas”, explica um dos ex-funcionários da empresa de propaganda.

Não se sabe até que ponto os funcionários de Google e Facebook colaboraram com essas campanhas. De acordo com o diretor da parte digital da campanha de Donald Trump, ele possuía empregados do Facebook como “trabalhadores incorporados” durante o processo eleitoral. Ele escolheu apenas Republicanos para a tarefa. Segundo representantes da rede social, foram oferecidos serviços-padrão para a campanha.

Além destes comerciais, a Harris Media foi contratada pelo grupo Secure America Now para criar propagandas com links que fazem ligações falsas entre candidatos democratas e terroristas.

De acordo com 2 pessoas que trabalharam nesta campanha, em alguns casos as propagandas eram altamente direcionadas para grupos específicos de pessoas que seriam mais fáceis de influenciar com a mensagem anti-refugiados. Um exemplo são os hispânicos [grifo meu] de Nevada. -Redes sociais. Facebook e Google ajudaram a promover campanha anti-refugiados nos EUA

Redes sociais. Facebook e Google ajudaram a promover campanha anti-refugiados nos EUA

Uma campanha publicitária, a criticar a vinda de refugiados para os Estados Unidos, foi promovida por trabalhadores do...

www.publico.pt

Ah, Google e Facebook, esses aí, vocês também podem confiar... também é FRIBOI. Afinal de contas se informação, é o capital, da nova eles são os mais novos membros do clube dos barões ladrões. Porque capital em principio nunca tem

dono, ele é de quem chega e toma primeiro, ainda que esse capital seja sejam os seus dados, sua privacidade. Que frescura! para quem já tomou até o corpo e a terra dos outros, que porcaria de direito natural é esse das pessoas sobre seus dados e privacidade? Dados, informação só tem dono depois de tomados patenteados e registrados e reconhecidos em cartório, ou no cartório apropriado, os escritórios de patentes e propriedades e intelectuais, que por sinal em breve não serão mais “escritórios”, mas algoritmos de blockchain advinha a título de posse e controle de quem?

JP Morgan: esse aí é Friboi... há séculos

CEO da JPMorgan diz que Bitcoin é fraude e o preço cai. Adivinha o que ele fez? Acertou, comprou a fraude, comprou...

medium.com

Eu não sei quanto a você, mas a mim interessa e muito tanto saber de onde vem e onde deram as nossas raízes totalitárias e escravagistas que no nosso caso já dão todos os sinais que desbundaram para a patologia piscopática criminosa:

Gilmar Mendes diz que faz trabalho ‘exaustivo’, mas não considera que seja ‘escravo’

O ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal (STF), afirmou nesta quinta-feira (19) que o trabalho que faz é...

g1.globo.com

Quanto saber para onde estão indo, e em que vão dar se não fizermos nunca o que nunca fizemos: cortar o mal pela raiz que sempre fica para semente. E como fica...

APÓS LIBERAR ESCRAVIDÃO, TEMER PERDOA CRIMES AMBIENTAIS DE RURALISTAS

Tudo sobre esportes, entretenimento, política e muito mais em um só lugar!

www.noticiadosmunicipios.com.br

E tem gente que acha que não jura que o Brasil não é uma fazenda escravagista, deve ser porque é preto-da-casa ou feitor de alguma das capitanias hereditárias. Ou não, talvez seja o capitão-do-mato do nosso governo provincial ou até mesmo burocrata da grande metrópole. Ou quem sabe até de alguma das companhias das Índias Ocidentais. Quem sabe? Certo mesmo é que não vive na senzala, porque do contrário não teria como esquecer o que é. Então não custa para lembrar que nem todo escravo é do campo, mas também domésticos a viver nas casas-grandes. Aliás por sinal não sou eu nem eu que estou fazendo questão de jogar na nossa cara essa nossa condição servil, é ele. O “nosso” feitor-mor.

Temer. Como eu desprezo os políticos e autoritários e tarados por poder em geral. Preciso fazer um elegia a parte para esse elemento, por uma questão de justiça para os demais membros da sua classe vil. Se repugnar com a pessoa dele por ser meramente um político, é uma injustiça para com os demais quanto para suas qualidades do seu caráter. Temer é daquele “tipo de gente” que se a política não fosse o é, ele a inventaria.

Ele é a encarnação da pusilanimidade. Não consigo negar minha repulsa por Dilma, Lula, Renan, Alckmin e até Aécio, é da sua persona política. Mas dele não consigo negar, minha ojeriza beira o nojo espiritual, ele provoca náuseas, que só os seres mais pobres em alma que já tive o desprazer de cruzar na política mesmo causam. E não estou dizendo isso para tentar ser ofensivo, estou dizendo porque a náusea é tão insuportável que não consigo fingir que não sinto o cheiro da sua alma pútrida ainda encarnada a sugar como um sangue-suga a vida alheia. Ele não só corrupto, ou criminoso, deformado ou amorfo ele define a palavra um ser humano podre. Não fosse ele político, fosse padre, professor, juiz, fosse ele um mendigo, ele seria antes de tudo o que é, simplesmente isto: um Temer. Pobre do filho do cara, ou dos filhos desses caras, quando crescerem um dia, e se não for igual a ele, como as gerações de alemães atuais vão olhar para seus pais e avós e ter que pensar: eles fizeram isso.

E não adianta vir com aquela historinha de que naquele tempo era normal, que todo mundo pensava assim...como todos podemos ver, ao vivo e a cores, não é... nunca é. Quem normaliza e normatiza a monstruosidade são os monstros, os mortos-vivos que querem e acham que vão viver para sempre.

É por isso que quando escrevi em 2015 o livro Revolução, antes de muito do que estamos assistindo acontecer muita gente disse que eu era um radical. Mas, hoje sou eu que digo com o suporte da desgraça que infelizmente se concretizou, não sou eu que sou radical são vocês que estão a se conformar com o que nenhuma pessoa deveria se conformar nem jamais ser conformada.

O Brasil não é caso de separação deste ou daquele Estado ou Pessoa, é caso de separação de todos os Estados de todas as pessoas desta tirania que o desgoverna, escraviza e mata. Repito o Brasil é caso de Revolução, pacífica, mas nada menos que Revolução.

Bem sabe quem vive fora da bolha: o Brasil não é caso de reforma, é caso de revolução. Não quero dizer violenta, nem jamais autoritária, mas necessariamente revolução.

Não prego nenhum levante armado, mas não há lei ou moral que possa demandar com justiça a renúncia a legítima defesa. Ninguém pode exigir que o violentado evite o confronto se não pode fugir da sua própria vida como sina, nem deixar de viver senão lutando pela subsistência. Ninguém consegue escapar do enfrentamento se sua vida foi reduzida a mera luta pela sobrevivência e a sua terra foi pervertida em campo de violação dos seus direitos fundamentais.

Não. Não se pode exigir que o violentado peça “por favor” para que seus violentadores parem de currá-lo, ou que o faminto espere o dia do julgamento para que se ponha um fim as suas privações. Com ou sem vereditos, simplesmente é nula qualquer proibição ou sentença contra a vida e liberdade; é simplesmente nulo todo juízo contra a autopreservação alheia.

Não há justiça sem proteção igual dos direitos naturais, e a estatização e privatização da natureza contra a pessoa natural, o estado de privação dos meios vitais e segregação dos direitos fundamentais não é apenas ilegítimo, é criminoso. Não há lei ou

tribunal capaz de legitimar nenhum monopólio, quanto mais o da violência sobre o bem comum. Nada é capaz de legitimar a obediência e trabalho forçado pela ameaça de privação da liberdade e necessidades básicas.

Nenhum poder supremo pode legitimar o roubo das propriedades naturais, particulares e comuns, nem descriminalizar a servidão dos expropriados pela grilagem legal e ilegal. Simplesmente, não há lei capaz de legalizar os crimes contra humanidade do Estado e suas corporações privadas, ou criminalizar a legítima defesa das pessoas e sociedades contra violação da sua vida, natureza e liberdade, seus direitos fundamentais.

As leis e decretos, títulos e concessões, contra o direito natural não tem outra validade senão de prova dos crimes cometidos por quem se esconde atrás destas personas jurídicas, estatais e privadas, e suas hierarquias. As constituições dos estados de supremacia da violência para monopólio dos meios vitais; o sistema de segregação dos bens comuns para a submissão dos expropriados; todo absurdo imposto como legal e real contra o direito natural e humano, é em verdade apenas a prova por escrito dos crimes de estado contra o povo e a humanidade; a prova do atentado contra a vida e liberdade de cada pessoa natural. É a prova do estado criminoso instaurado contra os habitantes dos territórios estatizados, forçados ao trabalho alienado pela privação dos meios vitais e expropriação sistemática das suas propriedades naturais particulares comuns por tributação.

Não se deixe enganar: se as pessoas não se levantam ou manifestam contra seus usurpadores não é por respeito ou consideração, mas por temor e até esperança. Ou como diz a

sabedoria popular: não se deve contrariar maníacos e fanáticos, principalmente se armados- não sem uma boa chance de rendê-los. (...)

Não há conspirações; os hipócritas arrogantes, senhores da violência e da terra, governam o mundo a luz do dia, da lei e da ordem, posando de benfeitores e protetores dos outros contra a vontade alheia. E não mandam e desmandam porque os violentados não reagem e protestam, mas sim e simplesmente porque os violentados estão imobilizados e silenciados. Não, não é porque ninguém levanta armas contra os armados, nem se diz nada contra a violência que se pode supor que se concorde com o domínio das armas e da violência.(...)

Não, no poder ou no estupro, quem cala não consente. Supor que o silêncio do povo é seu consentimento tácito ao Estado é o mesmo que afirmar que o estupro de quem não reage não é crime porque “quem não grita, não reage consente”. Não, o poder é ainda pior, porque nem todo estuprador detém a força legal para criminalizar a própria reação da vítima e fazer dos seus crimes lei e justiça. Não é por acaso que de todos os crimes de Estado contra povos, classes, gêneros e gerações, é contra os direitos naturais da mulher que o caráter violentador e perverso do pátrio-poder fica mais explícito. E se você está ofendido com a comparação ou acha ela indevida, é talvez porque seja mesmo... nem todos violentadores somados ao longo da história violaram e estupraram e mataram tanto quanto os homens a serviço dos Estados e seus deuses.

É absurdo, mas o poder supremacista não apenas exige obediência incondicional dos submetidos ao seu estado de violência, como intimida e imobiliza legalmente vítimas e testemunhas,

criminalizando toda tentativa de denúncia ou defesa contra seus crimes! E o mais revoltante de tudo isto, é que como todo violentador convicto, a autoridade, não apenas viola descaradamente, mas alega que o quê faz não só é absolutamente necessário como é o melhor para todos, inclusive para a vítima! A essa perversidade de dizer que ela merecia ou mesmo “estava pedindo” calada por tudo o que se faz contra a vontade dela dá-se o nome de “consentimento tácito”.

No sistema de legalização da violência pela supremacia da violência, o culto ao poder se racionaliza pela lógica do absurdo: o violentado não tem direito de resistir contra uma autoridade intitulada porque deu calado seu consentimento para que ela agisse não só em seu nome, mas contra ele e sua vontade. E não adianta dizer nada, porque nenhum outro entendimento conta; o único entendimento que vale é da autoridade. Simplesmente, não adianta se manifestar contra a autoridade, ela não é apenas ignorante, ou se faz de; ela faz da ignorância o seu dogma tanto no agir sem pensar quanto no pressupor sem ouvir. Não adianta gritar nem com eles, nem muito menos para eles: Toda autoridade ouve e pode ouvir muito bem, até o que não deveria, mas só escuta e responde quando quer.

O consentimento tácito é uma farsa. Uma falsa pressuposição. E não é feito só do silêncio de todas as vítimas inocentes ou das testemunhas caladas pelo estado de violência, mas antes da pressuposição de que a voz dos violentados não tem valor perante a dos violentadores devidamente legitimados pelos títulos de posse, autoridade e poder. O poder é a prepotência da preconceituação, e se institucionaliza como segregação pela discriminação dos próprios supremacistas como donos do mundo

não apenas como ele é dado naturalmente, mas como eles o querem que sejam artificial e distopicamente.

Em outras palavras, para eles, somos todos iguais... menos eles; ou mais precisamente, somos todos a mesma coisa... exceto eles. De fato, somos todos iguais, mas não em autoridade sobre o bem comum, não em liberdades fundamentais, mas sim em submissão a estes supremacistas, que se arrogam a autoridade para predeterminar quem não são os sujeitos e quem são seus meros objetos. (...)

A origem do poder é a discriminação dos seres humanos e a segregação dos direitos naturais. Os estados são apartheid de povos, classes, gêneros e gerações; a segregação dos bens comuns e usufruto dos meios vitais, a subtração das liberdades fundamentais para institucionalização da desigualdade de poderes e autoridades. A privação dos meios de vida para imposição de obrigações sobre os destituídos de direitos naturais. O poder não é só a violência da repressão, mas antes e depois a prepotência que impõe pela privação, geração após geração, quem são os sujeitos que controlarão o mundo natural e quem serão as pessoas reduzidas a coisas e engrenagens deste mundo-máquina desnaturado como corpo artificial, privado e estatal.

O consentimento tácito não é, portanto a ditadura da opinião da maioria (ou minoria) a revelia da vontade manifesta de cada indivíduo; não é apenas a pressuposição de validade da imposição de uma opinião amalgamada contra o livre entendimento entre todos; é rigorosamente a imposição de uma vontade coletiva fictícia pela negação das condições fundamentais a liberdade de manifestação de cada um. É a ditadura da preconceção absoluta

como vontade única do todo contra a vontade e o consenso de cada pessoa em particular. A imposição a força de uma falsa vontade coletiva pela negação da plena liberdade de expressão e livre associação as pessoas naturais. A intimidação da livre comunhão de paz, consciente e solidária, pela imposição violenta da preconceção ignorante de um estado totalitário de inconsciência coletiva.

O consentimento tácito é assim, tanto o produto do silenciamento dos povos e pessoas através da violação da liberdade por censura e imobilização, quanto da falsificação da legitimidade pelo mito totalitário da vontade coletiva- imposta não por acaso por ídolos e signos autoritários de poder. O mito da vontade coletiva, do todo contra a vontade de cada um. Este delírio cultural de idolatria ao poder e culto ao absoluto constituinte dos leviatãs é mais do que uma mera condição mental de conformação, é uma condição ambiental e psicologia de alienação arquitetada e forçada por trauma violento das necessidades naturais.

Não existe servidão voluntária; nem como fenômeno nem como condição. A vontade da pessoa contra sua pessoa natural não é senão, a perversão da institucionalização do comportamento condicionado não apenas contra a manifestação da sua própria livre vontade e vocação, mas contra as condições materiais e emocionais para o desenvolvimento humano e natural. Mais do que alienação, a “servidão voluntária” é possessão, rigorosamente o comportamento condicionado contra a vida e a natureza do próprio possuído.

Entretanto há que se admitir: quando o violentado passa a crer neste tipo de mito de dominação de que “quem curra e é currado, o

faz para seu próprio bem e o dos outros”; quando passa histericamente a renegar a paz e a vocação dos outros para satisfazer os desejos de posse e poder alheios; ele deixa de ser apenas um fanático alienado para se tornar idólatra possessor. Ao dar corpo ao mito, o idólatra não gera nenhuma “vontade coletiva”, mas definitivamente alimenta com sua própria alma o mais demente e perverso de todos fenômenos geradores de guerras e discórdias entre os povos e pessoas: a egrégora dos violentadores e violentados, não só mais submissos e conformados, mas absolutamente obedientes e crentes de que todo o mal é “necessário” para seu “bem maior”- e não importa contra a vida de quem esse mal se volte, mesmo que seja a sua.

Não, mas nem matando; a desinteligência que subtrai a livre consciência e constitui o comportamento condicionado de manada dos coletivos alienados não justifica nenhum estado de poder ou movimento para sua tomada. Nenhuma cultura, culto idólatra ou ideologia pode se impor como ordem ou estado contra a livre vontade de ninguém, quanto mais se arrogar como a própria realidade ou legalidade prepotente e absoluta. Essa simples ameaça totalitária inerente a toda cultura supremacista e monopólio do poder, esse simples movimento para deflagrar tal violência contra o direito natural de qualquer ser humano não apenas permite a legítima defesa, gera a demanda pela proteção e defesa mútua.

Se esses movimentos de defesa ou libertação serão chamados de golpes ou revoluções, não é o discurso dos seus teóricos ou a desinformação e contrainformação da propaganda alheia que irão des ou qualificá-los, mas sim a congruência do seu discurso com sua prática. Princípios, objetivos, boas intenções e promessas não

legitimam nada, são os atos que determinam na prática a legitimidade dos meios, não só verificando quais são os verdadeiros princípios e objetivos, mas se a os discursos de fato são legítimos como prática. Fora do arcabouço das racionalizações do poder, os fins jamais justificam os meios; fora da caverna, são sim os meios que sempre determinam a coerência dos fins com os princípios.(...)

Justo e legítimo, portanto não é o suposto consentimento tácito, sádico e masoquista dos violentadores e violentados, mas a suposição que sem consentimento explícito, toda hierarquia ou relação de poder é criminosa. Legítima, portanto, não é a suposição de consentimento ao monopólio da violência, mas a suposição de esperança de liberdade de todos que mesmo sem poder se manifestar contra, por óbvio não consentem com sua violação, mas esperam sim por justiça e pelo dia da libertação.

A liberdade fundamental não é o fazer tudo que se quer e como puder, mas ter naturalmente o necessário para fazer por si mesmo e aos outros o que se precisa, quando puder e se quiser. Em geral, todos nascem dotados de capacidade para aprender a discernir entre o bem e o mal para em algum momento da vida poder decidir o que é bom ou ruim por conta própria. Todo mundo já nasce dotado de livre vontade, mas bem poucos têm as condições necessárias para desenvolver e exercer até mesmo sua capacidade inata mais fundamental: o livre-arbítrio — o que dizer então da vocação?

Lógico e legítimo não é, portanto, supor que as pessoas não queiram manifestar sua livre vontade, buscar sua vocação, ou o exercer plenamente seu livre-arbítrio do mas justamente o

contrário. E se esta decisão for servir ou trabalhar para os outros, que seja; se tomada livre de coação por necessidade. Qualquer suposição contrária ou condição imposição contra o livre-arbítrio de adultos e responsáveis, ou pior contra desenvolvimento da independência e emancipação de pessoas e sociedades em desenvolvimento não é apenas inválida, mas criminosa e hedionda.

É claro, que a defesa do direito natural à liberdade não dá a ninguém a autoridade para agir a revelia dos outros para sua libertação, mas legítima toda ação para acabar com a usurpação dos meios necessários a liberdade e moral de qualquer um. Toda ação de libertação de quem não tem como se defender ou manifestar; toda ação proporcional contra atos violentos que estejam sendo praticados sem a prévia ou clara manifestação pública da sua vontade de todos os envolvidos, não é só legítima, mas justa.

Não estou negando o direito dos fanáticos idolatrarem seus reis, reinos e alucinações; toda pessoa tem o direito de crer e se submeter aos mitos e poderes supremos que ela quiser. Se pessoas adultas e capazes querem se violar ou se violarem, isto é um problema delas e não meu, desde que não imponham seus desejos, culturas, ritos, e fantasias (patrióticas, religiosos, científicas, ou seja lá qual forem) contra mim ou quem eu quero proteger. E que não venham dizer que sua violência contra os outros não é da minha conta, só porque ainda não se voltaram contra mim. Nenhuma união dos violentos e egoístas tem prerrogativa para impor a desinteligência e a ignorância contra a empatia, compaixão e todos os instintos naturais de solidariedade. (...)

Quando a violência não for mais prerrogativa de ninguém, não for permitida, nem muito menos subsidiada, mas sim repudiada e repelida por toda livre comunhão de legítima defesa da paz, não só a discriminação se tornará um custo insustentável, mas a apropriação, segregação e monopólio do bem comum será um crime com custos insustentável, e não mais um Estado redistribuidor dos custos dos crimes as vítimas. Não, as pessoas de paz não devem ser passivas, não só podem reagir e defender com toda força necessária seu estado de paz e liberdade, como podem e devem voluntariamente se associar a todas as outras pessoas livres e sociedades dotadas do mesmo entendimento e disposição para preservar o equilíbrio distribuído da força de fato que compõe tanto a igualdade entre todos, quanto a garantia de fato da liberdade fundamental de cada um, como direito natural e não de papel.

Ninguém pode se proclamar ou ser proclamado dono de todas as terras, territórios e recursos naturais contra a vontade de sequer uma única pessoa que viva e precise também delas. Ninguém tem o direito de se proclamar ou ser proclamado como a autoridade sobre outra pessoa, ou sobre tudo o que ela naturalmente precisa para viver. Isto é tão falso e absurdo quanto feudal. Mas muito menos incongruente do que atuais déspotas supostamente esclarecidos eram os antigos senhores feudais que arrogavam direitos divinos sobre a terra. Porque quem se você se vê tem servos que acreditam mesmo que o criador é um sujeito, porque eles não podem crer que só alguns abençoados nascem com privilégios sobre a terra? Mas se você se vê como pessoa livre e ainda hoje acredita que tem gente que não é só dona das terras, mas senhores de todo um território só porque o cercou e embandeirou antes dos outros, ou se armou até os dentes contra todo mundo, então você é mais crédulo que seus antepassados com

todos seus reis e deuses todo poderosos. Mais crente e ainda mais alienado, porque ao menos eles sabiam que eram servos.

Quem se apodera ou segrega o que os outros também precisam para viver seja porque diz que chegou primeiro, seja simplesmente porque tem força, não é apenas um ladrão, é um assassino. E não é só um genocida das populações e gerações que lá viviam antes quando chegou “primeiro”, mas da sua própria descendência que também precisam de tudo que há de natural e vital- e não é deles, nem de ninguém, mas de usufruto de todos os seres vivos, que habitam as terras que eles tomam por seu território privado e estatal.

O Estado é campo de extermínio lento das gerações passadas, presentes e futuras onde só sobrevivem aqueles que renunciam a sua própria vida e concepção para viver e manter a anterior. Onde só sobrevivem aqueles que se convertem na negação da nova geração para afirmar a velha. É o sistema de perversão da natureza, onde não é mais o velho que dá lugar ao novo, mas o novo que é morto e sacrificado aos pés dos ídolos e ritos supremacistas para sustentar as múmias dos todo poderosos e seus malditos cultos de poder total. Infantarias, holocaustos, guerras, fábricas e fome ou em suma numa única palavra: Estado.

Chame-se e justifique-se como quiser: libertário, autoritário, humanista ou qualquer coisa. Os discursos não importam; perante as práticas violentas de qualquer cultura supremacista, toda pessoa tem naturalmente o direito natural e legítimo de se defender. E não é só o violentado que tem o direito de se defender: toda pessoa livre não só pode, como deveria se solidarizar com uma causa que mais hora menos hora será também a sua ou a dos

seus filhos, a causa de libertação de tudo que é mais sagrado e está sequestrado pelo corpo artificial: a vida, a liberdade e a natureza.(...)

Não, não só podemos agir em favor daqueles que não tem voz nem meios para se defender, devemos. Se não queremos ser predados ou viver sob o domínio do terror dos supremacistas e violentadores, devemos sempre que pudermos nos levantar e voluntariamente resistir contra toda ameaça de agressão e privação, principalmente a dos adoradores e maníacos por poder. Para proteger a si mesmo, sua forma de vida e o mundo em que se vive, é preciso fazer frente ao que pretendem justificar sua prepotência com a hipocrisia de que “fazem aos outros, o que gostariam que eles fizessem a elas”, quando tudo que fazem de fato é sugar e mandar que os outros façam para eles tudo o que eles querem.(...)

Legítimo, portanto não é pressupor que quem é violentado, encarcerado, torturado e escravizado, quem está passando por privações ou sofrimentos esteja concordando ou esteja conformado com sua condição, mas justamente o contrário. Legítima é a suposição que os povos submetidos aos monopólios dos meios vitais dos supremacistas da violência estão sim à espera de liberdade; a espera de uma oportunidade pra se livrar dos seus violentadores e privações. Legítima é a suposição de esperança por independência deste estado de pobreza, ignorância e servidão. A espera do momento para se livrar do estado mais pervertido da historia: o do mal necessário como bem estar social, a ditadura dos valores absolutos que predeterminam o bem para o impor como mal.

Legítimo é, portanto as pessoas em sociedades livres do mundo demandarem que os representantes dos seus cultos nacionais, religiosos e científicos celebrem e renovem periodicamente contratos sociais como cada um dos seus crentes, contratos que manifestem explicitamente o consentimento de cada um deles, não apenas sobre suas autoridades e governantes eleitos, mas a concordância com o sistema que o governa. Quem precisa justificar que as pessoas querer viver em seus estados distópicos, que elas aceitam seus dogmas, são aqueles que se arrogam representantes dos povos confinados nas fronteiras imaginárias do seu geopoder e saber. São eles, prepotentes e prepotências, que precisam apresentar o consentimento explícito de cada membro da população que ele rege que há concordância explícita não apenas com sua representação, mas com o regime de alienação dos seus bens naturais e meios vitais. Para poder viver novamente em sociedades livres, as pessoas não precisam provar como viveriam sem os monopólios da violência, mas para (pelo menos tentar) descriminalizar seus domínios, são os violentadores que devem provar que não exploram dementes ignorantes ou simplesmente pessoas pobres demais para ir contra eles.

O mais absurdo e perverso da cultura de dominação é a inversão de todos os valores. A estratégia de dominação do poder não é só a da lógica da ditadura realista, mas a do realismo absurdo: a inversão do ônus da prova contra as vítimas. Os supremacistas não só justificam descaradamente a violência dizendo que os violentados concordam com sua violação porque, não protestam e não reagem, mas são ainda mais canalhas: se contestados não só exigem que se demonstre alternativas viáveis ao seu poder da violência, como se arrogam o autoridade para julgar se estas alternativas são “razoáveis” ou não! O cúmulo do absurdo da violência supremacista é que ela se impõe como única realidade

possível pelo próprio monopólio da violência. Não só desqualificando automaticamente qualquer proposta que não contemple a submissão ao seu monopólio como ilegal e irreal, como criminalizando e perseguindo toda proposta concorrente e divergente.

Mesmo que outras formas de vida e relação não existissem, mesmo que outros mundos possíveis além do monopólio da violência não fossem uma mentira; e mesmo que as pessoas não conseguissem mais viver fora dos cativeiros institucionais, ninguém jamais pode dizer: “quando você me apresentar outra forma de nos relacionar eu paro de te violentar”. O fim da violência como prerrogativa de estado não exige a apresentação de outro mundo possível, ela não é só o mundo possível, é o mundo necessário. (...)

Na verdade a palavra crime não é suficiente para classificar a perversidade deste sistema de autolegitimação da violência pela violência, nem a palavra conformismo é suficiente para qualificar quem aceita conscientemente a desqualificação da liberdade como irreal ou o monopólio de qualquer coisa como legal. Nada é mais insano do que legalizar a violência como estado afirmando que a realidade é violenta pela confirmação desta realidade com a prática da violência como estado. Isto não é apenas loucura, é perversidade. E é findando com qualquer pressuposição de legitimidade da violência, qualquer tolerância com os violentos ou validade da sua imposição ou racionalização ideológica que podemos dar o primeiro passo para sair do estado dela!

Não, a revolução não apenas é uma necessidade legítima, mas crescente. Porque em sua forma final, a lógica perversa do poder não é só supremacista, é totalitária; e não se contenta apenas em

criminalizar a legítima defesa, precisa criminalizar a própria paz. Não pague para ver; no fim de toda crise sistêmica, há o massacre de pessoas de paz para salvar os domínios, dos monopólios da violência; Há o extermínio dos povos pacíficos e pela mais absurda, teratológica e nazistas das racionalizações criminosas: “quem não se defende contra seus agressores, quem que não luta pela sua autopreservação, não é gente, não merece viver, merece o holocausto”. Deixe a cultura do poder pela violência prevalecer e eles não irão apenas desqualificá-lo como gente ou subtrair seus meios de defesa e resistência, vão executá-lo por não resistir e reagir contra seu monopólio violento! Vão sentenciá-lo a morte porque você não se levantou contra eles.

O poder não é só perverso e psicopático é um culto demoníaco. Ele não se contenta em fuzilar bombardear, queimar em fornos, envenenar e ainda dizer que a culpa é das vítimas. Ele declara guerra contra a paz e humanidade e diz que quem não está disposto a matar e violentar em nome do poder e dos todos poderosos não merece viver. Diz que quem morre sem erguer a mão contra seu inimigo, não é mártir, mas um covarde. Como se as pessoas fossem obrigadas a viver dentro da ditadura das guerras, confrontos e disputas e poder, como se todos que tivessem que estar presos na mesma egregora da discórdia. Não a paz não é a passividade diante da violência, nem o levante contra os inimigos é renegação dos estados de violência e suas disputas de poder. É a revolução contra a toda prerrogativa de violência e poder. A deposição da ordem perversa da discórdia suas corporações e fanáticos.

O problema da paz na terra não é de falta de alternativas pacíficas, mas a submissão do bem comum ao monopólio da violência,

impedindo a emergência de qualquer alternativa concorrente de paz pela absurda inversão da exigência de renúncia a legítima defesa por parte dos violentados ao invés do fim imediato e incondicional da violência por parte dos violentadores! Não é preciso tomar nem redistribuir nada a força ou contra a vontade de ninguém, basta que o equilíbrio das forças seja retomado, pela distribuição simétrica de forças entre todos. E isto não é feito com armas ou sem, mas sim pela legítima defesa contra a violência da desigualdade de autoridades impostas como estado de segregação sobre o bem comum. Se negue a servir a qualquer comando de violência; proteja o que não deve ser objeto de posse de ninguém e você já está renegando a violenta centralização do poder.

O estado de paz não é apenas uma trégua entre os conflitos, mas a neutralização tanto das causas geradoras dos conflitos, quanto da centralização de poderes que permitem as agressões sem causa, com motivações falsificadas; ou absurdamente racionalizadas pela impostura de realidades alienantes. A resistência contra a violência do poder e privação das vocações e liberdades será dada pela legítima defesa da igualdade de autoridades para a garantia de liberdade fundamental pela provisão mútua de liberdades fundamentais como meios vitais. Porque se as forças estão distribuídas entre todas as pessoas, os poderes centrais perdem sua força de constrição pela privação, e as pessoas recobram os meios para sustentar a resistência e manter um equilíbrio de forças de paz através da garantia de liberdades fundamentais para todos.

(...) Deixe as pessoas viverem em paz e usufruírem livremente dos seus direitos naturais necessários à vida, que a violência e culturas primitivas de supremacia e idolatria como condição e prática

desumana decairão por falta de territórios para cultivarem seus estados de pobreza e ignorância fabricada. Sem o subsídio da segregação dos direitos naturais, a centralização do poder decairá por obsolência e de fato pela mais natural de todas as seleções: a da harmonia solidária tanto para cooperar no necessário quanto para competir pelo demais.

A escravidão jamais será abolida meramente pela proibição da posse de um ser humano pelo outro, mas pelas garantias de que todos os seres humanos tenham o mesmo direito natural a liberdade- e não no papel, mas de fato. Da mesma forma a privação não será abolida por nenhuma proibição a posse exclusiva dos meios vitais, mas pela garantia de acesso a todos sem nenhum tipo de segregação aos meios vitais. A natureza não se protege proibindo sua posse exclusiva por alguém, a natureza não é propriedade de todos, mas de ninguém. A natureza não é propriedade para ser tomada ou consumida, seja para ter um meio ambiente seja para ter sua parte nos rendimentos básicos necessários, toda a pessoa tem direito de proteger a natureza com a mesma força necessária e proporcional com que defende sua autopreservação.

O poder só é monopólio, só é “mal necessário” e o “único provedor do bem” porque persegue e elimina toda a livre concorrência para a produção do bem comum e serviços sociais. O Estado é o cafetão que obriga a pessoa a se prostituir, e que quando ela diz que quer ir embora ele pergunta: mas como ela vai se proteger sem ele? O estado de poder é a justificação da violência pela própria privação dos meios necessários para se escapar dela, a desqualificação da liberdade como uma possibilidade real pela legalização da

violência como meio de ameaça velada (e se necessário explícita) para impedir a independência das pessoas e dos povos.

Claro que jogar luz sobre a estratégia perversa e a lógica absurda do poder só libertará a consciência de quem quer se livrar da sua ignorância e perversidade. Os megalomaniacos possessivos-compulsivos, os tarados por ter e poder, os supremacistas preconceituosos e hipócritas não vão se converter em pessoas menos falsas e violentadoras apenas porque a sua farsa está nua. Contudo, sem suas máscaras politicamente corretas, os moralistas tem que ir para as ruas como são: se quiserem continuar a exercer a sua autoridade desigual contra a vontade de quem não consente, tem que largar seus disfarce de benfeitor e justo e assumir o que são: violentadores.

A manifestação da contrariedade obviamente não abole instantaneamente o estado de violência, mas ao expor os criminosos pervertidos que carecem do silêncio das vítimas e testemunhas, põe fim ao próprio estado de cegueira, de violência velada que alimenta o vácuo social necessário ao conformismo e alienação. Parece pouco, mas quando já não são mais os violentados que precisaram explicar porque estão fugindo, mas sim os supremacistas porque discriminam e perseguem os expropriados; quando não for mais preciso coragem não para ser livre, mas para ser um fascista e se impor violentamente contra a vontade de qualquer um, a egrégora do poder pode não estar deposta como organização criminosa, mas estará deposta como Estado. Quando o culto ao absoluto morre como cultura, a idolatria supremacista, o mito do estado de poder total se reduz ao que naturalmente é de fato: alucinação histórica.

Não senhores, não são as pessoas que querem viver e ser livres que precisam justificar e apresentar a prova do seu direito natural a liberdade e autopreservação. São os maníaco por poder que precisam apresentar a prova de como seus estados podem existir legitimamente sem a desigualdade de autoridades, sem a privação de liberdades fundamentais e, sobretudo sem a ameaça da violência das pessoas naturais. Quem precisa provar o seu caráter voluntário e legítimo, apresentar o consentimento explícito das pessoas que querem viver assim desnaturadas, para provar que não as estão violentando, são os idolatras sadomasoquistas do poder. São eles que precisam pedir autorização das pessoas naturalmente livres para conviver com elas; são eles que devem provar que não submetem e não desejam submeter ninguém a nenhuma violação; são eles que precisam provar que não pretendem privar ninguém dos seus meios naturais nem forçá-los a se submeter a sua ordem em troca do direito inalienável a subsistência ou defesa que monopolizam.

Se quem faz da violência a base da sua legitimação, tem sinceramente qualquer disposição de paz, precisa provar (se puder) que não impõe sua “violência legítima” sem a concordância explícita de cada pessoa que sofre com as consequências das suas ações ou sustenta seu sistema. Não é, portanto a revolução, ou o movimento de defesa da liberdade e libertação, que precisa de legitimação popular ou qualquer autorização estatal, é o Estado-Nação que se quiser deixar de ser uma farsa deve buscar imediatamente junto a cada habitante do território a autorização constantemente renovada sobre seu consentimento quanto a sua representação. São os Estados que se constituem pelo golpe da representação alienada de supostas vontades coletivas, que não só carecem de legitimidade e justiça, mas de reparação dos seus crimes.(...)

Se pessoas adultas querem por livre e espontânea vontade constituir um poder ou hierarquia capaz de violar seus direitos naturais que o façam, mas sobre si mesmas e suas propriedades particulares. Que deixem as outras em paz. Que não tentem tomar o espaço comum; ou privar ninguém do acesso à natureza ou usufruto dos meios vitais; que vivam e morram como quiser. Sem impor seu modo de vida e valores aos demais, sem tomar bens comuns ou meios vitais, sem forçar a adesão de ninguém a sua sociedade política-econômica, ou saída das dos outros, e, sobretudo sem impedir a participação direta de qualquer pessoa sobre o bem comum todos tem o direito de conviver livremente. Em suma, vivendo em paz todos tem o direito natural a liberdade de fato plena.(...)

Contratos de poder econômico ou político não são apenas ilegítimos por princípios morais ou por suas consequências destrutivas, mas pura e simplesmente porque eles são nulos, não existem senão como golpe e falsificação. Qualquer cessão permanente do poder de decisão político ou econômico é equivalente à renúncia ao livre-arbítrio ou responsabilidade sobre a própria vida, algo que não é impossível de ser feito não por ordem social, mas por ordem natural: não há como se separar-se da própria alma, alienar-se definitivamente da livre vontade sem pôr um fim a própria vida. Podemos decidir não tomar decisão nenhuma ou decidir que outros decidam por nós, mas não podemos transferir nossa capacidade de decisão ao alheio. Simplesmente porque a vontade é inalienável.

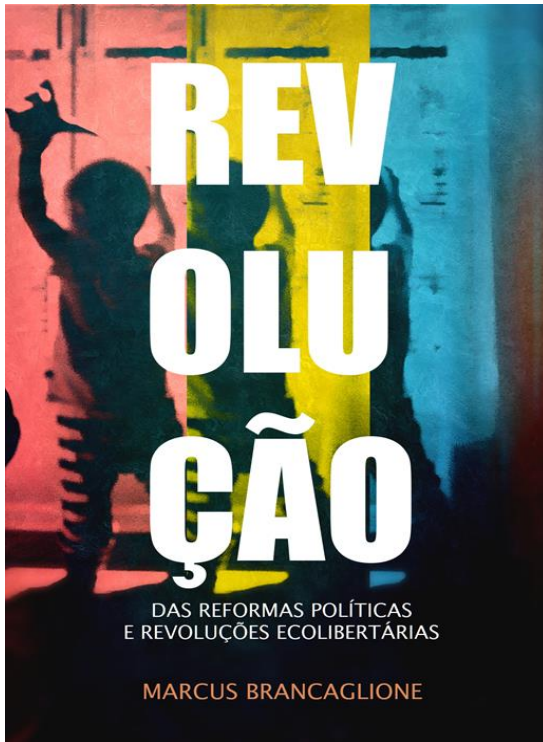
A livre vontade não é propriedade. O que chamamos do fenômeno da vida, a alma que distinguem uma pedra de uma pessoa é rigorosamente essa força automotriz, a livre vontade. A livre

vontade é a própria alma, a essência da vida. A vida pode ser morta, mas sua essência, a livre vontade, não pode ser tomada nem muito menos dada, não pode sequer ser definitivamente paralisada, não enquanto ainda se está vivo. Não é só quem finge representar uma vontade alheia que está mentindo, mas quem acredita que cedeu a sua vontade ao seu falso representante que está se engando. Não importa se ambos acreditam na sua mentira ou ilusão: O pacto é nulo. Não porque seja um contrato leonino, mas porque o contrato de venda ou renúncia da livre vontade, é um contrato de fausto, a celebração de um crime contra a natureza e o espírito da vida.

Um contrato de alienação política é, portanto nulo e duplamente falsificado: Primeiro, porque a desintegração do poder político e econômico é uma abstração e a reificação dos seres vivos um crime contra a natureza. Decisões políticas são sempre econômicas, e a economia é sempre política. Tanto o poder político quanto o econômico são determinados pela alocação de recursos. E ambos poderes não pertencem nem a quem detém mais recursos, nem a quem tem mais força para alocá-los; o poder pertence a quem predetermina quais são e de quem estes poderes e a quem pertence todo o resto: nós, todos os recursos, todos os seres vivos reduzidos a coisas. E Segundo, porque, rigorosamente uma pessoa pode até delegar decisões por um tempo indeterminado, mas não tem como ceder ao seu poder de decisão soberano sobre sua vida sem que possa a qualquer instante revogar unilateralmente essa concessão. A promessa sobre cessão da vontade futura é sempre nula porque a vontade não é apenas inalienável, ela é imprevisível, e instantânea, é soberana.

Assim como não há como forçar um alienado desinteligente e irresponsável a assumir suas responsabilidades nem comuns nem particulares, porque não existe responsabilidade sem volição; não há como, sem violência, impedir que uma pessoa dotada de livre vontade não venha a se tornar responsável e consciente quando passar a buscar voluntariamente a sua emancipação. A qualquer momento a mais irresponsável das pessoas ou a mais alienada das sociedades, pode simplesmente querer tomar conta da sua própria vida, e ninguém poderá se opor ao novo testamento soberano sobre a vida nem mesmo recorrendo aos anteriores, não sem crime. O direito natural a emancipação e vocação e soberania sobre sua própria vida não pode ser impedida sem crime contra a vida e liberdade da pessoa humana, nem a negação do direito a autodeterminação dos povos e pessoas sem crime contra a humanidade.

A única pessoa que pode legitimamente sacrificar ou mesmo pôr um fim a sua vida é a própria pessoa. E a única morte que se pode assistir ou dar assistência sem omissão ou cumplicidade é a requerida por aquele que consciente pede um fim digno para sua vida. O direito a vida e a morte não pertencem aos outros, e, portanto em hipótese alguma os meios necessários para sua preservação ou extermínio. O direito a vida, seja como anima seja como fato, não é objeto de concessão nem benesse, não tem preço nem gratuidade, simplesmente não é propriedade para ser dada nem tirada, condicionada ou alienada. E contra aqueles que pensam que se arrogam o poder sobre a vida e natureza de todos, que privam as pessoas das suas condições mais fundamentais toda força necessária não é apenas legítima defesa, não é apenas revolução é justiça. -REVOLUÇÃO1



Estado, Anarquia e Panarquia:
Porque a cultura libertária nunca
deixará de ser uma utopia enquanto
não reivindicar e lutar por ao menos
um território livre

Ou porque a necessidade de abolição da tirania do Estado, passa pela
instituição da democracia antiestatal

**Em defesa da Pan-arquia internacional e Constituição de Repúblicas
Democráticas Supranacionais de Direito Libertário**

Uma dos maiores erros ou falhas presentes no credo ou consciência
anarquista e libertário, é a ideia utópica de um mundo cosmopolita sem
Estados. Em tese isto é perfeitamente possível desde que você suponha:

A. Que todos os povos e pessoas do mundo respeitam a todo tempo em todos lugares o principio da não agressão e convivem em paz sem querer impor a sua cultura e credo. Ou:

B. O anarquismo ou libertarianismo como todo credo imperialista, esteja disposto a se impor pela força de fato contra mesmo a quem se recuse a viver ou conviver nessas cultura.

Logo se toda pessoa humana tem direito ao exercício da autodeterminação e consensualidade e portanto ninguém pode ser obrigado a manter ou ser mantido em relação forçadas com ninguém, as livres associações mesmo as autoritárias e hierárquicas e até violentas que respeitem esse principio, ou seja que estejam restritas a quem permite sem impor a mais ninguém que expressamente de seu consentimento, não estão a violar a liberdade de ninguém mas a exercer a sua. Pelo contrário, a intervenção para impedir esse forma de relação, comunhão, ou associação, para impor outras, ditas libertárias ou anárquicas, esta sim constituiria o oposto: a violação da forma de vida e liberdade. O que empiricamente se comprova sem necessidade de nenhuma tese mas pela simples verificação de quem carece apelar agressão para impor findar ou manter ações, relações de poder ou posse, ainda que ideológicas.

Se o pensamento anarquista e libertário não é meramente mais uma entre tantas ideológicas político-econômicos, mas um credo ou consciência antropológica e ecológica que opera portanto no plano da cosmovisão epistemológica e não do fundamentalismo doutrinário. Ele compreende então que verdade enunciada não é verdade, mas enunciado de verdade. E portanto não mais verdadeiro a quem não o emite mas só o recebe quanto qualquer outro enunciado, mesmo o falso. De modo que é por coerência ou honestidade intelectual apenas necessariamente obrigatório para o emissor e nunca para o receptor. O que implica que cada pessoa e

povo tem o direito a sua cultura por mais absurda que pareça ao outro, e de modificá-la a qualquer tempo igualmente a revelia do julgamento alheio, desde que não tente impor esses juízos como jurisdição sobre o alheios. Na verdade, não há nem deve haver fora da sociedade libertárias nenhum dispositivo que o impeça de desejar ou tentar isso, mas deve haver sim nas sociedades libertárias disposições e dispositivos prontos para impedi-lo a todo e qualquer tempo.

Porém da mesma forma que os autoritários e hierarquistas tem o direito de viver em paz em algum lugar onde passam vivenciar sua cultura e forma de vida; tem o direito a defender esse terra e território, mas não tem o direito de impor a sua forma de vida imperialmente a outras pessoas e culturas, nem dificultar a saída ou entrada de pessoas que queiram viver em paz dentro de seus estados de paz. Os anarquistas e libertários enquanto também o têm os mesmos direitos. E qualquer pretensão maior do que essa sobre o mundo, faria dos libertários e anarquistas nada mais do que imperialistas fundamentalistas, qualquer pretensão menor que essa manterá os anarquistas e libertários exatamente onde estão: pessoas de uma cultura marginalizada encerradas em Estados que não reconhecem e que não reconhecem seu credo e consciência, literalmente sem lugar nenhum de fato para viver em paz na terra. Um povo sem território. E o pior com um utopia, porque não sendo imperialista, nem territorialista não sonha com um lugar para viver em paz, mas com o dia seguinte do apocalipse quando virá o paraíso e lobos e ovelhas viverão juntos em paz.

Nem todo autoritário e hierarquista e reacionário é necessariamente alguém violento. E mesmo os que são tem o direito de sê-los deste entre eles. O que torna um autoritário hierarquista ou reacionário perigoso é exatamente o mesmo princípio que torna os libertários anarquistas e revolucionários, o fundamentalismo e monopolismo. Isto é o credo que

podem se valer de todos os meios incluso a violência para impor a **todos** os demais o **único** credo, cultura e **ideias** verdadeiras, as suas.

O pensamento libertário fora do plano teórico como praxis, demanda a evolução da anarquia para a panarquia. Não como utopia onde o libertário aguarda o entendimento e respeito multilateral dos demais a sua cultura e forma de vida, mas onde ele respeita sem impor nenhuma condição nem mesmo a de reciprocidade a cultura alheia, porém ao mesmo tempo não pede o respeito a quem lhe é surdo ou se faz, mas simplesmente se afirma e protege com todos os meios necessário para preservar sua forma de vida em liberdade, prontos a se defender e resistir contra quem não tolera não só conviver com sua forma de vida, mas de fato sequer que qualquer forma de vida semelhante que pense ou age de forma distinta da sua.

O libertário é por definição uma identidade que não se constrói por segregação identidade nacional, religiosa, racial, consanguinidade, pelo simples fato que essa agregação implica por consequência na segregação da diversidade não compreendida pela afinidade que define a comunhão. Não é uma portanto uma identidade desagregatória, mas sim universalizante, plural e inclusiva, que logo não demanda a anulação das demais nem fora nem dentro de seus espaços de convivência pacíficas -os territórios governados por suas sociedades de paz- mas pelo contrário protege essa pluralidade e diversidade de indenidade desde que nenhuma delas busque violentar ou privar de meios a existência ou liberdade de coexistência e relação das demais, ou seja vivam e deixem viver em paz. Essa identidade cosmopolita portanto não implica a negação de nenhuma forma de identidade particular, coletiva nem religiosa, política, cultural ou nacional, mas pelo contrário demanda o respeito preservação e proteção de todas elas dentro do alcance das suas possibilidades de fato, a área de proteção que constitui de fato o território livre ou de paz

literalmente por negação ou proteção contra a violência e a pretensão de monopólio violento dos Estados e sua Pax pela guerra ocupação e servidão dos dominados.

A identidade cosmopolita dos libertários, não é portanto uma identidade impositora e constritora que renega a liberdade identitária dos indivíduos e povos e suas sociedades. Mas que literalmente as aceita e protege dentro do seu território, e respeita ainda que violenta desde que não busque colocar suas mãos e violar nenhuma pessoa ou povo que não consente expressamente em viver nessa cultura e estado. Este princípio delimita o direito de uso da força em autodefesa -a mutua- e intervenção em defesa da pessoa humana -a universal, isto é, aquela voltada quem não faz parte da mutualidade mas efetuada pela responsabilidade social e humanitária voluntária dos mutualistas. Evidentemente que essa possibilidade de ajuda universal do Estado Libertário de intervir está delimitada pela sua capacidade de intervir e intervir com efetividade, ou seja sem causar mais danos ou guerras.

Evidente que libertários e anarquistas não podem constituir por definição Estados, mas precisam por necessidade constituir Anti-Estados, territórios livres, que podem até tolerar em seu seio cultos e credos de desigualdade de poder desde que esses vivam em paz e não tentem impô-los a ninguém não só por violência, mas por posse exclusiva do que é vital para todos. Ou seja, completamente regidos pelo seus princípios da anti-tirania e do anti-fundamentalismo. Ou seja, na prática formar uma democracia direta popular plena. Uma república onde ninguém tem o direito de estabelecer ou impor sua vontade pela uso da força, mas sim tem o dever mútuo de defender uns aos outros de quem por ventura queira instaurar essa tirania seja contra todos ou sequer uma única pessoa.

Não importa se o fundamentalista seja um imperialista cheio de ódio e poder, ou um missionário cheio de amor e vontade libertação. Liberdade e libertação e libertadores não se impõe se dispõe e não onde o visitante quer, mas onde o dono da casa deixa, se deixar. E quem não acredita que não há propriedades, nem do corpo nem do que o corpo precisa para existir a cabeça de um chão sobre seus pés. E quem diz que nada é de ninguém é tão totalitário quanto aquele que diz que tudo é seu. Porque o todo e nada, os absolutos são apenas nomes e abstrações distintas para uma mesma realidade que é universal, mas multiversal. Ou se preferir a sua universalidade é absolutamente igual na sua multiversidade.

Ou o credo libertário renuncia a pretensão de governar o mundo ainda que pela sonho missionário da cultura universal ou rompe completamente o arcabouço dos fundamentalistas que querem governar e ser governados imperialmente, e entende que tudo que pode e tem direito é viver em paz algum lugar livre deles. Ou continuará a ser o que é: um credo que existe em lugar nenhum. Uma utopia, o sonho do paraíso perdido daqueles obrigado a viver presos dentro da distopia de Tiranos que fizeram de seus domínios violentos seu monopólio sobre o mundo inteiro na forma do seus respectivos Estados-Nações.

Esta na hora dos libertários pararem de sonhar e começarem a buscar a sua terra prometida nem que para isso precisem construí-la no meio do nada, ou nos escombros de Estados decaídos. Mas sabendo que independente de qual caminho tomem sempre terão de enfrentar a oposição violenta daqueles que não aceitam que ninguém viva de forma livre, especialmente em uma liberdade que denuncia e ofende a sua condição e relação servil e tirânica.

Já está passando do tempo das utopias libertárias ganharem o mundo e constituem as verdadeiras repúblicas democráticas populares que nunca

existiram em lugar nenhum. Em breve não teremos mais um Planeta para construir nada, depois que esses gafanhotos devorem tudo, inclusive as outras pessoas. Porque se existe uma vocação para a fé libertária é essa: a libertação das pessoas e povos do mundo que anseiam e clamam por liberdade. Não como um sonho, mas como uma terra para viver em paz longe desse homem completamente sedento e viciado na carne do homem.

Dedico essa crítica a todos os povos refugiados desterrados do mundo, vivendo como servos e escravos, prisioneiros em terras estrangeiras ou encarcerados em sua própria terra natal pelo cercas e cercos de todos os Estados-Nações do mundo a começar pelo daquele que supostamente seria o seu Estado e Nação.

Liberdade não é uma questão de meras reforma agrárias, mas de revolução gregária e agrária. Nada menos que a Libertação do homem e da terra. Da Liber da Vida. A ordem da Paz e Justiça dos cosmopolitas. E não a Pax dos romanos e americanos.

E que os romanos e americanos fiquem com em paz com sua Pax, com seus ídolos, cultos e deuses todo-poderosos, que fiquem com sua Pax, mas em suas Romas e Américas.

Reitero: não é o capital que precisa do trabalho e sim o trabalho e o trabalhador do capital. Do contrário é escravo.

Recebi a primeira objeção a seguinte tese:

Marx portanto assumiu dois pressuposto fundamentais do escravagismo para tentar libertar o homem da exploração do homem.

Um: que a propriedade natural não existe, o que existe é força seja para expropriar ou se apropriar das coisas e definir o que é e o que não é propriedade.

O outra: que toda riqueza é produto do trabalho. E portanto ou você trabalha ou rouba e escraviza para obtê-la. Generalização falsa. Nem tudo é gratuito, nem tudo precisa de trabalho para se reproduzir. Assim como nem todo capital se reproduz sozinho, mas outros sim, especialmente o vivo e natural, se reproduzem e produzem sem o trabalho alheio, o que permite portanto que sejam explorados por parasitas. Prova disso são os recursos animais e humanos cativos que se reproduzem não por causa do cativo, mas apesar dele.

O filósofo materialista partilha da maldição do velho testamento que por sinal de liberal tem tudo: ganharás o pão com o suor do teu rosto, e pisarás no pescoço da mulher, o primeiro escravo desse homem. Pelo menos ele era coerente materialista e ateu, difícil é quem se diz cristão e acha que olhai os lírios e pássaros não trabalham e nem fiam de cú é rola. A terra é plana e o

essa história de o sol nascer para todos está muito errada, porque nem todo mundo é filho de deus, ou se é é bastardo, porque eles são os únicos legítimos herdeiros.

No fundo a ideologia capitalista-trabalhista é uma religião antiga que o capitalismo e o trabalhismo. E a mito popular contado para os pobres de que não há riqueza que se produza sem trabalho, é entre os iniciados nada mais do que de fato é historinha para o povo dormir.

Porque não o capital reproduz o capital incluso como ou sem o trabalho de gente, ou quando as próprios seres humanos estão condenados a ser capital do outro. Como pelo contrário:

é o trabalho que não se produz nem reproduz sem o capital!!!

De modo que sem o capital o homem não é livre não só para o ocioso, o homem não é livre sequer para poder trabalhar!!! Ou em trabalhar livre para si mesmo, e não escravo ou empregado de outro. E isto é o capitalismo.(...)

Associações baseadas só no trabalho ou sem capital sem a posse da propriedade estão fadadas ao fracasso: primeiro porque elas não tem a propriedades da qual carecem para trabalhar; segundo porque essas propriedades estão nas mãos de quem quer explorar seu trabalho; e terceiro e mais importante que vai implicar no seu extermínio em definitivo: em breve haverá os instrumentos, capazes de trabalhar para reproduzir o capital, as máquinas poderão reproduzir o capital [sem precisar do trabalho nem do trabalhador] sozinhas. E o capital artificial, a riqueza irá se reproduzir com o capital natural sem a necessidade da mão do homem, que era utilizado para aumentar e maximar essa produtividade, e não necessariamente para “permiti-la” de modo que até para isso , sua trabalho ao qual foi reduzida a

razão da sua existência será completamente dispensável. E ela com ele. Ou tem alguém que acha que o capitalista vai sustentar o que para ele não passa de um animal que ficou velho, ou uma máquina que virou lixo?

A objeção ao argumento é mais ou menos a seguinte:

“mesmo que as máquinas, venham a substituir completamente o homem, elas foram produzidas, criadas pelo homem, logo não foi o capital a reproduzir o capital mas o trabalho do homem. “

Correto, mas insignificante a longo em termo de resultados a longo prazo. Porque ainda que a primeira geração de máquinas tenha sido criado, a sucessão de máquinas completamente emancipada a produzir e reproduzir toda a riqueza -incluindo as novas máquinas- tende a fazer a participação do homem na somatória da geração dessa riqueza tender ao longo do tempo a ZERO, nula na produção do novo e insignificante no montante do capital acumulado. Por sinal esse é o raciocínio igualmente válido no processo inverso da produção de toda riqueza feito pelo trabalho e trabalho. Onde a participação do capital inicial, tende a ser nula na produção do novo e insignificante no montante do capital acumulado. Embora a pilhagem estado-privada tenha garantido a redistribuição oposta — roubo.

De qualquer forma. O controle do capital seja para produzir ou impedir a produção, bem como determinar o que será ou não produzido e quando é o fator determinante para a possibilidade da manifestação de qualquer trabalho seja ele efetuado por máquinas, bestas ou homens, que na qualidade de expropriados de si mesmo e do controle dos meios de produção são por definição não capitalistas, mas capital, propriedades

empregadas por esses. O capital continua a se reproduzir a revelia da intervenção humana, que de fato não cria a riqueza artificial da natural, mas não tem como criar nada sem a matéria prima da natureza. E quando lida com ela no máximo acelera sua reprodução ou exploração ou transformação em coisas, não a sua criação, por definição. De modo reitero: não só não há trabalho sem capital. Como não há sequer trabalho plenamente livre sem posse de matéria-prima e os meios-de-produção naturais ou artificiais que permitam a sobrevivência sem a necessidade forçada de vender o seu trabalho.

Uma pessoa que possua meios naturais ou artificiais para extrair e produzir o necessário a subsistência não precisa necessariamente sobreviver trabalhando deles. Podo perfeitamente fazê-lo vendendo sua trabalho para outros, justamente porque tendo condições de vida é de fato livre para fazê-lo por vontade ou vocação e não por necessidade. Quem não possui tais recursos e meios, esse não tem escolha, para se manter em paz, querendo ou não, vai ter que trabalhar naquilo que lhe derem a oportunidade, isto se derem.

Daí que o problema da falta de uma renda seja ela particular ou básica, isto é , não é nunca uma questão de falta de trabalho, mas sim de falta de propriedade seja ela uma renda básica derivada da propriedade ou bem comum, seja ela uma renda particular derivada da propriedade sobre o bens particulares sejam eles posses de meios-de-produção, matérias-primas, ou da sua própria força de trabalho, ou seja a propriedade tanto do seu corpo e o que ele produz quanto dos meios necessários a sua subsistência, produção e reprodução não como objeto de alienação, mas como ser dono de si mesmo como capitalista e trabalhador e consumidor reintegrados numa mesma pessoa concreta e natural: a humana.

Um Sonho: Azul da cor do Mar



Introdução: Da evolução e revolução das espécies inteligentes

Minha amiga [Fabiana Cecin](#), escreveu, uma maravilhoso artigo dirigido a mim.

The immediate goal of Crypto UBI

Why would we bother creating a digital currency “not backed by capital” to pay a Basic Income?

medium.com

E não é um elogio gratuito. Porque até para meramente comentá-lo, sou obrigado a trazer a tona algumas reflexões que em geral, mantenho para só mim. Não por nenhuma razão de discrição, mas simplesmente pelo fato, que raros são os argumentos e circunstâncias que dão sentido a muito do que pretendo dizer. Como agora, graças ao questionamento e

argumentos do escrito acima. Sem eles, são ditos que precisariam de longas e modorrentas introduções- bem mais do que é essa. como disse Wittgenstain são ditos que sem a ausência de um questionamento tácito ou explícito soam, como o louco interpelando pessoas nas ruas para dizer que horas são ou que o fim está próximo, quando ninguém lhe perguntou que horas eram, ou o tempo de quê. Ou seja algo que comunica pouco sobre que o se quer dizer, e levanta muitos questionamentos sobre a sanidade de quem o diz. Até os pregadores malucos, ao menos os que sabem que são (como eu) tem consciência desta triste figura que fazem ao viver pregando o seu “evangelho” da Liberdade como se fosse um “testemunha da renda básica” batendo de porta em porta e importunando até nos domingos e feriados e semeando entre as pedras do deserto do conservadorismo da servilidade brasileira.

Por outro lado, esse tipo de louco- o consciente da sua loucura e das loucuras humanas- sabe como nenhum outro maluco- que se finge ou acha mesmo são- dar valor as mensagens para ele, especialmente quando elas ao contrário das pregações feita de respostas prontas sobre perguntas que ele nunca se fez, ao contrário delas, essas mensagens fazem todo sentido para seus questionamentos ainda que não manifestos. Este é o caso.

Conheço menos filosofia oriental ainda do que ocidental, mas quando uma pessoa, como um mestre oriental e não um professor ou pregador ocidental, interrompe seus afazeres e “silêncio” sobre algo para compartilhar suas meditações com você, sem que você o interpele, o significado e força dessa mensagem é imenso, desde que você se abra para ela. E pobre daquele que mal consegue receber ou nem tenta entender o significado dessa mensagem. Porque não discorda, nem concorda, não entende nem desentende, não é pastor nem ovelha, é pedra. Mais uma a

compor o nosso deserto de cegos e surdos seletivos desligado que parece não ter fim.

Por isso mesmo só sei de sei uma coisa, mesmo querendo, e muito, sei que jamais terei compreendido completamente essa mensagem. Porque nossa compreensão de mundo, é feita daquilo que vemos, sentimos, e quando alguém nos conta sobre as maçãs ou cavalos, não imaginamos maçãs e cavalos universais, mas aquelas maçãs e cavalos guardadas em nossa memória emotiva, e se não temos uma lembrança nem emoção, de nada pelo menos parecido com isso, não temos nenhuma referencia para ter a menor idéia do do estamos falando que dirá para fazer a correspondência com das ideias das coisas que outro fala. Em outras palavras sem referencias não há pressuposições para fazermos as correspondências. De modo que estamos sempre a falar de coisas diferentes que com boa vontade e um pouco de sorte irão se referir em essência a uma mesma coisa pelos mesmos termos. E quando conseguimos fazer isso, quando conseguimos dar a entender o que queríamos dizer, quando o outro consegue ver não a mesma coisa que vemos, mas aquilo que projetamos- porque o que dizemos é sempre uma projeção do que vemos, vimos ou queremos um dia ver- quando conseguimos enxergar os sinais com os olhos do outro produzimos o milagre da comunicação através de um entendimento. Entendimento, portanto, que ao contrário que os cegos fanáticos fundamentalistas creem não é sinônimo de concórdia, convencimento ou conversão, mas algo muito mais fundamental: a base da possibilidade de dialogo e compreensão mútua entre os diferentes- que por natureza somos enquanto pensamos- tanto como concordância quanto discordância dentro disto que chamamos compreensão. Essa disposição a compreensão é a base geradora da possibilidade de inteleccção entre seres separados por qualquer tempo-espaco, mesmo que seja somente o do universo dos seus corpos e mentes. A base todo pensamento dialógico, ou

da capacidade de colocar no lugar do outro para compreendê-lo, o entendimento, mas pode chamar de inteligência mesmo.

Tem cientistas que acreditam que nos somos ou nos tornamos inteligentes porque desenvolvemos a linguagem. Não. Desenvolvemos a linguagem e a inteligência uma reforçando a outra pela vontade de compreender o mundo que não é outra coisa que senão tudo menos eu, incluso portanto os outros, transmitida como herança genética e cultural ao entendimento como vocação e projeto inteligente de humanidade. Provavelmente se nossos antepassados das cavernas fossem extremamente conservadores em seus costumes e tradições primitivas de decidir suas discordâncias e produzir seus consensos como bichos, se batendo e matando e submetendo a força uns aos outros; se essa tivesse sido a estratégia de adaptação para a sobrevivência da espécie por seleção natural seleção natural teria sido esse homem, suas tribos e estratégia que teriam prevalecido, e com certeza seriam mais fortes e ainda mais violentos, mas bem menos capazes de dispostos e capazes de dialogar e chegar a soluções por definição inteligidas.

Outros cientistas acreditam ainda que a evolução é um processo de mutação aleatória. Como assim??? Se o homem primitivo A decide usando a sua livre vontade lutar até a morte com B. Terminando os dois mortos, ou um mais estropiado que o outro. Enquanto C e D decidem conversar ou trepar, e eventualmente conversar e trepar até pra reproduzir, em vez de se matar de qual desses homens primitivos você provavelmente descendente dos que se mataram ou dos que se reproduziram? Infelizmente dos dois. De A ou B que não morreu e resolveu partir para cima de C e D que enquanto tentavam conversar com ele matou C e estuprou e escravizou D e seus filhos. É desse principio masculino e patriarcal e feminino e gerador que descendemos ao menos desde que a história começou a ser escrita, e as pessoas inteligentes

acreditaram que todos pensavam e resolviam as coisas como ela. Considerando que a herança genética de ambos é a mesma, é na nossa herança cultural, ou mais precisamente na estratégia hegemônica de adaptação e relação do homem com homem e o mundo que reside o que somos ou nos tornamos. E se hoje a cultura da violência prevalece, como certeza ela não prevaleceu homogeneamente e totalitariamente em todos os lugares a todo o tempo, do contrário não teríamos desenvolvido nem a capacidade genética de nos entender nas situações mais adversas e conflitantes, nem teríamos como herança linguagens prontas para facilitar esse processo que nada tem de aleatório, mas é sim produto da volição dos seres dotados de livre vontade. Não é só porque um macaco nasce com uma mão maior enquanto outra menor que esse vai sobreviver e outro não dependendo do quão mais capaz uma outra forma seja adequada as circunstancias. Mais importante do que ter uma mão grande para alcançar lugares que os outros não alcança ou ter uma mão pequena para enfiar em buracos que os outros não pode, é saber escolher acertadamente onde vai colocar suas mãos. Quem pode muito também pode fazer muita bobagem. E mesmo quem pode pouco, quase nunca pode tão pouco que suas decisões não possam mudar sua vida. Não sendo o acaso, ou qualquer mutação aleatória o fator determinante da melhor ou pior adaptação do homem ao mundo e aos outros homens, mas suas decisões, especialmente aquelas de vida ou morte, produção e reprodução. E não é porque a livre vontade por definição seja não-predeterminada, e logo imprevisível aos olhos de outras forças e vontades que querem controlá-la, que essa vontade própria seja aleatória. Não é. Ela é livre. Feita das linguagens da capacidade de nos comunicar e linguagem que herdamos, mas que não nos exime da responsabilidade dos nossos antepassados, que envolve portanto não apenas abdicar da outra a violência, mas exercê-la plenamente com toda a vontade que a inteligência exige para a produção do entendimento.

Agora o leitor pode estar pensando: “entendi porque o cara falou que era maluco, o texto dela fala de uma coisa aqui e agora e ele responde outra completamente diferente...da época das cavernas, evolução do homens... o bicho é doído mesmo...” Sim. Mas essa historinha da genealógica da humanidade é importante para entender a base de meus argumentos que pode ser considerando conservadores... conservadores dos princípios evolucionários e revolucionários que constituem a nossa vocação e vontade de sermos mais humanos e inteligentes.

Confesso que se a humanidade se dividisse em duas conforme as tendências herdadas ou apreendidas da vida: pertenceria não aos pacíficos e inteligentes, mas aos mais violentos e primitivos. Quem me conhece pessoalmente sabe que não estou fazendo graça retórica. Tudo o que digo e faço é fruto de um enorme esforço na tentativa de vir a ser o que não sou e nem foi me dado, é fruto dessa força de vontade que considero mais o fator determinantes do que nos tornamos como indivíduos, sociedades e espécie, do que qualquer outro fator predeterminado de uma suposta predestinação. Mas qual é o princípio científico que garante a minha afirmação de que as essas coisas não sejam predeterminadas? Não há. Porque essas coisas não são coisas. Não sou objetos da ciência alheia, mas da própria, são dotadas de consciência e portanto sujeitos de si mesmo e não objetos dos outros. Não preciso portanto da lei fundamentalista ou mesmo a empirista alheia para confirmar o que minha própria existência constitui já fundamental e empiricamente como prova mais do que suficiente para mim mesmo. Porque, uma prova de que não somos livres, ou pior de que não devemos ser livres, apresentadas contra a nossa vida e liberdade, não é prova de nada é uma declaração de guerra contra o direito natural a vida e liberdade do outro, e se for prova de algo é a prova da propaganda política de guerra do outro contra a minha existência. E aqui mais uma vez estou adiantando mais ainda meus argumentos.

Assim embora não sejam as melhores, essas referências são tudo ou que eu tenho para constituir minha ciência e consciência. E para tentar compreender com sinceridade os argumentos de Cecin é a elas que preciso recorrer, essas leituras que mundo que dizem respeito tanto as experiências que vivenciei ou presencie com os meus próprios olhos, quando as contada através da sensibilidade de outras pessoas, vivas e mortas, que as compartilharam também em registros.

Por isso em respeito a profundidade do registro que Fabiana Cecin deixou como mensagem para mim e todos que sonham em essência com o mesmo que ela defende. Não vou apenas descrever numa primeira parte meus pontos de concordância e discordância que compõe a transparência desse dialogo em aberto, mas numa segunda também abrir também minhas razões pessoais. Não porque seja necessário, ou porque as perguntas exijam. Mas porque muito do que ela respondeu com seus argumentos, tem a ver com coisas que venho me questionando e que não fazem o menor sentido, não libertário, se não forem absolutamente pessoais. E veremos se daí consigo chegar a alguma conclusão que valha a pena.

Das Razões sem paixões e e a Razão como Compaixão

O texto de Cecin invoca algumas das melhores leituras que tive oportunidade de ler. Resgata um dos fundamentos de toda a noção moderna de Libertação e consequentemente do pensamento libertário moderno e contemporâneo. As propostas de desalienação contidas no seu escrito remetem ao ensaio que tomo por inaugural dessa retomada da reflexão democrática e libertária: o “Discurso da Servidão Voluntária.” de Etienne La Boetie. Esse conceito fundamenta, “servidão voluntária”, vai influenciar todo o pensamento antiautoritários posterior, em especial a corrente de pensadores libertários pacifistas cujo mais notável sem dúvida foi Henry David Thoreau, em seu ensaio sobre a Desobediência

Civil. Conceito este que por sua vez influenciaria Gandhi e Martin Luther King, no desenvolvimento dessa estratégia de não-violência como forma luta contra a opressão e a luta por libertação não pela confrontação armada, mas conscientização, mobilização e resistência dos povos.

A proximidade desta estratégia de propaganda pelo ato pacífico em contraposição a terrorista- seja a revolucionária, ou estatal- guarda evidentes correlação com a Pedagogia Libertária. Processo educativo que em essência busca sistematizar metodologicamente o ensino voltado para a emancipação, empoderamento e libertação das pessoas dessa condição de servilidade voluntária, por oposição a outra educação voltada justamente para adestrar e conformá-la a sua condição de obediência a servilidade como norma e normalidade.

Essa correlação não é portanto casual. Pedagogias Libertárias e ativismos sociais e pacifistas, partilham de um mesmo pressuposto racional: a possibilidade da libertação, através tão somente da racionalidade, dessa ciência de si mesmo e o mundo como um despertar, um estado de vigília por oposição ao sonambulismo da servilidade a essas inconsciências coletivas que anulam o indivíduo para formar as totalidades. O oposto da libertação e conscientização solidária, que fortalece o indivíduo e suas relações para formar comunidades e sociedades.

Essas são as referências que me identifico. É que foram o norte e fundamento não só do meu pensamento, mas trabalho e ativismo social. Então, não preciso dizer que concordo com os princípios propostos contidos no texto. Logo podem considerar que as objeções que faço aos argumentos é muito mais uma autocritica. E que se podem ser resumidas em uma única sentença: concordo que tudo isso é absolutamente necessário, mas não creio que seja suficiente. É preciso mais. É sobre esse mais que acredito que falta ao pensamento e ativismo libertário e

social. E é sobre esse “mais” que acredito que falta não apenas as práticas, mas aos fundamentos- o que seria? porque seria necessário? — é em torno dessas reflexão que tento responder a essa questão.

Quando inicie meu trabalho como ativista social, notadamente da renda básica, acreditava que os conceitos estavam dados, faltava colocá-los em práticas. Ou rigorosamente falando tínhamos uma moral da história, mas faltava a sua ética. Durante o processo, a experiência de campo, que é um campo de batalha não só pelo social, mas pelo simbólico, fui descobrindo que não era só a ética que era falha, mas a moral daqueles que defendiam a liberdade. Havia buracos e falhas gigantescas não só estruturais, mas de projeto. Talvez pela própria falta de conhecimento a teorias da liberdade e empoderamento estavam longe do engenho e da engenharia das teorias de poder e autoridade. Literalmente condenada a cair ou por ventura conseguir a libertação somente ao custo de perdas humanas e humanitárias inaceitáveis impostas por esses poderes e autoridades muito bem estabelecidas.

Uma das grandes críticas que pragmáticos e autoritários fazem com relação ao idealismo dos libertários e pacifistas é justamente a nossa incapacidade até o presente momento de ter colocado um único lugar concreto do mundo nossas ideias práticas de convivência. Em suma sonhadores e utópicos. Sim, como Hakim Bay bem coloca, isso não é verdadeiro, mas parte da estratégia de desqualificação daquilo que não se consegue competir em condições de igualdade de concorrência sem apelar para a violência. É mais uma das muitas trincheiras cheia de armadilhas construídas justamente para impedir esse avanço- uma das fakenews a mais antigas da guerra de propaganda do mundo estatizado. Na verdade, estamos a todo tempo criando sem alarde nossas pequenas e efêmeras e as vezes invisíveis “zonas autônomas temporárias” que geram as evoluções e revoluções e transformam o mundo de forma muito mais

concreta que séculos de status quo morto e cristalizado. Status quo, que embora, claro, mais permanente, não deixa de ser também transitório, e mesmo sendo desenhado exatamente para frear essas transformações não deixa de constituí-las e provocá-las dialeticamente.

Ótimo, então temos então nossas zonas autônomas temporárias, mas isso, não resolve o problema. Porque do ponto de vista popular, as pessoas continuam a querer condições de vida e liberdade que não sejam efêmeras, inseguras. E portanto não é de se surpreender que entre a retrocesso a servidão do autoritarismo e o progresso da libertação da autonomia, elas escolham a segunda. Optem por pouca liberdade garantida com muita repressão. Do que por liberdades plenas que decairão rapidamente ou serão esmagadas precisamente por essa repressão. Esse é o primeiro erro dos processos revolucionários pacíficos ou não. As pessoas mesmo as que não são autoritárias, não necessariamente são libertárias. A grande maioria das pessoas não quer viver tomando conta do rabo, dos outros, mas igualmente não está disposta a arriscar o seu para defender o alheio. Como Thoreau as pessoas não vieram ao mundo para lutar pela vida e liberdade, vieram para simplesmente viverem em paz com liberdade. E muito da dominação o que é chamada portanto de servidão voluntária, não é propriamente uma servidão, não é propriamente voluntária, não é resultante nem comodismo, nem de falta de visão do mundo, mas precisamente da construção artificial de um mundo onde ser livre exige sacrifícios que com justiça não podemos exigir de nenhuma pessoa. Essa é a essência da dominação. A servidão voluntária é uma visão do opressor ainda que na qualidade de missionário do humanismo ou da libertação e não da exploração, mas ainda sim a visão do outro que não sofre ou sente essa opressão. E o simples fato, de tempo livre e conhecimento para debater a condição nos coloca por definição na condição não do sofre enquanto pensamos mas daquele que observa, ainda que seja o seu próprio sofrimento.

A servidão voluntária, a ideia de que o falta as pessoas tomada por conformismo e servilidade é somente o despertar para sua condição servil e vislumbrar a liberdade, essa ideia de que o conformismo e servilismo se dá por falta de educação ou cultura libertária, também é discriminatória, e supremacista e portanto autoritária não na sua proposições ideológicas, mas na pressuposições epistemologias- que formam a base do entendimento, união inteligente tanto como comunicação quanto comunhão. Um supremacismo social pacífico e caridoso em luta eterna contra o supremacismo segregacionista, violento e escravagista, mas ainda sim suposição que o que falta não só para oprimidos mas para opressores é a revelação da nossa verdade que liberta. Que o que leva um explorar e outro a aceitar é ignorância de ambos. Não é.

Alienação, não é produto da ignorância, não é falta de conhecimento, é abdução, é o sequestro (inclusive dos plano simbólico) de um pessoa feita refém de outra (não apenas pelo simbolismo) mas por ameaça, segregação e privação dos meios e relações concretos e simbólicos que constituem a liberdade como possibilidade tanto de concepção quando da consequente realização. É literalmente o produto da dominação de uma pessoa que se considera e se comporta como alienígena conscientemente ou não: seja como o missionário “cheio de amor e apreço” ou o conquistador “cheio de ódio e desprezo” frente ao indígena e sua terra, mas igualmente repleto de preceitos que podem (ou tem a missão de) convencer ou impor suas relações formas de pensar e viver ao outro.

O erro do pensamento libertário, está portanto no credo que tem o poder de despertar a transformação a revelia da livre vontade ou das pré-condições minimamente necessários para o outro manifestá-lo a revelia da sua- a falta de meios essenciais a vida (o capital). O erro está portanto na

incoerência de tentar contestar a proposição imperialista e autoritária, sem renunciar a ela como pressuposição que podemos ou devemos mudar o mundo, ou o outro. Ou o que é a mesma coisa que podemos transformar a vida toda e qualquer pessoa com nossas palavras ou atos, transformar mesmo quem não quer ser transformado, ou mesmo querendo simplesmente não pode. Em suma na pressuposição que nossos atos são fatores determinantes, é portanto nós somos o sujeito da transformação da vida alheia, quando nada senão a ação do próprio sujeito o é, sendo nossas ações no máximo imposições ou disposições para que essa pessoa exerça ou não sua livre vontade. E as disposições não eliminam as imposições nem muito menos anulam a vontade de impor.

E nisto voltamos a questão inicial se as sociedades livres são mais inteligentes e representam maior evolução dentro da estratégia que constitui a nossa humanidade, porque não as imposições continuam a prevalecer? Porque não conseguimos dispor o suficiente, nem sequer para aqueles que querem se ver livres desses regimes o façam com o mínimo de razoável certeza, permanência e segurança, para dizer finalmente agora posso ao menos viver em paz?

A Pax Imperial versus a Paz libertária

Qual é enfim o problema das organizações pacíficas, das sociedades e comunhões de paz fundada no respeito a liberdades sem senhores nem escravos? porque mesmo sendo mais inteligentes e racionais elas não conseguem se manter? Porque elas não se replicam e esparralharam ao longo da história da humanidade como os impérios? Pelo contrário foram esmagadas ou decaíram nos regimes de exploração e servilidade? Porque invariavelmente até hoje todas as revoluções de libertação, incluso as recentes liberais e socialistas foram corrompidas ou degeneraram por conta própria em estados reacionários e autoritários, e até mesmo totalitários e genocidas? Porque esses movimentos revolucionários capitulam ou então

quando vencem se tornam a nova forma da própria tirania que combateram? Seria a espécie humana um tipo de animal social como a formiga ou abelha, que precisa de ordem hierárquica, precisa de rainhas, onde a maioria não pensa e precisa compartilhar de uma mesma mente coletiva com aqueles que pensam por conta própria e por isso são reis?

Se um dia a anarquia reinasse em todos os territórios o que teríamos? A ditadura dos que não querem reis contra os que querem ser ou servi-los? Se um dia a paz reinasse o que teríamos a ditadura dos pacíficos contra os selvagens e violentos? A educação e sociedade libertária realizaria então o sonho da educação autoritária e fabricaria enfim pessoas com comportamentos dentro da normalidade da não-violência libertária. E o que faríamos com o desvio dos padrões que não aceitam a proibição da violência? Policiariamos e prenderíamos aqueles que insistem em usar da violência ao invés do diálogo? Ou os deixaríamos soltos para predar até formar de novo o seus domínios, gangues e impor sua lei do terror no seu territórios contra os pacíficos?

Como deixar de ser laranjas mecânicas? Sem os fabricantes de laranjas mecânicas?

O que faltou então até hoje para nossos antepassados que não eram macacos, para não se organizarem como tais? O que falta para nós para deixarmos essas formas primitivas de convivência baseadas na ameaça recíproca de violência e relações forçadas que sempre em guerras e ditaduras? O que falta como como civilização para a humanidade escapar desse ciclo de monopólios e violência?

Podemos colocar isso dentro de uma perceptiva evolucionista. O homem é um animal, um animal que aspira simbolicamente deixar de ser um

animal. A humanidade então não seria um dado, mas uma construção simbólica em progresso. Uma evolução que não se faz de modo homogêneo, mas também, sabia a natureza, não se faz com mutantes, com saltos onde se formam dois tipos de homens uns mais primitivos: territorialistas, sexistas, carnívoros e belicosos, onde o mais forte domina o bando, apenas para ficar velho se ser derrubado pelo mais jovem E outros que são o oposto disto. Seria isto?

Felizmente não conheço nenhum libertário que pense dessa forma que tenha decidido dividir a espécie humana em duas grandes classes ou raças: a dos homens evoluídos querem ser livres e iguais; E a dos primitivos que querem ser senhores mas aceitam ser escravos se perderam a luta. Ao menos por enquanto... Pois se ou quando houver tal divisão dentro do pensamento libertário de certo ele deixaria de ser uma utopia, mas não para ser a concretização do ideal, mas sua negação. Se tornar uma ideologia materialista autoritária. Como o marxismo-stalismo o foi para o socialismo. Que do sonho das pessoas poderem encontrarem ou construírem um viver em paz do jeito que sonhavam como deveria ser, um mundo sem propriedade privada, passou a ser uma ditadura contra o inimigo que não partilhasse desse sonho, o egoísta que não quisesse largar as propriedades privadas de fato e em forma de pensar. Com a diferença que ao invés de termos uma guerra de classes, teríamos uma guerra entre gerações- não de pobres contra ricos, mas dos novos contra os velhos. Ou seja ao invés da ditadura do proletária do sobre a ditadura do patronado, a ditadura dos libertários sobre os autoritários. O guerra para a qual já caminhamos justamente pela ditadura oposta: o que está posto não pode ser adaptado não importa o quão nocivos seja para a vida das próximas gerações. E cuja mera inversão dialética não irá efetuar a transposição do conflito, nem muito menos a transcendência do ciclo vicioso de violência que o compõe, mas retroalimentá-lo sistêmica e simbioticamente.

O libertário como revolução ideologia, e não epistemológica é portanto apenas outra revolução fadada a se tornar uma ditadura vazia e contraditória dos significados que lhe dão origem engedrando a necessidade do seu fim. Se tornaria portanto mais uma ideologia a abrir portas para todo tipo de totalitarismo de esquerda e direita que degeneraria inevitavelmente em novas roupagens para o mesmo racismo eugenismo e nazismos, agora libertários. Rigorosamente na prática não seria mais o ideal, mas e daí? o que é que na história da humanidade não foi apropriado e transformado na prática na negação do foi originalmente pregado? Hoje esse tipo de pensamento do homem como um praga incorrigível como um ser maléfico, existe em certas correntes radiciais da ecologismo, mas eles não fazem (até onde sei) nenhuma distinção de classe gênero ou espécie deles os ecologista em relação aos demais que não são, consideram portanto a humanidade como um todo um mal, o que rigorosamente não os torna propriamente nazi-ambientalistas como lhes imputam que são. Mas nem por isso são menos perigosos.

Fundamentalistas religiosos ou políticos, seja do monarquismo, liberalismo, socialismo, anarquismo, ambientalismo ou libertarismo são todos igualmente perigosos, e o germe do regime que combatem porque participam da mesma presunção que seu antecessor, e se são hoje os revolucionários e progressistas amanhã serão os conservadores e reacionários, por uma simples razão mudaram de posição no estatus quo da história, mas não de paradigma epistemológico. Todos eles igualmente continuam acreditando religiosa ou cientificamente que são eles e não os demais os possuidores, portadores e transmissores da verdade. Até os relativistas quando ideólogos e não epistemólogos acreditam nisso! Tudo é relativo, e o relativismo é absoluta inclusive a quem não é relativista!!!

Em sua o autoritarismo não é uma fenômeno do plano ideológico e sim epistemológico, da mesma forma o seu polo inverso o libertarismo. É uma

forma de compreender o eu e o mundo. Ou talvez eu que esteja me expressando mal. Talvez eu deva construir melhor e separar o argumento abstraindo e substantivando o fundamentalismo do autoritarismo. De modo que o fundamentalistas que é uma propriedade do plano epistemológico constitui e permeia tanto as ideologias autoritários quanto libertárias da mesma forma que o antifundamentalismo. Dai que podemos ter reis e reinos tribos com caciques que não são imperialistas, porque não tem a pretensão de impor sua cultura sua forma de viver aos demais tribos. Enquanto que temos democratas, liberais, socialistas, ambientalistas e até anarquistas todos tão fundamentalistas quanto um pastor, imã, ou padre, dispostos a levar a sua a libertação da sua revelação e verdade, e conseqüentemente impor ou dispor a sua jurisdição sobre toda a terra, abolindo todos os crimes e trazendo a justiça, até mesmo a quem não quer a sua justiça, ou sequer tem ou quer ter abandonar a sua própria em favor dela. Um índio que meta flecha em qualquer missionário autoritário ou libertário ou ambientalista que venha trazer a sua mensagem de que eles são cidadãos daquela nação, que não são cidadãos do mundo, ou que não podem matar seus animais, está certo ou errado?

Do ponto de vista histórico, foram esses os únicos que sobreviveram até agora, que não foram escravizados, assassinados ou morreram de outras pragas trazidas pelos belicosos e pacíficos para as quais não tinham defesas nem imunológicas nem psicológicas. Mas isso não quer dizer que eles estavam certo ou errados. Isso quer dizer que se não não somos fundamentalistas não que não temos direito de fazer de nenhum nenhum juízo, não temos nenhuma jurisdição nenhum poder de julgamento sobre a pessoa ou o mundo deles. Se praticamos o libertarismo como não como credo ou ciência ideológica, mas como fé ou consciência epistemológica, “seguimos” a dica do libertador (messias) da Galiléia dizia: não julgarmos para não sermos julgados. Não pelos outros, mas pelas ditadura do nosso próprio fundamentalismo, consciências condenados, sentenciados e

aprisionadas no arcabouço do nosso próprio superego da cegueira fundamentalista.

Não há problema algum nas pessoas em levar a sua mensagem no credo de paz e liberdade para lugares e tribos que não a conheçam. O problema é acreditarem, que o outro é obrigado a recebê-la, ou mesmo recebê-lo em paz e liberdade. Não é. Pois se fosse o missionário não seria o mensageiro de paz e liberdade, mas o arauto do conquistador: que sabendo ou não seu papel, apenas está dizendo convertam e submetam-se a nossa visão de paz e liberdade, nos recebem e convivam conosco em paz ou serão obrigados a fazer isso a força. E isso seria no entender do fundamentalista nada mais nada menos do que o emprego da legítima defesa em nome da universalização da cultura da paz. A sua.

Logo o que os libertários enquanto ideólogos compartilham com qualquer outro fundamentalista é a ideia de que o ser humano mesmo o mais servil e covarde ou o mais belicoso e autoritário, do mais passivo ao mais pacífico, do mais ativo ao mais violento, do opressor e oprimido todos tem uma disposição dada por natureza que pode ser modificada pela cultura e educação. A sua cultura e educação. O problema é que a disposição natural não é ser ensinado, mas apreender. Que são coisas completamente distintas na medida que a primeira pode sim ser feita por condicionamento e imposição, e a segunda só por exercício da livre vontade autodeterminação e próprio-concepção. De tal modo que a natureza das pessoas de fato é exatamente a mesma, e por isso mesmo, governada por sua vontade que é sempre soberana, e se ela for vontade de entendimento. Não há entendimento possível. que dirá troca pacífica ou aprendizado. Por isso que missionários, todos os missionários sequestrar e apartam crianças de suas sociedades, sua livre vontade não está completamente moldada eles ainda são necessariamente dependentes da autoridade dos seus genitores. Logo ao substituir essa autoridade pela

sua, reproduzem a cultura que esperam, seja ela qual for. Mas ainda sim não há garantia que ela irá se replicar de forma absolutamente idêntica, porque a livre vontade, na idade adulta se consolida naturalmente e muitos conseguem preservar sua autônomo para o bem ou para o mal, mesmo nas condições mais adversas de privação. Felizmente, porque senão já teríamos nos tornado completamente uma colônia fundamentalista e totalitária de formigas humanas sem personalidade regidas por uma inconsciência coletiva faz tempo.

Somos todos iguais em capacidades não em vontades

Todos somos capazes de usar tomar consciência, abdicar da força bruta e usar o diálogo e a razão para tomar decisões de inteligentes que permitam a todos viver livres e em paz. Todos somos igualmente capazes de usar suas capacidades inata a racionalidade que o define o ser humano para serem exercerem de fato a sua vocação e humanidade. E por isso somos todos iguais enquanto seres humanos. Mas sermos iguais, nessas capacidades não implica que temos as mesmas vontades de usá-las.

A ideia que a educação universal e bem-estar social igualmente universal — ambos evidentemente libertários, isto é voltados para a emancipação das são soluções necessárias enquanto disposição e não imposição, mas logo não são por isso mesmo toda a solução, e portanto suficientes. Elas são a solução absolutamente necessárias para quem as busca e não as encontra em lugar nenhum, mas solução nenhuma para lidar como quem não as quer, não busca nem as quer ver postas em lugar nenhum, mas sim quer ver as suas em todos os lugares e para todas as pessoas querendo ou não.

De acordo com essa visão, o que estaria faltando até hoje portanto para humanidade é progresso suficiente para realizar essa expansão. As condições para realizar esse projeto de humanidade. Conhecimento e

tecnologia, educação e cultura que hoje temos para dar continuidade a nosso avanço civilizatório. Tudo que precisaríamos portanto seria, apenas combinar esses dois dispositivos os tecnológicos e os sociais para promover a educação, a conscientização que instaurariam as condições de transformação e libertação das pessoas e por consequência do mundo. O autoritarismo e seu inerente discriminação e segregacionismo e sistema de exploração do homem pelo homem teria prevalecido até então somente por causa disso: pela ausência de tecnologias tanto da informação, comunicação e transação capazes de transmitir o conhecimento e valores (comerciais e sociais) para realizar tanto a educação quanto a economia sob outra cultura que não a da violência e servidão. Porém hoje com a crescente desmonopolização desses sistemas e universal ao acesso a esses dispositivos. As condições para a libertação estão enfim postas. Na verdade já estariam em curso. E esse progresso civilizatório em direção a liberdade seria inevitável, engendrado pelas próprio progresso não só dos adventos com fins pacíficos e libertários, mas também dialeticamente pela própria indústria e inovação de viés belicoso e autoritário.

O que falta então? Falta combinar com os russos. Com os russos, com os americanos, com os norte-coreanos, com europeus, com os outros brasileiros, enfim falta combinar com o outro. Falta uma pecinha, importante nessa equação, o outro. Ou sua consciência. Que não é conversível, convencível, manipulável, mas o produto direto de uma forças elementares do universo encarnada em cada ser dotado de autonomia: a livre vontade. Sem entender esse força fundamental e inalienável dos entes e fenômenos da física e metafísica. Nossos castelos constituirão a serem construídos na areia dos sonhos sejam eles autoritários ou libertários. Veremos nossos planos a ruir por esse erro racionalista antropomórfico e antropocêntrico, onde o mundo é uma construção abstrata absoluta e reificada de seres objetivados, e não a própria rede interligada de infinitos sujeitos do seu próprio mundo, mais

ou menos conscientes da natureza paradoxal da sua existência concreta que absoluta e relativa que é ego e não-ego, partícula e onda, eu e o mundo.

Não nos faltam instrumentos ou controle dos instrumentos disponíveis, conhecimento ou difusão do conhecimento, falta-nos nos livrar da presunção que conhecemos, e que basta-nos ensinar e aprender o que é sabido. Porque não sabemos nada. Não nos conhecemos. E como pode aquele que não se conhece, conhecer ou reconhecer ou dar a conhecer ao outro? Se não entendemos os limites da nossa racionalidade, os limites do nosso poder e direito e capacidade de transformação do mundo, com nossos atos.

Dentro desse jogo de suposições de verdades universais o libertador e libertário tem um desvantagem estratégica monstruosa em relação ao autoridade do autoritário. Esse sabe que a maioria das coisas que ele propõe não se mantém senão por imposição. Principalmente quando suas somas de $2+2$ dão 5 de lucro para ele e -4 de dívida impagável com mas 1 de juros eternos para os todos demais. Ele sabe que só conseguirá impor a sua “verdade” e “realidade” simbólica não só com enganação mas força. Enquanto que aquele que consegue ver a enganação acredita que basta revelar a enganação, ensinar a quem não sabe ler esse mundo que $2+2=4$ para que eles deixem de ser enganados e roubados, como se muitos deles não o soubessem, não o quisessem. Como se a eles tudo que faltasse fosse o diálogo, o entendimento, ou a liberdade para produzi-los. Com certeza é o que falta para muita gente. Mas não a todos. E aqueles que não se entendem não porque não sabem ou não podem, mas porque simplesmente não querem quais são as soluções libertárias que temos? E porque não as desenvolvemos senão porque continuamos a crer que todo o entendimento e instrumentos que temos para promove-lo ou protege-los de quem os quer voluntariamente os destruir é suficiente?

Eis a minha critica, e critica construtiva por que tudo o que faço é para encontrar uma saída para que as pessoas que não podem vencer não sejam pelo menos obrigados a se juntar a eles. Tenham alternativas. Não duvido do potencial transformador da educação da ação social, da desobediência civil, da não-violência, das novas tecnologias para conjugar e concretizar tudo isso que com certeza irá mudar o mundo, mas irá libertar as pessoas, irá extinguir as guerras, o genocídio, o assassinato, a fome, a miséria, a servidão voluntária ou as relações mantidas a força? Não acredito, não acredito que seja o suficiente para quebrar a hegemonia dessas culturas e sistemas de violência. Falta soluções para esse problema. E falta soluções porque não equacionamos todas os fatores determinantes, mas não o equacionamos porque há uma profunda incoerência no entendimento da paz e liberdade, incluso entre os pacifistas e libertários.

E eis sinteticamente porque as culturas de paz e liberdade são tão efêmera e está sempre subjugada a culturas de pax e violência. Eles tem e detém os instrumentos e conhecimentos para promovê-las, tecnologia, armas, estados, justiças, escolas, mercados, e capitais. O que nós temos e detemos de fato? o conhecimento em si a união dos que só tem o seu trabalho, ou o que é a mesma coisa a expropriação política e econômica de tudo o mais que também é absolutamente capital. Temos rigorosamente os mesmos instrumentos e conhecimentos que são os deles e não os nossos, para desenvolver dentro da seus domínios territoriais e culturais nossa liberdade.

Novas tecnologias engendram revoluções , mas não necessariamente só revoluções. De tal modo que uma mesma tecnologia pode ser tanto usada para a libertação ou ampliação. Em suma é uma ferramenta com um martelo, um capital que pode ser usado tanto para dar na cabeça do opressor do oprimido, construir uma casa que sirva de abrigo ou um

prisão que sirva de carcere. Rigorosamente a introdução de novas tecnologias abre novas oportunidades, se nas mãos dos escravos de libertação, se dos escravagistas de mais opressão. Se nas mãos de ambos, então de disputa e eventualmente guerra, para definir como se pode ou não pode usá-la, para quê e por quem.

Essa discussão tive durante os primeiros congressos de democracia direta com alguns militantes dos movimentos de redes. Eles acreditavam que o simples levante provocado pelo ciberativismo da população resultaria na independência e emancipação dos povos. Eu contra argumentava que as novas tecnologias de fato causam disrupção das velhas, mas não as sobrepujavam sem suas funções e nem protegiam contra delas por mais primitiva que elas fossem. Em outras palavras. A primavera dos povos cheio de celulares e ideias divulgados em redes de computadores anônimas , não é tão diferente assim das primaveras dos povos cheios de panfletos e redes de imprensas clandestinas. Ideais são a prova de balas. Mas gente não. Esses povos seriam esmagados. Líderes digitais se não fossem mortos, seriam presos e assim ficaram por toda vida. Potencias aproveitariam oportunisticamente o conflito para ampliar suas disputas geopolíticas e ditaduras permaneceriam, ou se instalariam. Pessimismo? Não. História. Toda geração acha que a sua é a definitiva e que seu novo conhecimento e nova tecnologia são as derradeiras. E não são. Não há ferramenta mágica. Todo conhecimento ou tecnologia não é propriamente a liberdade em si, mas o produto material e imaterial do seu exercício que não necessariamente pela natureza do próprio fenômeno existencial da vida enquanto liberdade é boa ou ruim, mas necessariamente constantemente livre para efetuar essa escolha.

Claro que não é porque as coisas foram assim que elas necessariamente tem que ser assim, mas sem a introdução de novas variáveis como fatores determinantes porque elas seriam diferentes? E não há novos fatores

determinantes no plano ideológico, mas somente no epistemológico, são essas mudanças da cosmovisão de mundo que altera a relação da pessoa com o mundo, e levam a construir novos conhecimentos, tecnologias, mas sobretudo relações. Mudanças que nunca se dão para todos, nem são aceitas por todos mesmo que estejam abertas para todos. Por mais inteligentes ou racionais que sejam provocam a reação oposta e até mesmo agressiva de quem se sente seus domínios, mesmo que seu entendimento de domínio seja a vida e o destino e a terra ou até mesmo o corpo do outro!

Clockwork Orange

E eis aqui a objeção central aos resquícios autoritários tanto no pensamento anarquista quanto libertário, inclusive pacifista e pedagoga. O exercício da liberdade não implica necessariamente na extinção do autoritarismo e violência, mas tão somente a abertura da possibilidade necessária da alternativa ao mesmo. A possibilidade de escolha e resistência. O que a educação para liberdade e programas sociais libertários fazem é dotar, disponibilizar os meios conceituais e materiais para que a pessoa possa exercer sua livre vontade. Mas isso deixa em aberto a possibilidade para que a pessoa use a sua livre vontade para ser completamente insolidário ou até mesmo tyrannizar o alheio? Sim. A liberdade não é um princípio moral, mas o princípio necessário, gerador da possibilidade da moralidade. É a possibilidade da escolha que gera o bem e por consequência o mal. Tentar cortar o mal pela raiz do bem e do mal, a liberdade, mata não só o mal, mas o bem e pior a sua força geradora: a liberdade.

Há um erro grave no racionalismo que interpreta o mal como ignorância, como bestialidade, como ausência de entendimento e inteligência. Sim, ele é a discórdia, o desentendimento, mas não é fruto da ignorância da incapacidade do saber, mas justamente daquilo que o define a perversão

do saber, a perversão daquele que justamente por não ser um inocente ou inimputável, aquele que sabendo e tendo a possibilidade de escolher por saber e poder, ainda sim o faz da direção oposta de todo o bem, mas de forma destrutiva e contrária ao princípio criador deste bem e de todas as coisas, a liberdade. Nenhuma revelação, razão ou educação tem força alguma para alterar a maldade que assim como a própria bondade é inerente e deriva da própria livre vontade.

Ora como pode deus ser bom se ele permite que o mal acontecesse? Mas não foi ele que criou o mal, foi o homem? Mas se ele criou o homem e o diabo, porque deu a ele a liberdade para fazer o mal? Se ele é todo-poderoso e criador de todas as coisas poderia ter criado o homem sem liberdade para fazer o mal e só para fazer o bem? Poderia, mas então ele não seria um homem, não seria feito a sua imagem e semelhança enquanto ser dotado de livre-arbitrio, seria uma pedra rola conforme o mundo a empurra. O que por sinal também não impediria de causar o mal, apenas de fazê-lo sem vontade própria.

Parece até que adentramos o campo da teologia, e adentramos. E é fundamental quebrar essas fronteiras artificiais da epistemologia se queremos encontrar as respostas que não estão nos domínios epistemológicos nem de um nem outro campo, mas justamente perdidas, divididas e esquartejadas para a preservação de ambos e alienação dos desintegrados e apartados de si, dos demais por esses muros que impedem a cosmovisão sem as fronteiras do mundo que antes de serem políticas, religiosas ou ideológicas, são mentais, preconceituais e epistemológicas.

Sem adentrar essas fronteiras reproduzimos com outros termos e racionalizações modernas e científicos os mesmos mitos e credos primitivos de dominação e objetivização. Sem adentrar essas fronteiras

podemos nos livrar dos mitos de super-homens, super-povos, ou seres supremos todo ou super-poderosos, mas não nos livramos da escatologia de gêneses, apocalipses, e claro do sonho utópico dos paraísos na terra ou no além.

A educação isto é o desenvolvimento das capacidades da pessoa humana incluso a razão diminui drasticamente a imensidão de coisas estupidas que fazemos e que se soubéssemos as causas e consequências não faríamos, assim como amplifica pela mesma razão o potencia destrutivo daqueles que conhecendo essas causas e consequências querem fazer uso delas justamente para destruir. Doutrinar por outro lado elimina as duas coisas, e junto com elas a própria capacidade de entendimento inteligencia e liberdade que constituem a natureza e potencial humanos. De modo que através da educação apostamos e investir no que há de melhor em nossa natureza, mas o que garante o resultado é a arquitetura do sistema. Isto é o controle dos meios e recursos onde esse potencial será eliminado ou aplicado seja para o bem ou para o mal. E é aqui, saímos perdemos logo de cara não só em campo, mas antes de sequer entrar nele, no conceitual.

Se a pedagogia libertária tanto aplicado a educação quanto no ativismo social estaria baseada na premissa do predeterminismo ambiental, de que todos os os seres podem ser transformados a revelia da sua vontade, estamos trabalhando com a ideia de que pessoas são robôs ou animais passíveis de programação e treinamento ou desprogramação seja para se comportar autoritária e belicosamente quanto libertária e pacificamente. E nisto os autoritários são menos crentes e fundamentalistas que os libertários. Já que guardam sempre um porrete ou as privações para dobrar a todos cujo adestramento pelo exemplo ou doutrinação não funcionar. Ou seja de libertária teria só o nome porque estaria impingindo uma doutrinação ideológica e comportamental seja através da

pregação seja pior através do cerceamento manipulação ou privação das oportunidades de vida para que a pessoas desenvolva seu potencial e vocação.

O racionalismo com o qual a educação que buscam a conscientização da humanidade estão fadados a perder de todo fanatismo, não porque o ser humano seja primitivo ou idiota, mas porque o racionalismo supõe uma autoridade superior as outras crenças. Supõe-e que não é um credo, mas o método correto de representação da realidade e verdade quando não é senão uma representação da real e verdadeiro, uma simbolização que como qualquer outra é por definição uma mera abstração que carece do consentimento da credulidade do alheio! Nesse sentido o racionalismo que sustenta as teorias libertárias é mais supremacista e autoritário que a fé das crendices mais mitológicas e autoritárias, que ao menos reconhecem que sua visão de mundo embora creiam ser absolutamente verdadeira é objeto de credo, e não de verdades acima de credos.

E quando o pensamento libertário não compreende esse processo da formação epistemológica do pensamento, que mesmo o mais racional de todos objetos de pensamento, enquanto objeto de pensamento é um objeto de fé do ser pensante. Ele não consegue nem transmitir coerentemente sua mensagem, nem compreender que o pensamento autoritário e a violência são manifestações podem ser manifestações tão naturais da liberdade humana quanto a bondade e solidariedade. E que tentar reprimi-las para despertar toda a bondade e solidariedade só reforça a reação contrária como toda a repressão: o egoísmo e a maldade.

O ponto fundamental dessa critica. É que sociedades em que a vocação humana para a liberdade e o livre-arbítrio prevaleçam são perfeitamente possíveis, mas elas não vão se estabelecer pela simples exercício ou educação ou disponibilização de todos os meios possíveis para o

desenvolvimento da liberdade. Porque esses meios ajudam as pessoas que são violentamente forçadas por ameaças e privações a escapar do caminho da tirania e servidão. Mas não impede que aqueles que tendo tudo ou mesmo não tendo quase nada continuem a buscar o caminho da tirania e violência para conseguir o que falta ou o que mais quiserem.

Em culturais e estados mais sociais pacíficos e livres é evidente que tiranos e violentos não tem a massa de pessoas vulneráveis para serem cooptadas ou conscritas em seus bandos e exércitos. Mas ainda nada impede que eles formem criem as condições de caos e violência onde as pessoas outrora pacíficas sejam convertidas pelo ódio e sofrimento ou a lutar do lado delas ou contra elas. forçando as mesmas a simbiose e reforçando seu poder através da discórdia.

Existe uma grave falha no modelo libertário, ele parte do pressuposto do racionalismo iluminista. Mas as pessoas não se comportam nem tomam decisões baseadas exclusivamente em pensamentos racionais, muito pelo contrário, na maior parte do tempo são governadas por respostas instintivas, reflexos condicionados, sentimentos e emoções momentâneas. E sobretudo necessidades que facilmente seja por oportunismo seja por pilhagem ou violação são convertidas em carências, carestia e vulnerabilidades. O poder é uma mal que se semeia e espalha com a mesma facilidade que uma doença, basta haver condições insalubres e se não há, não é preciso construir nada, mas apenas destruir para tê-las. E aí que ordem dos fatores altera o produto, não é a conscientização que vai trazer a renda básica e capital mas o capital que vai trazer a renda básica e a conscientização. Porque isso não um despertar de todos os homens, o inimigo está desperto, vigilante e pronto para usar de toda violência para deter aqueles que queiram sair do seu jugo. É o despertar do outro que carece de libertação, e que por vezes não

para em pé nem para fugir ou lutar contra a violência e brutalidade que dirá ter paz e tempo livre para ler e aprender com o mundo.

O que isto implica em objeção a potencialidade da transformação da renda básica universal, da educação libertária, ações sociais que são processos de educação libertária? Eles mudam muito, mas não mudam o suficiente para garantir nem que essas comunidades não serão esmagadas pelos autoritários e violentos que hoje prevalecem sobre o mundo, nem que se por um milagre todos esses autoritários e violentos se matasse de vez, ficando só pessoas que querem viver em paz e livres. que as pessoas que fossem nascendo e quisessem viver pelo poder posse e violência, não reconstruirão o mundo novamente como o fizeram antes e como ele é hoje, corrompidas e pervertidas e exterminando quem não se junte e submeta a eles.

Nem só de pão vive o homem, mas sem pão ele não vive nem para saber o que é a outra coisa que ele não vive. O filósofo materialista erra ao pensar que a “outra coisa” não existe, ou não é necessária, mas o idealista erra mais ainda se acredita que a outra coisa pode trazer a primeira. O pão se faz do trigo, o trigo nasce da terra. O homem pode se unir até o infinito em solidariedade que continuará passando fome, enquanto não retomar o direito de plantar e colher o fruto da terra. E passando fome não terá forças senão para morrer solidariamente junto. E não para lutar da forma que preciso for para manter sua vida, contra quem quer ver seu filho morto seja na bala ou de fome. Porque até para ter voz e se tornar um mero pedinte ele precisa ter forças para fazê-lo e sem o que é capital, e sem o que é capital antes de perder completamente suas forças ele está condenado a morte, apenas não sabe ou não quer acreditar nisso.

Das Kapital

Não existe espírito de tempo nem do lugar, o que existe é o espírito dos homens. São eles que criam o movimento que definem seus tempo e os espaços. Quando falamos da carestia do sofrimento a quem tem detém os meios necessários sejam econômicos ou políticos para acabar com eles, isso não soa aos seus ouvidos: nossa como é que eu não tinha visto isso? Vamos fazer? Isso soa completamente diferente e ele pode não dizer mas pensa: o que você está querendo fazer, acabar com o meu negócio? E se sentir muito incomodado até age. As pessoas não estão inconscientes, servos e senhores sabem muito bem o que estão fazendo. Um não para de fazer porque não pode. O outro simplesmente porque não quer. De tal modo que os que são solidários e querem ajudar podem muito pouco, porque tem pouco ou menos ainda. e os que podem não querem ou fingem que querem, ou fingem que não sabem onde isso tudo vai dar.

O burguês é só um fascista moderado. Ele sabe que por trás do muro as pessoas estão morrendo e se matando. Ele sabe que a privação mais hora menos hora vai leva-la o outro a pular o muro, invadir seu território e que esse invasor vai levar bala. A diferença é que o burguês de direita apoia isso, enquanto o de esquerda, finge que não, mas não peça para ele sair do seu condomínio fechado. Antes viver na segurança insolidária da minha vizinhança fascistas do que na solidariamente na insegurança e desconforto dos que precisam lutar por sua liberdade. Os verdadeiros libertários que em geral são solidários quase sempre estão comentando autoritário de julgar o outro pela sua medida. Está pressupondo que o outro é solidário. Quando não devem contar e pressupor nada, mas fazer o melhor podem e na via das dúvidas contar com o pior. Porque o que vier é lucro.

É por isso que onde a pobreza é eliminada e a educação e disseminada a violência e tirania diminuem, mas não desaparecem, nem sequer seu perigo some ou está contido. Não podemos ter ilusões quanto a

capacidade de transformação do ensino e programas sociais eles tem o poder de libertar de dar as condições para se libertar quem quer ser livre, não mudam o pensamento o pensamento, nem freiam as vontades contrárias de ninguém, ou tiram as condições e se tiram não são libertários de fato, mas apenas no nome, que ao invés de fabricar a paz e liberdade estão a produzir empurrar quem em outras condições optaria por ela para o oposto. Falta sempre ao libertário os instrumentos de não-violência, mas não os de contra-violência. De modo que quando é atacado acaba senão decaindo na mesma estratégia, recorrendo as mesmas tecnologias de defesa da violência, das armas e a guerra, acaba preso e morto sem nem ter como escapar, resistir ou se defender.

Essa é a grande sacada do capitalismo em relação aos antigos regimes de exploração humana, ele diminui seus custos de dominação para maximizar o ganho da exploração dos dominados não só através da normatização e normalização da servilidade, e exploração e pilhagem, mas dividiu essas funções com corporações subsidiadas pela Estado. Se antes os reis e senhores feudais escravizavam e pilhavam diretamente e davam a sacerdotes o papel de manter o homem conformado e entretido com a sua condição. Hoje essa divisão é tripla. Se Estado e a Igreja antes exploravam e pilhavam diretamente quem trabalha e produz cobrando impostos e dizimos hoje elas cobram para fazer o “trabalho” de mediar e remediar a relação do trabalhador e patrão, o intermediário dessa exploração e pilhagem. De modo que o vilão mais exposto dessa organização é esse patrão o capataz. Porém, essa classe patronal com o avanço do sistema também foi se dividindo, de acordo com a proximidade e privilégios, de modo que as empresas menores e mais distantes do centro de poder, praticamente desairam ao menos tributariamente a sina do trabalhador, enquanto as mais próximas do centro, se agigantaram e inverteram os papéis: passaram a ter a ditar as agendas e transformando eles os governantes em seus capatazes, e administradores dos seus interesses, fazendo novamente o Estado pagar o onus da revolta popular

pelas medidas antissociais. De tentáculos de um Estado Parasita sobre seu próprio território e povo, passaram a tentáculos multinacionais dos Estados Parasitos sobre territórios e povos estrangeiros, até deixarem de ser tentáculos para se tornarem os próprios Parasitas sem um território, povo ou Estado. Pois a medida que dependiam de todos os Estado hospedeiros, não dependiam também de nenhum em particular, mas cada um como clientes deles. De tentáculo foram para dentro do monstro e passaram a controlá-lo e passaram a ser o parasita do parasita. Mas a doença é a mesma, que permite essa infecção oportunista é a mesma, a vulnerabilidade dos sistema imonológico das sociedades é a mesma do início da infecção. O privação do capital. O achar belo e bonito as chagas e os vermes que infestam o organismo social, o gostar de criar e alimentar os vermes que está lhe rouba as forças e mata, claramente é uma etapa do tratamento. Mas não a cura, porque esses vermes não vão parar se sugar ou abandonar o corpo simplesmente por o parasitados tomaram consciência da sua condição. O problema permanece, de modo que sanar e retomar o controle da organismo da sociedade não passa apenas por deixar de gostar e alimentar os parasitas. Mas combater e se livrar dos parasitas que devoram justamente o que o organismo precisa para poder fazer isso: os meios e recursos vitais, o capital, de modo que toda a força, energia tempo e recursos que restam ao povo parasitado, por mais combativo ou solidário que ele seja é tão somente o suficiente para reproduzir o capital e se reproduzir como capital, para sobreviver das sobras, isto quando consegue.

Sem a menor sombra de duvidas e fundamental diminuir o grau de alienação reduzindo tanto os ganhos coma exploração quanto até produzindo custos insustentáveis para manter a dominação que quem não quer se submeter. Mas isso é só o parte. Como veremos a seguir na Catalunha, se ela não retroceder o Estado mesmo frente a desobediência não capitula imediatamente, ele retorna a seus métodos mais primitivos e violentos de dominação e exploração. Até quebrar um ou outro. E quem

vai quebrar primeiro como numa guerra de cerco, é quem tiver seus viveres findos primeiros, o que não depende do trabalho ou vontade das partes, mas do controle do capital. É por isso que no Curdistão onde esse jogo não é feito cheio de dedos, Bagda já retomou militarmente o controle dos postos de petróleo.

A origem moderna das seguridades sociais é outro exemplo. Quando as greves surgem os trabalhadores de diferentes fabricas se associam e formam fundos de solidariedade mutua para que as famílias daqueles que estavam parados não morressem de fome, e pudessem manter a greve. Assim enquanto uns param para reivindicar direitos, outros continuam trabalhando como escravos assalariados para sustentá-los. Uma estratégia Uma estratégia de compensação da falta de capital, por associativismo que tinha tudo para dar certo... se o governo não declarasse essas associações ilegais e suas poupanças ilegais, as confiscando. Hoje supondo que toda a transações via moeda digital sejam irrastrável, no final das contas, em algum ponto esses trabalhadores terão de adquirir produtos de quem detenha o capital para produzi-los, ou se expor comprando no mercado vigiado. Mesmo que exista tal solidariedade, ou que os trabalhadores adquiram o capital para produzir o que precisam. Meios de troca podem permanecer invisíveis, capitais produtivos, uma plantação orgânica por exemplo e gente que trabalha, compra e vende e distribui não. Ademais nada impede que depois de criminalizado o sistema o Estado não adote os procedimento padrões para destruir esse negócio, se infiltrando no mercado, ou nas organizações. Para depois cancelar e subsidiar o seu próprio monopolizado: como o fez com a previdência social.

Quem não é autoridade ou protegido dela, rei ou amigo do rei, é ao contrário destes subordinado as leis feitas por eles. E qualquer estratégia que não seja autorizada e portanto conteste essas autoridade serão

consideradas marginais e criminosas, ainda que seja preciso inventar novas leis pra isso. De tal modo que qualquer iniciativa que não aceita a intermediação forçada do Estado, é por definição um ato de desobediência civil e não importa se não entenda como tal, porque o estado que por óbvio não reconhece a legitimidade de nenhuma forma de desobediência civil, o reconhece senão como marginal, como um inimigo em potencial.

A efetividade de toda forma de desobediência civil resistência pacífica, seja por vias econômicas ou políticas, depende muito pouco do grau de civilidade ou humanismo ou capacidade de sensibilização do inimigo ou seus apoiadores. Ela requer um nível de sacrifício que muito vezes somente se atinge não pela moral dos ativistas ou da população enquanto “tropas”, mas sim pelo grau de desespero da falta de meios e recursos para se manter até mesmo na condição humilhante e indignificante da servilidade.

Muitas vezes por desobediência civil estamos falando nada mais do que pessoas dando literalmente a cara a bater. Até que o custo de espancar prender e massacrar seja maior para o opressor do que para os oprimidos!!! Uma contabilidade desumana de custo de pilhas de desobedientes presos ou mortos versus perdas e custos financeiros de violentos. “Vence” quem tiver mais bala ou bucha de canhão. Ou seja rigorosamente falando novamente quem não tem capital, entra literalmente com o couro. O capital da resistência pacífica é tão somente o que recurso humano. O corpo do povo, que se não tiver nem sequer o que comer nem capital para fazer greve de fome tem. Morre silenciosamente sem custos ou prejuízos a ninguém que detém o que precisa para viver: o capital.

Porque capital é isso. Não é um signo, uma coisa natural ou trabalhada, é o produto desse processamento simbólico e material dos seres em coisas, dos sujeitos em objetos. Do concreto e conexo no abstraído e desintegrado. De tal modo que a união das pessoas em torno do simbólico, mas sem a restituição do bem comum que as faz sujeitos iguais do mundo, não é nada além disso uma união ou declaração simbólica de liberdade, porque quem não possui bens comuns, mas só o trabalho, rigorosamente não faz parte do mercado, é a mercadoria. Quem não possui capital, é capital a ser possuído. Declara-se independente mas não tem independência de fato. É Brasil é Catalunha. E é por isso que não existe liberdade e independência sem revolução pacífica ou não. A associação e a moeda constituem em si valor próprio. Mas aquele que detém o acesso aos bens vitais que ela precisa para viver através das armas, não vai cedê-lo não enquanto ainda tiver balas. Assim a resistência pacífica pode sim, eventualmente parar o aparelho da violência, mas não porque conta com uma unidade promovida pela educação ou propaganda libertária, mas pelo contrário porque conta prevê e se protege de quem serve com gosto ou muito bem pago o poder que disposto a prender e atirar.

Em suma, o problema não é a falta de cultura, ciência, educação, comodismo ou vontade da população. Ninguém sai ou entra num de um campo de concentração sozinho. Ou quem está fora usa o que tem para ajudar o outro a sair ou nada muda, porque nem o médico cura a si mesmo. E mesmo que subamos uns nas costas dos outros, os últimos nunca saíram do buraco se os primeiros traírem os demais e não estenderem a sua mão para os últimos que deram suas costas para que esse saíssem. O associatismo, a solidariedade, a educação, a propaganda (de paz) pelo ato e palavra, os sistemas de seguridade mutua tudo isso é fundamental, mas se aquele que detém o pão não o compartilha, ou os que tem fome o tomam, os educados, solidários, sociáveis, pacíficos e

propagadores da paz em ato e palavra morrem, juntos e abraçados, mas morrem.

Logo não adianta fugir da questão do trabalho e da propriedade. A questão do capital. Entre tantos outros erros gravíssimos motivados por seu estrelismo e autoritarismo, Marx cometeu um que muitos libertários compartilham. A supervalorização do trabalho só contra o capital, mas contra toda a propriedade. O problema não é o capital, mas o capitalista. O problema não é propriedade mas imposição forçada fora da ordem natural. A propriedade não é abstração completamente artificial sem correspondência a realidade. Ela é uma extensão da noção de que precisamos controlar nosso corpo e terra, nossos meios vitais internos e externos para existir tanto os coletivos quanto particulares ambos inalienáveis justamente pela mesmo direito e razão a liberdade e sobrevivência.

De modo que tanto a extinção forçada da propriedade particular para imposição da coletiva, quando oposto a extinção forçada da propriedade comum para imposição da exclusiva, não são propriedades mas roubo, um em pró de particulares outro em pró de coletivos, que na prática são apenas grupos ideológicos distintos minoritários a tomar bem comum e particular do resto, que por ser pacífico e não tem como se defender, por exclusão se define então como povo.

Marx portanto assumiu dois pressuposto fundamentais do escravagismo para tentar libertar o homem da exploração do homem.

Um: que a propriedade natural não existe, o que existe é força seja para expropriar ou se apropriar das coisas e definir o que é e o que não é propriedade.

O outra: que toda riqueza é produto do trabalho. E portanto ou você trabalha ou rouba e escraviza para obtê-la. Generalização falsa. Nem tudo é gratuito, nem tudo precisa de trabalho para se reproduzir. Assim como nem todo capital se reproduz sozinho, mas outros sim, especialmente o vivo e natural, se reproduzem e produzem sem o trabalho alheio, o que permite portanto que sejam explorados por parasitas. Prova disso são os recursos animais e humanos cativos que se reproduzem não por causa do cativeiro, mas apesar dele.

O filósofo materialista partilha da maldição do velho testamento que por sinal de liberal tem tudo: ganharás o pão com o suor do teu rosto, e pisarás no pescoço da mulher, o primeiro escravo desse homem. Pelo menos ele era coerente materialista e ateu, difícil é quem se diz cristão e acha que olhai os lírios e pássaros não trabalham e nem fiam de cú é rola. A terra é plana e o essa história de o sol nascer para todos está muito errada, porque nem todo mundo é filho de deus, ou se é é bastardo, porque eles são os únicos legítimos herdeiros.

No fundo a ideologia capitalista-trabalhista é uma religião antiga que o capitalismo e o trabalhismo. E a mito popular contado para os pobres de que não há riqueza que se produza sem trabalho, é entre os iniciados nada mais do que de fato é historinha para o povo dormir.

Porque não o capital reproduz o capital incluso como ou sem o trabalho de gente, ou quando as próprios seres humanos estão condenados a ser capital do outro. Como pelo contrário:

é o trabalho que não se produz nem reproduz sem o capital!!!

De modo que sem o capital o homem não é livre não só para o ocioso, o homem não é livre sequer para poder trabalhar!!! Ou em trabalhar livre para si mesmo, e não escravo ou empregado de outro. E isto é o capitalismo.

Sim heresia! Blasfêmia. Sou mais capitalista que os capitalistas e mais socialista que os socialista. Sou libertário.

Associações baseadas só no trabalho ou sem capital sem a posse da propriedade estão fadadas ao fracasso: primeiro porque elas não tem a propriedades da qual carecem para trabalhar. Segundo porque essas propriedades estão nas mãos de quem quer explorar seu trabalho, e terceiro e mais importante que vai implicar no seu extermínio em definitivo, em breve haverá os instrumentos, capazes de trabalhar para reproduzir o capital, as máquinas poderão reproduzir o capital sem precisar sozinhas. E o capital artificial, a riqueza irá se reproduzir com o capital natural sem a necessidade da mão do homem, que era utilizado para aumentar e maximar essa produtividade, e não necessariamente para “permitti-la” de modo que até para isso , sua trabalho ao qual foi reduzida a razão da sua existência será completamente dispensável. E ela com ele. Ou tem alguém que acha que o capitalista vai sustentar o que para ele não passa de um animal que ficou velho, ou uma maquina que virou lixo?

O direito a renda básica o de viver dos frutos da terra. Não existe apenas do trabalho, mas da restituição da terra. Moedas descentralizadas se sociais e populares retiram os parasitas dos meios de troca, mas não dos meios vitais.

Minha visão de mundo da entender que vivemos em guerra de todos contra todos. Não vivemos. Vivemos vivemos em paz com quem vive em paz conosco. Mas querendo ou não somos tragados constantemente a guerras com quem não aceita nossa forma de vida, liberdade ou sequer identidade. Porque onde um não quer dois não brigam só é verdade se quem não quer é invulnerável ou quem quer é inofensivo. Porque onde quem quer pode causar muitos danos e quem não quer é ou está vulnerável, se não há briga, há massacres. E não raro massacres após uma breve tentativa de defesa ou fuga do impotente.

Tudo o que podemos fazer portanto para escapar dessa sina é tornar os belicosos inofensivos ou o que em tese a mesma coisa, empoderando os pacíficos para não serem tão vulneráveis. Sem isso, continuaremos a viver no mesmo estagio evolutivo dos nossos antepassados. Matando e morremos, cercados domesticados por homens que são lobos do próprio homem em suas fazendas de gente. Mas pode chamar de Estado.

O mito da caverna e a concretude dos campos nazistas

Os libertários aprenderam e se livraram das noções alienantes e aleijantes de deuses todo poderosos, salvadores dos povos e das almas, mas ainda não se livraram da escatologia dos paraísos.

Não existem paraísos nem nessa nem em outras vidas. Não existem mundos livres do mal porque toda criação é fruto da liberdade, e a liberdade é por definição a possibilidade moral do bem e do mal. Da paz e da guerra. O mundo em que os lobos vivem em paz com as ovelhas não é só ingenuidade de utopias pacifistas, mas propaganda totalitária que serve sobretudo a proliferação e preservação desse mundo dos lobos em que tudo que as ovelhas sonham é viver em paz com lobos, virar lobos ou concenter os lobos em ovelhas. Mas isso não é possível? Claro que é. Muitos lobos já viraram ovelhas, e tantas outras ovelhas já viraram lobos.

Mas o possível não é o obrigatório. E o risco permanece nas duas mãos. De modo que a vulnerabilidade do sistema alimentada pelo sonho ou propaganda enganosa permanece.

Não existem paraísos. Nunca existirão uma Terra ou Humanidade cosmopolita e homogênea em paz amor e liberdade. O que pode haver são territórios livres, cujo tamanho, jurisdição, proteção da vida e liberdade como direito dependerá da disposição voluntária para investir prover e sustentar o desenvolvimento social e humano e defender esses espaços contra quem não tolera essa liberdade. Porque poder por definição é isso. Não é possuir posses condições ou capacidades, mas acima de tudo ambicionar as do outro, querer retirá-las e tomá-las para si. O que incomoda o desejoso de poder, não é o fato dela não ter algo, mas o do outro ter, e não algo igual, mas exatamente aquilo em particular, e nada mais particular que a liberdade, dignidade e identidade alheia. Nada mais insuportável e ofensivo a psicopatia do poder que uma pessoa simplesmente diferente de tudo que ela é, de uma pessoa simplesmente livre. Daí ser impossível com diálogo chegar a qualquer lugar com alguém que não tolera sequer que se coloque em questão e discussão a “autoridade dele” sobre você. É como tentar discutir relação com um sequestrador, um estuprador, escravagista ou psicopata. Você olha para ele com um outro ser humano, ele olha para você como carne e objeto.

A metáfora da luta libertária não portanto é a busca do paraíso na terra. É a luta contra a besta da humanidade e o inferno. É a luta contra os fascismo e nazismo. O mito da caverna é um mito essencialmente supremacista e autoritário do salvador e iluminado. A verdadeira alegoria do mundo ao menos para os prisioneiros e acorrentados não é uma propriamente uma alegoria, mas uma realidade que persiste seja de forma mais sistemática ou explícita ou de forma mais velada e improvisada: é realidade dos genocídios e holocaustos. Nelas as cavernas são os campo

de concentração ou as periferias do mundo, onde pessoas, famílias, raças, credos, raças, identidades são reduzidas a classes e segregadas a margem da sociedade, seja condenadas a trabalhar até morrer, e só morte mesmo enquanto isso...trabalham.

A caverna do homem, não é só platônica, a matrix feita de códigos e símbolos e normas que normalizam a monstruosidade e absurdo. E lá é feita do próprio absurdo e monstruosidade materializado na realidade, fora do mundo das ideias, é feita de privações reais sofrimentos reais, de dignidades, liberdades e identidades roubadas e renegadas absolutamente sensíveis.

A metáfora da condição humano nos arcahouços da alienação é o campo de concentração nazista. Onde o argumento de Hannah Arent contra o subordinação dos dominados é em essência o mesmo dos próprios nazistas. Porque quando ela se pergunta porque eles não se levantaram mesmo estando desarmados, se eram em maior número contra apenas um homem com uma metralhadora, porque eles não se levantaram mesmo sabendo que muitos morreriam, mas outros mais se libertariam, ela na verdade coloca a questão da servidão exatamente nos termos que esses senhores assassinos querem para justificar o injustificável.

A única diferença é que os nazis dizem vejam: eles não reagem, são animais de abate, merecem ser abatidos. Enquanto o humanista apenas diz o contrário: não somos animais de abate, não podemos deixar que eles nos abatem!!! Não não podemos, mas como diria Esopo, falar é fácil difícil é fazer, quem é que vai colocar o sino no gato?

A ASSEMBLEIA DOS RATOS

Era uma vez uma colônia de ratos, que viviam com medo de um gato. Resolveram fazer uma assembleia para encontrar um jeito de acabar com aquele transtorno. Muitos planos foram discutidos e abandonados. No fim, um jovem e esperto rato levantou-se e deu uma excelente ideia:

-Vamos pendurar uma sineta no pescoço do gato e assim, sempre que ele estiver por perto ouviremos a sineta tocar e poderemos fugir correndo. Todos os ratos bateram palmas; o problema estava resolvido. Vendo aquilo, um velho rato que tinha permanecido calado, levantou-se de seu canto e disse:

- O plano é inteligente e muito bom. Isto com certeza porá fim à nossas preocupações. Só falta uma coisa: quem vai pendurar a sineta no pescoço do gato? -Esopo

E falar de fora é mais fácil ainda. O Estado se sustenta não por servidão voluntária, mas pela técnica mais antiga de dominação dos povos como massas, da redução das sociedades em multidões e manadas de pessoas de paz: o terror.

Não é preciso um exercito, um soldado com metralhadora, mas só um homem um revolver na mão para dominar outros desarmados pelo terror. Tanto o homem armado quanto a multidão desarmada sabem que seu revolver só tem seis balas, mas isso não importa porque ele só precisa de uma ou duas balas. Uma para meter bala no primeiro, e a segunda para perguntar quem é o próximo, caso mais alguém ainda não acredite que ele vai mesmo atirar. Terrorismo, mas pode chamar de dissuasão pela supremacia da violência. De modo que a pergunta da libertação dos povos, não é a educação, mas quantos pessoas existem no mundo disposta ao martírio para libertar as demais do holocausto certo? Quantas? Não importa o número, dê uma estimativa de quantos libertadores há e eles

saberão o número de balas que precisam ter nos tambores e o tamanho da vala comum para se livrar dos corpos. Dê a mera estimativa da possibilidade do nascimento de um único libertador e Herodes irá matar todas as crianças antes que qualquer uma realize “a profecia”. Já vi povos se libertarem sem violência, mas nunca sem sofrer violência. E nunca vi as primeiras fileiras, as vanguardas, e os ditos libertadores morrem em paz na cama, exceto aqueles que se converteram em tiranos, ou lacaios deles.

A pergunta não é porque o Brasil inteiro se cala servilmente perante nossa criminosa classe política agora representada por esse Tirano repugnante que a representa. A pergunta é? Quem é que vai colocar o guiso no Temer e seus comparsas e capangas? Teori?

A monstruosidade perversidade da dominação da violenta do homem pelo homem, está no uso do instituto de preservação contra a preservação, o uso perverso da vontade e esperança de viver contra a vida. O xeque-mate, do terrorismo quando ele domina e se faz um Estado é que ele exige sacrifícios humanos tanto para se manter quanto de quem quer se libertar. E se há uma coisa que não podemos pedir a ninguém é que sacrifique pelos demais, nem muito uns se sacrifiquem pelos outros. É por isso que o Estado vence. Ele não pede, nem espera, ele obriga. E quando esperamos então que um povo inteiro se levante e resiste não estamos esperando apenas por 1 messias, 1 salvador, 1 libertador, 1 por 1 martir, que seja, estamos esperando por todo um povo feito só deles.

A vantagem estratégica que os belicosos tem é que tudo que eles precisam exigir que as pessoas sirvam e se ajoelhem para viverem. E o que os libertários tem a oferecer? O paraíso? A ilusão de um lugar onde o leão vive em paz com a ovelha? Ou pior o inferno de uma guerra por liberdade

onde todos precisam estar dispostos a morrer para que alguém tenha a sorte quem sabe de sair vivo e livre?

A grande sacada da escravidão moderna é que os custos delas extremamente reduzidos pelas técnicas de educação e entretenimento, pelas comodidades que ela proporciona. De modo que ela não só se torna a ameaça do obedeça ou morra quando o suborno do conforto não é aceito. É só nesse momento que o dominador mostra suas garras e dentes. e faz novamente sua proposta demoníaca: para que desobedecer e sofrer com a minha ira se basta você me aceitar e servir para ter o pão que lhe tiro, os reinos que quiser e a “proteção” que a liberdade não te dá?

E eis o grande “problema” da libertação? Embora o que tenha a oferecer dignidade, liberdade e vida com propriedade e identidade seja bens infinitamente maiores, os custos e riscos e impedimentos que os autoritários impõe mais subornos pela corrupção e servidão, são bem maiores que as chances que os libertários tem de oferecer isso sem riscos e esforços enormes. É uma armadilha por que no final o rato sempre será devorado pelo gato. Mas entre viver um pouco mais presos nessa armadilha, nessa matrix, ou enfrentar o risco de perder tudo e perecer imediatamente lutando por sua liberdade. A maioria das pessoas escolhe a servidão. Podemos chamá-las de covardes, ou fazer uma autocritica e aceitar que é preciso melhorar as condições mínimas para a resistência se quisermos que mais pessoas que querem sair da servidão mas não querem se sacrificar possam enfim ter os meios suficientes para fazê-lo de acordo com suas capacidades e força de vontade que pequena ou não basta existir se a alavanca e ponto de apoio forem fortes. Ou como diria o sábio que foi morto pelos soldados porque estava entretido demais com seus cálculos: **Me dê um ponto de apoio e me moverei o mundo.**

Ele está certo... universalmente certo: **Dê o ponto o apoio que falta a todo ser humano e ele também como Arquimedes terá também enfim como mover o mundo.**

A Matrix não é a matriz

A matrix não é a totalidade do sistema. É a máscara. Ela é o circo é a farsa o espetáculo que se interpõe entre o homem e o verdade do sistema.

Quando tomamos consciência e saímos dela, essa egregora não se desfaz, nem nós nos libertamos, apenas começamos a lutar a verdadeira luta no mundo real, onde os senhores são vulneráveis, e os escravos tem alguma chance de liberdade real.

Estou a ser pessimista? Não. Estou dando meu testemunho de como funciona o sistemas lastreados pela violência. Obedeça e não será violentado. Desobedeça e será ameaçado. Proclame ou reclame liberdade e sera marcado e perseguido. Ouse ser livre e será preso e morto. Tente enfrentar isso como o mesmo meios para atingir outros fins, e perderá seus princípios. Se tornará o inimigo que outrora combateu.

Qual a saída então. A primeira é reconhecer a dimensão do problema é muito maior e mais complexa para o qual ainda não temos a resposta. A segunda é descobrir as novas soluções, sem desistir do desenvolvimento e aplicação daquelas que embora paliativas é tudo o que temos inclusive para chegar até as novas.

E enquanto não chegamos nelas, o diabo, o monstro, a besta, o animal que mora dentro de nós tem lá sua utilidade. E as garras e dentes afiados, só vão desaparecer quando caírem em desuso, só entrarão em obsolência completa quando pela força da inteligencia quando finalmente conseguirmos nos tornar um pouco menos vulneráveis a todo desejo de

onipotência, onisciência e onipresença daqueles que constroem o que lhe é sagrado profanando o alheio. Não imortais mas menos mortais ou sujeitos a sermos mortos e presos por aqueles que julgam que tem o direito de vida e liberdade sobre os outros. E isso com certeza passa pela união entre os que sofrem a mesma sina, mas para se colocar em um condição real longe do alcance violência. Algo que não se faz só com renuncia a violência, ou união pela paz, só como a adoção ou propagação do dialogo, ou mesmo com as garantias mutuas de meios necessários a sobrevivência, mas com o desenvolvimento de arquiteturas e tecnologias que não temos. Tecnologias e arquiteturas que nos coloquem de fato fora do alcance da mão das garras e dentes dos tiranos e predadores porque enquanto estivermos dentro do território deles, ou ele dentro do nosso, ou prendemos eles em jaulas ou eles fazem da nossa vida uma prisão. Ou fugimos deles, se tivermos para onde fugir, ou lutamos como e até onde pudermos para não sermos presos, violados e mortos. Gritar, fazer manifestações, associações, mesas de debate, mercados alternativos, sistemas de trocas e pagamentos mutuos, tudo isso ajuda a nos fortalecer, mas o fator determinante o mesmo fator que fez o homem prevalecer sobre as bestas e que permite que não só as dominemos, mas que até mesmo as protegemos em seus habitats exatamente como são permanece nos faltando, não temos cidades e sociedades suficientemente defendidas para não termos que viver em guerra com elas, ou mais precisamente com sua natureza violenta. Dito assim parece até que considero os homens belicosos meros animais e não seres humanos iguais a mim. Os considero, mas isso não os obriga a ter a mesma consideração por mim. E esse é o ponto. Eles são homens, e sendo homens são e devem ser livres para viver como quiserem até mesmo como animais, ou monstros se matando uns aos outros se essa for sua vontade, desde que não tentem impor essa “forma de vida” a ninguém, não temos o direito de intervir. E até poderíamos nesse caso fazê-lo usando de toda a força necessária. O problema é que essa força necessária a violência ou sua ameaça pode até servir para frear com a violência, mas não serve para constituir o estado

de segurança ou de paz que precisamos. Logo o que nos falta se é consciência é a consciência que precisamos construir sociedades como casas onde aqueles que não querem viver como vivemos vivam como bem entendam como espaço e recursos suficientes para isso, bem longe delas. Ou o que é a mesma coisa nós o mais longe possível da violência e tirania deles. De modo que o lucro para impor uma coisa ou outra não pague nem o custo de tentar impô-las. Sou um entusiasta dos sistemas que Fabiana Cecin propõem porque acho que eles tem esse potencial.

Precisamos investir na construção desses sistemas e tecnologias porque não adianta sonhar, na falta ou falha ou queda deles, tudo o que nos resta novamente para preservar nossa vida e liberdade é a legítima defesa e nada mais estúpido que insistir nisto que é somente a reação quando falta de recursos inteligentes como solução preventiva através da ameaça de dissuasão ou pior ataque preventivo- que além de não funcionarem produzem o efeito contrário.

Falta-nos cultura de produção da paz não só social mas material. Uma indústria de tecnologia de soluções de defesa social e civil, que busquem tornar as formas armadas, contra toda força bruta e belicosa e tirânica não só obsoleta, mas inofensiva. As sociedades de paz precisam se tornar invulneráveis a essas armas, seja pela sua superioridade econômica, política mas sobretudo tecnológica. E isso obviamente passa por parar de financiar, ou alimentá-las, mas também por acabar com as condições antissociais onde elas prosperam. Mas não só! Envolve ainda por cima desenvolver dispositivos de proteção que não contém só com desarmamento, educação, programas sociais, ou forças armadas. E que não existem e até onde sei não estão a ser desenvolvidos por nenhuma instituição tecnológica pelo simples fato de que não é essa abordagem que temos de defesa da paz e liberdade. Não temos dispositivos políticos, jurídicos, econômicos ou sociais, ou tecnológicos com poder de fato efetivo

para desarmar, neutralizar, ou proteger de fato as sociedades da ação militar, financeira, estatal, ou legal.

Ninguém é bicho, mas a pessoas que querem se comportar com tal. E não importa o que você faça elas vão seguir assim porque essa é sua vontade. Para lidar com essas culturas e estados de violência, ou nos afastamos do seu raio de ação, o que não funciona a longo prazo, porque ele tende a se expandir, ou desenvolvemos tecnologia capaz de mantê-los longe dos espaços e recursos e vitais, o que não quer dizer presos, mas o mais livre o possível da forma que queiram viver, sem interferir com a nossa forma de vida ou precisarmos interferir na deles. O princípio da comunhão é por definição estabelecido por paz, liberdade e consentimento, onde não existe esses elementos de todas as partes nenhuma delas conseguirá viver em livre em paz como gostaria, mas acabará vivendo em função do outro o violento seja tendo que vigiar, defender-se, cuidar ou tomar cuidado com ele.

Direitos naturais são universais o que não é universal é a jurisdição de qualquer homem sobre os direitos naturais do outros. Nem sua compreensão, nem o seu respeito. A noção desses direitos não implica no direito de intervenção sobre quem não tem noção ou respeito por eles para impô-los, mas somente no direito de impedir que esses sejam desrespeitados por aqueles que demandam o seu respeito. Porque o direito natural é universal a cultura, os deveres e meios disponíveis para garanti-los não. De tal modo que quando estamos falando em intervenção e jurisdição nunca estamos falando em garantia de direitos, mas rigorosamente em imposição de deveres e obrigações para provê-los e defendê-los. E naturalmente não temos direito legítimo de fazer isso a nenhum outro ser dotado de vontade muito menos outro homem.

Nenhum ser humano é mais homem ou menos bicho que outro ser humano, e tanto como homem quanto como bicho deve ser respeitado em sua forma de existência ainda que queira existir como um predador. Resta para nós então o quê? Sermos obrigados a viver com lobos? Tentar venerá-los com temor como se fossem deuses todo-poderosos? Viver fugindo e se escondendo deles em cavernas? Caçá-los até o último da sua espécie (que diga-se de passagem é a nossa)? Adestra-los como se fossem cães como fazem conosco? O problema como bem sabemos é que esse homem lobo não é um lobo, é como nós! um homem e um bicho que diferente dos outros animais não se contenta com o que tem, quer tudo e além, e mata até o que não pode carregar. A solução autoritária, diga-se de passagem a única solução que ainda temos a nossa disposição é combater os mais violentos e amputar-lhes as liberdades. A solução libertária- que não desenvolvemos- é tirar dos mais primitivos e infantil tudo do alcance de suas mãos que ele pode e não queremos que ele destrua. Por sinal exatamente o oposto do que fazemos quando entregamos por exemplo bombas nucleares para Trump e Kim.

Mas esse não é ponto. Há armas de ataque e destruição biológica em massa, porque há toneladas de investimento em pesquisa desenvolvimento nelas, mas nada em neutralização dos problemas sociais, militares e etc...?

O ponto é: porque não temos??? Seria porque os lobos governam? Isso é obvio! Não é os lobos que querem viram vegetarianos mais os bois e ovelhas. Eles que precisam parar de querer converter lobos, respeitar a natureza, ou sua decisão de vida, parar de tentar ensinar quer ser ensinado, converter quem não quer ser converter, convencer quem não quer ser convencido, deixar a ingenuidade quando não prepotência que a paz o bem e a liberdade porque são boas serão sempre recebidas porque “tem que ser”. E passar a desenvolver formas de defesa que coloca os

dentes e garras dos lobos longe de sua carne. Porque nem ele nem nós temos a primazia de governar uns aos outros. Não porque assim prega a nossa fé, mas porque é burrice pregar a leões, ou quem pensa que é um, que não entende ou se faz de surdo, a outra linguagem que não a da força.

O problema portanto está em rezar, educar, renunciar, e prover o mínimo vital ao próximo é suficiente. E note que não fazemos nem sequer nada disso, isso tudo diminui absurdamente nossa vulnerabilidade aos predadores. O problema está achar que só isso é suficiente para nos defender deles. Se queremos nos livrar de fato da hegemonia dessa cultura e da capacidade que ela tem de disseminar o ódio e corromper como uma doença epidêmica a psique coletiva precisamos não só sair da posição de servilidade, precisamos sair da condição de vulnerabilidade. E isso sem cair na armadilha de obrigar os antigos senhores a se tornarem servos — coisa que não querem- nem obrigá-los a se tornarem iguais- coisa que abominam tanto quanto! Mas não obrigando-os a nada, deixando livres para viver como bem quiserem junto da nossa convivência se inofensivos, bem longe dela se incapazes formos de não conseguirmos de nos defender deles sem precisar usar da violência e autoridade que de fato, ao contrário dos autoritários, não queremos mesmo usar!

Porque sem essas defesas, seja frente uma pessoa doente, um cão raivoso, ou o resta apenas a rendição ou a luta. O discurso o dialogo a educação e cultura não servem para nada. E aí temos que dar graças a deus ou a natureza , se anida termos o mesmo instinto violento e não sermos completamente domesticado como gado de abate por infinitas seleção artificial de eliminação dos mais jovens combativos e revoltados em prisões ou valas comuns. Porque uma vez arrastados para o jogo e a cova dos leões tudo o que nos resta é esse instinto de preservação chamado violência para sobreviver. Instinto que trabalhamos e precisamos obviamente trabalhar melhor para desaparecer. Mas não para nos tornar

esse coisa abjeta e servil que entrega a sua vida ou a de seus filhos ao comando dos senhores por medo, idolatria ou reflexo condicionado, mas por completa segurança e desnecessidade de uso desse recurso primitivo de legítima autodefesa.

É por isso que não adianta apenas revoluções virtuais, ou educacionais. As revoluções não precisam ser violentas, mas se não forem concretas se não forem contra-violentas, se não tirarem a vida das inocentes das mãos deles, ou seja, as armas e os recursos vitais, não teremos nem paz nem liberdade. Porque a paz e a liberdade não precisam ser a ditadura contra os violadores e possessivos. mas precisa ser um território livre da ditadura deles. Em verdade podemos até conviver em paz com eles, mas isso sempre será uma medida unilateral que nunca poderá contar com a boa vontade deles. Eles podem até abandonar quando quiserem a violência e aderirem a sociedade e cultura de paz, mas não só não podemos contar com isso, como prudentemente pela mesma razão, devemos também contar com o oposto, que qualquer pessoa independente do quanto tem disponível ou disposições em contrário pode a qualquer tempo apelar a violência. E enquanto não entendermos isso, a natureza da liberdade, não construiremos os sistemas e sociedades livres que buscamos.

Pressupor que todos partilharão de uma mesma cultura cosmopolita é pressupor que o racionalismo e o libertarismo seja uma cultura universal. E não é. Ele é cultura como qualquer outra. Que entende que todas as culturas e credos tem o mesmo direito de existir. E que portanto não podem ser subjulgados ou eliminadas, nem mesmo as autoritárias, evidentemente onde esse autoritarismo esteja restrito ao território formado pelos habitantes que querem viver dessa forma sem sequestrar ninguém de fora, nem manter ninguém refém dentro. Porque do

contrário o que nos resta senão intervir como pudermos para libertar essas pessoas?

E é por isso que a igualdade não é o valor primordial mas a liberdade, não se pode impor a força nem igualdades nem desigualdades, se a servilidade ao rei ou patrão não é mantida por violência nem privação dos meios de vida, mas consentida, o defensor da liberdade não pode impor a ausência dessa relação desigual de posses ou poderes a força contra as partes, porque o autoritário aqui seria ele. O solidário tende a pensar que onde a pessoa tem uma renda básica ninguém se submeteria a condições desiguais, indignas servis e degradantes. Mas se assim o fosse pessoas de posses não se submeteria a trabalho assalariados nessas condições apenas pela alta remuneração ou status social. Existem outros fatores que levam as pessoas a se submeter voluntariamente, um deles é a vontade de ficar rico, a outra é a esperança de um dia ocupar o cargo de mando de quem hoje manda nele.

Se as pessoas quiser crer ou viver voluntariamente se sua relação é consensual então por mais absurdo ou desigual ou indignificante que seja, é direito soberano delas viver dessa forma, ninguém tem jurisdição para intervir senão for para justamente para libertar pessoa mantida na relação oposta de força não consensual. Sado-mazoquismo não é crime.

Sim, é por isso que o sonho libertário de um cosmos de um planeta com todos se vivendo como num paraíso é só o mais utópico, mas a porta aberta constante para os plantadores de males que vem para o bem, dos que administradores do mal com a desculpa que a para o bem do que sofre na sua mão. Não é um sonho de paz é um sonho de pax, porque não pode ser mantido sem a violação sem o emprego da violência, sem o uso da força contra quem não quer se submeter. É o oposto do viver em paz, ou deixar as pessoas viverem em paz como bem quiserem, é o querer

impor a força sua noção de paz e liberdade ao outro. Impor a sua jurisdição imperial. No dia em que surgirem os libertadores compulsórios é por que os libertários de esquerda viraram reacionários, com direito ao fedor de toda burguesia progressista de esquerda politicamente correta, e de toda burguesia conservadora de direita religiosamente correta. Fundamentalistas de uma nova ideologia para travestir sua hipocrisia. Até lá, o cheiro de novidade esperança vai depender da juventude dessas idéias e ideias.

E enquanto não aprendermos a lidar com eles não vamos nos libertar, porque esse homem mora e renasce e amadurece a todo tempo dentro de nós.

Entender não é se conformar, nem é concordar, mas de certa forma é saber compartilhar algo em comum, nem que seja uma mesma sina ou só um sonho.

O LOBO E O CORDEIRO

Um Lobo, ao encontrar um Cordeiro desgarrado do rebanho, decidiu, ao invés de deitar mãos violentas sobre ele, encontrar alguma razão para justificar ao Cordeiro seu direito de comê-lo. Então ele lhe disse:

— Como é que você tem a ousadia de vir sujar a água que estou bebendo?

— Como sujar? — respondeu o cordeiro — A água corre daí para cá, logo eu não posso estar sujando sua água.

— Não me responda! — tornou furioso. — Pois sei que você estragou o meu pasto — replicou o lobo.

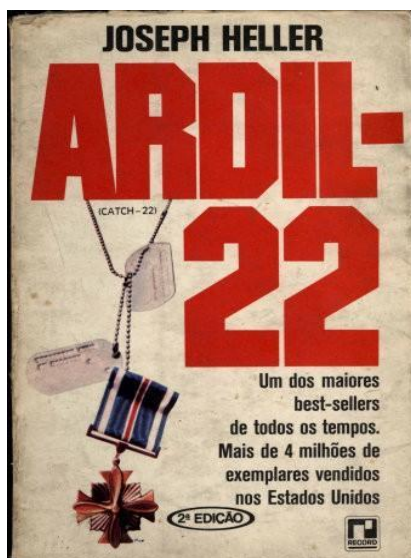
— Como é que posso ter estragado seu pasto, se nem dentes eu tenho? — respondeu o humilde cordeiro. — Além disso — rosnou o lobo — fiquei sabendo que você andou falando mal de mim há um ano.

— Como poderia falar mal do senhor há um ano, se sequer completei um ano?

*O lobo, não tendo mais como refutar nem culpar o cordeiro, usou sua razão predadora e não disse mais nada: pulou sobre o pescoço do pobre animal e o devorou. — **Fábula de Esopo***

Porque a direita libertária e a esquerda estatista também deveriam estar do lado da Catalunha

Ardil 22: A inquisição espanhola e seus presos políticos



Selecionei os melhores argumentos de porque todos de anarco-comunistas a anarco-capitalistas passando por minarquistas. todos libertários de direita e esquerda incluindo os cosmopolitas, assim como todos os socialistas e comunistas e republicanos democratas liberais, deveriam estar e se manifestar em favor da Catalunha.

Não surpreende portanto que quando democratas e fascistas se sentaram a mesa para negociar como seria a «transição», a unidade de Espanha e a monarquia tenham ficado constitucionalmente blindadas contra a democracia. A Constituição de 1978 não admite nenhum caminho democrático para a auto-determinação nem para a república.

Ao contrário de Portugal, o Estado espanhol é composto por várias nações constitucionalmente reconhecidas: povos diferentes com línguas, culturas e percursos nacionais distintos. A dita «unidade de Espanha» não é mais que o resultado de uma longa procissão de invasões, ocupações militares e campanhas repressivas que, porém, não conseguiram aniquilar a identidade os diferentes povos do Estado. Apenas um exemplo: em 1640 Espanha vê-se a braços com duas revoltas independentistas em Portugal e na Catalunha. Exausta da Guerra dos Trinta Anos, o Rei Planeta não é militarmente capaz de sufocar as duas. À escolha feita por Filipe IV de Castela, de sacrificar Lisboa para agarrar Barcelona, devem os portugueses a recuperação da independência e os catalães o estatuto de nota de rodapé na historiografia espanhola. Não há, contudo, qualquer razão histórica para negar a catalães, bascos e galegos os mesmos direitos nacionais de portugueses e franceses.

Não sobrando razões há fartura de cassetetes, pistolas e prisões: quem desafia a unidade de Espanha ou a monarquia leva com o fascismo, que o digam os bascos que em plena «democracia» viram jornais proibidos, partidos ilegalizados, activistas torturados, escritores, músicos e artistas censurados, milhares de presos políticos e uma estonteante média de uma

detenção política a cada três dias. Claro, mas os bascos tinham a ETA, que punha bombas. Quando se recorre à violência perde-se a razão, certo? Mas que caminho resta aos catalães que foram espancados quando foram votar? Que caminho resta quando a democracia é ilegalizada?

Se dúvidas restam sobre as credenciais democráticas do regime espanhol (regime espanhol, não soa bem?) vejamos: proibição de propaganda política, confere; repressão policial de manifestações pacíficas, confere; detenção de titulares de cargos políticos democraticamente eleitos, confere; proibição violenta de acto eleitoral, confere; mobilização de forças militarizadas para impedir uma votação, confere; sedes de partidos políticos cercadas e revistadas, confere; censura de sítios na Internet e publicações políticas, confere; ameaça de fuzilamento do chefe do governo, confere; ameaça de golpe de Estado e suspensão do funcionamento dos órgãos democráticos, confere. Onde estão o Tribunal de Haia, as sanções da ONU, a intervenção da NATO, o raspanete do papa, a condenação da UE e os pivôs a abrir telejornais com «o regime espanhol»? Será que na Europa regimes só há as dietas? —

Espanha é uma estaca

Espanha é uma estaca

Conta o rei Juan Carlos que, dias antes de morrer, Franco o mandou chamar e lhe disse: "majestade, peço-lhe apenas que...

abrildenovomagazine.wordpress.com

Deveria a Catalunha ser independente?

Somente os catalães, e ninguém mais, podem responder a esta questão. Alguns catalães se consideram espanhóis. Outros, não. Vários espanhóis consideram que a Catalunha é parte da Espanha. Outros, não.

Mas o que já está realmente claro é que há milhões de catalães (há 7,5 milhões de habitantes na Catalunha) que se consideram politicamente dominados e usurpados de sua soberania, e ressentem isso. Sendo assim, por que eles deveriam continuar vivendo sob um governo espanhol, sendo que sua história, sua cultura e seu idioma não são espanhóis?

Essa é uma pergunta justa e direta, para a qual as democracias ocidentais não têm uma resposta fácil. Se a intelectualidade ocidental venera tanto a democracia, ao ponto de dizer que as eleições democráticas são sacrossantas, então os resultados também teriam de ser sacrossantos, independentemente de quais sejam. Será que os democratas realmente defendem a democracia? A realidade é que não. Para eles, [a democracia só é boa quando concorda com seus resultados](#).

(...) A auto-determinação sempre deve ser o supremo objetivo político

O que nos leva ao ponto principal: a auto-determinação. É isto, e apenas isso, o que deve conduzir toda e qualquer medida política.

Para os libertários, a auto-determinação é o supremo objetivo da política. Em termos puramente políticos, auto-determinação é liberdade.

Em um mundo ideal, a auto-determinação se estenderia até a menor das minorias, que é o indivíduo, o qual deve usufruir uma completa soberania política sobre sua vida. Afinal, [se você não gosta do governo sob o qual vive, deve ter o direito de se separar e criar um outro](#).

Porém, em um mundo imperfeito, os libertários deveriam sempre defender governos menores e mais descentralizados como sendo uma medida pragmática rumo a uma maior liberdade. Nosso objetivo deve ser o de fazer regredir poderes políticos sempre que possível, retirando-os da esfera federal e centralizadora e devolvendo-os a estados e, melhor ainda, municípios autônomos. O objetivo sempre deve ser a descentralização, fazendo com que estados grandes e centralizadores sejam menos poderosos. Barcelona sempre será menos perigosa que Madri. A legislatura de um estado americano sempre será menos temível que o Congresso em Washington.

Alguns libertários costumam argumentar, de maneira nada prática, que a secessão é uma coisa negativa porque “cria um novo estado”. Mas este é um ponto de vista bastante simplista, dadas as realidades geográficas do planeta Terra. A menos que alguém esteja formando um novo estado situado completamente em águas internacionais, ou na Antártida, ou no espaço sideral, a criação de qualquer estado novo terá necessariamente de ocorrer à custa de algum estado existente.

Assim, a criação de um novo estado — por exemplo, na Catalunha — seria feita à custa do atual estado conhecido como “Espanha”. Por causa da secessão, o governo espanhol seria privado de receitas dos impostos dos catalães e das vantagens militares do território.

Consequentemente, o estado que perde território torna-se necessariamente enfraquecido. (Vale lembrar, por exemplo, como a dissolução da URSS em dezenas de novos países enfraqueceu aquele estado. Mesmo a divisão da Tchecoslováquia em República Tcheca e Eslováquia também foi um golpe ao poder centralizado.)

Portanto, a secessão, em vez de ser vista como apenas “um ato que cria um novo estado”, deve ser vista como um ato que enfraquece um estado existente.-

Por que a Espanha deveria deixar a Catalunha decidir

Por que a Espanha deveria deixar a Catalunha decidir

[Edit description](#)

www.mises.org.br

É preciso apoiar o referendo da autodeterminação de 1 de outubro e as mobilizações contra a repressão e a favor dos direitos civis

A situação é muito tensa, e os acontecimentos de ontem anunciam uma escalada de ação-reação que pode gerar uma convulsão social. Até este momento, o aparato repressivo não se fragmentou (os policiais catalães, os Moss d'Esquadra não se atreveram a desobedecer às ordens dos tribunais espanhóis, mas, ao mesmo tempo, tentam adotar uma posição de não aceitar que seus superiores sejam julgados por desobediência). Por outro lado, é imprevisível saber o que sucederá diante de uma repressão aberta e massiva contra a população, que está se mobilizando pacificamente.

(...)

A escalada repressiva do Estado espanhol, que foi precedida pela chamada “Lei da Mordaza” (que contribui para a diminuição ainda maior dos direitos democráticos da população frente às lutas dos Indignados e dos movimentos sociais) tem gerado, de fato, um estado de exceção que atinge, em cheio, os direitos fundamentais. Esta situação não somente põe em risco o futuro das

instituições catalães, mas também representa uma ameaça de retrocesso político desde a tentativa de golpe de Estado em 23 de fevereiro de 1981.

(...)

Nos próximos dias haverá uma queda de braço entre as forças populares e soberanistas catalães, com o apoio dos setores democráticos da população espanhola, contra o imobilismo e as tentações autoritárias do Estado espanhol herdados dos quarenta anos de ditadura franquista. Assim, parece que, pela primeira vez, haverá uma convergência objetiva dos dois grandes movimentos de massas gerados tanto pela crise mundial, bem como pela crise de regime do Estado espanhol, e que, até o momento, encontravam-se afastados e receosos entre si: o movimento dos Indignados (que surgiu em 15 de maio de 2011) e o chamado processo independentista catalão (que eclodiu um ano antes). Esta convergência tem um enorme potencial estratégico de ruptura com o capitalismo, que deverá ser aproveitado e desenvolvido pelas forças anticapitalistas e revolucionárias catalães e espanholas. A própria pressão dos acontecimentos leva a essa convergência objetiva, já que diante da repressão: setores operários e populares tomam consciência do que está em jogo e, por sua vez, as correntes nacionalistas buscam a solidariedade entre as forças progressistas e democráticas de todo o Estado espanhol.

Solidariedade internacional urgente

Neste contexto, a mobilização internacional possui um papel fundamental no conflito. Uma vitória na Catalunha será uma vitória para todas as forças populares, revolucionárias e democráticas da Europa e do mundo. Uma derrota conduzirá a um grave retrocesso tanto da democracia, bem como da luta de classes na Catalunha, no Estado espanhol e na União Europeia.

Declaração da IV Internacional sobre os acontecimentos em curso na Catalunha

Ontem, 20 de setembro, a Guarda Civil espanhola, bem como a Polícia Nacional prenderam 14 membros da Generalitat (o...

www.insurgencia.org

E um contrário, que mais reforça o direito a independência do que o combate:

Há duas semanas chamei aqui a atenção para a ênfase que tem sido dada aos aspectos jurídicos de natureza constitucional e legal e agora até, mesmo de direito internacional. Choca-me de sobremaneira que observadores com responsabilidades continuem a centrar o debate nas questões jurídicas e constitucionais. Elas são importantes e são realmente imprescindíveis para encontrar respostas, reacções e soluções para o problema em curso. Mas, quer gostem quer não os observadores encartados e muitas das autoridades espanholas, os fundamentos jurídicos puros revelar-se-ão sempre insuficientes. Parece que muitos não conhecem um ensinamento da chamada “teoria da constituição” (Verfassungslehre) — uma disciplina bastante esquecida e pouco cultivada -, segundo o qual é mais fácil rasgar uma constituição ou fazer uma nova lei fundamental do que simplesmente rever uma constituição já vigente. Na verdade, nem todos se apercebem de que a revolução ou a declaração de independência raras vezes é “legal” ou “constitucional” à luz do quadro jurídico que precisamente visa quebrar. Elas, no seu ideário, representam ou transportam consigo uma nova “ideia de direito” ou uma “pretensão de legitimidade” inaugural, que justamente as torna e as apresenta como “legítimas”, mesmo que não “legais”. Eis o que, em seu tempo, um dos grandes pensadores do direito em Portugal, Castanheira Neves, explicou magistralmente em A revolução e o direito. Como tantos têm para aí repetido, sem sempre pensarem no alcance integral do que estão a

dizer, as constituições mudam-se. É portanto fundamental ir em busca de argumentos substantivos de outra ordem, em que o direito positivo terá um lugar ancilar e instrumental. Porque as constituições mudam-se. E se não se mudam, criam-se. (...) -Catalunha: nem só de pão legal e razão formal vive o homem

Parece que em Espanha começaram a se aperceber disto. Só esqueceram que a é preciso fazer a revolução antes que o povo a faça. Porque reprimi-la para fazê-la com reforma é um remédio que tem o gosto e efeito oposto e que além de não curar, pode levar a morte não só o (im)paciente, mas o médico ou charlatão. E entregar os anéis de nada adianta depois de já ter perdido os dedos. Especialmente se não se muda o que leva a perdê-lo, a postura autoritária de quem não mantém diálogos, mas só é capaz de fazer inquisições:

Soraya Sáenz de Santamaría, afirmou nesta segunda-feira que a resposta não é válida. Segundo Santamaría, Puigdemont teria que responder simplesmente “sim” ou “não” ao requerimento de Madri, (...) -

Explicação da Catalunha sobre independência não é válida, diz Espanha

Com tudo que as inquisições se dão ao “direito”:

Durante a noite de segunda-feira, cerca de 200 pessoas saíram à rua em protesto, em Barcelona, contra a prisão de dois influentes dirigentes independentistas, acusados de sedição. O porta-voz do governo regional da Catalunha, Jordi Turull, qualificou a prisão dos dirigentes como uma “provocação do Estado espanhol”.

“O Estado está a provocar (...), mas as pessoas não caem na provocação”, afirmou Jordi Turull, acrescentando compreender a “indignação” quando os dois dirigentes, Jordi Cuixart e Jordi Sanchez, apenas apelaram para a realização de manifestações pacíficas.

*“Espanha aprisiona os dirigentes saídos da sociedade civil por terem organizado manifestações pacíficas. Temos de novo, tristemente, presos políticos”, declarou também, na sua conta na rede social Twitter, o presidente do governo catalão, Carles Puigdemont. -**“Espanha tem novamente presos políticos”***

“Espanha tem novamente presos políticos”

Durante a noite de segunda-feira, cerca de 200 pessoas saíram à rua em protesto, em Barcelona, contra a prisão de dois...

www.tsf.pt

E aí que não adianta mesmo entregar os anéis, mesmo nem para manter os dedos que por ventura restarem. Porque essa reforma tem mais cara de contra-reforma reacionária do que abertura de qualquer coisa pública minimamente progressistas.

Governo espanhol e PSOE fecham pacto para realizar reforma constitucional

Madri, 11 out (EFE).- O governo da Espanha e o Partido Socialista e Trabalhista Espanhol (PSOE, sigla em espanhol), o...

noticias.uol.com.br

Espanha avalia se vira uma federação após crise catalã

(Crédito: Manuel Podio/EFE) Foram necessários quase 15 anos e a explosão da maior crise política da história democr...

www.tnh1.com.br

Do outro lado, permanecem a extrema direita dos conservadores, reacionários, devidamente junto unidos e apoiados pelos socialistas espanhóis, e claro os “democratas” da União Européia e seu mercado financeiro (leia-se os tecnocratas sustentada pelas megacorporações subsidiadas pelo estados que esses tecnocratas administram). Os socialistas espanhóis, aliados com as oligarquias como assim? Não é difícil de entender PSOE , os socialistas de lá são o PT daqui. O Socialismo pragmático que topa tudo para manter-se no poder, mesmo aliar-se aos Malufs, Renans, Sarney e outros coronéis de lá.

*O líder do governo espanhol conta com o apoio dos socialistas. “Perguntamos se o senhor Puigdemont deixa outra saída com a sua atitude que não seja a aplicação do artigo 155.º”, indicou o porta-voz da comissão executiva do PSOE, Óscar Puente, crítico da missiva do presidente da Generalitat. O secretário — geral socialista, Pedro Sánchez, falou ontem de manhã com Rajoy, após ter conhecimento da resposta de Puigdemont. “O diálogo é fácil e possível, basta que regresse à legalidade, coisa que não fez. Basta ir ao Congresso espanhol e sentar-se na comissão de reforma constitucional para abrir um diálogo”, disse Puente. Esta comissão foi proposta pelo PSOE e aceite pelo Partido Popular. — **Catalunha — Puigdemont vs. Rajoy: a caminho do round 155***

Vai dar Artigo 155, mas pode chamá-lo de Artigo 22. Ardil 22:

[Ardil 22 \(lógica\) - Wikipédia, a enciclopédia livre](#)

Ardil 22 é uma expressão cunhada pelo escritor Joseph Heller no seu romance que descreve uma situação paradoxal, na...

pt.wikipedia.org

Ardil 22 é uma expressão cunhada pelo escritor *Joseph Heller* no seu romance *Ardil 22* que descreve uma situação paradoxal, na qual uma pessoa não pode evitar um problema por causa de restrições ou regras contraditórias.[1] Frequentemente, essas situações são tais que solucionar uma parte do problema só cria outro problema, o qual acaba levando ao problema original. Situações de “ardil-22” frequentemente resultam de regras, regulamentos ou procedimentos aos quais um indivíduo se submete, mas não pode controlar.

O *arquétipo* do “Ardil 22”, como formulado por *Heller*, envolve o caso de John Yossarian, um bombardeiro da força aérea dos Estados Unidos, que deseja ser proibido de realizar combates aéreos. Para ser proibido, ele deve ser avaliado pelo *médico de voo* do esquadrão e ser declarado “inapto para voar”, o que seria um diagnóstico automático da insanidade de qualquer piloto que deseje voar, pois só uma pessoa insana aceitaria missões, devido ao perigo. Mas para conseguir o diagnóstico e evitar as missões, o piloto deve solicitar a avaliação, e esse ato provaria sua sanidade.

A lógica de “ardil 22” é: “qualquer um que queira fugir ao dever do combate não é realmente louco.”[2] Assim, pilotos que solicitam uma avaliação de sanidade mental são sãos e, logo, devem voar em combate. Ao mesmo tempo, se uma avaliação não é solicitada pelo piloto, ele nunca passará por uma e portanto, nunca será considerado insano, o que também resulta em dever voar em combate.

A casa de Espanha: É melhor ser temido ou amado?

É a Espanha mas também para o Brasil. Entre outros.

Recentemente me deparei com a seguinte pergunta: Fora a determinação dos povos existe mais alguma outra razões para apoiar a independência da Catalunha?

Existem vários. Mas se esse por si só não é razão suficiente, não há outras razões capazes de convencer quem não quer ser convencido. Porque se o direito de tomar decisões em paz sobre o destino da sua própria vida tanto privada quanto em comum, em igualdade e dialogando, sem ser impedido reprimido ou constrangido por quem acha que pode impor suas decisões a força não é razão mais do que suficiente para a pessoa defender a independência. Porque quem consente com relações e uniões forçadas, que acha que A pode manter relação com B a força, mesmo contra sua vontade. Não quer um mundo livre , quer coitar ou ser um coitado, ou os dois. Está disposto a dar o que não quer, não pode ou não tem. Ou tomar se puder desde que isso seja a norma e o normalidade por mais absurda doente degenerada que ela seja. Se não é rei, quer ser súdito e vassalo, quem sabe sonhando que havendo um trono ele poderá um dia se tornar um. O que por sinal é um direito deles, ninguém pode querer impor a força que ele saia de uma relação de violência e desrespeito, assim como não pode eles também tentar impor essa servilidade como realidade a quem não quer se manter submetido a ela. Ou então colocar uma arma na mesa e dizer você quer embora de casa? Quer se separar de mim, que sair da casa de Espanha? E caso ela digue, não eu quero. E daí dizer ao mundo, estão vendo ele ou ela consente em manter relações comigo.

Então se você acha o óbvio que os problemas da Catalunha é um assunto antes de tudo dos catalães. Assim como os de qualquer pessoas tribo família ou sociedade, região e país. O nosso direito como sulistas e sudestinos de intervir no norte ou nordeste. Não é diferente da America do Norte intervir na America do Sul, de qualquer união da Americas do Norte ao Sul intervir em qualquer pais ou Estado. Assim como o direito de qualquer sociedade ou estado de intervir na vida particular de uma pessoa, família, ou comunidade. Somo e estamos todos interligados, mas isso não obriga nenhuma pessoa a se tornar uma unidade de uma união, obriga a todos se querem viver em paz, negociar e eventualmente se unir em comunhão se essa for a decisão pacificamente negociada e acordada em contrato social. De modo que mesmo que nossas decisões brasileiras seja um problema para os nossos vizinhos, isso não permite a nenhum pais intervir usando forças militares para impor o que quer que seja. A menos que justamente as decisões brasileiras sejam por definição já essa intervenção, o que dá não de entrar e submeter os brasileiros a um poder externa, mas sim, o direito de defender contra esse pretensão de poder contra a soberania e liberdade dos povos.

Em suma governos sem consentimento expreso do povo com ele. Não é governo é ditadura, vide o regime Temer. Não importa o que diz a lei da ditadura, porque a lei é feita por quem governa, a revelia da aprovação reiterada do povo não é lei é decreto. Para que as pessoas que discordam de um governo sejam obrigados por contrato a se manter dentro não de um Estado, mas antes dentro de uma sociedade que legitime as obrigações tanto mutuas regidas pela lei e não por um governo, é necessário que essa pessoa concorde em permanecer unido a uma determinada ordem mesmo discordando das suas decisões. E caso discorde de tal modo que queira se separar, ainda sim é continua obrigado a deixando em paz as sociedades a qual não quer mais pertencer. Assim como estas tem por obrigação deixa-lo em paz.

E qual lei obriga A ou B a não simplesmente impor a força sua vontade, relação, comunhão, contrato contra quem não quer assiná-lo? A lei da natureza, que permite a todo ser lutar por sua vida e liberdade. É claro que o violento e poderoso, pode simplesmente passar por cima da vida e liberdade dos outros, mas não só faz dele um tirano, mas faz do estado que ele estabelece pelo monopólio da violência não um estado de paz, mas uma bomba em que ele está sentado em cima, pronta a explodir quando quem quer ser livre, ou que é a mesma coisa se livrar da sua tirania, tiver para tanto. Leis e Ordens, Estados mantidos por tirania, e não por verdadeiro contrato social onde existe por definição consentimento do povo ou povos que constituem a sociedade, são Estados mantidos pela espada e não pela pena, são impérios, e impérios morrem inevitavelmente como vivem pela espada. Caem pela violência que plantam quando ela volta e se volta para a casa. Estados mantidos pelo poder da força de fato não são acordos de paz, que formam sociedades mantida pela concórdia e consentimento tácito das partes, mas estados tácitos de guerra de quem domina contra quem não concorda em ser dominado. Ou seja rigorosamente não são por definição Estados, mas ocupações de territórios, colonial ou moderna, que não anula o direito a desobediência e insurgência. Não anula porque decretos não anulam nem proclamam esses direitos a liberdade, eles apenas o protegem ou violam, alimentando a paz e concórdia. ou ao contrário a discórdia e a guerra.

Nenhuma lei e a ordem é legítima se autoriza e legaliza o uso da violência contra manifestações de paz pela vida e liberdade. Porque o que legitima a lei e ordem não é poder ou supremacia da violência, mas a preservação da paz que não é outra coisa senão a abolição da violência e servidão e manutenção dessa abolição em favor da paz e liberdade de cada um e entre todos. Não é o poder que legitima ou decreta o direito a autodefesa, a autodeterminação e as livre comunhão de paz, são esses direitos que pelo contrário legitimam qualquer constituição de sociedades e Estados.

Deveres e punições se inventam, direitos naturais não. E Estados que inventam deveres e punições que violam esses direitos estão fadados a pagar por seus crimes, por nenhuma outra lei que senão a da própria lei da física e natureza, da ação e reação que compõe esse direito natural inalienável ao levante e legítima defesa. Porque leis e decretos não anulam a inescapável lei da consequência dos seus próprios atos.

É por isso que a pretensão dos estados tirânicos de manter sua jurisdição ilegítima pela legalização de seus crimes contra os direitos naturais e humanos é tola se acredita que é capaz de anular deslegitimar ou submeter direitos fundamentais a seu força de fato e decretos. Não é porque não existem forças de fato para impor direitos internacionais, ou melhor não para todos. Não é porque certos governos e governantes estão acima das leis internacionais, como estão todos em “seus” território acima das leis nacionais do seu próprio país que eles conseguirão permanecer para sempre “impunes” ou manter seus estados de criminosos eternamente. Porque onde há vida, há direito a vida e liberdade. E mesmos que os estados exterminem os mais rebeldes para fazerem de exemplo para que os demais permaneçam servís e obedientes. Ao mesmo tempo que conseguem seu intento alimentam ainda mais a discordância contra ele. É como o irmão que assiste seu outro ser preso, morto ou espancado pelo Pai. Por mais que ele diga que é para o bem deles. essa farsa patriarcal do pátrio-poder, do estado pai e provedor já não funciona mais. Os regimes de tirania que carecem do medo e terror para manter sua ordem toda vez toda que utilizam desse expediente conseguem conter os levantes, porém a custo gigante, o da revelação da sua natureza e consequentemente a perda do consentimento tácito dos demais. Que podem não se levantar enquanto tiverem medo, mas bastará uma chance para perdê-lo que darão cabo ou se livrarão do tirano.

Maquiavel dizia que era melhor ser temido que ser amado. Provavelmente ou não era tão inteligente quanto se supõe ou muito mais do que se propõe, porque não era então um monarquista dando conselho a monarcas, mas um republicano a sabotar as monarquias. Porque como bem observa Hobbes para manter-se pelo medo e terror, o governante mesmo o mais poderoso precisaria não dormir nunca, constituir um estado vigilante e paróptico total, com olhos e informantes por todos os lados, uma Coréia do Norte, do contrário bastaria esse tirano dormir para ter seu pescoço cortado por seus desafetos. E eis o problema, quando seus olhos e mãos artificiais mesmo os mais próximos estão submetidos por medo e terror, o que garante que eles mesmos não cortarão seu pescoço?

É por isso que entre as expectativa de vida, só uma menor que a daquele submetido a escravidão. É daquele que senta totalitariamente em um trono. É por isso reis de velhos regimes e donos do trafico em morram tenham expectativa de vida tão curta. Shakespeare que não era filosofo politico é quem tem a razão: Quem vive tacando o terror (institucionalizado ou não) morre pelo terror (marginal ou não). Porque as circunstancias mudam mas a vontade de viver em liberdade permanece como universal. E quanto mais reprimida, quanto mais longa e escura a noite menor é o medo dela e maior a esperança e vontade de ver a luz do Sol renascer como ele é e deve ser: para todos.

Civilização: O que Trump quer no Irã, na Coréia?

Vende-se escadas para o céu. Ocidental.

O que Trump quer no Irã, na Coréia? O que ele quer com suas guerras do médio ao extremo oriente? O que ele está fazendo?

Ora o que mais seria senão cumprir a missão de todo líder de todo império e grande potencia do ocidente? Está levando nossa civilização e cultura Levando o nosso paraíso para eles. Aliás, levando não. Vendendo. Ele está só fazendo seu trabalho, negócios. Está cumprindo a função que lhe deram na maior Corporação do mundo, está vendendo o que eles sabem e produzem de melhor: as suas escadas para o céu. Vendendo no estilo mais far far oeste possível. E que deus abençoe a America, e salve as rainhas, porque todo mundo está comprando e bem. Do Ocidente ao Oriente.

There's a lady who's sure all that glitters is gold
And she's buying a stairway to heaven
When she gets there she knows, if the stores are all closed
With a word she can get what she came for
And she's buying a stairway to heaven
There's a sign on the wall but she wants to be sure
'Cause you know, sometimes words have two meanings
In the tree by the brook there's a songbird who sings
Sometimes all of our thoughts are misgiven
It makes me wonder
It makes me wonder
There's a feeling I get when I look to the west
And my spirit is crying for leaving
In my thoughts I have seen rings of smoke through the trees
And the voices of those who stand looking
It makes me wonder
It really makes me wonder
And it's whispered that soon, if we all call the tune
Then the piper will lead us to reason
And a new day will dawn for those who stand long
And the forest will echo with laughter
If there's a bustle in your hedgerow
Don't be alarmed now
It's just a spring clean for the may queen
Yes, there are two paths you can go by
But in the long run
There's still time to change the road you're on
And it makes me wonder
Your head is humming and it won't go
In case you don't know
The piper's calling you to join him
Dear lady, can you hear the wind blow
And did you know
Your stairway lies on the whispering wind

And as we wind on down the road
Our shadows taller than our souls
There walks a lady we all know
Who shines white light and wants to show
How everything still turns to gold
And if you listen very hard
The tune will come to you, at last
When all are one and one is all, yeah
To be a rock and not to roll
And she's buying a stairway to heaven — **stairway to heaven**

Uma canção de amor dedicada para o meu

A gente tem uma coisa entre a gente... Timing, timin'n'soul

Good Timin'
Oh, you need timin' a tick a tick a tick a
Good timin' a clock clock clock a
Timin' is the thing
It's true good timin' brought me to you
If little little David hadn't grabbed that stone
Alyin' there on the ground
Big Goliath might've stomped on him
Instead of the other way
But he had
Timin' a tick a tick a tick a
Good timin' a clock clock clock a
Timin' is the thing
It's true good timin' brought me to you
Who in the world would've ever known
What Columbus could do
If Queen Isabella hadn't hocked her jewels
In fourteen ninety two
But she had
Timin' a tick a tick a tick a
Good timin' a a clock clock clock a
Timin' is the thing
It's true good timin' brought me to you
What would've happened if you and I
Hadn't just happened to meet
We might've spent the rest of our lives
Walkin' down Misery Street
But we had
Timin' a tick a tick a tick a
Good timin' a a clock clock clock a
Timin' is the thing
It's true good timin' brought me to you

Yeah, we had
Timing uow uow uow
Good timin'
Yeah yeah yeah yeah
Timin' is the thing
It's true good timin' brought me to you — Jimmy Jones
E eu sei que que não sou nenhum Handman, nem muito menos todo, certinho e bonitinho:
Nasci velho, e tudo comigo é muito preto-e-branco, mas não faço cover. Sou o original.
Nossa história é a original. Dá até para copiar, mas aí já não é a mesma coisa... E eu sei, você sabe,
que se é coisas são assim, é porque você é a minha HandMan.

E o mais importante temos os mesmos grandes objetivos na vida:

Nosso objetivo é fazer música pop

E quem sabe algum dia ficar rico e xarope.

Rico!

Xarope!

— Xarope e Levada, os Mulheres Negras

Timing, timin' n' soul, Timing, timin' n' soul

JP Morgan: esse aí é Friboi... há séculos

CEO da JPMorgan diz que Bitcoin é fraude e o preço cai. Adivinha o que ele fez? Acertou, comprou a fraude, comprou bitcoins. Movimentação sobre investigação

Se você acha Banco “coisa de bandido”, é porque não conhece a história do JP MORGAN e dos barões ladrões. Faz os nossos bancos e banqueiros parecerem filantropos. Até porque o Brasil que mal se industrializou, também não conhece nem jamais conheceu a poder do capitalismo financeiro no que ele tem de bom, e principalmente no que ele tem de ruim. Os primórdios do capitalismo financeiro, o capitalismo selvagem, não são muito diferente em desumanidade das fabricas do início da revolução, onde crianças eram mantidas em condições de “trabalho” que hoje levam patrões a cadeia (ou deveria segundo a lei) por escravidão.

Mas não vou falar de passado, no fina sobre os bancos e fábricas dos primórdios do capitalistas, há farto material sério na internet para quem quiser entender como não foram só os fazendeiros escravagistas que construíram seu capital do roubo e morte do alheio. Vou falar de presente. Para que todos possam entender que os tempo passam, eles se disfarçam, mas como os governantes não mudam, e não mudam devidamente em simbiose um com o outro para parasitar o hospedeiro: a sociedade.

SÃO PAULO - Crítico antigo das [moedas](#) digitais, o [presidente](#) do JPMorgan, Jamie Dimon, mais um vez não poupou suas palavras para condenar os investidores que seguem comprando Bitcoins, que nesta semana atingiu novo recorde ([veja mais aqui](#)). Segundo ele, "se você é estúpido o suficiente para comprar, um dia pagará o preço [pela decisão]".

De acordo com Dimon, que participou nesta sexta-feira (13) de um fórum sobre [economia](#) no IFF (Instituto de [Finanças](#) Internacionais), o único valor [real](#) do [Bitcoin](#) é "quanto o outro [trader](#) pagará por aquilo", ou seja, trata-se apenas de especulação, não de um ativo tangível e com fundamentos.

O presidente do JPMorgan reforçou sua visão que o Bitcoin é uma fraude e não entende o valor de uma moeda não fiduciária, que não tem o "carimbo" do [governo](#). Apesar de mais um comentário depreciando

as moedas digitais, Dimon destacou que o sistema de blockchain é muito útil, [tecnologia](#) que também foi elogiada pelo presidente da [Mastercard](#), Ajay Banga, outro crítico da moeda.

Nesta semana, Banga foi categórico ao afirmar que qualquer tipo de criptomoeda é um "lixo", já que não tem apoio do governo: "se o governo criar uma moeda digital, encontraremos uma maneira de entrar neste jogo. Nós forneceremos trilhos para mover a moeda do cliente para o comerciante. As moedas digitais exigidas pelo governo são interessantes. A moeda obrigatória não governamental é [lixo](#)", afirmou.

[“Se você é estúpido o suficiente”, continue comprando Bitcoins, dispara CEO do JPMorgan](#)

“Moeda obrigatória não governamental”, sim isso mesmo, agora é o cidadão e a sociedade que tem o monopólio da força para impor obrigatoriamente as coisas, e não os governos a impor obrigações inclusive como subsídios as corporações comparsas.

Mas não vou nem entrar na incoerência e falsidade ideológica do argumento dele (e do outro) elemento... É bom saber o quanto honesta é a crítica das moedas digitais advinda de uma boca de um JPMorgan:

Não faça o que eu faço: JPMorgan “compra” bitcoins após seu CEO chamar moeda de fraude

O Bitcoin pode não usar ou ser uma fraude... já o JPMorgan esse sim pode confiar é Friboi.

Presidente da JP Morgan cometeu abuso e manipulação de mercado ao chamar Bitcoin de “fraude”

O presidente-executivo do JP Morgan, Jamie Dimon, pode estar com alguns problemas com as autoridades financeiras suecas por abuso de mercado quando ele chamou a Bitcoin de uma “fraude” na semana passada.

Recentemente, o executivo-chefe da JP Morgan Chase, Jamie Dimon, conseguiu que a comunidade de criptomoedas se acalmasse quando ele chamou a bitcoin de “fraude”. Além disso, depois que as declarações de Dimon e os mercados de bitcoin caíram, a JP Morgan Securities Ltd. comprou vários ativos baseados em bitcoin — notas negociadas para seus clientes. Agora, de acordo com relatórios, um provedor de liquidez algorítmica sediada em Londres chamou, a Blockswater diz que Dimon violou certos estatutos dos artigos do Regulamento de Abuso de Mercado (MAR) da União Européia. — Presidente da JP Morgan cometeu abuso e manipulação de mercado ao chamar Bitcoin de “fraude”

Considerando que muita gente mede os outros conforme as suas medidas, na cabeça de Wesley Batista dele- de banqueiros e/ou donos de abatedouros de gado, ele pode até estar sendo sincero- dentro do seu sistema de medidas e valores ele pode ter visto a coisa toda como ele aborda tudo: uma fraude. E pensou. Quem eles pensam que são? como eles ousam fazer uma fraude sem me chamar? E no meu território! No meu negócio!

Mas não é só isso não. A notícia é antiga. A repercussão é que recente. Tem sangue que na água porque tubarões estão se comendo para ver quem é que vai dominar o mercado digital.

Alguns dos maiores bancos do mundo estão juntos num projeto para implementar o uso de uma nova moeda digital. A ideia é que ela seja capaz de liquidar transações financeiras entre instituições por meio do blockchain, tecnologia base do bitcoin.

O Banco Barclays, [Credit Suisse](#), CIBC (Canadian Imperial Bank of Commerce), [HSBC](#), MUFG (Mitsubishi UFJ Financial Group) e State Street se uniram para trabalhar na chamada “moeda única de liquidação”, criada pelo [Union Bank of Switzerland \(UBS\)](#) para tornar os mercados financeiros mais eficientes. — [Os grandes bancos do mundo querem criar uma moeda digital](#)

Ué? Esqueceram do JP que maldade? Não se faz isso entre famílias... Sonny.

Dubbed Enterprise Ethereum, o projeto inclui as principais instituições financeiras, gigantes da tecnologia e empresas de

recursos naturais. De acordo com fontes, as empresas participantes incluem [JP Morgan](#), CME Group, BNY Mellon, [Banco Santander](#), [Microsoft](#), Red Hat, Cisco, Wipro e British Petroleum, entre outros.

As startups blockchain, BlockApps, Brainbot Technologies, ConsenSys, Nuco e Tendermint — bem como a Ethereum Foundation, sem fins lucrativos que supervisiona a sua criação de código — também estão envolvidos neste novo projeto.

Muitas das empresas listadas acima já trabalharam com ethereum, como o JPMorgan e Microsoft, que desenvolveu vários projetos baseados no Blockchain Ethereum. Nomeadamente, a Enterprise Ethereum parece incluir as partes interessadas existentes em casos anteriores, como no consórcio da R3 Blockchain.- [JP Morgan e Santander Anunciam Criar nova Corporação Baseada no Blockchain do Ethereum](#)

Sim. É isso. Mesmo o crítico feroz das moedas digitais, obviamente está desenvolvendo a sua só com Corporations de reputação acima de qualquer suspeita com a dele.

Uma coisa é certa, poucas declarações são mais confiáveis do que as de banqueiros, talvez só a de políticos: pegue o que eles dizem e inverta e você saberá o que eles fizeram, estão fazendo ou vão fazer.

Os US\$ 2 bilhões de prejuízo do JP Morgan têm força para afetar os mercados também nos próximos dias. É a opinião de Pedro Silveira, economista-chefe da TOV Corretora. Ele comenta que o

banco norte-americano pode chegar a perdas de até US\$ 8 bilhões para conseguir sair da situação em que se colocou ao aumentar sua exposição nos ativos que estão provocando a perda dos US\$ 2 bilhões. “Analistas estrangeiros calculam que a perda será de mais US\$ 1 bilhão, pelo menos, se o JP conseguir sair facilmente desta situação,” diz.

As apostas mal-calculadas em derivativos foram o estopim da [crise imobiliária de 2008](#), cujos reflexos ainda abalam a economia mundial. “Ao anunciar essa perda, o JP Morgan nos avisa que as autoridades estão ignorando os enormes riscos oferecidos pelos grandes bancos globais, mesmo após enormes crises que custaram vários trilhões de dólares aos contribuintes”, diz relatório da TOV.- [J.P. Morgan perde US\\$ 2 bilhões em operações com derivativos](#)

Você não esqueceu, quem pagou e ainda está pagando a conta esqueceu?

“O maior valor de acordo amigável por empresa para evitar julgamentos.”

O Departamento norte-americano de Justiça (DoJ) alcançou um acordo amigável de US\$ 13 bilhões com o JPMorgan Chase para pôr fim a ações contra o banco pelos casos de derivativos de empréstimos hipotecários de alto risco (subprime). (...)

Os empréstimos “subprime”, concedidos a pessoas sem capacidade de pagamento no longo prazo, são a origem da crise financeira que culminou em 2008 com a quebra do banco Lehman Brothers e que fez os mercados financeiros e de crédito desabarem no mundo. Os

Estados Unidos entraram em recessão e milhões de norte-americanos perderam suas casas durante a crise.

JPMorgan Chase, o maior banco norte-americano em volume de ativos, assim como suas filiais compradas em 2008, Bear Stearns e Washington Mutual, foram acusadas de ter vendido derivativos de créditos hipotecários de risco a investidores e organismos públicos como Fannie e Freddie, sem revelar o alto nível de risco desses produtos. [JPMorgan faz acordo de US\\$13 bilhões por fim de ações de subprime](#)

E o motherfucker ainda tem a cara-de-pau de falar em [bolhas](#). Fraude, falta de lastro, e que o único valor da é quanto o idiota pagará por aquilo. Falou o estelionatário legalizado que teve seus crimes anistiado pelo governo norte-americanos seus prejuízos cobertos não só pelo contribuinte americano, mas pela economia de todos os países afetados por seu golpe subsidiado pelo Estado. Porque será que é por isso que ele não gosta de moedas e “ativos” que não tenham o carimbo do Estado? Isso é que é criminoso esperto só comente seus crimes devidamente amparado pela lei e autoridade do poder central. É assim que se constrói impérios grandes demais para falir.

Mas e o Bitcoin é ou não é uma bolha. Se não é, agora que eles entraram no jogo será muito em breve. Quando? Quando grandes quantidades de moedas digitais estiverem nas mãos dessa gente, quando as outras moedas não-governamentais forem proibidas, e somente somente essas corporações tiverem liberadas para programar, intermediar e corretar e controlar o mercado das moedas digitais, quando eles conseguirem criminalizar todas as outros ativos e mercados, e

os ativos e mercados deles vierem carimbo de aprovação dos governos, dois fenômenos vão acontecer. Primeiro, as pessoas comuns que criaram esse novo mercado vão ser tiradas fora desses ganhos extraordinários, (especulativos ou não) que ele produz. Serão expropriadas em favor do monopólio dessas corporações amigas e protegidas do Estado. Esse é a primeira fase de ganhos por exclusão para a acumulação exclusiva dos capitais. Quando essa primeira fase de ganhos se esgota, pelo esgotamento dos recursos ou possibilidades. Entra a segunda a chamada bolha, onde esses ativos e capitais que viraram lixo, são postos a venda como se fossem ouro para o populacho. Depois o que se segue, você sabe: é a quebra, onde quem paga a conta não é estelionatário mas vítima que além de perder os seus bens, é forçada a pagar com impostos e trabalho não só os prejuízos do roubo, mas a manutenção dos lucros. Ou seja: quando rico começar a oferecer capitais, a preço acessível a pobres é batata: não é ouro é lixo, é a razão do Doria, o mercado vai quebrar. Porque três coisas que gruda e deforma e que essa gente não se desfaz nem que o mundo acabe: poder dinheiro e máscaras. Não porque não querem, mas já porque não podem: simplesmente porque já não existe absolutamente nada além de vazio sem elas.

Eu não sei como se chama esse do mercado de investimentos para prever bolhas, mas eu a chamo de Lei Kennedy, em “homenagem” de quem a vi enunciar primeiro. Kennedy o pai do clã dos Kennedys que não pertencia dentro do clube das oligarquias norte-americanas. (irlandeses). E que saíram da vida pública como saem quase todos os penetras impertinentes nos Estados Unidos: na bala. Fez fortuna ao prever as movimentações dos barões ladrões na bolsa de

valores que viria a quebrar e resumiu tudo no que é o próprio enunciado dessa lei do capitalismo financista:

quando até engraxates falam da bolsa de valores é hora de sair dela.

Lucrou junto com quem também sabia que a crise de 29 ia estourar, mas por outra razão porque criaram essa bolha:

Roosevelt criou ainda, em 1933, a Securities and Exchange Commission, aprovada no ano seguinte pelo Congresso, que tinha, e ainda tem, a função básica de observar o cumprimento das novas regras no mercado financeiro. O primeiro dirigente da nova entidade foi Joseph Kennedy, pai do presidente John F. Kennedy. A Comissão indiciaria mais de 300 pessoas numa tentativa de limpar Wall Street, apesar do próprio órgão reconhecer que era quase impossível realizar uma investigação punitiva. A única grande figura a ir para trás das grades foi o próprio Richard Whitney, condenado por desfalque. O homem, que liderou o mercado durante sua maior crise, passou três anos e quatro meses na penitenciária de “Sing-Sing”, localizada a 30 milhas ao norte de New York, antes de ser libertado.- Outubro de 1929

A história não repete uma segunda vez com farsa, ele se reitera continuamente como a narrativa da mesma grande fraude. Da qual a história não deixa de tomar sua parte.

E se você acha que eu estou defendendo as moedas digitais ou o bitcoin porque tenho ou porque o ReCitivas aceita doações com ela. Não recebemos um 0,0001 centavos de doação de

Bitcoin desde que começamos a trabalhar com ela. E sim, apesar de conhecer e escrever sobre moedas digitais desde 2008, fui burro ao invés de investir nesse mercado, “usei” o pouco dinheiro que tinha para manter a renda básica em Quatinga Velho. Aliás eu não, minha esposa, porque eu como legitimo proletariado de merda que sou não tenho capital nenhum. Tenho meu trabalho que sempre fiz questão de dar de graça para quem precisava e eu queira. Não vou mentir também já vendi meu trabalho como todo mundo, mas sou um privilegiado embora não tenha onde cair morto vivo e trabalho porque tem gente que quer eu continue vivendo e trabalhando com o que eu faço, não porque tenha qualquer obrigação de me pagar nada. Mas porque essa é a sua vontade assim como é a minha servir sem ser obrigado. O oposto do mundo que JPMorgan tem e quer continuar tendo como seu jogo de monopólio.

Sei que isso faz de mim por definição um pedinte, mas antes ser um potencial mendigo do que um ladrão, ou seu laçao especialmente de luxo.

A proposito, uma curiosidade, você sabe quem inventou o jogo monopolio, não esse, o outro? É outra história que ensina muito como funciona esse jogo o deles, jogado com dinheiro carimbado por governos e fabricado com sangue e suor humanos.

Bom divertimento.

Monopoly: como jogo inventado para denunciar os males do capitalismo teve efeito oposto

"Compre terra - já não se fabrica mais", disse certa vez Mark Twain. É uma máxima que certamente pode ser aplicada em...

www.bbc.com

Então fica a advertência: não aos mercados de moedas digitais ou financeiro, mas ao mundo, esses bancos são como tropas militares, nunca se movimentam de graça, em todos os sentidos da palavra. Quando eles se movem agressivamente é sinal de fumaça, é sinal de quem mais fogo. A crise de 2008 não acabou. Muito pelo contrário. Pode esperar mais lenha. E não é de graça. Agradeça a eles: os barões ladrões.

E não é que é (ou era) mesmo Eslovena a estratégia de Independência da Catalunha

O Governo catalão está a preparar-se para substituir a administração a que está sujeita por parte do Estado espanhol por um esquema de governação totalmente digital, projecto no qual trabalha há dois anos em estreita colaboração com a Estónia. O diário El País noticia neste sábado que o plano Bases para a Transformação Digital das Administrações Públicas Catalãs foi encontrado a 21 de Setembro pela Guardia Civil nas buscas ordenadas pelo juiz Juan Antonio Sunyer às instalações do Consórcio Administração da Catalunha, no Centro de Telecomunicações e Tecnologias e na Fundação PuntCat.(...)

A Generalitat (governo regional da Catalunha) está a ser apoiada pela Estónia, para onde tem enviado altos quadros administrativos para aprenderem como está desenhado o modelo de governança baseado na internet. O país, que passou metade do século XX sob ocupação soviética, teve de reconstruir do zero o seu modelo administrativo na década de 90.(...)

Essas desconfianças foram confirmadas através de escutas telefónicas das duas dezenas de altos cargos dirigentes catalães detidos há três semanas. Nas conversas cruzadas, a Guardia Civil percebeu que esse plano da administração digital está tão avançado que a região poderia, em breve, desligar-se da estrutura digital gerida por Madrid.(...)- [Independentismo na Catalunha. Catalunha prepara um Estado digital independente com a ajuda da Estónia](#)

[A saída a lá Eslovênia vai funcionar?](#)

[A ideia de suspender a declaração de independência não é nova: em 1990 a Eslovénia fê-lo com o objetivo de negociar um...](#)

[medium.com](#)

Mas e aí, vai ou fica? Pressão por todos os lados

Do Governo Espanhol para a rendição sem negociação nem condições

Enquanto Mariano Rajoy faz saber que não avançará com a suspensão da autonomia catalã, através do artigo 155 da Constituição, caso Carles Puigdemont recue e negue que tenha

proclamado a independência na terça-feira passada, os seus ministros, como María Dolores de Cospedal, que detém a pasta da Defesa, vão insinuando que, se calhar, não será necessário empregar o exército na Catalunha. Ao mesmo tempo, aparecem notícias nos meios de comunicação social, supostamente vazadas pelas autoridades, com os planos militares para a Catalunha, e o ministro dos Negócios Estrangeiros vai a um programa de rádio dizer que a prisão de Puigdemont está em aberto. «Tudo depende dele», garante Alfonso Dastis.

O tempo está a passar e o presidente do governo catalão tem até segunda-feira ao final da manhã para responder ao ‘requerimento’ com que Mariano Rajoy iniciou o caminho para a aplicação do artigo 155. Caso negue que proclamou a independência da Catalunha, o líder do PSOE, Pedro Sánchez, garante-lhe que já acordou com o governo do PP a realização de um processo de revisão da Constituição espanhola, que permitiria acautelar algumas das reivindicações catalãs, por exemplo em matéria fiscal, sem pôr em causa, certamente, a sacrossanta unidade de Espanha e o garante do seu cumprimento, pelo exército, como recordou de uma forma hábil a ministra da Defesa.

Da Esquerda e Movimentos sociais para a Independência e Enfrentamento da Repressão Militar dada como certa

Em sentido contrário, o antigo presidente da generalitat socialista, Ernest Maragall, agora eurodeputado, usou a sua conta de Twitter para dizer que Puigdemont devia declarar a independência. Cabe ao atual presidente do governo autonómico escolher entre «rendição ou repressão», afirma o antigo militante do PSC, concluindo que «é a hora de assumir o risco da liberdade». Um post

que mereceu, no Twitter, a concordância do vice-presidente do governo da Catalunha, Oriol Junqueras, que comentou em frase curta: «Completamente de acordo».

No campo independentista, os seus maiores movimentos sociais, a Assembleia Nacional Catalã (ANC) e a Omnium Cultural instam Puigdemont a que anule a suspensão da declaração de independência. O secretariado da ANC reuniu-se na quinta-feira e pediu para que fosse levantada a suspensão. Em comunicado, o secretariado desta organização fez saber o seguinte: «Tendo em vista a negativa do Estado espanhol a qualquer proposta de diálogo, já não faz nenhum sentido manter suspensa a declaração de independência. Por isso, instamos o parlamento a levantá-la e ao presidente do governo a colocar em marcha a lei da transitoriedade jurídica e fundacional da República».

A isto somam-se as pressões da CUP, o partido independentista mais radical, cujos deputados garantem o apoio parlamentar maioritário dos independentistas ao governo dos Junts pel Si, coligação do Partido Democrático Europeu Catalão (PDeCAT) com a Esquerda Republicana da Catalunha (ERC). A direção deste partido anticapitalista pede a Puigdemont que «proclame já a República», a três dias de se esgotar o prazo do ‘requerimento’ enviado pelo governo Espanhol: «Por todos os que defenderam os seus colégios [eleitorais] perante a violência da ocupação militar e policial; os que votaram sim e os que votaram não», por todas essas pessoas e face «à falta de apoios explícitos a nível internacional», «segue sendo tão necessária a proclamação da República». Para a CUP, qualquer recuo nesse propósito derrotaria os independentistas, por perda de apoio popular, «sem apoio do povo não é possível manter o firme objetivo da

autodeterminação». Para este partido só há uma resposta possível a dar a Rajoy: aquela que saiu do referendo — «a República é o mandato de mais de dois milhões de pessoas». Qualquer outra significaria, para CUP, que, «perante a repressão do Estado, ficaríamos imóveis face às ameaças [do governo espanhol], o que não nos permitiria existir como povo». A CUP não acredita numa mediação internacional e conclui: «Se nos aplicarem o artigo 155, que nos apliquem quando formos República».

E do Partido para se render

De alguma forma, haver ou não um recuo vai decidir-se no seio dos independentistas mais moderados do PDeCAT, para quem a perda das instituições autonómicas — que eles controlam quase sem interrupções, desde 1980, tirando o período em que governaram os socialistas com o apoio do ERC — é um golpe fundo, e que o facto de cerca de 400 empresas terem deixado de ter sede social na Catalunha pode fazer soar os alarmes. Daí não serem estranhas as declarações do antigo presidente da generalitat e presidente do PDeCAT, Artur Mas: «A violência policial no dia 1 de outubro demonstrou que o governo espanhol não tem limites e que são capazes de qualquer coisa». Um fator novo e importante no processo, «com que não contávamos», garantiu Mas na estação de televisão autonómica TV3. O antigo presidente catalão mostrou-se prudente: «Se pensamos que a independência é a única maneira de proclamar uma República, estamos enganados». Sem explicitar as outras formas, ficou implícito o apoio a um possível recuo na segunda-feira.-[Catalunha. A estratégia da cenoura e do pau](#)

E a comunidade internacional?

Entretanto, o pouco que o governo catalão conseguiu da chamada comunidade internacional foi a condenação de Espanha no Conselho da Europa pela violência policial de 1 de outubro. Na mesma direção, a Human Rights Watch solicitou o governo de Madrid uma investigação séria sobre os abusos aos direitos humanos cometidos pelas suas forças de segurança no dia do referendo.

União Europeia, Alemanha, França, EUA e claro UK estão firmes como rochas do lado espanhol juntos com o mercado financeiro.

A Catalunha está sozinha. E o Puigdemont no maior dilema pessoal que pode mudar o futuro da Catalunha, Espanha e sabe-se lá depois mais onde:

Se ele se render. Derreterá de vez e provavelmente cairá no ostracismo, como uma das maiores decepções populares dos últimos tempos. Isto, se tiver sorte, e a Espanha não quiser fazer dele um exemplo contra quem ousar desafiar o Estado- o mais provável.

Se ele resistir que agora com o ultimato é o mesmo que avançar. Terá que se esconder para não ser preso. E sua liberdade estará diretamente vinculada a ao sucesso da independência. Ou seja primeiro da vontade e depois da capacidade popular de resistir contra a repressão espanhola.

Ou seja, ou corre o risco ir preso sem dignidade e sem ir adiante com a a independência de fato. Ou corre o risco de ir

preso com dignidade tentando a independência de fato. Parece uma solução fácil para quem está de fora, mas para quem está dentro, as pressões acima citadas tendem a alterar completamente a percepção. Fora que é possível que haja informações que nós meros mortais não tenhamos acesso. Mas considerando somente os fatos e os dados que estão postos até o presente momento, está mais do que claro que Puidemond foi longe demais para voltar sem perder de qualquer forma e Rajoy não está a deixar nenhuma saída. Ou tem certeza absoluta que ele vai se render, ou então de fato quer que ele avance para poder fazer a intervenção e acabar não só com a declaração independência, mas com todo o processo que vinha avançando silenciosa tirando (pelo tempo e como as “medidas que forem necessárias”) a autonomia catalã.

A pergunta é uma só: fazia parte da estratégia a lá eslovenia do governo catalão ter de enfrentar essa intervenção? Ou ele contava ou ainda conta com alguma ajuda internacional? É muito desses fatores, do que da vontade política, orgulho, medo, ou pressões por todos os lados que se dará a decisão dele.

Ou pelo menos é como deveria se dar.

Planejamento de lado, particularmente compartilho, da opinião dos independentistas, melhor cair de pé que de joelhos. Mas dizer isso daqui é fácil, quem vai levar no lombo até se dobrar ou ganhar pelo cansaço (de tanto bater!) são eles. Por isso independente de qual seja a decisão meu apoio permanece com esse povo que corre teve coragem de se

levantar e por isso corre o risco de ficar ainda mais sozinho, se até seu governo também o abandonar. Diga-se de passagem a volta da “normalidade”, a regra e não a exceção. Mas acho que isso está mais do que óbvio? E não só mais no Brasil, mas no mundo inteiro.

Ou não?

Catalunha Human Rights Watch acusa polícia espanhola de violência

A organização Human Rights Watch (HRW) acusou hoje a polícia espanhola de uso excessivo de força na Catalunha no dia 01...

www.dnoticias.pt

Patriarcado: A rede de corrupção governamental dos Estados-Nações. Em foco a rede dos Ibéricos e Latinos

Uma genealogia da bandidagem e dos criminosos da humanidade

Operação Marquês. José Sócrates acusado de 31 crimes e de acumular 24 milhões de euros na Suíça

A Procuradoria-Geral da República anunciou nesta quarta-feira que o Ministério Público deduziu acusação na Operação...

www.publico.pt

Como Sócrates ajudou o Grupo Lena a conquistar a Venezuela

O Ministério Público diz que Sócrates promoveu os interesses do Grupo Lena na Venezuela, aproveitando a relação...

observador.pt

Reaberta investigação a Lula da Silva e à Portugal Telecom

Internacional Em causa estão suspeitas do pagamento de um suborno de milhões pela telefónica portuguesa ao partido de ...

sol.sapo.pt

Vistos gold. Empresários e políticos brasileiros e angolanos envolvidos em escândalos de corrupção...

Vários empresários e políticos angolanos e brasileiros envolvidos em processos e escândalos de corrupção requereram...

www.publico.pt

Corrupção no Brasil

O contrabando foi, sem dúvida, a prática ilícita por excelência no mundo colonial. Objeto de uma legislação rigorosa,¹¹¹ sobre ele recaía o estigma de equivaler ao furto do patrimônio régio; do ponto de vista moral, era tido por “pernicioso” à saúde da República.¹¹²

Um dos primeiros estudiosos a se dedicar ao assunto, Ernst Pijning voltou-se para o comércio ilegal praticado no Rio de Janeiro no século XVIII, e, seguindo as pistas de Zacarias Moutoukias, chegou à conclusão de que “o contrabando foi incorporado pela organização jurídica, econômica e social do Império”,¹¹³ argumentando, como havia sugerido Fernando Novais, que, ao contrário de um desvio pontual, ele estava plenamente integrado à dinâmica da sociedade colonial. Para sintetizar a sua tese, Pijning recorre a uma metáfora visual, o *chiaroscuro*, ou seja, um fenômeno fluido, repleto de ambiguidades, que se desenvolve numa zona imprecisa.¹¹⁴ Ambíguas eram as fronteiras entre o comércio legal e o ilegal; ambígua também era a posição da Coroa, que, a despeito das reiteradas proibições, autorizava-o e até mesmo favorecia-o, desde que atendessem aos seus interesses econômicos e políticos, como sucedeu na Colônia do Sacramento.¹¹⁵ Ambígua ainda era a postura das autoridades locais, que oscilavam entre a repressão e o envolvimento ativo nos negócios clandestinos.

De fato, os estudos de Zacarias Moutoukias sobre o comércio ilegal na rota entre Potosí e Buenos Aires, ao longo do século XVII, já haviam mostrado que o contrabando não era uma transgressão isolada ou uma excrescência do comércio atlântico, sendo, ao contrário, um fenômeno normal e regular, perfeitamente integrado aos fluxos comerciais do Atlântico Sul, e estruturalmente ligado à vida econômica da região. Mais do que isso, ele foi, para Moutoukias, “um fenômeno essencial da vida comercial em Buenos Aires”, superando, em volume, o comércio legal. Além disso, era “semitolerado” pelas autoridades, que alternavam a cumplicidade e a repressão, de acordo com os interesses em jogo. Diante desse quadro, esse historiador chega mesmo a questionar a pertinência do emprego da palavra “contrabando” para o período. O fato é que tanto o termo “corrupção” quanto o termo “contrabando”, correntes à época, não incidem sobre a frequência ou a tolerância às práticas que designam, mas apenas caracterizam determinadas modalidades de transgressão. Aceitos socialmente, praticados em larga escala, inseridos na dinâmica comercial local, corrupção e contrabando continuavam a ser o que eram: corrupção e contrabando – o que a própria legislação da época reforçava, ao estabelecer um conjunto de normas com vistas a combatê-los.¹¹⁶

Trechos do livro:

Corrupção e poder no Brasil: Uma história, séculos XVI a XVIII de Adriana Romeiro

E tem gente que ainda acha que tem trouxe o crime e a corrupção foram os bandidos pé de chinelo degredados de Portugal... aí, aí, depois os portugueses é que são burros. Como se a expectativa de vida dos criminosos de baixa renda, especialmente dos envolvidos com a criminalidade mais perigosa e violenta desse grandes chances de que deixar descendentes, ou uma prole com a mínima chance de escapar

da mesma sina. Não duvido que sejamos herdeiros bastardos de criminosos e corruptos, mas não das galés e sim dos palácios e casas grandes.

Um em cada cinco russos é "parente" da Rainha Isabel II - ZAP

Um estudo realizado por uma empresa russa apurou que um quinto da população da Rússia tem laços genéticos com a família...

zap.aeiou.pt

Metade da Europa Ocidental é 'parente' de Tutancâmon | VEJA.com

Metade de todos os homens da Europa Ocidental é 'parente' do antigo faraó egípcio Tutancâmon. É o que aponta o estudo...

veja.abril.com.br

Metade dos homens da Europa descendem de um rei da Idade do Bronze - ZAP

Cerca de metade da população masculina da Europa Ocidental é descendente de um homem que viveu na Idade do Bronze, que...

zap.aeiou.pt

Folha Online - Ciência - Khan espalhou descendentes do Pacífico ao Cáspio - 02/02/2003

02/02/2003 - 03h55 REINALDO JOSÉ LOPES Free-lance para a Folha de S.Paulo Um só homem, que viveu há cerca de mil anos...

www1.folha.uol.com.br

E por aí vai... isso se explica não só pela cultura do estupro praticada pelo dominador macho sobre a mulher dominada e extermínio do macho dominado. Mas pela extinção lenta e progressiva das famílias e populações marginalizadas desprovidas das posses e poderes, ou seja dos recursos necessários para garantir a sua sobrevivência e de sua prole. Numa correlação de vulnerabilidade que se distanciam da patriarcas seja por legitimidade, gênero e primogenitura, o direito a herança dos primeiros filhos machos. Em geral as vítimas principalmente as que morrem jovens não deixam filhos, quem deixa são os que matam e estupram e continuam principalmente se continuam a fazê-lo ao longo de toda uma vida legal e impunemente.

Sim você provavelmente é descendente de um bandido, mas não um degredado ou um batedor de carteiras de Lisboa, mas com muito maior probabilidade de um bandido bem mais perigoso ou poderoso, daquele que não mata um ou dois, mas quando mata, mata em massa, em guerras e genocídios e grandes pilhagens fomes. O descendente bastardo de algum bastardo de um rei, um conquistador, um estadista. Talvez com tanta probabilidade quanto também descendente de alguma nativa ou escrava, um perseguido religioso novo ou imigrantes proletariado em épocas mais recentes.

Mesmos as famílias tradicionais e de sangue mais puro e nobre, que tem menos probabilidade de ter sangue de servos e

escravos em sua árvore genealógica, dificilmente são completamente puras. Porque aí o que opera não é a seleção artificial, mas a natural da debilidade degeneração e infertilidade, mas com aquela beleza tão alva que só um legítimo membro de uma família real reproduzido em só gerações de relações consanguíneos são capazes de dar. Tão ao gosto dos supremacistas e eugenistas de sangue azul que se eles pudessem, nem fariam mais essa coisa nojenta chamada sexo, como essa outra coisa nojenta chamada gente, se pudessem simplesmente se clonariam, se reproduziram assexuadamente como tubarões. Artificialmente é claro porque essa é uma estratégia que a fertilidade natural da vida encontra justamente para escapar da arcabouço da morte e privações:

“A maioria dos casos documentados de partenogênese facultativa em vertebrados foram registados de fêmeas em cativeiro que não tiveram exposição a machos durante toda a sua vida reprodutiva”
-Tubarão fêmea surpreende cientistas ao dar à luz após 3 anos sem contato com macho

Mas se é para apelar para o artificial. Para que reproduzir clones? Melhor, mesmo é não envelhecer e não morrer mais. Embora isso também resulte inevitavelmente em extinção da espécie, não só pela perda da diversidade genética mas pela absoluta ausência de evolução, da adaptação que somente a mutação entre as gerações pode gerar.

Não sei quanto a você mas eu preferia ser descender de um batedor de carteiras, um escravo, um índio, um empregado, do que um racista, um estatopata, um escravagista ou

estuprador ou assassino em massa real. Mas eis aí uma coisa que a gente não escolhe, como o mundo que a gente recebe nos viramos tentando tirar o que há de melhor do que nos é dado como herança natural.

Os Excluídos do Reino

Os excluídos do reino (2000), é o título do livro de [Geraldo Pieroni](#), historiador, professor do Departamento de História da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Um estudo de processos inquisitoriais que culminaram com a pena de [degredo](#) proveniente de Portugal e destinada ao Brasil nos séculos [XVI](#) e [XVII](#). O livro trata dos excluídos do reino português durante o período da colonização brasileira. Pieroni destaca o papel do [Santo Ofício](#) e dos degredados inquisitoriais banidos no Brasil.

Após dez anos de pesquisa, durante os quais o autor teve acesso a cerca de 26 mil documentos — entre eles os manuscritos em português arcaico do [Arquivo Nacional da Torre do Tombo](#), em [Lisboa](#), o autor apresenta sua versão sobre os degredados portugueses, condenados pela [Igreja Católica](#) por crimes banais. Segundo ele, a maioria dos degredados para o Brasil foi condenada pela [Santa Inquisição](#) e as autoridades portuguesas se valiam disso para promover a exclusão social: “(...) era uma forma de harmonização social, de livrar-se dos maus elementos, dos indesejáveis. De um lado, limpar a sociedade. Do outro, significava também povoamento das colônias, já que a população de Portugal era muito pequena”.

Entre as descobertas de Pieroni consta que mais de 50% das pessoas degredadas para o Brasil eram mulheres, acusadas, quase sempre, por feitiçaria, blasfêmia e bigamia. A explicação para o degredo das mulheres era de que elas não tinham força física para o trabalho nos remos dos navios [galés](#) para onde, geralmente, iam os homens condenados.

O autor contesta a versão de que o Brasil teria sido colonizado por criminosos. Segundo suas pesquisas, os motivos religiosos são pelo menos três vezes mais freqüentes do que os crimes como roubo ou assassinato: “O período auge do degredo foi o século XVII e a maioria dos criminosos eram os [cristãos novos](#)”, registra Pieroni. - [Os Excluídos do Reino — Wikipédia, a enciclopédia livre](#)

Quem eram esse perigosos criminosos degredados: os cristão novos?

Judeus e muçulmanos meu irmão... judeus muçulmanos ou qualquer não-cristão obrigado a se converter para não ser torturado e morto por fundamentalistas cristãos portugueses e espanhóis. “Marranos” e “mouros” (designações pejorativas) que tiveram que abandonar ou esconder sua cultura e fé, para não ser [garrotado](#) e queimado durante as inquisições.

Após a expulsão dos judeus de [Espanha](#) por [Isabel I de Castela](#) e [Fernando II de Aragão](#) em 1492, cerca de 60.000 judeus que recusaram-se a converter-se à [religião cristã](#) emigraram para [Portugal](#). [D. João II](#), influenciado por judeus importantes na Corte, acolhe-os, mas impõe-lhes o pagamento de oito [ducados de ouro](#)[\[nota 1\]](#), quantia deveras elevada para a época, para

*permanecerem em terras lusitanas (os que não podiam pagar este valor viam metade dos seus bens confiscados para a Coroa). Pretendia-se a fixação de operários especializados, que faltavam em Portugal. Falecido D. João II, sucede-lhe **D. Manuel**, monarca que se revelou tolerante para com os judeus que não podiam pagar. No entanto, em Março de **1497**, é imposta a expulsão da comunidade judaica de Portugal por meio de uma lei que entrou em vigor naquele mesmo ano. Para impedir a saída de tanta gente (e, consequentemente, de **capital**) do Reino, D. Manuel decreta a conversão forçada de muçulmanos e judeus ao Cristianismo no prazo de dez meses, criando assim o conceito de cristão-novo. Caso não o aceitassem, teriam que abandonar Portugal e as suas colónias ultramarinas. A medida foi uma tentativa de homogeneizar a religião na **Península Ibérica** e consta do acordo de casamento entre D. Manuel e a Infanta **Isabel de Aragão**, à data herdeira dos **Reis Católicos**.*

No Brasil, os cristãos-novos degredados representavam mais da metade de todos os réus punidos com o degredo.

Após duas obras consagradas sobre o degredo na Inquisição portuguesa, Geraldo Pieroni lança Banidos, no qual seleciona um grupo específico dentre os condenados: os cristãos-novos. O autor reuniu mais de 300 processos de cristãos-novos condenados ao degredo para as terras brasileiras. Na primeira parte, analisa os mecanismos doutrinários, jurídicos e históricos da pena de banimento aplicada aos judaizantes e cristãos-novos; a segunda parte contém uma longa lista dos degredados: mulheres e homens, jovens e adultos, letrados e ignorantes, pobres e ricos. “O elo entre eles residia no fato de serem cristão-novos e, exatamente por terem

sido acusados de judaizantes, aportaram nas praias do Brasil na condição de duplamente estigmatizados: judeus e banidos.”

A pena de degredo foi amplamente utilizada pelos juízes inquisitoriais desde o estabelecimento da Inquisição em Portugal, em 1536. Para o Santo Ofício, o banimento funcionava como defesa religiosa contra a heterodoxia e, ao mesmo tempo, servia como procedimento de purificação dos pecados cometidos. Nas centenas de cerimônias dos autos-da-fé, passaram milhares de homens e mulheres acusados de judaísmo. Muitos deles foram condenados ao banimento em terras brasileiras. No Brasil, os cristãos-novos degredados representavam mais da metade de todos os réus punidos com o degredo. — Sinopse :Banidos, a inquisição e a lista de cristão-novos condenados a viver no Brasil

Estudante colegial no “hinterland” paulista, fiquei estarrecido quando tomei conhecimento de que o começo da colonização brasileira esteve infestada de degredados e criminosos.

Terra de refugos e rebotalhos. Escória. Assim, pelos males e taras de origem, estariam justificados os atrasos e as desventuras do país: povo faminto, analfabeto e despolitizado.

Na descomemoração dos 500 anos ressurgiu a mistificação sobre a nossa origem condenada: a ladainha do Brasil periférico fruto de uma nação que perdera o rumo da história. Portugal, nação de segunda classe. É por isso, entre outros motivos, que vale a pena ler o estudo de Geraldo Pierroni sobre a vinda dos degredados de Portugal para o Brasil Colônia. (...)

Gente de mau viver. Poviléu. Arraia-miúda. Peões. Desterrados. Enxurdeiros. O degredo no entanto não foi constituído apenas da ralé. Bastava qualquer ofensa praticada por gente de boa reputação. Crimes leves, jogadores de cartas, videntes, falsificadores, prostitutas acarretavam deportação para o Brasil, o inferno atlântico, contrapondo a visão edênica dos trópicos eldorados.

Escreve o historiador dos vadios e das bruxas: “Ser banido, portanto, não significava necessariamente que o réu fosse criminoso no sentido dos ideais modernos”. — “Vadios e Ciganos, Heréticos e Bruxas” : Historiador faz anatomia do purgatório

Não há contudo como negar uma coisa, continuamos a viver como degredados em nossa própria terra. Marginalizados e estigmatizados por aqueles que nos governam os verdadeiros criminosos a legalizar seus crimes e criminalizar e penalizar a vida daqueles que tem seu estatua e classe social definidas exatamente pela condição de exclusão: o povo. No Brasil o degredado, o herdeiro do degredo de seus pais, o nascido condenado ao exílio até a morte ainda que preso dentro de sua própria terra. O vadio o marginal o descende de bandidos e da ralé, filho bastardo, servo e empregado de famílias de bandidos, mas bandidos de fino-trato, poderosos os legítimos donos e herdeiros dessas eternas capitânias hereditárias, os herdeiros do patriarcado outrora espanhol e português. Hoje latino-americano e brasileiro.

Porque Carminha votou com a banda podre dos “2 pesos, 2 medidas” do STF?

E o Sermão do Diabo, na integra, “psicografado” por Machado de Assis

***Vá treinando sua cidadania para a “maior festa da
democracia”, as eleições do ano que vem, e escolha a
alternativa correta:***

Alternativa a

***Porque ela partilha dos mesmos valores do timaço de
valorosos ministros votaram junto com ela, cuja ilibada
reputação dispensa dizer que valores são esses, Eis a
escalação e os times que os revelaram para o Brasil:***

***.Tofolli e Lewandowski — ex-volantes do PT futebol Clube e
também ex-advogados do time;***

***.Alexandre Moraes — ex-atacante do Tucanistão; entrou na
seleção convocado por Temer no lugar daquele outro que
“morreu” no avião que caiu... com era mesmo deles... Teori,
(que coisa...já nem lembrava mais parece que foi séculos
atrás...);***

***.Marco A. de Mello — não sei onde ele jogou mas foi revelado
por seu primo Collor;***

. E claro o público e notório Gilmar Mendes, o “polêmico” craque e capitão do time que dispensa currículo e apresentação, mas que para fazer justiça ao técnico da seleção brasileira nessas horas sempre esquecido, foi revelado pelo saudoso FHC;

Enfim trocando Moraes por Fachin essa é a escalação da mais requisitada seleção brasileira do STF tão afamada “Segunda Turma”. Que ganhou entre seus fãs gente mais famosa ainda de todas agremiações futepolíticas brasileiras. De Renan, Sarney, passando por Dirceu, até agora o seu mais novo fã de carteirinha Aécio Neves. Agora vai... é Exa.

Alternativa b

Porque conforme ela mesmo disse “se o brasileiro soubesse o que eu sei não dormiria”. O que pode ser interpretado na linguagem popular dos povos nativos da étnia brasileira que habitam essas terras: ela está se borrando de medo do que o incauto ex-procurador do Ministério Público Federal denominava “organizações criminosas” que habitam as casas, cortes e palácios do altos poderes brasileiros.

Alternativa c

Porque como toda boa brasileira e ainda mais mineira, além de saber ficar quando quieta, é e mesmo não sabendo e desconfiada e supersticiosa e pensou com seus botões: “Que foi acidente foi, mas por via das dúvidas nesse avião eu é que não embarco nem que me paguem.”

Alternativa d

Preocupada como demonstrou desde o princípio dos o punitivismo e as condições medievais das prisões brasileiras, e com o aspecto delicado da constituição e psique do fidalgo e aristocrata brasileiro, vulgo playboy, que ao contrário do nativo de constituição forte, criado sobre as condições mais adversas, capaz portanto de suportar suportar as mais terríveis penas e punições seja de trabalhos forçado e encarceramento. Ao contrário deste portanto seria uma pena desproporcional a esse homem frágil e delicado, criado com todos os mimos impor punições que a ele seriam muito mais dolorosas que esse homem embrutecido, tais como não poder sair de casa para a balada, ou confabular trapaças com seus amiguinhos. Privar esse ser humano plenamente dotado de direitos humanos do seu convívio social, do exercício dignificante da sua valorosa e socialmente produtiva profissão, mesmo que não seja para submete-lo as condições desumanas e desumanizantes que a plebe enfrenta fora e principalmente dentro do carcere, seria muito inconstitucional.

Assim, humanista que é, decidiu conceder a aristocracia e fidalguia detentora de foros e fóruns privilegiados, o direito de fazer uso irrestrito de ambos. Podendo portanto assim ela mesma definir, de acordo com sua reconhecida e invulgas sabedoria, honestidade e bom senso, da qual a plebe é desprovida, decidiu que eles e somente eles, entre seus pares e iguais tem as condições necessárias para definir e aplicar as eventuais reprimendas e correções que lhes cabem, conformem considerem justas ou e podem suportar. Ou seja nenhuma. Pondo fim a essa monstruosas desumana de retirar e impedir gente de primeira classe do seu convívio social e político notivago, das sua baladas e encontros na calada da

noite em porões com pessoas acima de qualquer suspeita. Co-Solidária portanto sua condição humana e entendendo por bem não contrariar suas necessidades psico-patológicas especiais e perigosas, concedeu que somente ele e seus pares podem definir as reprimendas e correções proporcionais a essa classe diferenciada de pessoas.

Assim sendo Cármen Lúcia decidiu no crepúsculo da sua carreira prudentemente aderir a peculiar doutrina de justiça equitativa brasileira da maioria dos seus colegas. Doutrina esta inspirada nas alemãs (outras), e nas mais antigas e nobiliárias tradições, que prescrevem punições mais fortes ou fracas não de acordo com o delito ou periculosidade, mas conforme a a capacidade do criminoso (ou inocente) de suportar as sentenças observando sua raça, origem, educação, classe social, recursos econômicos, e caráter, ou seja em conformidade e proporcionalidade a sua gene tanto biológica quanto cultural.

Assim considerando a classe política brasileira- que é por definição e finalidade constituída para ser o reserva moral desses homem especial que é a antítese do sertanejo de Euclides da Cunha- Carminha, repito, humanista que é, entendeu que nenhuma punição é possível de infringir contra a vontade desse ser delicado em constituição e necessidade de posse e preservação de prerrogativas, poderes e direitos adquiridos. Pois mesmo que punição ou correção que esta classe reserve a si mesma seja nenhuma independente dos delitos que comete, seja nenhuma e para a plebe todas mesmo que inocentes, isso é sempre se constituirá em todos os casos justo porque é proporcional a constituição genética tanto

biológica quanto cultural de cada um desses diferentes classes e espécies de homens brasileiros. Que sendo portanto desiguais e diferentes merecem tratamento diferenciado e desigual, pesos e medidas diferenciadas que mesmo que não os coloquem no mesmo lugar, coloque cada um no seu devido lugar promovendo a lei a ordem e portanto a noção de justiça conforme essa doutrina de justiça das gentes.

Logo repito, humanista que é, mas ilustrada e ciosa das diferenças de berço, raça e formação dos diferentes homens que constituem as duas classes ou espécies de brasileiros: uma, a plebe formada de nativos e imigrantes sem pedigree, trazidos para a terra brasileira para efetuar o trabalho pesado e forçado, desde o escravo até o assalariado; e a outra, formada pelos descendentes e atuais famílias de aristocratas, burocratas, fidalgos e governantes, herdeira dessas terras e predestinada e educada a administrar essas posses e gentes; Carminha, ciente portanto das necessidade de aplicar uma justiça equitativa perante as desigualdades não meramente sociais mas de gene entre os brasileiros, Carminha, a digníssima Carmen Lúcia, presidenta do Suprema, Supremíssima, Supremacista e Supremáxima Corte Brasileira, representante dos maior das mais superiores classes, castas do Superior Tribunal de Justiça do Brasil; sob a proteção do deus Todo Poderoso que junto com nossos todos poderosos guardam nossa sagrada constituição decidiu proteger o que há de ainda mais sagrado a cultura, aos costumes e ao funcionamento normal da sociedade e estado Brasileiro: o poder total e os privilégios que este confere a quem “é de direito”.

Assim interpretando e aplicando como ninguém no mundo senão os sábios os ensinamentos de justiça do filósofo contratualista John Haws: de dar desigualmente aos desiguais, a presidente do STF junto com a Segundo Turma mais Moraes, menos Fachin decidiu abaixar soltar a Aecinho. Como por sinal já havia feito com Renan, e com todos seus iguais.

Alternativa e

Todas as alternativas anteriores estão corretas.

E para não dizer que eu não dou o privilégio ao leitor de uma saída da questão a lá Carminha vai mais uma:

Alternativa f

Todas as alternativas anteriores estão errados. Todos eles são sábios, honestos e logo estão sempre certos porque segundo a lei não podem estar errados. E quem pensa e pergunta demais vai pro inferno.

Manda quem pode obedece quem tem juízo. Ou, manda quem tem juiz e cala e obedece quem não tem privilégio, senão espera só para ver quem é que vai acabar preso e não é em casa.

O comerciante Francisco Edinei Lima Silva, de 40 anos, morreu na segunda-feira (9) após ficar preso por cerca de 18 horas em uma jaula a céu aberto nos fundos de uma delegacia da Polícia Civil, em Barra do Corda (MA). O local não tem banheiro, teto, nem água

encanada. — Comerciante morre após ficar detido em jaula a céu aberto em delegacia no Sarneyquistão [vulgo Maranhão]

Perdão foto do Estado fundamentalista errado. Somos cristãos, não fundamentalistas, não tratamos nem matamos gente assim ...

Mas sabe de uma coisa, olha o desperdício de dinheiro público, uma cela... tantos bandidos soltos, uma tocha... qual será que é a idade daqueles bandidinhos da foto? É assim que tem ser mesmo. Redução de maioridade penal são menores na aparência, no fundo é tudo bandido formado que não respeitas as leis, e bandido bom é bandido morto não importa a idade, aliás quanto mais novo melhor de preferencia na barriga da mãe. Coitado, mesmo é o Aécio, o Temer, o Lula, tudo gente inocente, não sabe, não viu, não tem ciência nem consciência de nada, pobres velhinhos inocentes, como poderiam saber o que fazem, mimados, agora vem essa gente é quer exigir dele que respondam por seus atos? Que absurdo? Que desumanidade? Tão pensando que eles são o quê? Cachorro? Plebe? Quanto ódio, quanta sede de vingança, deve ser islâmico. Vocês vão ver só, agora que a gente tem a maioria da Suprema Corte do nosso lado a fogueira tá pronta para todos vocês que vivem defendendo esses bandinhos, filhos de bandidos, vocês não tem o menor respeito pelas leis sagradas e pelas figuras de autoridade. Vão ver só. Queima eles Jesus, porque deus é grande.

Grande, todo poderoso e universal:

“Universal” não importa a cultura, até mesmo... até budistas nacionalistas e nobéis da paz o adoram e praticam em culto e mandamentos:

Desde o fim da Guerra do Vietname, é a maior vaga de refugiados que, em desespero, se atrevem a cruzar o Índico em busca de proteção noutros países. Tal como no Mediterrâneo, muitos naufragaram e perderam a vida a bordo das embarcações precárias dos “passadores” clandestinos. Outros, mais de 300 mil, atravessaram a fronteira terrestre e foram internados em campos de refugiados num país vizinho — o Bangladesh — onde foram acolhidos nas condições mais dramáticas. Homens e mulheres, velhos e crianças, fogem de Myanmar — outrora conhecida por Birmânia — uma antiga colónia inglesa que se tornou independente em 1948 e que, desde o golpe de Estado de 1962, vive sob a tutela sangrenta dos militares que adotaram o budismo, professado pela maioria da população, como “religião de Estado”. São cerca de um milhão de pessoas os membros desta minoria muçulmana, designados por rohingya.

(...) Os rohingya foram transformados em apátridas pela ditadura militar. Em 1982, com a aprovação de uma nova lei da nacionalidade, os militares que governam Myanmar retiraram-lhes a cidadania com o pretexto de que não integravam nenhuma das “raças nacionais”, classificação reservada apenas aos que pudessem comprovar que já residiam no país antes da chegada dos primeiros colonos britânicos, ou seja, antes de 1823! Aos membros da mais importante minoria muçulmana residente em Myanmar, é negado o acesso a bens alimentares, aos cuidados de saúde, à

educação. Não podem trabalhar fora das suas aldeias e para viajar ou até para casar, precisam de uma autorização oficial.

Arrasaram as suas aldeias, incendiaram as casas e mesquitas centenárias, impuseram-lhes controlos de natalidade.

Cedendo à forte pressão internacional, a Junta Militar encetou o processo de transição democrática e a preparação das eleições de 2015. Num gesto de aparente concessão às exigências das Nações Unidas, a Junta admitiu a eventual regularização do estatuto da minoria muçulmana mas sujeitou o processo à condição prévia de que se declarassem “imigrantes ilegais”! O partido liderado por Aung Sam Suu Kyi obteve uma vitória eleitoral esmagadora mas aos rohingya não foi consentido o exercício do direito de voto e continuou a perseguição e o massacre. Esta semana, o Alto-Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Zeid Ra’ad Al Hussein, referindo-se à presente ofensiva militar lançada pelo Governo de Myanmar, qualificava as denúncias recebidas de agências das Nações Unidas e organizações não governamentais que prestam auxílio às ondas de refugiados que chegam à fronteira com o Bangladesh, como um “exemplo clássico de limpeza étnica”. (...)-[Genocídio em Myanmar](#)

Mas quem se importa? Nossos velhos e eternos meninos bem-nascidos estão livres. Menino Aécio, netinho de papai Neves, está solto. Que o deus de Temer e de todos os todo poderosos proteja Aécio, Salve o Todo Poderoso, Salvem os todos poderosos, salve o Poder Total, porque deus é grande e queima como queima... e como ele adora o sacrifício de quem adora, como ele adora o cheiro da carne dos inocentes queimados em seu louvor, no fogo que tudo purifica... Há o que seria do mundo sem as fogueiras santas e esses

inquisidores tão severos com os das raças criminosas tão compadecidos dos pequenos pecados dos todo poderosos, nossos santos e salvadores políticos. Não sei porque, mas toda a vez que lembro desses cultos sempre me lembram as palavras de George Orwell, no já batido, mas pouco entendido: “Guerra é paz, liberdade é escravidão, ignorância é força”. Ao qual podeira se acrescentar para melhorar a compreensão: que Deus É o Diabo na Terra do Sol. Ou simplesmente a leitura do próprio “Sermão do Diabo”, “psicografado” pelo gênio de Machado de Assis. Aqui vai ele na integra...

Em homenagem ao culto aos supremos tribunais, seus sumos-sacerdotes mas sobretudo aos mandamentos contantes do livro sagrado dos crentes e fiéis da Igreja Toda Poderosa da Justiça Positivista: a Constituição dos “Estados de Direito”... o deles é claro.

O SERMÃO DO DIABO

Nem sempre respondo por papéis velhos: mas aqui está um que parece autêntico; e, se o não é, vale pelo texto, que é substancial. É um pedaço do evangelho do Diabo, justamente um sermão da montanha, à maneira de São Mateus. Não se apavorem as almas católicas. Já Santo Agostinho dizia que “a igreja do Diabo imita a igreja de Deus”. Daí a semelhança entre os dois evangelhos. Lá vai o do Diabo:

“1º E vendo o Diabo a grande multidão de povo, subiu a um monte, por nome Corcovado, e, depois de se ter sentado, vieram a ele os seus discípulos.

“2º E ele, abrindo a boca, ensinou dizendo as palavras seguintes.

“3º Bem-aventurados aqueles que embaçam, porque eles não serão embaçados.

“4º Bem-aventurados os afoitos, porque eles possuirão a terra.

“5º Bem-aventurados os limpos das algibeiras, porque eles andarão mais leves.

“6º Bem-aventurados os que nascem finos, porque eles morrerão grossos.

“7º Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e disserem todo o mal, por meu respeito.

“8º Folgai e exultai, porque o vosso galardão é copioso na terra.

“9º Vós sois o sal do money market. E se o sal perder a força, com que outra coisa se há de salgar?

“10. Vós sois a luz do mundo. Não se põe uma vela acesa debaixo de um chapéu, pois assim se perdem o chapéu e a vela.

“11. Não julgueis que vim destruir as obras imperfeitas, mas refazer as desfeitas.

“12. Não acrediteis em sociedades arrepentadas. Em verdade vos digo que todas se consertam, e se não for com remendo da mesma cor, será com remendo de outra cor.

“13. Ouvistes que foi dito aos homens: Amai-vos uns aos outros. Pois eu digo-vos: Comei-vos uns aos outros; melhor é comer que ser comido; o lombo alheio é muito mais nutritivo que o próprio.

“14. Também foi dito aos homens: Não matareis a vosso irmão, nem a vosso inimigo, para que não sejais castigados. Eu digo-vos que não é preciso matar a vosso irmão para ganhardes o reino da terra; basta arrancar-lhe a última camisa.

“15. Assim, se estiveres fazendo as tuas contas, e te lembrar que teu irmão anda meio desconfiado de ti, interrompe as contas, sai de casa, vai ao encontro de teu irmão na rua, restitui-lhe a confiança, e tira-lhe o que ele ainda levar consigo.

“16. Igualmente ouvistes que foi dito aos homens: Não jurareis falso, mas cumpri ao Senhor os teus juramentos.

“17. Eu, porém, vos digo que não jureis nunca a verdade, porque a verdade nua e crua, além de indecente, é dura de roer; mas jurai sempre e a propósito de tudo, porque os homens foram feitos para crer antes nos que juram falso, do que nos que não juram nada. Se disseres que o sol acabou, todos acenderão velas.

“18. Não façais as vossas obras diante de pessoas que possam ir contá-lo à polícia.

“19. Quando, pois, quiserdes tapar um buraco, entendei-vos com algum sujeito hábil, que faça treze de cinco e cinco.

“20. Não queirais guardar para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os consomem, e donde os ladrões os tiram e levam.

“21. Mas remetei os vossos tesouros para algum banco de Londres, onde a ferrugem, nem a traça os consomem, nem os ladrões os roubam, e onde ireis vê-los no dia do juízo.

“22. Não vos fieis uns nos outros. Em verdade vos digo, que cada um de vós é capaz de comer o seu vizinho, e boa cara não quer dizer bom negócio.

“23. Vendei gato por lebre, e concessões ordinárias por excelentes, a fim de que a terra se não despovoe das lebres, nem as más concessões pereçam nas vossas mãos.

“24. Não queirais julgar para que não sejais julgados; não examineis os papéis do próximo para que ele não examine os vossos, e não resulte irem os dous para a cadeia, quando é melhor não ir nenhum.

“25. Não tenhais medo às assembleias de acionistas, e afagai-as de preferência às simples comissões, porque as comissões amam a vangloria e as assembleias as boas palavras.

“26. As porcentagens são as primeiras flores do capital; cortai-as logo, para que as outras flores brotem mais viçosas e lindas.

“27. Não deis conta das contas passadas, porque passadas são as contas contadas, e perpétuas as contas que se não contam.

“28. Deixai falar os acionistas prognósticos; uma vez aliviados, assinam de boa vontade.

“29. Podeis excepcionalmente amar a um homem que vos arranjou um bom negócio; mas não até o ponto de o não deixar com as cartas na mão, se jogardes juntos.

“30. Todo aquele que ouve estas minhas palavras, e as observa, será comparado ao homem sábio, que edificou sobre a rocha e resistiu aos ventos; ao contrário do homem sem consideração, que edificou sobre a areia, e fica a ver navios...”

Aqui acaba o manuscrito que me foi trazido pelo próprio Diabo, ou alguém por ele; mas eu creio que era o próprio. Alto, magro, barbícula ao queixo, ar de Mefistófeles. Fiz-lhe uma cruz com os dedos e, ele sumiu-se. Apesar de tudo, não respondo pelo papel, nem pelas doutrinas, nem pelos erros de cópia. — [Nem ele, nem eu, nem você, mas até tu, Carminhas?] Machado de Assim, nascido e morto há mais de 100 atrás, mas poderia ter sido a mais de mil.

Sabe o que eu mais amo em nós cristãos por força de credo ou cultura: a sinceridade e a coragem, a consciência, mas sobretudo a paz, o amor e compaixão que carregam em seus corações...

Que a paz o amor e a justiça continue a reinar no Brasil por mais 500 anos...

Catalunha: E agora?

Artigo 155, Artigo 116, 1 meia sei lá o quê... o quê tudo isso significa?

Rajoy fez o que disse que ia fazer. conforme a cerimônia do cargo que ocupa exige: Não tem dialogo. Não tem mediação. Ele é o Estado, ele é a lei. O outro lado é o fora-da-lei e assim deve ser tratado por ele, o Estado. Branco no Preto. Foi firme e previsível, como ele e muitos queriam, foi ele mesmo e cumpriu seu papel como todos esperavam. E quando digo todos. São Todos mesmo. Não só aliados, mas o adversário. Nesse passa ou repassa, o governo catalão não quis aplicar medidas unilaterais e passou a vez para o governo espanhol, que não conseguiu seja por obrigação ou cacoete da função, repassá-la sem chutar primeiro. E agora? Agora, essa história de declaração “unilateral” de independência, foi a pique. O que há é pura e simplesmente uma proclamação de independência pacífica e democrática. Uma declaração que a comunidade internacional se a comunidade internacional não apoiar ou no mínimo condenar qualquer repressão com o emprego da força estará a vestir a mesma carapuça. A do autoritarismo que tanto condena em outros países fora da

Europa. Daí que outra figura de linguagem seja mais adequada do que o vestir a carapuça, eles vão ter que tirar a máscara... de vez.

Então a resposta para a primeira segunda pergunta o que é esse negócio de artigo 155, e agora artigo 116... é muito simples. É o código, ou mais precisamente o sinal para quem sabe ler o mundo de que eles vão atacar, vão usar a força contra a Catalunha. É o sinal que na guerra epistemológica por corações e mentes. A guerra da propaganda renunciaram, a tentar se apropriar e definir os termos que são caros a população com os seus valores. Vão simplesmente agir, e na falta de qualquer linguagem inteligente que possa manipular ou substituir eufemisticamente a descrição das suas ações, vão passar a se referir agora as pessoas e ações de acordo com o linguagem universal dos fascistas, a da despersonalização e desumanização dos atos e seres humanos por números. 155, 166, AI-5, são nomes feitos para não significar nada, mas para designificar como o prisioneiro ou o aluno que não tem nome mais um número. Ou o maldito formulário de qualquer burocracia que só poderia ter um número, por não tem outro significado do que esse somar impedimentos. É importantíssimo portanto dar nome que não expliquem nada, porque se forem autoexplicativos vão dizer o indizível, nominar o que não tem justificativa nem explicação. Vão designar por 155 a intervenção militar. e por 166 a suspensão dos direitos civis (estado de sítio ,exceção, e por aí vai...) na Catalunha.

Definitivamente o legalismo é o fundamentalismo do patriota fanático, do crente nacionalista. Se houvesse nessas lei um

mandamento número 4, não importa qual seja ele teria de ser cumprido por que é um mandamento. Mas qual é o mandamento número 4? “Servirás você e seus filhos de alimento para os reis quando ele mandar.” Canibalismo? Claro que não, que blasfêmia!!! Não é canibalismo é o mandamento número 4. Dizer isso é por sinal uma heresia, quer ser queimado na fogueira? Vou anotar o número do seu RG e IP. Mas que exagero! As leis lá como as daqui do Brasil são apenas feitas para proteger o Estado de Direito e a democracia veja só porque o referendo é ilegal:

As autoridades espanholas argumentam que a separação não é legal porque a Constituição do país declara que o país é indivisível. Além disso, a Constituição também estabelece que só o rei pode convocar um plebiscito, depois de ser proposto pelo chefe do governo, com autorização do Congresso. -[Catalunha pode declarar independência](#)

Mas e se as pessoas quiserem então só se livrar do Rei e da corte lá ou dos reizinhos de da corte aqui? Precisamente estariam a retirar os direitos fundamentais invioláveis deles, que são os de violar os seus não podem dividir nem se separar porque nem uma coisa nem outra, nem seus corpos nem seu território pertence aos habitantes, mas sim ambos a eles. Logo desobedecer a lei e ordem é um crime. Entendeu?

Entendi, entendi que sou um servo medieval de um Estado Bancário, mas

Ok, mas isso não explica a segunda questão? E agora? Agora que o governo Catalão muito provavelmente tem pouco mais ou menos de 5 dias para revogar a suspensão e dar continuidade com a independência se esse é de fato seu objetivo. Daí em dia é uma questão de quando ou se eles conseguirão apoio internacional com força necessária para frear a escalada de repressão do Estado Espanhol que conforme ele deixou claro só vai para quando se cumprir a lei. Ou como é da natureza covarde dos que usam da violência, uma força maior impor uma lei que faça eles enfiarem a sua no meio das pernas. Tudo vai depender do quanto e por quanto tempo a Catalunha manterá sua paixão por independência e liberdade frente a repressão versus o quão rápido a diplomacia catalã consegue aliados de peso que reconheçam seu país. Ou seja sem eufemismo com interesse e força para comprar uma briga com a Espanha. Sem isso o sonho de liberdade não morre, mas essa declaração de independência sim.

A fonte que eu cito agora não é das mais confiáveis, não porque seja parcial, todas são quando afetam seus interesses, basta ver, o jornal “progressista” El Pais sobre as manifestações quando dentro de seus domínios de interesses e quando nos domínios alheios. O problema dessa fonte de informação é que ela utiliza a técnica de contrabandear desinformação (fakenews) dentro de notícias que as vezes são um “furo” de informação. Fica ao leitor filtrar, o que há de verdadeiro mistura a mentira. Ou mais precisamente descobrir o touro e o homem, por trás do minotauro que eles criam em sua propaganda ideológica disfarçada de notícia, que querendo ou não é comunicação inclusive da própria técnica de comunicação. Eis a “notícia”:

O que Soros tem a ver com movimento independentista na Catalunha?

O presidente da Catalunha desiludiu os apoiantes mais radicais da independência catalã ao assinar uma declaração que s...

br.sputniknews.com

Como eu disse tirando a forma conspiratória que ela é escrita, bem ao gosto das esquerdas bolcheviques, onde tudo é uma trama, como se não existisse 300 anos de demanda popular por libertação na Catalunha, inclusive com guerras. É interessante notar que há interesses difusos e oportunistas que podem se aliar ou apoiar a Catalunha nem tão abertamente para tentar vantagens, inclusive pecuniárias. Se estão a fazer a financiar apenas movimentos internos tipo o MBL a fabricar petistas de direita para causar caos e especular. Se de fato estão a fazer a diplomacia informal, a articular com uma especie de embaixador ou chanceler informal, o Davi Catalunha tem chances ainda pequenas frente ao Golias Espanhol, mas não é só a funda, (um estilingue pré-histórico) que eles contam.

A propósito perdão, pelos números errados, não sei porque tenho um sério problema com numerações e firmas (especialmente aquelas que precisam de assinaturas reconhecidas em cartório). Quanto ao português ruim, também peço perdão, poderia dar a desculpa que é para manter a velocidade da análise e quantidade de produção. Mas eu poderia escrever rápido e quantidade sem revisão de ninguém se também não fosse eu velho tão parecido com Rajoy, um ignorante conformado e até orgulhoso da minha

ignorância. Vai ver que a tradição da nossa cultura ibérica católica, patriarcal e conservadora. Ou isso é só outra desculpa para não mudar?

Sou radicalmente contra todas as formas de predeterminismo por gene seja a a biológica ou cultural. Isso não quer dizer que esse renego o que há de bom e ruim em nossos caracteres herdados, isso quer dizer, que não estou disposto a esperar alguns milhares de anos, a contar com a sorte das “mutações aleatórias”, para evoluir nem que se seja um pouco. Evolução ou revolução, assim como o progresso são termos que escondem juízos de valor, mas como pouca gente gostaria de viver dentro dos conjuntos de valores dos homens das cavernas, e como eles foram extintos justamente por não conseguir desenvolver valores mais adequados e competitivos as transformações do mundo, pouco me importa o nome que se dará as transformações que precisamos fazer, revolução ou evolução, reforma ou inovação, o que me interessa é o fazer o que é preciso, adaptar-se ao mundo que já mudou. E rápido porque querendo ou não essa a lei natural não só da sobrevivências das espécies, mas dos povos ou se preferir culturas.

Agora, cultos e culturas a parte, que no fundo ainda somos os mesmos e vivemos como nossos ancestrais- e irmão ainda que separados- isso aí é difícil de negar. É Espanha, é Portugal, é Moçambique é Angola é Ilha de Madeira mas poderia muito bem ser el pais de nosotros, El Reino del Brazil:

Isaltino, o autarca corrupto que os portugueses adoram”. É este o título do artigo que parece querer mostrar aos espanhóis que para

todos os políticos locais, igualmente condenados a penas de prisão por negócios no ramo imobiliário, também poderá haver esperança de uma bem sucedida ‘reinserção’

Escrito com ironia, o [artigo](#) que o “El País” dedica este domingo à grande vitória de “Isaltino, o autarca corrupto que os portugueses adoram”, apresenta aos leitores espanhóis o peculiar e espantoso regresso do político português ao município de Oeiras, após ter sido condenado e preso por crimes relacionados com o mesmo cargo e para o qual foi reeleito nas recentes autárquicas.

“Alguém que pusesse um pé fora de Lisboa, podia ler em grandes cartazes que Isaltino estava de volta”, refere o artigo, ressaltando que para quem não esteja a par da história o caso pode causar alguma perplexidade. O jornal diz mesmo que a capacidade do político em conseguir reerguer-se desta forma faz parecer tratar-se de um autêntico “Super-Homem”.

“Em 2009, ele foi condenado a sete anos de prisão, a uma multa de quase meio milhão de euros e à perda de cargo público. Em suma, foi condenado por conceder licenças aos construtores e o dinheiro apareceu numa conta na Suíça”, descreve o “El País”, que realça que desde que se candidatou às primeiras eleições municipais, em 1985, Isaltino saiu sempre vitorioso.

“Isaltino, ‘Frauderman’, já tem a maioria absoluta de Oeiras, um município escondido numa bolha imobiliária para felicidade do seu autarca”, refere ainda o artigo, antes de estabelecer um paralelismo com a situação em Moçambique, onde, no mesmo dia em que decorreram as autárquicas em Portugal, a Frelimo, no

poder, “decidiu que o partido corrupto não deveria ser condenado ao ostracismo, mas pelo contrário era necessário ‘ressocializar’”.

“Isaltino é o grande ressocializado de Portugal”, conclui o artigo. Mas apesar da comparação ser feita com o que se passa em Moçambique, nas entrelinhas fica subentendido que para os políticos espanhóis igualmente condenados a penas de prisão por negócios no ramo imobiliário também poderá haver esperança de uma bem-sucedida ‘reinserção’. -”El País” diz que Isaltino, o ‘Frauderman’, é um grande exemplo de “ressocialização” (nota: o El País de Rajoy)

Outra:

O Supremo Tribunal de Justiça rejeitou o pedido de habeas corpus de Maria de Lurdes Rodrigues, a investigadora [pesquisadora] que está a cumprir pena de prisão por crimes de difamação e injúria contra magistrados.

Quatro deputados da Assembleia Legislativa da Madeira endereçaram ao Supremo Tribunal de Justiça (STJ) um pedido de libertação de Maria de Lurdes Lopes Rodrigues, que está a [cumprir](#) uma pena de três anos de prisão no Estabelecimento Prisional de Tires.

Mas o STJ indeferiu o pedido, considerando que “não se verifica a ilegalidade da prisão”, conforme cita o jornal [Público](#). (...)

Maria de Lurdes Rodrigues foi detida em Setembro de 2016, mas o processo remonta há mais de 20 anos, depois de ter sido preterida no processo de atribuição de uma bolsa de estudos.

Na altura, desafiou o então ministro da Cultura, Manuel Maria Carrilho, e fez declarações contra os magistrados que pegaram no seu caso, nos tribunais, insinuando práticas de corrupção.

Acabou por ser condenada a pena de prisão, sendo uma das poucas pessoas que está atrás das grades, em Portugal, por crimes de difamação e injúrias.[***Supremo rejeita libertação de investigadora que acusou juízes de corrupção — ZAP***](#)

O deputado do PTP, José Manuel Coelho, esteve hoje no Estabelecimento Prisional de Tires, para visitar a investigadora Maria de Lurdes Rodrigues, “presa por delito de opinião”, desde o dia 29 de Setembro do ano passado.

O líder do PTP — Madeira considerou que não é aceitável que em democracia haja um código penal que restrinja a liberdade de expressão dos cidadãos e que prenda pelos crimes de injúria e difamação. “Temos de nos unir em torno desta causa e exigir a libertação da investigadora Maria de Lurdes Rodrigues”, reiterou.

“A prisão da Maria de Lurdes”, referiu o parlamentar trabalhista, “representa os efeitos de um código penal que não se coaduna com os valores democráticos, e que pode atingir qualquer um. Em nome da democracia é imperiosa a eliminação dos artigos 180º, 184º e 187º do Código Penal que praticamente vêm restaurar através dos tribunais, os abusos e arbitrariedades praticados pelo Estado Novo

[claro que eles também tiveram o seu e praticamente no mesmo período] e pela PIDE, defendeu o deputado. -José Manuel Coelho reiterou necessidade de liberdade de expressão

Não definitivamente, não. Qualquer similaridade ou sincronidade não é mera coincidência.

RAFAEL BRAGA. RAFAEL BRAGA.

O respiro do inferno de Rafael Braga, um dos 248.800 presos provisórios do Brasil

Após restabelecer a saúde, o futuro de Braga é incerto. É provável que ele retorne à masmorra, tendo em vista que o...

brasil.elpais.com

248.800 vezes Rafael Braga, porque é isso que ele é... é isso que somos, esse é o nosso valor de uso e de troca, meros registros contábeis de propriedade de Estados Bancários. Recursos humanos.

Eis que voltamos para a Catalunha.

O que está em jogo é o futuro de um território estratégico para a Espanha, com uma superfície equivalente ao tamanho da Bélgica, com 16% da população do país e responsável por 19% de seu Produto Interno Bruto. E Madri não pretende ficar de braços cruzados.

Mas não. Não é só isso...

Atenas - Anarquistas invadem embaixada espanhola na Grécia para apoiar Catalunha

Um grupo anarquista grego invadiu hoje de manhã a embaixada da Espanha em Atenas e pediu solidariedade para com o...

www.dn.pt

Não deixa de ter seu simbolismo que dois sítios históricos para a democracia e as lutas libertárias sejam novamente o ponto de resistência e progresso contra as ondas reacionárias e autoritárias.

Anarquistas preenchem vácuo do governo e assumem assistência social na Grécia

Em Atenas (Grécia) Pode parecer paradoxal, mas os anarquistas da Grécia estão se organizando como nunca antes. Sete...

partidopirata.org

Não é só a natureza que abomina o vácuo, os povos e sociedades também. E quando a “austeridade” produz o vazio social, a população produz, novas sociedades, novos governos, encontra novas formas de sobreviver e viver com a liberdade e dignidade que lhes são negadas. A vida sempre se adapta para continuar sendo o que é mesmo quando até isso se tenta destruir: vida.

Leituras e repercussões Imediatas da declaração da independência... e sua suspensão para uma abertura a negociação

Ou muito pouca gente entendeu o movimento do presidente da Catalunha inclusive alguns dos apoiadores mais importantes- o que em si já é problema-; ou minha análise está completamente completamente equivocada, e o que é pior mais equivocada ainda o movimento do governo Catalão:

O discurso foi recebido com desânimo pelo partido que é o principal aliado do governo regional, ao suportar a maioria parlamentar: a CUP (Candidatura de Unidade Popular, extrema-esquerda).

A CUP disse que a declaração de Puigdemont constituiu uma oportunidade perdida e que não se pode suspender os efeitos do referendo pela independência de 01 de outubro, que deu a vitória ao “sim” mas que tinha sido considerado ilegal pela justiça espanhola. Alguns militantes da CUP acusaram mesmo Puigdemont de “traição inadmissível”.

Outros aliados do governo regional, como a Esquerra Republicana Catalana (ERC), também consideraram que a declaração de Puigdemont não constituía uma autêntica declaração de independência, pelo que promoveram um documento por escrito que o deixasse mais claro.

Intitulado “Declaração dos Representantes da Catalunha”, o documento de pouco mais de três páginas indica que a “Catalunha restaura hoje a sua plena soberania, perdida e largamente sonhada, depois de décadas a tentar honestamente e lealmente a convivência institucional com os povos da península ibérica”.

“Constituímos a república catalã como Estado independente e soberano, de direito, democrático e social”, salienta a declaração, que não refere grupos parlamentares nem tem o timbre ou cabeçalho do parlamento regional.

Os signatários também incluíram na declaração um apelo “aos Estados e às organizações internacionais para que reconheçam a República catalã como Estado independente e soberano”. —
Catalunha — Nasceu a “República da Catalunha” em três páginas

Mas não acredito. O ponto central é que a Catalunha precisa do apoio internacional. Porque o difícil não é declarar, o difícil é sustentar, é manter. Principalmente contra forças mais poderosas, Espanha, Europa, o grande capital, e as outras nações. Ele precisa do reconhecimento ao menos de uma. E precisa do reconhecimento de uma que tenha força para fazer contrapeso as potências. Porque não governo menor consegue manter seu regime seja uma democracia ou ditadura sem o apoio de ao menos uma grande potência. Dai, que o mundo geopolítico não existem países que não pertencem a algum bloco ou aliança, política econômica ou militar. Sem essa articulação, se essa articulação diplomática para independência não foi feita. Então tudo Puigdemont tem é isso, um blefe. Um blefe que pode dar certo se e somente se o governo espanhol continuar a cair nele mantendo sua postura

intransigente até o ponto que a pressão da opinião pública internacional comece a pesar sobre o governo dos outros países. Sem esse erro estratégico da Espanha a alimentar e rápido a pressão internacional para que outros Estados intercedam, a tendência é tanto o processo perder calor e pressão.

EUA mantêm posição de uma Espanha unida frente à independência da Catalunha

A Casa Branca indicou nesta terça-feira (10) que tem a mesma posição sobre a Catalunha expressa há duas semanas pelo...

agenciabrasil.ebc.com.br

Em outras palavras o tempo está contra a Catalunha. Ele precisa ganhar apoio rápido, ou contar com uma decisão imprudente do governo espanhol que precipite a condenação e pressão da opinião pública internacional. Sem ela está mais do que claro, no que depender dos tecnocratas e burocratas da Europa e governantes de outros grandes Estados-Nações, a Catalunha está sozinha e terá que se defender sozinha. Porque o quer que a Espanha faça se não tiver o apoio formal, terá o todo o suporte que o silêncio e a cegueira seletiva podem dar em cumplicidade. Porque mediação internacional é sempre bom nas antigas colônias e...dos outros.

França pede por mediação internacional para acabar com crise na Venezuela

França pediu nesta quinta-feira que seja estabelecida uma mediação regional ou internacional entre o governo da...

www.defesanet.com.br

Macron opõe-se à qualquer mediação de França ou UE na Catalunha

Emmanuel Macron Foto: Google/divulgação As declarações de Macron foram feitas durante um colóquio organizado pelo...

www.angop.ao

Declarada a independência, suspensa a independência. Tendo em conta os apelos externos e internos dos últimos dias, assim como as movimentações dentro da coligação no poder na Catalunha, confirmou-se o cenário mais provável. No Passeio Lluís Companys, onde milhares de catalães se juntaram para estar o mais perto possível do parlamento e seguir a declaração de Carles Puigdemont, viveu-se uma espécie de anticlímax colectivo.(...)

Cristina não consegue parar de chorar. Chorava quando ouviu o líder catalão proclamar a independência, já ele a suspendeu há uns bons cinco minutos e as lágrimas ainda lhe escorrem pelo rosto. Encostada ao marido, os dois de esteladas (bandeira independentista) atadas ao pescoço, [ouviu Puigdemont em silêncio](#).

“É exactamente o que queria ouvir”, diz. “Queria a declaração de independência já mas sei que as coisas não se podem mudar de um dia para o outro”, afirma a catalã de 46 anos. “Estou feliz”, assegura. “Mas o que mais quero para a minha gente é para mim é que sejamos livres. Sobretudo que possamos votar e decidir o nosso futuro. No fim de contas, nós só queríamos votar.” E as lágrimas ainda a cair.

“Chegados a este momento histórico, apresentados os resultados do referendo diante do parlamento e dos nossos concidadãos, e como presidente da Generalitat, assumo o mandato do povo para que a Catalunha se converta num Estado independente em forma de república”, declarou o presidente do governo autonómico, arrancando da rua o maior dos aplausos da noite.

“Com a mesma solenidade, propomos ao parlamento que suspenda os efeitos da declaração de independência para que nas próximas semanas nos empenhemos num diálogo”, disse logo em seguida Puigdemont. Depois de afirmar que os independentistas não são “loucos, arrivistas, golpistas” mas “gente normal” sem “nada contra Espanha ou os espanhóis”, o presidente do governo insistiu, uma vez mais, na necessidade de se chegar a “uma solução acordada”.

Ao contrário de Cristina, muita gente mordeu dedos ou tapou a cara de nervos à medida que Puigdemont ia falando. As palavras “Estado independente em forma de república” provocaram o único momento de histeria. Muitos, muitos abraços, gritos de “independência”, alguns saltos. Foi curto.

Alguns pareciam incrédulos quando Puigdemont anunciou a suspensão dos efeitos da independência.

“Há um antes e um depois de 1 de Outubro, e conseguimos aquilo que nos tínhamos comprometido fazer no início da legislatura”, afirmou Puigdemont. O problema é que depois, apesar de ter provavelmente “evitados males maiores”, pelo menos no imediato,

como lhe pedira a autarca de Barcelona, Ada Colau, não foi consequente. (...)

Entre os independentistas, há quem espere há muitos anos por estas palavras, gente que foi votar em cadeira de rodas, jovens que querem tudo para já.

Koldeo, 62 anos, t-shirt vermelha com letras amarelas da campanha “Ara es l’hora” (Agora é o momento), lançada antes da consulta não vinculativa de 2014, está sentado em silêncio ao lado da mulher. “Queria uma declaração de independência sem condições”, diz. “Não é o que esperava” é a frase que repete em seguida, ainda a gerir as emoções de um dia que antecipava diferente. “Estou à espera há muitos anos...”

Puigdemont fez aquilo que muitos lhe pediram. Não capitulou nem se limitou a proclamar a independência. Nada garante que consiga seja o que for. Cá fora, em redor do Parque da Ciutadella onde fica o parlamento, encerrado desde a véspera pelos Mossos d’Esquadra, alguns tinham trazido enormes faixas brancas onde se lia “é preciso desobedecer”. Quem as trouxe deixou-as ficar.

Em Madrid, Rajoy reuniu-se com o seu ministro da Justiça, Rafael Catalá, para estudar a resposta ao que o Governo descreve como “chantagem inadmissível”.

Para já, o que Puigdemont conseguiu foi tornar mais difícil ao primeiro-ministro anunciar o “estado de emergência” ou a aplicação do [artigo 155 da Constituição](#), que suspende as instituições da autonomia. Essas medidas levariam de novo o

movimento independentistas à rua e na Catalunha ainda estão 12 mil membros da Polícia Nacional e da Guardia Civil enviados pelo Governo.

“Não queremos submissão, queremos ser livres e organizarmo-nos numa república aberta ao mundo”, disse no parlamento Anna Gabriel, porta-voz da CUP. “Hoje iniciamos uma nova etapa de luta porque hoje já não podemos suspender os efeitos de 1 de Outubro. Nós não podemos suspender os efeitos de nada. Diz-se que é por que se vai à mediação. Com quem? Com o Estado espanhol que permite a acção da extrema-direita nas ruas?”, perguntou, ecoando as dúvidas de muitos dos que assistiam ao plenário.

Ismael, arquitecto de 42 anos, filho de pai catalão e mãe sevilhana, compreende o que fez Puigdemont, essa “insistência em dizer que continuamos sentados à mesa, que não somos nós que nos vamos levantar, mas falta um interlocutor, uma ponte”. Este catalão também fala da extrema-direita que começou a sair à rua em Barcelona e que na segunda-feira atacou uma manifestação de esquerda em Valência. “Há muito ódio no Estado espanhol. Há uma Espanha profunda que não entende a nossa busca por mais democracia”, diz.

Para Ismael, como para o resto dos catalães que acreditam neste processo, “isto não se vai aguentar muito mais, os líderes da Catalunha propuseram de tudo a Madrid nos últimos anos e nunca tiveram resposta; somos um povo de paz e esta é uma questão de democracia”. Ismael espera que “este voto de confiança” dado por Puigdemont “ao Estado mas também, e principalmente, à comunidade internacional” obtenha uma resposta. “Mas creio que

não podemos esperar muito tempo”.-Catalunha. Líder catalão dá uma última oportunidade de diálogo a Madrid

O ponto fundamental é tudo novamente depende como Madri vai reagir. No discurso continuam irredutíveis a intransigentes a desqualificar todo o processo e renegar o diálogo. Resta saber se irão nos atos. Ou se vão pagar para ver até onde o governo Catalão resiste ou capitula de vez.

Madrid considera "inadmissível" declarar independência e deixá-la em suspenso

O Governo espanhol considerou inadmissível "efetuar uma declaração de independência para de imediato deixá-la em...

www.tsf.pt

Particularmente, acredito que nenhum dos lados vai ceder no elemento central. Por uma questão de orgulho ou dignidade, chame como quiser.

Disto, me arrisco a dizer que o seguinte cenário:

Espanha não vai dialogar. Europa e ONU vai olhar para outro lado. E Catalunha vai ficar isolada, sem apoio nem mediação. Porém antes de derreter de vez o atual governo catalão vai retirar a suspensão da independência declarada por falta de diálogo. E Espanha vai intervir.

Daí por diante o que se segue, é completamente imprevisível até mesmo neste nível do mero palpite. Porque vai depender da reação popular e nada mais imprevisível que a reação de povo, especialmente quando acuado.

Cartas na manga não há, senão teriam sido usadas hoje, agora ou uma nova variante entra na equação. Ou é isso até mesmo por falta de opção: Catalunha capitula de vez ou declara de vez a independência. Talvez recue frente ao que vai enfrentar, porque a estratégia espanhola não é outra senão a oposta, não deixar dúvidas nem aberturas, mas só uma certeza vai haver repressão e retaliação. Estados-Nações são governo da força, ou Catalunha consegue aliados de peso ou eles vão calar sua boca para que não proclame mais nada. Não existe declaração unilateral de independência da mesma forma que não existe declaração de paz unilateral. Toda declaração de independência é por definição unilateral, assim como toda declaração de paz, é precisa ser multilateral.

Se Puigdemont não for um demagogo e não creio que seus antecedentes. A independência foi declarada. O que a Catalunha está a negociar com a Espanha agora é uma acordo de paz. Porque as pessoas não entendem porque o presidente catalão fez isso, pelo mesmo motivo que não entende como a situação geopolítica na Espanha e no resto do mundo chegou ao ponto onde está, elas não entendem porque não querem acreditar no que está acontecendo nem no que pode ou está para acontecer. Não querer crer que no referendo, não querem crer na secessão, não querer quer a suspensão é temporária, assim como não querer crer que do outro lado Madri não pode ser autoritária mas não é tola, e sabe de tudo

disso. E mesmo sabendo não querer crer que ela tome medidas que possam levar a manifestações, confrontos e conflitos em massa contra forças policiais e até militares. As pessoas simplesmente não consideram essa hipótese, porque não querer sequer pensar nessas possibilidades. Mas o fato, é que os movimentos de ambos governo, a histeria em torno de uma declaração extremamente moderada e até decepcionante, são sinais do oposto. São sinais do tamanho do perigo da crise. Porque dizem os nortecoreanos que cães que ladram muito não mordem. Eles mordem. Mas os mais perigosos são os que pouco ou nada ladram, mas só mordem. Esses sim são os mais perigosos. E curiosamente nisso Rajoy e Puigdemont tem algo em comum, são tipo que mais mordem do que ladram.

Amanhã é a vez de Rajoy. Ele vai, ladrar, morder, ou morder e assoprar como Puigdemont? O fato é a palavra e ação estão novamente com ele. Veremos se o governo catalão acertou de novo ou errou em passar a bola para o outro lado...

Catalunha: BE diz que "bola está do lado" de Madrid

A deputada do Bloco de Esquerda Joana Mortágua, que acompanhou no parlamento catalão a declaração de independência da...

www.tvi24.iol.pt

*Viva a independência dos povos.
Viva a Catalunha livre. Todo
respeito as decisões soberanas e as
decisões democráticas.*

Todas as nações livres do mundo tem a obrigação moral de reconhecer a república da Catalunha. Mas as nações que se constituíram por meio de proclamação de independência tem obrigação muito maior. E as que lutaram ainda por cima estiveram sob o jugo de um mesmo poder central, ainda que não deixem de ser poderes centralizadores, tem mais obrigação ainda.

Brasil e Portugal não tem portanto obrigação dupla de reconhecer a Catalunha. Se não bastasse e basta a primeira que é o apoio a autodeterminação dos povos. Soma-se essa a segunda o quanto nos nos beneficiamos nem tão indiretamente assim das suas lutas históricas catalãs para construir nossa independência de Espanha isso quando ainda sequer o Brasil havia ele próprio crescido e se emancipado de Portugal!

De certa forma lutar contra a independência dos povos e pessoas é como lutar contra o próprio instinto natural de desenvolvimento, as pessoas e os povos crescem, e demandam sua emancipação e independência frente aos pátrio-poderes. Em geral o paternalismo natural isto é dos verdadeiros genitores, quando não acometido por nenhuma patologia cultural ou psicológica não só aceita essa levante e autoafirmação como

a estimula. Esse é no fundo o papel educativo da tutela legítima de um dependente, nada menos que ajuda-lo a crescer e se libertar, inclusive da sua ajuda e tutela. O que não significa que se cria pessoas para viverem sozinhas feito bichos, mas para que elas se tornem livre para estabelecer suas próprias comunhões e relações de amizade não mais paternas, mas fraternais, incluso com seus antigos mestres agora amigos.

O Estado tenta emular artificial essa relação de dependência simulando a figura do provedor e protetor paternal, mas não só sua tutela não tem nenhuma intenção de ser emancipatória e libertária, como sua relação nada tem de fraternal, paternal. É no máximo uma relação de compadrio para poucos e de tirania e parasitismo para muitos. Seu intuito é a permanente infantilização das pessoas sob sua tutela de modo a preservar senão seu obediência e dependência, as suas pretensões de submissão e domínio sobre outro inclusive com o uso de “reprimendas e castigos físicos”

Logo governos não possuem nenhuma solidariedade para com seus povos, que dirá então entre os povos. Eles possuem interesses parasitários. E movidos por esses interesses que apoiam ou se opõem as independências quando não estão estupidamente perdidos em suas próprias guerras como governos. Vide o rei da França que apoio a revolução burguesa americana, apenas para ter sua cabeça cortada pelos burgueses revolucionários franceses. Naturalmente que depois que dessas revoluções os governantes ficaram mais espertos e dificilmente apoiam uma revolução que se não for um golpe ou um projeto de tirania a de virar um com o devido apoio e subsidio.

A solidariedade governamental é entre os governos. São como nobre de outrora, amor e ódio reservam uns para os outros, para os povos, sua consideração é como a de empregado ou menos que isso, como de um

mero animal de carga, não amam nem odeiam, desprezam ou usam como piolhos ou abelhas. Esse é o sentimento que constitui a vocação para governar, para tiranizar com soberba e desprezo a vida alheia, e mesmo quando não se nasce com essa vocação mas se tem berço não tem problema esse sentimento para com o outro se ensina.

Mas mesmo os governantes e governos que exceção a regra assim não são, mesmo esses ou não se dão a mínima para nada que acontece no horizonte além das suas montanhas; ou pior: mesmo que quisessem simplesmente não podem reconhecer nenhuma independência porque eles mesmo de fato não são independentes, nem como políticos nem como governos. Estados-Nações refém de interesses de mercado transnacionais, e políticos lacaios e vendidos a serviços destes desses interesses como feitores da exploração da sua própria população e sua riqueza nacional.

Mas se eles estão como diria Jorge Amado do suvaco ao fiofó com tudo arrombado e vendido, você que não está nada lhe impede de reconhecer a revelia deles de pessoa para pessoa. de povo para povo, reciprocamente os nossos direitos de autodeterminação e consequentemente as declaração de sua independência. Porque nada mais ridículo que defender o direito de dos povos decidir, mas se não for da forma que queremos ou concordamos então não vale. Nada impede que a Catalunha amanhã mude de ideia, e faça um outro referendo pedindo para fazer parte da Espanha e se essa concordar, notem pedindo porque assim como eles tem o direito absoluto de separar, os povos que formam a Espanha, não o governo espanhol ou o rei, tem o direito de decidir se querem se unir novamente.

E se o governo espanhol tivesse plena certeza do que aquilo que faz não é pilhagem nem um roubo de liberdade e dignidade, ou se ainda tivesse

confiança no seu poder para sabotar qualquer tentativa da Catalunha tentar dar certo livre dele, ele permitiria apenas para ver capitular ou forçar sua capitulação articulando com aliados para fechar todas as portas e isolar até sufocar a Catalunha. Nem sempre funciona. Seja porque o povo tem dignidade, seja porque governos tendem a transferir os custos todos os custos para a população que menos tem como os derrubar. De modo que o prejuízo político de pressões econômicos podem produzir o efeito reverso, derruba-se a democracia, mas ao invés de realinhamento com o poder centralizador, ocorre o oposto a ascensão ou recrudescimento de um regime mais autoritário e belicosos que o do próprio sabotador.

É por isso que a independência não for esmagada nas próximas semanas a Catalunha precisará de todo apoio internacional possível da sociedade civil. Porque se o levante foi uma grande conquista para a soberanias populares, a sua queda será um golpe quase tão poderoso as causas libertárias e populares quanto o primeiro, franquista.

Nada absolutamente nada impede que uma pessoa livre reconheça a Catalunha como um nação livre com direito a território e governos, a república independente que foi proclamada.

Que a Catalunha seja independente ela e todos as regiões não para se isolar, mas para se unirem numa Espanha, numa Europa ou até mesmo numa federação ainda mais abrangente do tamanho das i entidade cosmopolita, que se for tão grande quanto a própria humanidade, porque não? Porque não podemos nos separar de relações forçadas em que somos mantidos tanto unidos a uns quanto apartados de outros, mas em condição submissa e servil a quem detém a força para enfim celebrar uniões legítimas mantidas por pessoas livres e independentes podem fazer sem violência e em relações consensuais?

Nada impede que como pessoas livres formem grandes uniões do tamanho do entendimento e solidariedade de todas as partes, mas desde que todas as partes que celebram os acordam que concordam com os contratos sejam livres. Aqueles que não são obrigados a manter relações forçados política social ou pessoalmente, não estão unidos, estão prisioneiros a ser violados. União política e como casamento não é legítimo se for forçado. Para poder formar genuínas comunhões e uniões livres, o homem carece que todas as partes não apenas sejam livres, mas igualmente livres. Para que a união seja legítima cada uma das partes igualmente legítima precisa consentir precisa ser permanente igual em seu direito fundamentais.

Na verdade não importa qual seja o tamanho da união em números de pessoas dessas sociedades, ou unidades da federação dos Estados que forma essa república, se cada instancia governamental não estiver submetida a sua população, mas ao contrário a população submetida a cada instancia governamental, assim como cada instancia governamental e todos a população a um poder central, então de fato não temos democracia, mas grande ditadura com várias ditaduras subordinadas dispostas em hierarquia nas varias instancias governamentais inferiores. E isso é tudo menos uma federação, república.

O ponto fundamental é o seguinte só há uma coisa que impede as pessoas no mundo se unirem livremente em condições iguais de liberdade e dignidade, as uniões forçadas. É preciso uma pessoa se livrar da sua servidão, se livrar da sua relação ou união forçada para celebrar uma comunhão de paz até mesmo com a outra parte que esteja unida por uma força que não é aquele que forma a genuína união e a legítima: a livre vontade soberana das pessoas de paz. E se nessa união as pessoas querem se manter unidas mesmo discordando uma das

outras, ou querem se separar mesmo que concordem em tudo, ninguém se não elas tem o direito de decidir isso, assim como ninguém entre elas tem qualquer direito de impor a força sua concordância ou discordância a ninguém mais.

É mais do que fundamental que todas os povos nas mais diferentes tenham o direito de estabelecer sua independencia principalmente quando a reclamam sem recorrer a violência. Por duas razões simples:

Primeiro que a injustiça e privação da liberdade e dignidade fundamental irá provocar revolta e até reações violentas. Essa sim justificáveis por que Madri se não é um parasita violento pode viver perfeitamente sem a soberania sobre a Catalunha, mas a Catalunha assim como Madri não podem viver como sociedades livres e em concórdia juntas ou separadas sem a soberania sobre si mesmas.

Hoje comemora a declaração de independencia da Catalunha. Esperando que ela respeite as menores o mesmo respeito que reclama aos maiores.

E que cada unidade da maior a menor seja livre, até chegarmos a unica unidade fundamental verdadeiramente natural e indivisível de toda humanidade, a pessoa humana. Para a partir daí reconstruir as uniões como se devem do principio fundamental a pessoa humana e sua liberdade até as uniões pessoais, sociais, regionais, nacionais, continentais e quiça de toda a humanidade. Porque não? Quando cada unidade for livre e igual em direitos fundamentais para exercer plenamente a sua liberdade de associação não haverá mais impedimentos totalitários só para se separar, mas também para se unir ao infinito.

Sei que muita gente na Catalunha não pensa assim, é como o padeiro de Adam Smith apenas está interessada em fazer seu pão. Mas não é preciso muito mais do que isso. Pessoas interessadas em tocar a sua vida ao invés de controlar a dos outros, podem não ajudar muito, mas já não atrapalham. O que vamos e convenhamos dentro da nossa cultura e ordem mundial: é uma grande ajuda.

Xeque-Mate? Catalunha declara a independência.... mas já a suspende? Como assim?

Entenda como esse movimento pode colocar a Espanha, a um movimento, o dela para o xeque-mate

Não foi a meia independência, foi uma independência inteira, o presidente da Catalunha declarou com todas as letras a Independência da Catalunha, e pediu para a colocar em suspenso apenas por algumas semanas para eventual negociação com a Espanha. Ou seja, declarou a Independência mas manteve “todas” as portas abertas para negociá-la, ou quase todas, abriu a porta apenas para negociar os termos acordados para a independência e durante o período da vigência da suspensão.

Assim ao mesmo tempo que declara e coloca uma data, para sua efetivação, obriga o governo espanhol a assumir a responsabilidade por qualquer medida intransigente que tome que não seja a negociação e o diálogo. Ou seja fez sua declaração de independência sem deixar espaço para que o

seu adversário a acuse de ser uma declaração de guerra. O primeiro-ministro espanhol se apelar para o emprego da força, ou se mantiver durante a semana a postura irreduzível das ameaças sem se abrir para a negociação, não terá como dizer que foi forçado a fazer o que não queria.

O problema é que se ele tiver que negociar a partir de uma independência declarada, aí sim ele está a fazer o que não quer, e para não fazer o que não quer, o governo espanhol está disposto a tudo, e tem o poder de fato, das armas leis e tribunais para agir como quer e ainda por cima legalizar suas ações, mesmo que já sem a menor legitimidade. E mesmo que elas impliquem na prática uma declaração de guerra contra a Catalunha.

É um movimento arriscado que novamente conta com o erro e a falta de visão das próximas jogadas do reino e do governo espanhol. O governo espanhol pode numa mudança de estratégia fazer o mesmo que o governo catalão ir para um debate e manter-se firme nos seus termos. Eles podem portanto vir a negociar, e simplesmente declarar que a negociação é falha, porque não existe a menor vontade de chegar a um meio termo por parte do Governo Catalão. E a partir daí, inverte-se as posições, ou pelo menos se não se divide genuinamente a responsabilidade pela intransigência, confunde-se e divide-se as ainda mais as opiniões de quem é o intransigente. Ganha-se assim maior apoio da opinião pública para qualquer medida judicial para a “intervenção” na Catalunha. Medida judicial por sinal é só um eufemismo. porque tanto a intervenção quanto os estado de exceção dos direitos e da democracia, na prática implica o uso de força

armada para a suspensão de direitos e da democracia por força armada. Ou seja uma ditadura ou um estado ditatorial, ainda que prevista e delimitada em tempos e poderes pela constituição.

Logo, é bom portanto lembrar que a estupidez que impede de o adversário de ver os lances futuros, é exatamente a mesma que o compele a tomar atitudes ainda mais estúpidas por falta de visão das consequências. Logo esperemos que os independentista saibam o que estão fazendo. Porque não só nada impede a Espanha de bancar o pombo enxadrista, dar um tapa no tabuleiro e se proclamar vencedora. Mais do que isso, esperemos que os independentistas saibam contra quem estão jogando. O que me faz lembrar a recomendação do primeiro filme de Hans Solo para Luke quando jogava contra xadrez contra Chebaca “melhor deixar ele ganhar porque ele costuma arrancar os braços do vencedor quando perde.”

Não é preciso deixar o adversário belicoso e mais forte vencer. Mas deixá-lo acreditando que venceu e domina é a melhor segurança contra a sua violência ao menos enquanto você não tem defesas nem quem o defenda. Porque isso não é um jogo nem um filme.

E se portanto essas duas semanas são para ganhar o apoio e reconhecimento internacional que carece. Em suma ele está ganhando tempo. Mas a Espanha também ganhou tempo. Mas se no final não tiver conseguido essa posição infelizmente o presidente da Catalunha vai ter que recuar, se não quiser ver muito mais violência e sangue. Porque uma coisa é certa.

Ganhando ou perdendo quem não vai mais recuar agora é a Espanha.

Quanto a independência em si minhas considerações são a parte das estratégicas e as farei em artigo a parte mas desde já quero dizer com todas as letras:

viva a a independência da Catalunha. Todo respeito as decisões soberanas e democráticas.

E mais uma vez obrigado a Catalunha. Se não fossem vocês a história e identidade do Brasil ou dos brasis teria sido outra. Talvez nem português estaríamos falando agora.

Mais uma vez ao lutar pelos seu direito de poder decidir seus próprio destino a Catalunha está a mudar os rumos da história não só a dela, mas a do mundo em lugares que nem ela, nem nós agora mesmo imaginamos que já está acontecendo.

A última vez que Portugal precisou de batalhar com Madrid pela sua independência (início em 1 de dezembro de 1640, com duras batalhas durante mais de vinte anos), beneficiámos do facto de os principais exércitos imperiais estarem exatamente a esmagar a independência catalã, no lado oposto da península. — [O princípio da Catalunha](#)

A Catalunha e o “plano Cohen” do “Estado Novo” Espanhol

*O plano do **independentismo catalão** passa pela declaração unilateral de independência que visa “gerar um conflito que, se for bem administrado, pode levar a um Estado próprio” que será criada em duas etapas. As informações foram reveladas por um documento denominado Enfo CATs Reenfocant el procés d’independencia per un resultat exitós, encontrado pela Guarda Civil em 20 de setembro, durante operação de busca no domicílio de Josep María Jové Llado, secretário de Economia do Governo catalão. Llado foi detido nesse mesmo dia por ordem de um tribunal de **Barcelona**, devido a um possível crime de sedição.*

*O EL PAÍS teve acesso ao documento apreendido pela Guarda Civil. Não possui data e estabelece um rumo desde as eleições de 2015 até agora, segundo a coalizão independentista Juntos pelo Sim, que deu novo impulso ao conflito separatista. Nesse caminho, seus integrantes já se arriscavam a tudo o que se transformou em manchete nos últimos dias: a reação do Governo central, a atuação da Justiça, a resposta da Polícia e a **asfixia econômica**. Para isso, planejaram ações que levassem “a um conflito democrático com amplo apoio da população, a fim de gerar uma instabilidade política e econômica que obrigue o Estado a aceitar a negociação da separação ou um referendo forçado”. “Os chefes políticos e policiais dos Mossos (polícia regional) estão totalmente envolvidos nesse processo separatista”, afirma, de maneira contundente, o relatório confiscado e entregue ao juiz. — **Documento mostra estratégia do Governo catalão: “Gerar conflito e separação forçada”***

Nem duvido que o documento seja verdadeiro. O ponto é o que seu vazamento neste momento indica:

O governo espanhol reconheceu que perdeu a guerra da propaganda e agora busca justificar sua derrota, e agora busca demonstrar recorrendo a provas -verídicas ou não - que o governo catalão planejou tudo. Minha opinião é que podem até não ser, mas elas são redundantes, é mais do que evidente pela própria forma com que o governo catalão conseguiu realizar o referendo mesmo sob repressão, que um lado havia planejado o que iria fazer, enquanto o outro, apenas mandou descer o cacete. Considerando portanto que os tribunais e o governo espanhol não estavam sob do presidente catalão mas sobre as suas, ou seja eram absolutamente soberanos para dar as ordens que deram, o fato de terem bancado os idiotas não elimina a culpa pela brutalidade empregada. Afinal, como todos analistas inclusive contra a independência já assinalaram, bastava não ser e fazer o que fizeram para que o acontecido planejado ou não tivesse se dado com a violência que se deu.

Pode ser que esse vazamento vise constituir-se como um atenuante a responsabilidade do Estado Espanhol numa eventual investigação sobre a repressão no referendo. E de fato é um atenuante, mas não um alibi. Porque tentar se fazer de vitimar apresentando provas de que governo catalão contava com sua prepotência, intransigência e truculência para promover ainda mais a independência e apoio popular, não é acusação, é tanto uma confissão de culpa tosca, daquela bem autoritária do tipo “você me obrigou a fazer isso”, tanto da violência empregada, quanto da própria estupidez.

Mas sinceramente não acredito que a intenção da divulgação desse documento tenha esse propósito, dada justamente a seriedade das implicações da acusação.

Verdadeiro ou não esse vazamento demonstra que o governo espanhol não acredita mais em qualquer recuo do governo catalão; ou que mesmo o recuo que veria a ser uma declarar de independência apenas simbólica, não seria um capitulação suficiente. É tudo ou nada. E na verdade agora mesmo que se o governo catalão recue completamente eles não vão mais aceitar nenhuma rendição. Eles querem a cabeça dos líderes da independência, senão numa nova eleição. Presos e depostos por seu golpe. por balançar uma capa vermelha para touro sempre pronto a avançar enfurecido- como se eles fossem solidários como os touros, ou ao contrário destes não tivessem liberdade para não atacar. Presos por planejar prevendo a reação irada e violenta em seus planejamentos. Talvez o governo da Catalunha devesse planejar contando que eles não tentariam impedir o referendo fechando jornais, atacando a população pacífica. Afinal de contas se não tivessem previsto a repressão teria funcionado.

Mas críticas a parte o ponto fundamental é que a Espanha queimou as pontes. E quer a Catalunha recue quer a Catalunha declare independência, os elementos jurídicos-policiais que eles precisam para intervir novamente com o emprego da força já estão dados ou plantados dentro do sua interpretação e discurso do que seria um Estado de Direito.

Esse documento vazado será usado como “prova” de que o Estado foi e continua a ser obrigado a usar de uma violência

que ele não quer usar para deter um plano separatista tramado por traidores e conspiradores. Como o porta voz do partido do governo que fala pelo primeiro-ministro:

"Vamos impedir a independência da Catalunha. Tomaremos as medidas necessárias para impedir. A separação da Catalunha não vai ocorrer. O Governo fará tudo o que puder para que assim seja", foram as palavras de Rajoy, segundo informou hoje o porta-voz do Partido Popular (PP, partido governante, de centro-direita), Pablo Casado. -Rajoy diz que fará "tudo o que puder" para evitar secessão da Catalunha (detalhe: se ele é de "centro" imagine o que é preciso para ser de direita dentro do espectro político brasileiro)

Ao que parece não basta só a aplicação do artigo 155, que destitui o governo, eles sabem que precisam mais para legitimar a violência que empregarão, precisam criminalizar um processo ainda que pacífico. Pelo jeito ao contrário daqui do Brasil o Puigmont e o governo catalão está limpo, não há corrupção nem "contabilidades criativas" que possam acusá-lo. De verídico, e estou a crer que é, eles portanto esses documentos que provam o que todos sabem: que o governo catalão planejou a independência contando como a contribuição involuntária o previsível intransigência e brutalidade do governo conservador espanhol.

Só há um problema com esse estratégia espanhola. Se de fato o governo catalão sabia das reações previsíveis do governo espanhol planejou sua ações. Ele salvo erro de planejamento ele continua sabendo e a menos que ele mude e deixe de ser autoritário continua a prever inclusive as próximas reações que a Espanha tomará contra a Catalunha. E isso será

importantíssimo para o sucesso ou não desse planejamento. Porém, uma coisa é certa, mesmo que esse planejamento falhe, mesmo que ele não tenha jamais existido o resultado das ações que a Espanha tomar não serão determinadas pelos planos catalães, mas sim pelas consequências dos seus próprios atos. A Catalunha detém o direito, mas quem ainda detém o poder de fato é a Espanha, e será ela que na medida da consequência ou inconsequência do uso desse poder que irá determinar o que vai acontecer. Assim como a Catalunha as dele.

Ao trazer a luta para o plano econômico, a Espanha, provocou muito mais danos e incertezas ao processo de independência, enquanto que quando apelou para judicialização para justificar o emprego da força de fato, apenas fortaleceu o movimento. Então, seria o governo espanhol simplesmente cego obtuso por causa de sua predisposição a arrogar soluções que apelam à autorialidade?

Se a leitura deste militante independentista estiver certa não é bem assim. O poder do grande capital não é suficiente para reverter sozinho o sentimento de independência.

Tal como no tempo do referendo da Escócia, fala-se de muitas empresas e bancos que podem abandonar a Catalunha, caso haja uma declaração unilateral de independência.

Se a Caixa [a entrevista foi feita antes da decisão desse banco e de outras empresas transferirem as suas sedes fiscais para outras regiões de Espanha] quer sair, que se vá embora. Mas o problema

vai ser sobretudo para eles que fazem mais de 50% dos seus negócios aqui. Não teremos esses bancos, mas teremos uma banca ética, e certamente que esse tipo de decisões implicará que muitos catalães retirem os seus depósitos e confiança nessas empresas. Não podemos é ceder à chantagem económica. Houve sempre centros de poder da burguesia catalã simbolizados pela Caixa. O jornal “La Vanguardia” e outros grandes patrões estiveram sempre contra esse processo de independência, mas há outra parte da economia. Na Catalunha há um predomínio económico das médias e pequenas empresas produtivas que são, pelo seu lado, favoráveis à independência. Mais de 90% do tecido produtivo é a pequena empresa. É uma das economias mais exportadoras na União Europeia mas, apesar disso, esta economia, com estas regras neoliberais, mantém 20% das pessoas na taxa de pobreza e 600 mil desempregados. Este processo serve também para mudar isto, para termos ferramentas políticas, económicas e financeiras que nos permitam mudar estas situações de pobreza e desigualdade.

De Puigdemont até à CUP, está toda a gente de acordo com a mudança destas políticas para se conseguir uma maior igualdade social?

Não. Não está toda a gente de acordo. As posições anticapitalistas da CUP são diferentes das da alta burguesia catalã, mas também se opõem às do grande capital de Madrid. Mas qualquer observador externo pode reconhecer que mesmo nestes campos há mudanças: os discursos dos partidos independentistas mais à direita aproximam-se cada vez mais da defesa de políticas mais próximas dos países nórdicos, que garantam algum crescimento dos apoios e da justiça social, o que há cinco anos era inimaginável. Houve

muitas medidas tomadas nestes últimos tempos que seria impensável que fossem tomadas há décadas. Este é um processo democrático que tem características únicas. Tem uma maioria social progressista que lhe dá uma tonalidade muito própria. Foi em Barcelona que houve das maiores manifestações europeias a favor dos refugiados. Meio milhão de pessoas saíram às ruas contra a ideia da Europa-fortaleza e da expulsão dos refugiados. Provavelmente, não é uma ideia de que comungam todas as elites, mas a consciência de que não há país melhor sem uma maior justiça social e a capacidade de dar direitos a todas as pessoas que cá vivem é partilhada pela grande maioria da população. A paixão deste país pelo público, a educação e a saúde é evidente.- David Fernàndez. “Este país, de alguma maneira, já se foi de Espanha”

Pode ser uma leitura otimista, ou até ideológica, mas uma coisa é certa, se não estamos a subestimar a inteligência do governo espanhol e ele por acaso vier de fato a apelar ao emprego da força de fato novamente mesmo com todos os danos colaterais e imprevisíveis que esse acarretaria não só na Catalunha, mas em toda a Espanha e para própria imagem internacional. Isso só indicaria uma coisa, certo ou errado o socialista, os conservadores também pensam o mesmo não será com boicote ou terrorismo financeiro que os catalães vão ceder.

Resta saber se outras ameaças nenhum pouco mais veladas se enfim postas a cabo vão... mas até agora este só provocaram efeito contrário.

Efeito para quem não é um autoritário tão previsível quanto a próprio comportamento de quem é. Só não está vendo isso quem não quer ver isso ou quer ver outra coisa:

Sorridente, Pablo Casado, vice-secretário de comunicações do Partido Popular, afirmou em referência aos separatistas catalães: “a história não tem que ser repetida, esperemos que amanhã não se declare nada, porque quem declarar (um Estado independente) acabará como o que declarou há 83 anos”. — [Partido de Rajoy lembra presidente catalão detido e fuzilado pelo franquismo](#)

Casado ameaçou diretamente Puigdemont com um exemplo histórico, “Não queiram acabar como o Companys”, referindo — se ao presidente da Generalitat que a 6 de outubro de 1934 proclamou a República da Catalunha, na varanda do edifício que alberga o governo catalão. Na altura, Companys foi detido e preso, por ordem do presidente Niceto Alcalá Zamora, num barco-prisão fundeado junto à costa de Barcelona. Mais tarde, acabou fuzilado pelos franquistas. Isto levou a porta-voz da CUP, Benete Sallèles, a reagir: “Em lugar de ameaçar com fuzilamentos, como o de Lluís Companys, o que deveria fazer o governo era sentar-se a uma mesa e dialogar.” — [Catalunha. PP ameaça mandar prender Puigdemont](#)

Casado espicaça uma ferida ainda por cicatrizar. Lluís Companys é um herói catalão, considerado um mártir do independentismo. Em 1931, declarou a independência da Catalunha. Acabaria fuzilado, nove anos depois, pelo regime franquista. Perante o pelotão de fuzilamento, recorde-se, Companys pediu para se descalçar para assim tocar com os seus pés nus a terra catalã. Pretende o regime de Madrid transformar Puigdemont num mártir? — [A inabilidade de Rajoy](#)

Ou será que é o presidente Catalão que quer ser um? Tanto faz. O resultado será o mesmo. E o algo dizer que foi forçado a fazer isso, porque “era isso que ele “estava pedindo”, não vai ajudar em nada a vitimizar o algoz. Raciocínio que é igualmente válido para a intervenção a força.

<http://www.tvi24.iol.pt/internacional/catalunha/rajoy-nao-houve-referendo-e-violencia-e-culpa-de-quem-traiu-a-lei>

A hipótese de uma declaração unilateral de independência na Catalunha levou o chefe do governo espanhol, Mariano Rajoy, a evocar a aplicação do Artigo 155 da Constituição, que lhe permite “tomar o controle” da região, um cenário inédito. (...)

o governo central poderia recorrer ao Artigo 155 da Constituição, que jamais foi utilizado, permite tomar “as medidas necessárias para obrigar” uma comunidade autônoma “ao cumprimento forçado” de suas obrigações.

O artigo não especifica quais são essas “medidas necessárias”, por isso há incerteza em torno de sua eventual aplicação. Ela permitiria “tomar o controle dos órgãos políticos e administrativos da comunidade autônoma rebelde”, (...)

Funcionários e dirigentes eleitos poderiam ser suspensos e substituídos. O presidente separatista da Catalunha, Carles Puigdemont, poderia então ser substituído pelo delegado do governo espanhol na Catalunha, principal representante do Estado na região. Ao mesmo tempo, o governo central poderia assumir as

competências conferidas a Barcelona, “como a ordem pública e os serviços públicos”. (...)

Além do Artigo 155, o governo conta com outras ferramentas a sua disposição. Poderia decretar o “estado de alarme”, o “estado de exceção”, ou o “estado de sítio”. A declaração de algum desses estados pode afetar principalmente a “liberdade de circulação, ou a liberdade de reunião” dos espanhóis, explicou Cano Montejano. Por último, a lei de “segurança nacional” promulgada em 2015 permite ao governo decretar que o país está em uma “situação de interesse para a segurança nacional”. Segundo Mariano Rajoy, este procedimento é uma “figura intermediária” para situações entre “crises ordinárias” e “estados de alarme, exceção e sítio”. Permite legislar por decreto e, por exemplo, controlar diretamente a polícia catalã.

Qualquer uma dessas medidas pode inflamar as paixões na Catalunha. -[Constituição espanhola permite ‘assumir controle’ da Catalunha](#)

[Plano Cohen- Só História](#)

[Origem do Homem Evolução Humana Tempo Histórico Períodos da História Grandes Civilizações Descobrimento do Brasil...](#)

www.sohistoria.com.br

Catalunha: a independência simbólica e a batalha pelo simbolismo

Os patriotas, nacionalistas, e anarquistas e seus signos

O segredo dos planos do governo em face do plenário foi alterado ontem por declarações do coordenador de seu partido, PDeCAT. Marta Pascal explicou à BBC que o líder catalão optará por uma “declaração simbólica”. Com ele, Puigdemont reconheceria ante a Câmara a validade do resultado do referendo, que ele entende como um mandato legítimo, mas não faria uma declaração formal de independência. “O CUP criticou essa abordagem”, disse ele em uma entrevista por telefone com a embaixada britânica em Londres. Existe uma possível declaração retórica antes dos dois milhões de votos defendidos com o corpo em 1 de outubro. Seria se render -Espanha depois da grande manifestação pela união: Pressão máxima sobre Puigdemont

Patriotas ou nacionalistas?

Os protagonistas deste ressurgimento rejeitam o rótulo de “nacionalistas”, que preferem reservar aos separatistas catalães, preferindo “patriotas”.

“Nós diferimos do nacionalismo, que tem uma tendência de acreditar que alguns são melhores do que outros em função das ideias ou dos seus locais de nascimento”, explica Espinosa. (...)

Para Espinosa, da Fundação DENAES, o espanholismo permaneceu em silêncio por anos por razões históricas.

“A esquerda na Espanha teve poucos sentimentos patrióticos desde a Guerra Civil, e a direita sofreu, desde 1975, um terrível complexo de associar patriotismo, negligentemente, com tempos de opressão”, responde Espinosa, aludindo à ditadura de Francisco Franco (1939–1975).

Para o presidente do governo espanhol, Mariano Rajoy, não há nada perturbador neste fervor, segundo explicou ao jornal El País. As manifestações pró-Espanha hoje “são pacíficas”, disse ele.

“As pessoas têm o direito de dizer ‘eu sou espanhol, tenho orgulho de ser e estou orgulhoso da minha Constituição’. Parece-me certo”, disse Rajoy.

A associação entre o nacionalismo espanhol e o franquismo — e a amálgama com elementos folclóricos, como touros e o flamenco — fizeram com que os nacionalismos que se opunham à ditadura — o catalão e o basco — fossem percebidos como mais progressistas.
(...)

Para o historiador Carlos Gil Andrés, autor da “História da Espanha no século XX” e “De Cuba para a Guerra Civil”, não há “nenhuma” diferença, disse ele à AFP.

“Os nacionalistas espanhóis pensam que não o são. Eles acreditam que o nacionalismo catalão é ruim, mas que se sentir espanhol é o ‘normal’”, acrescenta o historiador.

Para Gil Andrés, “a identidade nacionalista está latente” e sempre esteve. “Ela não reaparece, se mobiliza. Todos os nacionalismos se alimentam entre si, se constituem em torno de um ‘nós’ por oposição a um ‘eles’”. -Onda patriótica espanhola em resposta aos separatistas catalães

Tradução do espanholismo castelhano para catalanismo catalão “Somos todos iguais, e devemos permanecer unidos, mas que nós os espanhóis somos autênticos patriotas e vocês são meros nacionalistas e traidores, isso nós somos, e isso é o que vocês são”. Se a união da espanhola depender da propaganda dos seus patriotas melhor chamar a guarda nacional porque a Catalunha vai se tornar uma nação.

Isso sem falar da incoerência, um discurso radical contra o nacionalismo na boca de uma anarquista clássico faz todo o sentido embora eu discorde Afinal ele é pela abolição de todos os Estados-Nacionais. Mas vindo de assumidos patriotas soa como um católico a pregar contra o direito de credo dos protestantes, ou melhor, pregando a favor do direito de credo de todos desde que sejam católicos. Mais totalitário impossível.

Ainda bem, que a Catalunha quer virar uma república e não um reino senão veríamos o que? Os súditos do rei da Espanha a protestar contra o males das monarquias??? Monarquias

não, reinos. Porque monarquia é o governo com rei dos outros o nosso é democracia moderada pelo poder real.

Anarquistas, uma posição que merece uma objeção sem ironias

Veja não é que eu discordo da abolição dos Estados-Nacionais ou seja a favor da sua instituição. O ponto central é que se você quer um mundo livre sem Estados ou você destrói violentamente todos os estados, mesmo onde as pessoas querem viver em Estados, o que lhe faz não um movimento de abolição das tiranias mas de ditadura do não-estadismo. Ou então coerente com os princípios de respeito a liberdade e tolerância, você convive pacificamente com as pessoas e seus Estados mesmo aquelas que querem ter líderes ou reis, ou ídolos, desde que não queiram impor seus governos e reinados e credos a você, vivendo em paz na sua cultura. Essa segunda posição seria a única posição coerente para o anarquismo se ele não quiser se degenerar na prática como o comunismo. Se por outro lado ele tivesse compreendido que não há sociedade sem controle ou propriedade do território que habita de modo que o povo possa viver em paz de acordo com sua forma de vida e regime anárquico ou hierárquico.

Logo o anarquista pode até dizer que seus territórios não tem fronteiras, mas tem porque não só essas fronteiras acabam porque onde começa qualquer outro território alheio que viva sob outras normas. Como sequer existe fora da jurisdição fora dos limites naturais que eles são capazes de ocupar pacificamente (e proteger) de espaço territorial necessário para viver em liberdade. Você pode chamar esse território onde uma sociedade de paz vive por outro nome que não Estado por não se valer das imposições da força e violência.

Mas ainda sim se existir um dia em algum lugar, para todos os efeitos de relações internacionais com os povos dentro da cultura estatal dentro da sua linguagem e entendimentos uma nação. E a menos que não se queira passar esse tipo de mensagem totalitária, o meu credo é a meu regime é o verdadeiro e o seu falso, há que se admitir que de fato não deixa de sê-lo enquanto condição igual de direitos de cada comunidade conduzir sua vida em paz de acordo com seu entendimento do que é melhor para ela. E não o do outro.

Um anarquista assim como um libertário por definição não pratica o culto aos governos, mas também não pratica o culto ao seu próprio credo querendo impô-lo a força a quem não quer segui-lo mas tão somente viver em paz sem impedi-lo de praticá-lo ou forçando a crer e viver como ele. Não podemos impor um mundo pertencendo a todos, como os comunistas ou pertencendo a ninguém em particular ou coletivamente como os anarquistas, nem muitos menos impor um mundo que pertence a quem pegar e cercar primeiro como os capitalistas. Porque todos os 3 regimes exigem a violência contra quem quer viver de outra forma. Ou toleramos que cada pessoa viva como ela deseja desde que não tire dos outros as possibilidades de também poder viver como quer, ou seja impondo e monopolizando todos os recursos e espaços e relações. Ou não viveremos em paz. Não podemos impor nossa ocupações, nem tão pouco deixar de ocupar o que carecemos para viver tanto em particular quanto como socialmente. Seja portanto um povo sem estado, ou povo que sente parte ou oprimido dentro de um estado. Todos tem o direito de um terra, um território para poderem viver de acordo com seu estilo de vida. E se já possuem esse território pertence a eles, e ninguém de fora da sociedade ou comunidade que ocupa essas

terras a soberania para definir como viverão nelas e desde que seu estilo de vida e cultura não cause prejuízo a mais ninguém, a nenhuma vida ou liberdade humana. Ninguém tem qualquer jurisdição ou direito de intervenção nele. É a isso pode se dar o nome que quiserem até mesmo de um república libertária que se existir em algum lugar onde quer que seja por definição não será mais uma utopia. Um dia sonharam isso em Barcelona. E pelo jeito não conseguiram adulterar de todo o que havia de libertário nesse sonho. Não é libertário, mas ainda sim é autenticamente popular, progressista e antiautoritário, e concreto, não basta, mas é muito. E como é muito...

Podem me chamar de liberal se quiserem, mas se há governos não sou necessariamente contra, mas se há liberdade de povos e comunidades estou sempre a favor. Embora não negue que historicamente, via de regra, uma coisa é quase sempre a mesma que a outra. Mas esse é o ponto. No dia que não mais for, poderemos dizer seja lá que qual for o nome do regime que as pessoas naquele lugar que ainda não existe são completamente livres. E o Nobel Vargas Llosa que me perdoe mas ele com ativista é um excelente escritor. Ainda bem que é o de Literatura e não o da Paz.

Naquele país de maioria budista, e onde a política é dominada por budistas nacionalistas, o Estado de Myanmar recusa-se a reconhecer aquela minoria étnica. Esta segunda-feira, o alto comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Zeid bin Ra'ad, acusou Myanmar de estar a fazer “uma limpeza étnica” dos Rohingya.

“O Governo de Myanmar deve deixar de alegar que os Rohingya estão a puxar fogo às próprias casas e a dizimar as suas aldeias”, disse Zeid bin Ra’ad, sugerindo que aqueles estragos são provocados por “operações militares” aprovadas pelo Governo. “Esta negação total da realidade está a causar grandes danos à reputação internacional de um governo que, até há pouco tempo, contava com uma imensa boa vontade.”

À medida que tudo isto se desenrola, um facto destaca-se: o silêncio ensurdecador de Aung San Suu Kyi. Desde o atual êxodo dos Rohingya, que teve início na última semana de agosto e que já terá levado a que pelo menos 270 mil pessoas fugissem em direção ao Bangladesh, a líder da Liga Nacional Democrática não teceu nenhuma considerações em público sobre o tema. Esta opção pode ser justificada com a dependência de Aung San Suu Kyi dos nacionalistas budistas no parlamento, cujo apoio seria fundamental para conseguir alterar a Constituição de Myanmar no sentido de lhe ser permitido subir à presidência do país. (...)

Porém, as acusações de o Governo de Aung San Suu Kyi ser responsável por uma limpeza étnica não são novas — e em abril deste ano, numa entrevista à BBC, a Nobel da Paz já tinha recusado esse cenário. “Não acho que esteja a acontecer uma limpeza étnica”, disse. “Acho que limpeza étnica é uma expressão demasiado forte para referir aquilo que está a acontecer.” -Aung San Suu Kyi, de “Nelson Mandela da Ásia” a cúmplice de limpeza étnica?

Só para lembrar, as duas formas que são construídas as fés e identidades nacionais mundo afora. A libertária através das independências e emancipações. E as autoritárias e

totalitárias através das repressões e perseguições. Que relembram os nacionalismos coloniais e imperiais de outrora, ainda mais do que as bandeiras e discursos do patriotismo espanholista de agora.

Catalunha: “Independência ou morte?” Talvez “meia” independência

E outras considerações sobre o Sul do Brasil e o Norte da Itália

“A declaração de independência, a que nós não chamamos declaração ‘unilateral’ de independência, está prevista na lei do referendo como aplicação dos resultados. Aplicaremos o que diz a lei” — Presidente Catalão

Deputados da CUP (Candidatura de Unidade Popular), o partido à esquerda da coligação Juntos pelo Sim, no poder, têm dito que o texto da declaração está a ser escrito e negociado entre as diferentes formações. Ninguém o admite, mas é possível que Puigdemont declare a independência sem efeitos imediatos. Uma declaração que preveja um período de negociações de seis meses, por exemplo, podia ser recebida em Madrid como uma meia capitulação. O primeiro-ministro, Mariano Rajoy, repete que só negocia quando os líderes catalães “regressarem à legalidade”, mas é provável que encarasse este cenário como uma vitória e desistisse, no imediato, de medidas mais duras.

Uma declaração com efeitos imediatos implicaria a aplicação por parte do Governo central do artigo 155 da Constituição, que

suspende, na prática, a autonomia. A primeira levaria os catalães pró-Espanha à rua, a segunda os independentistas. É o cenário que mais assusta os analistas. — [Independentismo na Catalunha. A semana de todos os riscos](#)

Embora seja a solução mais prudente frente a pressão dos bancos, resta saber se o povo que votou aceitaria uma independência meia boca depois de literalmente ter posto a cara para bater...

“O que está a acontecer na Catalunha é real, gostem ou não. São milhões de pessoas que votaram, que querem decidir, temos de falar disto. De que é que pensam que havemos de falar? Porque é que pensam que as pessoas se mobilizam? As pessoas não se movem e fazem frente à violência policial por uma reforma do modelo de financiamento. Sejamos honestos todos juntos. Temos de falar da Catalunha, e não querem falar dela”, frisou Puigdemont, cujo Governo (Generalitat) considerou válido o referendo proibido pelo Tribunal Constitucional e que o executivo de Madrid considera estar manchado por uma série de irregularidades. — [Independentismo na Catalunha. Puigdemont diz que aplicará a lei que prevê a declaração de independência](#)

Depois de perder a guerra da propaganda o delegado do governo espanhol na catalunha, saiu-se com essa:

Eu pergunto-me porque é que a solução para um conflito deve ser um referendo? Um referendo, no fim de contas, é a síndrome do 50+1. Há ganhadores e perdedores. No dia seguinte, o que é que resolvemos? O conflito continua ali. Não o resolvemos. Sou

partidário de se procurar uma fórmula de consenso. Dialogar muito, procurar pontos de ligação, cedermos todos um pouco e continuarmos a trabalhar juntos”, comentou Millo. —

Independentismo na Catalunha. Puigdemont diz que aplicará a lei que prevê a declaração de independência

Muito bonito, especialmente para quem tem como representante maior alguém que sequer foi eleito, e um governo eleito com um minoria ainda menor em toda Espanha que a catalã na Catalunha. É um discurso tão bonito que deveria ser posto em prática não só na Catalunha, mas em todos os lugares e relações de poder do mundo. A começar pela própria casa, na boca do próprio rei e do primeiro-ministro. É verdadeiramente uma excelente ideia, eliminar todas essa ditaduras das maiorias e minorias para deixar as pessoas formarem suas comunhões de paz em paz. Mas veja lá, se as pessoas por consenso decidem trabalhar juntas em casas separadas da casa de Leão e Castela, não vá me apelar para a violência e força bruta para impor o seu reino de Espanha, hein? Olha o mal exemplo, vocês são europeus civilizados e não oligarcas provincianos, esses nossos governantes bárbaros, corruptos e tiranos como daqui, das antigas colônias ibéricas da America Latrina.

Democracia Direta: A teoria da Justiça Equitativa de John Rawls em prática

E que fim levou o curso de Humanidades da USP?

medium.com

Sarcasmo a parte. A melhor e mais transparente análise é do político português Paulo Costa que por sinal defende a União Espanhola, Para ele o governo perdeu a guerra de propaganda e agora existe apenas 2 hipóteses uma que ele tem como boa inclusive, e outra terrível.

Paulo Portas defende que Espanha “perdeu a batalha da comunicação” no dia do referendo sobre a independência da Catalunha, embora tivesse a “legalidade do seu lado”(…)

O problema é que o Governo espanhol quis lidar com o problema por essas duas vias “e porventura esqueceu-se que vivemos numa era de informação global e instantânea e é evidente que as imagens dos polícias a retirarem as urnas, admoestarem eleitores, a encerrarem colégios eleitorais, se as pessoas não tiverem mais informação, são chocantes”.-Portas vê duas hipóteses para a Catalunha e a segunda é “terrível”

A boa (para ele) é a seguinte:

A primeira hipótese é que “os nacionalistas quebrem e que uma parte deles dê passo atrás ou ao lado”. É disso que Portas pensa que Rajoy está à espera. “Há sinais de que isso pode acontecer, porque o nacionalismo tem uma frente onde está o grande partido da burguesia catalã, que é independentista, mas não quer disparates económicos e dá sinais que não quer declaração de independência já”.-Portas vê duas hipóteses para a Catalunha e a segunda é “terrível”

A terrível para ele que como que nas palavras deles “esta gente” é “muito obstinada”:

A 2ª hipótese é uma coisa terrível — esta gente é muito obstinada, porventura acham que têm de fazer um passo mais em frente: dizem que têm mandato para declarar independência, mas segundo contas da própria Generalitat foram votar 42%. É suficiente para separar? Mas se houver declaração : provavelmente haverá um juiz que mandará prender o presidente da Generalitat, a consequência do chamado crime da sedição. (...)

“A decomposição de Espanha, ou o desmembramento, sabe-se onde é que começa, não se sabe onde é que termina. Se a Catalunha não se fosse embora, não seria a última. Temos o País Basco. Iriam fazer reorganizações peninsulares e isso não é bom para Portugal”. -Portas vê duas hipóteses para a Catalunha e a segunda é “terrível”

Ele é um otimista. Só peninsulares?

Portas vê duas hipóteses para a Catalunha e a segunda é "terrível"

Paulo Portas defende que Espanha "perdeu a batalha da comunicação" no dia do referendo sobre a independência da...

www.tvi24.iol.pt

Há ainda a terceira, a meia independência que pode tanto acalmar os ânimos quanto aumentar a disposição popular a se espalhar para muito além das fronteiras peninsulares.

Especialmente se a reação intransigente do governo espanhol continuar a contribuir para isso.

O fato é que com independência, sem independência, ou meia. Uma fratura exposta ocorreu na democracia “burguesa” e não foi só na espanhola. Mais emancipação e federalismo de verdade (não as panacéias a lá Brasil) remediaria, mas a questão é, até quando?

É querido, globalização e a nova revolução info-industrial tem seus efeitos colaterais adversos também para quem a administra, um deles é que é difícil manter para o bem ou para o mal as pessoas na mesma condição dos séculos passados. É hora de atualizar o sistema com mais liberdade, porque ou vocês fazem isso, ou as pessoas vão hackear e fazê-lo por conta própria. Supondo é claro que autoritários e libertários concordem e busquem ao menos uma mesma coisa: a paz e não a guerra.

Catalunha aprendeu e está ensinando como fazer revoluções sem violência. Pode parecer uma coisa nova, mas não é. A questão é saber se os Estados-Nações vão mais uma vez apelar para a violência para detê-las, ou esse tempo já passou? Quero dizer, na Europa. Porque para as periferias do mundo, já está provado, mudaram-se as tecnologias, mudaram as mentalidades dos povos, mas a predisposição a tirania dos governantes ao menos para com esse gente continua ainda no mesmo lugar, no século passado.

Não? Então diga isso para os árabes e explique porque a sua primavera teve o mesmo fim que a outra primavera dos povos que por sinal desenharam as fronteiras dos atuais Estados Nacionais.

Primavera Árabe - Wikipédia, a enciclopédia livre

Edit description

pt.wikipedia.org

Primavera de Praga - Wikipédia, a enciclopédia livre

A Primavera de Praga foi um período de liberalização política na Tchecoslováquia durante a época de sua dominação pela...

pt.wikipedia.org

Revoluções de 1848 - Wikipédia, a enciclopédia livre

As mudanças significantes que duraram após esses levantes foram a abolição da servidão na Áustria e Hungria, o fim do...

pt.wikipedia.org

Não vou nem falar da Comuna de Paris. Vou falar da fundação do que hoje se chama Itália:

Nos [Estados italianos](#), onde a onda revolucionária teve seu foco inicial, a Revolução de 48 teve um caráter extremamente nacionalista, com uma tripla aspiração: à [liberdade](#), à unidade e à

*independência italianas. É certo porém, que não possuíam coesão porquanto havia três tendências visando a unificação: os Neoguelfistas, liderados por **Gioberti**, pretendiam uma confederação de Estados, cabendo a direção superior ao **Papa**; os Monarquistas Constitucionais, inspirados por **Cesare Balbo** e **Máximo D'Azeglio**, batiam-se por um Estado nacional unitário governado pela **Casa de Saboia**, reinante no **Piemonte-Sardenha**; e os Republicanos dirigidos por **Giuseppe Mazzini**, além da atuação destacada de **Giuseppe Garibaldi**, empenhados em derrubar as dinastias e implantar uma República Democrática.*

*O **Papa Pio IX** e o rei do Piemonte-Sardenha, **Carlos Alberto**, implantaram uma série de reformas liberais em seus estados, a partir de **1846**, sobretudo a liberdade de **imprensa**, que ganhou a adesão dos patriotas, como **Mazzini**.*

*A insurreição eclodiu nos Estados conservadores. Em janeiro **1848** os **sicilianos** rebelaram-se contra o poder dos **Bourbon** e adotaram a Constituição espanhola de **1812**. Em seguida, no **reino de Nápoles**, reivindicou-se a implantação das mesmas **leis** em seu território. Em **12 de janeiro**, foi formado um governo provisório e **Fernando II**, sob pressão britânica, promulgou imediatamente a constituição, que passou a ser seguida no restante da Itália, uma vez que o **Papa Pio IX** se opôs à intervenção de tropas austríacas dispostas a reprimir os nacionalistas. Insurreições nacional-populares ocorreram em **Turim**, **Milão** e **Roma**.*

*No **Reino Lombardo-Vêneto**, a revolta de Milão, de **18 a 23 de março**, conseguiu expulsar o governador militar austríaco, general **Josef Radetzky**. Simultaneamente, em **Veneza**, onde os protestos redobram após o anúncio da queda de **Metternich**,*

*lutava-se contra a dominação austríaca, da mesma forma que em Milão, e **Daniele Manin** seus seguidores proclamaram a república.*

*Em **Florença**, Roma e Turim, os soberanos se anteciparam à insurreição promulgando Constituições.*

*Mazzini, no norte da Itália, proclamou a **República Toscana** e, em **1849**, o território pertencente a Igreja foi anexado, sendo proclamada a República Romana em **22 de fevereiro**. Entretanto, a sonhada república unificada e democrática, almejada por Mazzini, não teve lugar nesta ocasião pois a intervenção francesa pôs um fim à insurreição e permitiu a volta do papa, que restabeleceu as instituições do passado*

*Apesar dos sucessos iniciais, a divisão dos revolucionários e a intervenção externa restabeleceram a ordem anterior. A revolução foi derrotada com o apoio de forças vindas da França e da Áustria, países interessados no restabelecimento das monarquias absolutistas e do poder do papa. O movimento de Mazzini, apesar de outras tentativas de insurreição, em **1853**, enfraquecia. As forças que queriam construir uma Itália mais moderna e democrática foram vencidas. A derrota dos revolucionários provocou a restauração do absolutismo em quase todos os Estados italianos. O único reino que manteve uma constituição liberal foi o Piemonte-Sardenha. Quase todos os partidos empenhados na unificação depositaram aí suas esperanças.*

Após uma fase de estabilidade dos regimes liberais, o rei do Piemonte-Sardenha, Carlos Alberto, contando unicamente com

suas próprias forças (seu lema era “L’Italia farà da sé”), se deixou envolver na guerra contra a Áustria, em março de 1849, tentando expulsar os austríacos do Reino Lombardo-Vêneto (regiões setentrionais dominadas então pela [Áustria](#)). Foi vencido em [Custoza](#) e [Novara](#) e forçado a abdicar em favor de seu filho [Vítor Emanuel II](#).

As revoluções italianas fracassaram em virtude da reação do absolutismo, encorajado pela Áustria, do avanço do radicalismo social de Mazzini e, sobretudo, pelo caráter ainda incipiente do [capitalismo](#), o que reduzia o potencial das forças revolucionárias. Embora fracassado, as Revoluções de 1848–1849 revelaram o caminho para concretizar a unificação. Deixaram evidente a necessidade de obter uma ajuda externa capaz de neutralizar o poderio austríaco, um dos obstáculos à unificação. Patentearam ainda o neoguelfismo, em que o Papa Pio IX não desejou se envolver no processo de unificação, também a necessidade de união sob o Reino da Sardenha, não só porque a dinastia de Saboia era a única fora da influência austríaca, mas também pelo esvaziamento dos demais movimentos tal como o republicanismo, pela prisão, morte ou exílio de inúmeros dirigentes.

Depois da onda revolucionária, os partidos mais tradicionais cresceram, promovendo posteriormente a [unidade italiana](#), em bases não-democráticas, sob a égide do Reino Sardo-Piemontês.- [Revoluções de 1848 — Wikipédia, a enciclopédia livre](#)

Estátua de Anita Garibaldi na Itália

Contudo, os franceses e os napolitanos cercaram a cidade, visando a restabelecer a autoridade papal. A cidade caiu em 1º. de julho de 1849. Garibaldi recusou um salvo-conduto do embaixador

americano e empreendeu uma retirada com 4 mil soldados, sendo perseguido por três exércitos (franceses, espanhóis e napolitanos), que somavam dez vezes o seu número de homens. Ao norte da Itália, o exército austríaco, com 15 mil soldados, também aguardava Garibaldi. Durante os combates, Anita foi morta, em 4 de agosto de 1849.

Condenado ao exílio, Garibaldi morou na África, em Nova York e no Peru. Entretanto, voltou à Itália em 1854, participando da Segunda Guerra de Independência contra os austríacos. O Conde de Cavour, primeiro ministro do Piemonte (norte da Itália), nomeou-o comandante das forças piemontesas e sob seu comando a Lombardia foi tomada à Áustria. Com isso, a Itália do norte estava unificada. Garibaldi voltou-se então para o centro do país, com o apoio de Vítor Emanuel 2º, rei do Piemonte, e de seu ministro Cavour. No centro da Itália, porém, a política e a diplomacia prevaleceram sobre as armas e os acordos com que Cavour e o rei cederam Nice e Savoia à França foram considerados uma traição por Garibaldi, que decidiu agir por conta própria. Seguiu para o sul, onde conquistou a Sicília e o reino de Nápoles.

Governante absoluto do sul da península, Garibaldi promoveu um encontro de suas tropas com as de Vítor Emanuel, que se tornou o primeiro rei da Itália unificada, ou quase. Ainda faltava libertar Veneza dos Austríacos (1866) e Roma do papa, o que Garibaldi tentou em vão em 1869, sendo derrotado mais uma vez pelos franceses.

Ainda assim, em 1871, uniu-se a eles na guerra Franco-Prussiana, onde venceu algumas batalhas, apesar das quais, a França perdeu a guerra. Não havendo aceitado o título de nobreza e a pensão

vitalícia que o rei Vítor Emanuel lhe oferecera, Garibaldi retirou-se para sua casinha na ilha de Caprera, e lá permaneceu até o fim da vida, em 2 de junho de 1882.-Giuseppe Garibaldi

Como prova Garibaldi a revolução de uma nação, é a insurreição e sedição para a outra. Não a melhor alcunha para portanto para os Garibaldi que “herói de 2 mundos”. No primeiro ele é o herói nacional da unificação e um dos pais da pátria. No segundo, (ou melhor terceiro), é mais um desses revolucionários de “camisas vermelhas” separatistas que só pode ser “comunista” ou “anarquista”. Incoerência? Desta vez, não do revolucionário. Nos dois mundos lutou por uma mesma e simples causa da mesma forma: a dos povos contra as tiranias.

É é por isso que o movimento nacionalista emancipacionista da Catalunha, não é o movimento nacionalista segregacionistas da Lega Nord da Itália.

[As Fronteiras Invisíveis da Europa: Padania](#)

[Caros leitores, este é o segundo texto publicado hoje. O primeiro foi Teoria das Cores: o vermelho na Copa e a conspira...](#)

[xadrezverbal.com](#)

Não que os povos do norte da Itália não tenha o mesmo direito de independência. Não que todos os povos tenham o direito de reivindicar a sua autodeterminação juntos ou separados, ou melhor federados ou independentes. O que nenhum governo seja ele regional ou federal, popular ou não é o de subtrair o

direito de cada unidade que constitui o governo, a começar pelo direito de decisão dos indivíduos de se unirem ou separem, que não é a mesma coisa que constrição nem muito menos segregação seja do governo que for.

O direito da pessoa humana de definir sua identidade particular e pessoal de forma absoluta e regional ou nacional, comunitária e social de em relação consensual de livre associação e comunhão entre as partes não é só inviolável, ele é o consentimento tácito ou manifesto que constitui os contratos sociais, e logo funda os governos que são legítimos ou seja todos os governos que não são autocracias mas democracias. Logo não é uma questão de regionalismo ou união, mas de quem defende os direitos naturais das pessoas e quem não. Se é a região a se constituir a sua lei uma tirania? É a federação? São as duas juntas? Ou cada uma concorrendo pela hegemonia de quem impõe a sua? É pelo direito de autodeterminação dos seus habitantes como nação que um povo luta para poder controlar seu território com respeito a liberdades ou é para impor totalitariamente uma cultura e étnica única (nacional ou regional) e é contra isso, para justamente poder ter a diversidade e pluralidade e étnica-cultural em igualdade de direitos que lhe é renegada? É para expulsar ou submeter os diferentes ao poder ou para libertá-los e protegê-los?

Todo nacionalismo assim tem em si o germe do fascismo. Mas não é a identidade e soberania nacional que constrói o segregacionismo, assim como não é o a identidade e soberania pessoal a esmagar o cosmopolitismo. Pelo contrário, ambos são os degraus para o mesmo construídos de cima para baixo

em liberdade como se deve e não debaixo para cima pela força que não une mas submete. E nesse processo não só diferentes pessoas podem se unir e conviver em paz, mas diferentes povos, formando não apenas grandes repúblicas e federações nacionais, mas federações de nações. Ou seja preservando em cada instancia a igualdade de suas liberdades e soberania, a começar pela mais fundamental de todas a da pessoa humana, na forma da sua cidadania.

E aqui chegamos na questão do Sul do Brasil. Qual é o proposito do movimento fechar as fronteiras e separar-se dos outros povos e regiões que formam o brasil? Mandar embora como muitos paulistas querem mandar os nordestinos por conta de seus preconceitos mais do que culturais, raciais. É segregar os outros povos e raças brasileiras ou é se livrar da união, do governo federal? Não estou fazendo uma pergunta retórica, pois desconheço a natureza e motivação do movimento. Se a resposta for a primeira, não é preciso nem dizer com que lado reside toda a minha solidariedade. Se for a segunda, ou seja, se for se livrar do governo federal inclusive para respeitar os direitos fundamentais a cidadania, liberdade e dignidades que ele não respeita então não só não me aponho. Como proponho. Porque não separar todos as pessoas, todos os povos, estados, municípios desse governo federal? Porque não manter a união que não é o problema, mas a força capaz de efetuar essa independência do brasil inteiro dessa classe de sanguessugas ao invés de nos dividir para lutar democrática e pacificamente contra ela?

O Brasil com certeza é caso de independencia. Mas não de uma região, ou povo, mas de todo o povo e de todas as regiões do

poder central, que por sinal não é formado em Brasília, mas é mandado para lá, por cada um dos Estados, selecionando o que há de pior para formar esse centro da elite política. Que portanto não é um lugar do território, mas o produto de sistema podre em cada uma das suas instancias políticas, não só federais, mas estaduais e municipais e corporação agregadas tanto lucrativas quanto não-governamentais.

O Brasil é caso de independência com certeza, mas de todo o Brasil junto de uma classe política que não tem mais rei, e é governante de colônia, mas se comporta como se ainda fosse e ainda tivesse. Como uma aristocracia provinciana. Uma independência muito melhor porque ao invés de sairmos nós do país , arrancamos os parasitas delas para estabelecer de fato uma verdadeira republica federativa com um verdadeiro estado de direito, onde não só cada instancia governamental está submetida a seu povo, mas tem de fato iguais poderes perante a união, exatamente como cada pessoa que não estando submetida a nenhuma tirania, encontra apenas na igualdade de poder que neste caso é idêntico a sua liberdade e respeito a liberdade alheia o fundamento de toda a soberania nacional.

Se as pessoas não quiserem compartilhar dessa liberdade, se elas junto como o governo decidirem que todos que estão nesse território devem se submeter como elas, sem sequer abrir-se para o diálogo para aumentar o grau de igualdade de poder, para aumentar o grau de liberdade e emancipação das pessoas, comunidades e sociedades locais e regionais. Se quiserem obrigar a todos a viverem na mesma indignidade servilismo impotência e submissão que hoje somos obrigados

***a viver perante os criminosos que ocupam o poder central.
Então porque não?***

Da mesma forma que não renego o direito de um povo de coroar um rei ou de idolatrar um todo poderoso como seu deus se o faz de livre espontânea vontade, porque não estaria de acordo com qualquer pessoa sozinha ou em sociedade de não adorar nem se submeter nem a um ou a outro? Ou melhor porque haveria de apoiar aquele que quer impor seu amor ou ódio, seu credo ou descredo a força contra quem não quer comungá-lo sem impor nada ou outros e si mesmo que senão o respeito a liberdade e a paz?

Se esse é a causa de uma população, ainda que pequena ou ainda que fosse a causa da independência e emancipação de nenhuma outra pessoa que senão a minha, ainda sim teira todo meu apoio, porque está não seria a causa de ninguém ou do outro, mas já de uma pessoa o mesmo direito a liberdade: a minha. Pessoal, regional, nacional e cosmopolita.

Aliás, causa não. Princípio de vida que me faz objetor de consciência de todo e qualquer regime autoritário: Liberdade individual e universal, que dentro do minha fé e ciência não são coisas incompatíveis, mas exatamente uma única e mesma coisa que não existe desintegrada de si mesma, ou seja, apartada uma da outra como literalmente como abstrações.